



Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia

Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PSTO)

## **Adaptação cultural de imigrantes brasileiros no Japão**

Jesselyn Nayara Tashima

Brasília/DF

Fevereiro, 2018



Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PSTO)

## **Adaptação cultural de imigrantes brasileiros no Japão**

Jesselyn Nayara Tashima

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção de título de Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Orientador: Cláudio Vaz Torres

Brasília/DF

Fevereiro, 2018

Dedico essa tese à minha família de imigrantes,  
em especial, aos meus avós, meus pais, irmãs e sobrinhos.

Tese de doutorado avaliada pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dr. Cláudio Vaz Torres (Presidente) - Universidade de Brasília

---

Dra. Raquel Carvalho Hoersting Barbosa (Membro interno) - Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. Sinésio Gomide Júnior (Membro externo) - Universidade Federal de Uberlândia

---

Prof. Dr. Thiago Gomes Nascimento (Membro externo) - Centro Universitário - IESB

---

Profa. Dra. Elaine Rabelo Neiva (Membro suplente) – Universidade de Brasília

Brasília, Fevereiro de 2018.

## Agradecimentos

Um doutorado não se resume a um documento. É um processo construído por muitos momentos e pessoas. Para mim, esse projeto de vida se iniciou antes de 2014 e foi planejado cuidadosamente e com muito esforço. Foram muitas idas e vindas, muitos quilômetros percorridos e muitas renúncias. Chegar ao fim desta fase me faz olhar para trás e ver quantas coisas aconteceram. Nesta minha caminhada vivenciei o meu próprio tema de estudo, a adaptação. Tive que me adaptar a uma nova cidade (por três vezes), nova universidade, novos professores, novos amigos, nova rotina. Tive que reinventar novas formas de ser e viver. Aprendi muito, muito mais do que imaginava. Estudar a imigração brasileira no Japão permitiu um outro olhar para as minhas origens e ampliou minha visão enquanto pessoa e pesquisadora. Durante esse período tive professores e pesquisadores fantásticos que me ensinaram muito mais do que Psicologia, metodologia e estatística. E no dia a dia, nas conversas de corredor, na distância e nas dificuldades que surgiram novos sentidos para o amor, amizade, curiosidade, gratidão, gentileza, respeito e coragem. Agora é o momento para agradecer todos aqueles que caminharam comigo e me auxiliaram neste meu projeto de vida. Com todo meu coração eu agradeço:

Ao meu orientador Cláudio Vaz Torres, que desde o início acolheu as minhas ideias, acreditou em mim enquanto pesquisadora e abraçou este meu projeto. Obrigada pelas palavras de incentivo que foram fundamentais para que eu buscasse seguir em frente. Por todas as aulas, orientações, conversas e pelo pesquisador que você é. Posso te dizer que você é um dos grandes responsáveis pela minha formação enquanto pesquisadora e por eu me apaixonar ainda mais pela Psicologia Social e Transcultural

Ao meu amor, João Marcelo. Agradeço toda a paciência, incentivo e apoio para que esse projeto fosse realizado. Obrigada por fazer do meu sonho, seu sonho. Obrigada por caminhar lado a lado comigo, sempre acreditando em mim e não medindo esforços para que este sonho se tornasse possível. O seu amor incondicional, sua alegria a cada vitória e seu abraço de conforto foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

Aos meus pais, minhas irmãs, cunhados e sobrinhos. Obrigada por toda a compreensão, torcida e apoio durante esse período. Em especial, agradeço aos meus amados pais que sempre fizeram do meu estudo, uma prioridade. Todo o sacrifício valeu a pena e os frutos estão sendo colhidos. Um agradecimento especial ao meu querido tio Naoto, que sempre foi muito presente em minha vida e que me incentivou a ir em busca de meus sonhos. Também agradeço muito à minha irmã Daren. Foram muitos skypes e mensagens compartilhando conhecimentos e dúvidas que nos aproximaram enquanto pesquisadoras e como irmãs.

A todos meus grandes amigos, que perto ou longe, sempre estiveram presentes de alguma forma, torcendo ou me confortando nesse período. Em especial, agradeço aos meus amigos que o doutorado me proporcionou: Francisco, Gina, Hannah e Talita. Vocês foram essenciais nessa caminhada. Foram meu suporte social em Brasília. A amizade de vocês extrapolou as salas de aula e quando menos esperávamos estávamos compartilhando momentos após as aulas, nossos finais de semana, nossas famílias e amigos. Levarei comigo cada recordação.... nossos domingos de estudo, cada café com pão de queijo compartilhado, cada

risada que tem que sair da sala, as corridas, saídas, piqueniques, as nossas trocas e conversas online. Obrigada pela amizade e apoio de vocês!

Aos membros da banca: Raquel, Sinésio e Thiago. Raquel, obrigada pela parceria desde o começo, por compartilhar comigo muito mais do que o tema de estudo, mas por dividir angústias e alegrias e me apoiar sempre que precisei. Sinésio, você sempre foi uma inspiração desde a graduação. Daqueles professores que ensina de um jeito leve e mostra que simplicidade e competência podem andar juntos. Você se tornou um professor amigo que eu tenho eterna gratidão, respeito e carinho. Thiago, quando vi sua pesquisa no início do curso fiquei assustada. Falei que o meu objetivo no doutorado era entender tudo que você estava dizendo. Sua tese e sua competência me motivaram. Obrigada por participar de várias maneiras neste processo e por contribuir para este trabalho!

Aos professores e profissionais do PSTO. Em especial, agradeço ao professor Laros pela amizade, por todo conhecimento, disponibilidade e auxílio que me proporcionou. Agradeço também à Professora Juliana e à Professora Ana Magnólia, que através de seus ensinamentos contribuíram para a construção dessa tese. Agradeço ao secretário Tiago, que sempre foi muito solícito, prestativo e competente nos momentos que precisei.

Ao grupo de estudos, Cult, em especial às Professoras Eda, Eluíza e Solange pelos comentários e dicas para a realização dessa pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) pelo apoio financeiro recebido durante esses quatro anos.

Aos participantes desta pesquisa e a todos que auxiliaram na divulgação do meu trabalho. Agradeço o tempo dispendido e a boa vontade em ajudar. Sem o auxílio de todos vocês, essa pesquisa não teria acontecido.

## Sumário

Lista de Figuras .....	vii
Lista de Tabelas .....	x
Resumo .....	xiii
Abstract .....	xv
Introdução .....	1
1. Capítulo 1: Revisão da Literatura .....	6
1.1. Definição de cultura .....	6
1.2. A migração no cenário atual .....	13
1.3. A imigração brasileira no Japão .....	22
1.3.1 De volta às origens: a imigração japonesa no Brasil .....	22
1.3.2 A história da imigração brasileira no Japão .....	25
1.3.3 A comunidade decasségui no novo milênio .....	29
1.4. Migração e Psicologia .....	34
1.5. Definição de aculturação .....	39
1.5.1 Aculturação Psicológica .....	43
1.5.1.1 Aspectos afetivos da aculturação psicológica: Uma visão pelas teorias do Estresse e Enfrentamento .....	44
1.5.1.2 Componentes comportamentais da aculturação psicológica: A influência do paradigma da Aprendizagem Cultural .....	46
1.5.1.3 Elementos cognitivos da aculturação psicológica: O papel das teorias de identidade étnica .....	48
1.6 Modelos ou quadros teóricos de Aculturação .....	50
1.6.1 O quadro teórico de Berry .....	50
1.6.2 Modelo de Aculturação Interativo - <i>Interactive Acculturation Model (IAM)</i> ..	55
1.6.3 Modelo de Aculturação de Concordância ( <i>Concordance Model of Acculturation – CMA</i> ) .....	57
1.6.4 Modelo Estendido de Aculturação Relativa ( <i>Relative Acculturation Extended Model - RAEM</i> ) .....	58
1.6.5 Modelo Aculturativo Multidimensional de Diferença Individual - <i>Multidimensional Individual Difference Acculturation (MIDA) Model</i> .....	59
1.6.6 Quadro teórico de Arends-Tóth e Van de Vijver .....	60
1.7 Fatores preditores de Adaptação Psicológica e Sociocultural .....	65
1.7.1 Percepção de suporte social .....	68
1.7.2 Estratégias de enfrentamento .....	69
1.7.3 Percepção de distância cultural .....	71
1.7.4 Percepção de discriminação .....	73
1.8 A adaptação da comunidade brasileira ao Japão: uma revisão da literatura sobre as dificuldades e estratégias utilizadas por este grupo no processo de aculturação .....	74
2. Capítulo 2: Estudo 1 .....	94
2.1. Objetivos .....	94
2.2. Método .....	94
2.2.1. Participantes .....	94
2.2.2. Instrumentos .....	98
2.2.3. Procedimentos .....	99
2.2.4. Análise dos dados .....	100
2.3 Resultados .....	102
2.4 Discussão .....	129
3. Capítulo 3: Estudo 2 .....	148

3.1	Objetivos e hipóteses .....	148
3.2	Método .....	151
3.2.1.	Participantes .....	151
3.2.2.	Instrumento .....	155
3.2.3.	Procedimentos .....	163
3.2.4.	Análise dos dados .....	163
3.3	Resultados .....	181
3.4	Discussão .....	245
3.5	Conclusão dos resultados do modelo geral de mensuração e do modelo estrutural geral .....	279
4.	Capítulo 4: Conclusão geral .....	282
4.1	Contribuições teóricas .....	288
4.2	Contribuições metodológicas .....	289
4.3	Implicações práticas .....	290
4.4	Limitações .....	292
4.5	Recomendações para pesquisas futuras .....	293
	Referências .....	294
	ANEXO 1 .....	322
	ANEXO 2 .....	323
	ANEXO 3 .....	324



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Estratégias de aculturação conforme o modelo de Berry (1997) .....	52
Figura 2. Quadro teórico das variáveis de aculturação – Adaptado de Arends –Tóth e Van de Vijver 2006 .....	61
Figura 3. Categoria 1: Vida no Brasil .....	104
Figura 4. Categoria 2: Definição de adaptação cultural.....	106
Figura 5. Categoria 3: Motivações, expectativas experiências e opiniões sobre o Japão antes da viagem ao país .....	108
Figura 6. Categoria 4: Relação com o Japão e os japoneses .....	111
Figura 7. Categoria 5: Relação com o Brasil e os brasileiros .....	113
Figura 8. Categoria 6: Vida Atual .....	115
Figura 9. Categoria 7: Futuro .....	117
Figura 10. Categoria 8: Dificuldades enfrentadas pelos brasileiros no Japão .....	119
Figura 11. Categoria 9: Facilitadores da Adaptação .....	124
Figura 12. Categoria 10: Estratégias de Enfrentamento .....	128
Figura 13. Relações entre as variáveis do modelo estrutural .....	151
Figura 14. Modelo geral de mensuração .....	215
Figura 15. Modelo estrutural testado .....	226
Figura 16. Relação entre percepção de discriminação e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura original .....	227
Figura 17. Relação entre percepção de distância cultural e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura original .....	228
Figura 18. Relação entre o engajamento e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura original .....	229

Figura 19. Relação entre percepção de suporte social e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura original .....	230
Figura 20. Relação entre percepção de discriminação e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura original .....	231
Figura 21. Relação entre percepção de distância cultural e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura original .....	231
Figura 22. Relação entre engajamento e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura original .....	232
Figura 23. Relação entre percepção de suporte social e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura original .....	233
Figura 24. Relação entre percepção de discriminação e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura anfitriã .....	234
Figura 25. Relação entre percepção de distância cultural e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura anfitriã .....	235
Figura 26.1 Relação entre o engajamento e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura anfitriã .....	235
Figura 27. Relação entre percepção de suporte social e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura anfitriã .....	236
Figura 28. Relação entre percepção de discriminação e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura original .....	237
Figura 29. Relação entre percepção de distância cultural e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura anfitriã .....	238
Figura 30. Relação entre o engajamento e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura anfitriã .....	238

Figura 31. Relação entre percepção de suporte social e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura anfitriã .....	239
Figura 32. Papel mediador das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a percepção de discriminação e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural) .....	272
Figura 33. Papel mediador das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a percepção de distância cultural e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural) .....	273
Figura 34. Papel mediador das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a estratégia de enfrentamento de engajamento e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural) .....	275
Figura 35. Papel mediador das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a percepção de suporte social e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural) .....	277

## LISTA DE TABELAS

1. Dados sociodemográficos dos participantes das entrevistas .....	96
2. Resumo das categorias e objetivos pré-definidos .....	98
3. Relação das categorias e temas das entrevistas .....	102
4. Dados sociodemográficos .....	152
5. Escalas utilizadas na pesquisa .....	156
6. Índices de ajustes do modelo teórico .....	175
7. Autovalores empíricos e aleatórios dos quatro primeiros fatores da Escala de Discriminação Percebida .....	185
8. Solução fatorial da Escala de Discriminação Percebida .....	186
9. Análise fatorial confirmatória da Escala de Discriminação Percebida: índices de ajuste dos modelos inicial e revisado .....	187
10. Estimativas da Escala de Discriminação Percebida .....	187
11. Autovalores empíricos e aleatórios dos quatro primeiros fatores da Escala de Suporte Social .....	189
12. Solução fatorial da Escala de Suporte Social .....	190
13. Validade convergente e discriminante da Escala de Suporte Social .....	192
14. Análise fatorial confirmatória da Escala de Suporte Social: índices de ajuste dos modelos bifatorial e unifatorial (inicial e revisado) .....	193
15. Estimativas da Escala de Suporte Social .....	194
16. Autovalores empíricos e aleatórios dos quatro primeiros fatores da sub-escala de Enfrentamento de Engajamento .....	195
17. Solução fatorial da sub-escala de Enfrentamento de Engajamento .....	196
18. Análise fatorial confirmatória da Escala de Suporte Social: índices de ajuste dos modelos bifatorial e unifatorial (inicial e revisado) .....	197

19. Estimativas da sub-escala de Enfrentamento de Engajamento .....	197
20. Autovalores empíricos e aleatórios dos quatro primeiros fatores da Escala Breve de Orientação de Aculturação .....	199
21. Solução fatorial da Escala Breve de Orientação de Aculturação .....	199
22. Análise fatorial confirmatória da Escala Breve de Orientação de Aculturação: índices de ajuste dos modelos inicial e revisado .....	200
23. Estimativas da Escala Breve de Orientação de Aculturação .....	201
24. Validade convergente e discriminante da Escala Breve de Orientação de Aculturação .....	202
25. Autovalores empíricos e aleatórios dos primeiros quatro primeiros fatores da Escala Breve de Percepção de Distância Cultural .....	203
26. Solução fatorial da Escala Breve de Percepção de Distância Cultural .....	204
27. Análise fatorial confirmatória da Escala Breve de Percepção de Distância Cultural: índices de ajuste dos modelos inicial e revisado .....	205
28. Estimativas da Escala Breve de Percepção de Distância Cultural .....	205
29. Autovalores empíricos e aleatórios dos quatro primeiros fatores da Escala Breve de Adaptação Psicológica .....	207
30. Solução fatorial da Escala Breve de Adaptação Psicológica .....	207
31. Análise fatorial confirmatória da Escala Breve de Adaptação Psicológica: índices de ajuste dos modelos inicial e revisado .....	208
32. Estimativas da Escala Breve de Adaptação Psicológica .....	208
33. Autovalores empíricos e aleatórios dos primeiros quatro primeiros fatores da Escala Breve de Adaptação Sociocultural .....	210
34. Solução fatorial da Escala Breve de Adaptação Sociocultural .....	211
35. Análise fatorial confirmatória da Escala Breve de Adaptação Sociocultural: índices de ajuste dos modelos inicial e revisado .....	212

36. Estimativas da Escala Breve de Percepção de Distância Cultural .....	212
37. Índices de ajuste do modelo geral de mensuração .....	215
38. Covariâncias do modelo geral de mensuração .....	215
39. Correlações múltiplas ao quadrado do modelo geral de mensuração .....	216
40. Índices de ajuste do modelo estrutural .....	218
41. Estimativas do modelo estrutural geral .....	222
42. Correlações múltiplas ao quadrado do modelo estrutural .....	224
43. Resumo das relações estruturais testadas .....	240
44. Índices de ajuste do modelo geral secundário .....	244
45. Estimativas do modelo estrutural secundário .....	244

## RESUMO

O fenômeno investigado neste estudo é chamado de aculturação e pode ser definido como o processo de mudanças culturais longas e contínuas resultantes do encontro entre grupos ou indivíduos de culturas diferentes. O objetivo geral desta pesquisa foi construir um modelo preditivo de aculturação de brasileiros no Japão. Para isso, foi realizada uma pesquisa multimétodo em que um estudo qualitativo foi seguido de um quantitativo. O Estudo 1, qualitativo, foi conduzido com 15 brasileiros residentes no Japão, sendo sete *decasségus* e oito *sojourners*. Para coleta dos dados, foram realizadas entrevistas por videoconferência. Os dados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo. Os resultados sugerem diferenças no processo de aculturação entre os dois grupos estudados, especialmente quanto às razões, expectativas e planos para o futuro. Entretanto, aspectos centrais desse fenômeno, como as dificuldades, facilitadores e estratégias de enfrentamento, foram percebidos como semelhantes nos dois grupos. Esse estudo permitiu identificar variáveis que podem auxiliar na compreensão da adaptação cultural neste contexto, sendo que oito variáveis foram selecionadas para compor o modelo teórico: percepção de suporte social, percepção de discriminação, percepção de distância cultural, orientações de aculturação (para a cultura anfitriã e para a cultura original), estratégias de enfrentamento e as adaptações psicológica e sociocultural. O Estudo 2, quantitativo, foi realizado com 410 respondentes. Os dados foram coletados por meio da aplicação de um questionário *online*. Para verificar as evidências de validade das escalas utilizadas para medir os construtos selecionados foram conduzidas análises fatoriais exploratórias e confirmatórias que indicaram adequação dos instrumentos ao contexto de pesquisa. O modelo teórico foi avaliado pela técnica de modelagem de equações estruturais que revelou índices de ajuste adequados. Os resultados indicaram que a adaptação psicológica é influenciada diretamente pelas duas formas de orientação de aculturação e, direta e indiretamente, pela percepção de discriminação e de suporte social. A percepção de

discriminação, a percepção de distância cultural e as orientações de aculturação atuaram como preditoras diretas da adaptação sociocultural. A percepção de discriminação também atuou de maneira indireta sobre a adaptação sociocultural por meio das duas orientações de aculturação e a percepção de suporte social agiu de maneira indireta sobre a adaptação sociocultural mediada pela orientação para a cultura original. Os resultados foram discutidos a partir de teorias da Psicologia Social e Transcultural. Concluiu-se com a apresentação das contribuições do estudo, limitações e recomendações para pesquisas futuras.

*Palavras-chave:* Aculturação, Adaptação Cultural, Imigração, Brasileiros no Japão, Psicologia Transcultural.



## ABSTRACT

The phenomenon investigated in this thesis is called acculturation and can be defined as the process of long and continuous cultural changes resulting from the encounter between groups or individuals from different cultures. The general objective of this research was to construct a predictive model of acculturation of Brazilians in Japan. For this, a multi-method research was conducted in which a qualitative study was followed by a quantitative one. Study 1, qualitative, was conducted with 15 Brazilians living in Japan, seven *dekasseguis* and eight *sojourners*. For data collection, interviews were conducted by video conference. Data were analyzed by content analysis technique. Results suggest differences in the process of acculturation between the two groups studied, especially regarding the reasons, expectations, and plans for the future. However, central aspects of this phenomenon, such as difficulties, facilitators, and coping strategies, were perceived as similar in both groups. This study allowed the identification of variables that may help in understanding cultural adaptation in this context. Eight variables were selected to compose the theoretical model: perception of social support, perception of discrimination, perception of cultural distance, acculturation orientations (host and home culture orientations), coping strategies, psychological and sociocultural adaptations. Study 2, quantitative, was performed with 410 respondents. Data were collected through the administration of an online questionnaire. To verify the validity the scales used to measure the selected constructs, it was conducted exploratory and confirmatory factor analyzes, that indicated the adequacy of the instruments to the research context. The theoretical model was evaluated by the technique of structural equation modeling that revealed adequate adjustment indices. Results indicated that the psychological adaptation is directly influenced by the two forms of acculturation orientations and, directly and indirectly, by the perception of discrimination and social support. The perception of discrimination, the perception of cultural

distance, and the acculturation orientations acted as direct predictors of sociocultural adaptation. The perception of discrimination also acted indirectly on sociocultural adaptation through the two acculturation orientations, and the perception of social support acted indirectly on the sociocultural adaptation mediated by home orientation. These results were discussed based on the theories of Social and Cross-Cultural Psychology. The study's contributions, limitations and recommendations for future research were presented as concluding remarks.

*Keywords:* Acculturation, Cultural Adaptation, Immigration, Brazilians in Japan, Cross-Cultural Psychology.

## Introdução

“O que acontece às pessoas quando elas mudam da cultura na qual nasceram e cresceram para uma cultura nova e desconhecida?” (Sam & Berry, 2010, p. 472). Essa pergunta tem incentivado vários pesquisadores de diversas disciplinas a investigarem o contato entre indivíduos de diferentes culturas. Esses deslocamentos frequentemente assinalam o encontro com a diferença. Diferença de crenças, valores, atitudes, comportamentos e idiomas entre indivíduos ou grupos. Como resultado destes encontros, não somente os indivíduos como também as sociedades envolvidas são impulsionados a um processo de mudanças. Essas mudanças culturais longas e contínuas resultantes do encontro entre grupos ou indivíduos de culturas diferentes é a chamada aculturação (Redfield, Linton, & Herskovits, 1936).

Estimativas apontam que existem mais de 232 milhões pessoas residindo fora de seus países originais (Nações Unidas, 2013). Dificilmente se encontrará um país que não tenha sido afetado pelas migrações, seja exportando ou importando pessoas. O processo de globalização e o aumento expressivo das migrações nos últimos anos tem facilitado as trocas entre as sociedades (Trimble, 2002) e tem ditado o ritmo e as características das sociedades modernas (Kuo, 2014). As mudanças econômicas, políticas, sociais, demográficas e culturais provocadas por milhares de imigrantes, turistas, expatriados e refugiados constituem um dos grandes desafios atuais impostos aos pesquisadores e profissionais na medida que requer uma concepção mais flexível de cultura e uma metodologia não mais limitada às fronteiras nacionais e étnicas (Hermans & Kempen, 1998). Como consequências dessas mudanças no cenário mundial, observa-se um aumento do interesse sobre os processos de aculturação entre os pesquisadores de diversas áreas, dentre elas da Psicologia. Os estudos sobre os encontros interculturais pela Psicologia têm sido frequentemente realizados na tentativa de explicar o

processo de inserção destes imigrantes na nova cultura (Smith & Khawaja, 2011). Como uma área relativamente nova, tem apresentado inúmeras dificuldades e ambiguidades conceituais e metodológicas (Berry, 2009).

Grande parte dessas pesquisas realizadas pela Psicologia são conduzidas pela Psicologia Transcultural. Esse campo teórico tem se dedicado aos estudos que investigam as influências culturais em diversos processos psicológicos e passou a adotar a aculturação como um dos temas centrais de pesquisa (Sam & Berry, 2006). A maioria dos estudos dessa área tem sido realizada com diferentes grupos migrantes em diversos contextos culturais, com uma concentração mais significativa nos países da Europa e da América do Norte. Entretanto, poucos estudos realizados pelos pesquisadores dessa área têm envolvido a população brasileira, em especial, a comunidade brasileira no Japão.

A imigração brasileira no Japão pode ser considerada uma experiência peculiar se comparada aos vários movimentos migratórios recentes. O fato de a maioria dos brasileiros residentes neste país compartilhar a mesma origem étnica com seus anfitriões, o que caracterizaria esse deslocamento como um movimento de retorno às origens, faz com que essa migração seja particularmente rara. Além disso, embora a relação entre os descendentes e os japoneses seja clara pela semelhança física e familiar, verifica-se uma significativa distância social entre estes dois grupos. As diferenças culturais, expressadas pelos valores, atitudes e comportamentos tão díspares, favorecem a distância entre eles, as dificuldades de adaptação ao país e torna este fenômeno ainda mais complexo (J. P. C. Costa, 2007).

A escassez de estudos pela Psicologia Transcultural envolvendo essa população, apesar do número expressivo de brasileiros neste país e do impacto econômico e social desta imigração para o Japão e para o Brasil, tem limitado os conhecimentos sobre o processo de aculturação neste contexto. A ausência de estudos e informações sobre os fatores envolvidos na aculturação deste grupo pode dificultar a construção de políticas públicas adequadas e a

implementação de serviços voltados para atender esta população. Esta pesquisa é uma resposta a essa lacuna de conhecimentos empíricos envolvendo a comunidade brasileira no Japão sob o olhar da Psicologia Transcultural, cujos resultados e conhecimentos podem favorecer discussões teóricas e políticas com o objetivo de favorecer esta população.

Nesta tese, a aculturação dos brasileiros ao Japão foi investigada por meio das teorias de aculturação apresentadas pela Psicologia Transcultural por meio de um delineamento multimétodo em que um estudo qualitativo foi seguido por um estudo quantitativo. Este tipo de delineamento tem sido largamente encorajado por diversos teóricos da Psicologia e da Psicologia Transcultural. Segundo Ozer (2013), o uso de métodos mistos tem se consolidado como uma abordagem promissora para o campo de estudos sobre aculturação. Ao adotar esse caminho, os pesquisadores permitem uma combinação de visões dedutivas e indutivas de pesquisa e paradigmas conceituais. Desta maneira, uma visão dedutiva, autóctone ou *etic* é utilizada nos estudos quantitativos ao possibilitar uma visão geral do fenômeno da aculturação. Por outro lado, uma visão indutiva, universalista ou *emic* oferece sustentação aos estudos qualitativos por meio de uma exploração mais profunda e local do fenômeno. Diante disto, esta pesquisa buscou integrar uma perspectiva *etic* e *emic* com o objetivo de permitir uma visão mais ampla e profunda deste fenômeno.

**Diante do exposto, fez-se necessário responder às perguntas de pesquisa: Como é o processo de aculturação dos brasileiros no Japão? Quais variáveis contribuem para a compreensão da adaptação psicológica e sociocultural neste contexto? Como estas variáveis se relacionam em um modelo preditivo? Para responder estas perguntas os seguintes objetivos foram propostos:**

Objetivo geral: Esta pesquisa teve como objetivo geral construir um modelo preditivo de aculturação de brasileiros no Japão.

Como objetivos específicos, esta pesquisa pretendeu:

- 1) conhecer e descrever as formas de aculturação dos brasileiros ao Japão,
- 2) identificar variáveis que contribuem para a compreensão da adaptação psicológica e sociocultural neste contexto,
- 3) adaptar culturalmente e verificar as evidências de validade dos instrumentos utilizados nesta pesquisa para o contexto brasileiro,
- 4) examinar quantitativamente a relação das variáveis identificadas em um estudo qualitativo

A partir destes objetivos, esta pesquisa buscou fazer contribuições em três áreas: teórica, metodológica e prática. Do ponto de vista teórico, pretendeu-se investigar uma temática ainda pouco estudada no Brasil e com populações de brasileiros no Japão. Esta pesquisa buscou ainda expandir as evidências sobre as variáveis preditoras da adaptação psicológica e sociocultural. Em termos metodológicos, verificou-se que não há registro de nenhum modelo de aculturação construído ou testado para o contexto dos brasileiros no Japão. Assim, a avaliação de um modelo que abranja variáveis desta população constituiu uma necessidade. Além disto, não foi encontrado nenhum estudo que tenha utilizado métodos mistos com essa população, sendo assim fez-se necessária a integração de uma visão qualitativa e quantitativa para a compreensão desse fenômeno complexo. Do ponto de vista prático, esta pesquisa buscou contribuir como fonte de informações importantes para construção de políticas públicas voltadas para a questão da imigração. Adicionalmente, esta pesquisa buscou examinar instrumentos de avaliação psicológica que tenham como foco indivíduos em processo de migração e, assim, verificar evidências de validade para a realidade brasileira.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos: à presente introdução, seguem-se o Capítulo 1 com a revisão da literatura, o Capítulo 2 com a apresentação do Estudo 1, o Capítulo 3 com a exposição do Estudo 2 e o Capítulo 4 com a conclusão geral desta pesquisa.

No Capítulo 1, dentro da revisão de literatura, a primeira seção apresentará os estudos e teorias relacionadas ao conceito de cultura. Na segunda seção, será debatido o papel da migração no contexto atual. Na Seção 3, a origem da imigração brasileira no Japão será discutida desde o início da relação entre Brasil e Japão. Assim, será apresentado um breve histórico da imigração japonesa no Brasil e da imigração brasileira no Japão. Nessa mesma seção, também serão discutidas as principais características da comunidade decasségui no Japão. A Seção 4 oferecerá uma visão geral dos estudos sobre migração conduzidos pela Psicologia. A Seção 5 discutirá o conceito de aculturação e aculturação psicológica. A Seção 6 discutirá os modelos ou quadros teóricos de aculturação mais utilizados na Psicologia Transcultural e o modelo teórico que fundamenta esta tese. A Seção 7 descreverá sobre os fatores preditores de adaptação psicológica e sociocultural. A Seção 8 irá mostrar os principais estudos encontrados sobre a adaptação da comunidade brasileira no Japão a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. No Capítulo 2, será exposto o Estudo 1 com seus objetivos, método, resultados, discussões e conclusão. No Capítulo 3, será apresentado o Estudo 2 com o objetivo, método, resultados, discussão e conclusão. Por fim, no Capítulo 4 será apresentada a conclusão geral da pesquisa com as limitações, contribuições do estudo e agenda para pesquisas futuras.

## Capítulo 1: Revisão da Literatura

Esta pesquisa adotou como paradigma conceitual as teorias de aculturação a partir da visão da Psicologia Transcultural. Com o objetivo de compreender o processo da aculturação, fez-se necessário buscar conceitos a partir do qual emerge as definições deste fenômeno, dentre eles o conceito de cultura. Para tanto, este capítulo irá, inicialmente, discorrer sobre os conceitos de cultura e como este construto tem sido abordado pela Psicologia Transcultural.

### 1.1. Definição de cultura

Cultura é um dos termos mais citados no universo acadêmico e nos discursos populares. Sua definição é apresentada de formas bastante divergentes entre as disciplinas acadêmicas e até mesmo dentro de uma mesma área do conhecimento (Minkov, 2013). Tamanha diversidade de definições pode ser atribuída ao grande repertório de atividades, comportamentos, eventos e estruturas da vida humana que estão envolvidos em torno desse conceito (Matsumoto & Juang, 2013).

A origem do termo cultura deriva da palavra latina *colo* (infinitivo *colere*) cujo significado é cultivar (Minkov, 2013). É uma palavra antiga no vocabulário francês e o termo era usado em referência ao cuidado dispensado ao campo ou ao gado (Cuche, 1999). Inicialmente, seu uso era mais voltado para a questão do cultivo da lavoura e progressivamente a palavra passa a incorporar como objeto o *animus* (espírito, caráter). Desta maneira, a palavra cultura passou gradativamente a ser associada à formação, educação do espírito, caráter humano (Minkov, 2013).

Uma das primeiras definições etnológicas e a mais clássica de cultura é apresentada por Edward Tylor em 1871. Segundo ele, cultura é “este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos



adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. (Tylor, 1871, p. 1). Tylor (1871) foi um dos primeiros teóricos a caracterizar a cultura como sendo a “parte humana” que inclui artefatos físicos e sistemas sociais e a defender a natureza socialmente adquirida e transmitida da cultura. Em 1952, os antropólogos Kroeber e Kluckhohn compilaram e revisaram 164 definições diferentes para o termo cultura e concluíram não ser possível resultar em uma única definição que contemplasse toda a complexidade do termo. Eles então definiram cultura como

consistindo em padrões, explícitos e implícitos, de e para os comportamentos adquiridos e transmitidos por símbolos, constituindo as realizações distintivas de grupos humanos, incluindo a sua incorporação em artefatos; o núcleo essencial da cultura consiste em ideias tradicionais (isto é, historicamente derivadas e selecionadas) e, principalmente, seus valores anexos; sistemas de cultura podem, por um lado, ser considerados como produtos de ação, sobre os outros elementos, como condicionais de ações futuras (Kroeber & Kluckhohn, 1952, p. 181).

Para esses mesmos autores, uma definição completa de cultura deve incluir seus aspectos objetivos e subjetivos (Kroeber & Kluckhohn, 1952). Os aspectos subjetivos são os elementos psicológicos como as atitudes, valores, crenças, normas e comportamentos (Kroeber & Kluckhohn, 1952; Matsumoto & Juang, 2013; Triandis, 1972). Já os elementos objetivos da cultura abrangem os elementos físicos, tais como arquitetura, vestimentas, alimentos, artes, entre outros (Matsumoto & Juang, 2013). A Psicologia, no geral, tem como foco principal os elementos subjetivos da cultura uma vez que estes envolvem processos psicológicos e os comportamentos.

Em 1973, o antropólogo Clifford Geertz foi um dos pioneiros a conferir importância ao significado como um ponto central na definição de cultura. Para esse autor, cultura é um sistema simbólico que permite aos homens se comunicarem, se perpetuarem e desenvolverem conhecimentos. A partir desse sistema é que os homens são capazes de interpretar suas experiências e guiarem suas ações (Geertz, 1973). No campo da Psicologia, uma contribuição importante é atribuída ao trabalho de Triandis (1972) ao incorporar conceitos centrais da

Psicologia Social aos estudos de cultura. No seu livro *The Analysis of Subjective Culture*, Triandis (1972) enfatizou os elementos da cultura subjetiva e desenvolveu métodos para sistematicamente estudá-los. De acordo com este pesquisador a cultura é um fenômeno social de realidades, categorizações, associações, atitudes, crenças, expectativas, papéis e normas grupais compartilhadas.

Outra grande influência para a Psicologia é creditada ao trabalho de Geert Hofstede. Segundo ele, cultura pode ser definida como “a programação coletiva da mente que distingue os membros de uma organização dos de outra” (Hofstede, 1991, p. 210). Em 2004, Hofstede acrescenta que cultura é “um atributo coletivo, não individual; não é diretamente visível, mas manifestado em comportamentos e comum a algumas, mas não a todas as pessoas” (Hofstede & McCrae, 2004, p. 58). A grande contribuição de Hofstede é atribuída ao seu grande projeto conduzido entre 1967 e 1973 com mais de 116.000 participantes de 71 países (Hofstede & McCrae, 2004). Sua pesquisa empírica resultou na conceituação de quatro dimensões ou características culturais que diferenciam as nações umas das outras: distância do poder, evitação da incerteza, individualismo *versus* coletivismo e masculinidade *versus* feminilidade. Em 1980, uma quinta dimensão foi adicionada às outras quatro, a orientação de longo prazo *versus* orientação de curto prazo (Hofstede & McCrae, 2004) e em 2010 foi adicionada a sexta dimensão, indulgência *versus* contenção (Hofstede, 2011).

A primeira dimensão, distância do poder, refere-se ao grau em que membros de um grupo aceitam e esperam que o poder seja distribuído de maneira desigual. Em sociedades com alta distância do poder, os indivíduos aceitam melhor a hierarquia e em sociedades com baixa distância do poder, as pessoas tendem a buscar por igualdade. A segunda dimensão, evitação de incerteza, corresponde à dimensão associada à evitação de riscos e relaciona-se ao grau em que membros de uma sociedade lidam com o incerto e a ambiguidade. Sociedades com alto grau de evitação de incerteza requerem regras, estrutura e clareza, enquanto nas

sociedades com baixo grau de evitação de incerteza, os membros exibem atitudes mais flexíveis e relaxadas. A terceira dimensão, o individualismo *versus* coletivismo, corresponde à maneira como o indivíduo percebe a si mesmo e o seu grupo. De um lado, o individualismo expressa a preocupação consigo mesmo e com a família imediata. Do lado oposto, o coletivismo representa a preocupação e integração forte e coesa com o seu endogrupo, sendo esse frequentemente sua família extensa. A quarta dimensão, masculinidade *versus* feminilidade, diz respeito ao grau em que os papéis de gênero são claramente distintos em uma sociedade. Em sociedades mais masculinas os papéis são bem definidos para homens e mulheres, sendo que nos papéis masculinos prevalecem a força, assertividade, competição e ambição e nas tarefas femininas predominam o cuidado e os relacionamentos. Por outro lado, em sociedades femininas os papéis de gênero não são claramente determinados e eles se sobrepõem, há uma tendência de que tanto homens e mulheres sejam modestos, cooperativos e preocupados com a qualidade de vida. A quinta dimensão, índice de orientação para longo prazo *versus* curto prazo, define o grau em que uma sociedade se relaciona com eventos do passado, presente e futuro. Em sociedades com orientação para longo prazo há o predomínio de ações que encorajam a adaptação, a perseverança e a poupança de maneira a preparar seus membros para o futuro. Em sociedades com orientação de curto prazo há uma preocupação com a estabilidade, tradição e normas. A última dimensão, indulgência *versus* contenção, define como uma sociedade lida com a questão do prazer e gratificações. Em sociedades com predomínio da indulgência, admite-se a gratificação relativamente livre dos desejos e necessidades humanas básicas relacionadas à diversão. Em sociedades com prevalência da contenção, verifica-se o controle das gratificações e manifestações de prazer com normas sociais rígidas (Hofstede, 2011).

Como expressão das diferenças entre as culturas, o individualismo *versus* coletivismo é a dimensão mais frequentemente investigada nas pesquisas acadêmicas. É um construto que

tem sido largamente usado para descrever, explicar e prever diferenças culturais nas atitudes, valores, comportamentos, cognições, comunicações, atribuições, socializações e autoconceitos (Green, Deschamps & Páez, 2005). A ampla repercussão desse construto deve-se em grande parte aos estudos de Triandis e colaboradores (1994) que têm se dedicado ao estudo desse construto como uma variável multidimensional tanto ao nível cultural quanto ao nível individual. Desta maneira, autores como Hofstede e Triandis, assim como outros psicólogos sociais, estudam a cultura por meio dos valores que são compartilhados por grupos sociais e que desempenham um papel importante no funcionamento social, cognitivo e emocional dos indivíduos (Cooper & Denner, 1998).

Mais recentemente, alguns autores procuraram agrupar as definições de cultura em algumas categorias. Uma atualização dos achados de Kroeber e Kluckhohn de 1952 foi conduzida por Baldwin, Faulkner, Hetch e Lindsley em 2006 que analisaram 300 definições de cultura. Segundo esses autores, essas definições podem ser agrupadas em sete diferentes temas: estrutura ou padrão, funções, processos, produto, refinamento, associação de grupo e poder/ideologia. Para a Psicologia, os três primeiros temas são de maior relevância e essas diferenciações têm sido destacadas por vários pesquisadores da área (Smith, Fischer, Vignoles & Bond, 2013). As pesquisas que adotam o termo cultura como um sistema são as mais frequentes na Psicologia e enfatizam as características estruturais do termo, explorando questões como normas, papéis, crenças, valores e atitudes. De maneira geral, teóricos dessa vertente definem a cultura como um sistema de significados compartilhados entre seus membros (Smith et al., 2013). Entre os teóricos que utilizam o termo cultura como uma função, ou seja, que a percebem como uma ferramenta para alcançar um fim (Baldwin et al., 2006), verifica-se uma tendência em adotar uma abordagem mais evolucionista. Nessa visão, o foco dos estudos recai sobre os comportamentos que são mais adaptativos às demandas ambientais (Smith et al., 2013). Já os pesquisadores que empregam o termo cultura como um

processo buscam explorar as construções sociais da cultura (Baldwin et al., 2006). Na Psicologia, grande parte destes pesquisadores tem se interessado nos tipos de processos cognitivos individuais. Esses são vistos como ferramentas que podem ser utilizadas de maneiras diferentes de acordo com as situações encontradas (Smith et al., 2013).

Outros autores, como Matsumoto e Juang (2013) recorrem às origens da cultura para então propor uma definição do termo. Para eles existem três importantes fontes de origem da cultura: a ecologia, os recursos e as pessoas. A primeira refere-se aos aspectos ambientais que envolvem os grupos de pessoas e que impactam na maneira como esses vivem, como por exemplo, o clima e a densidade populacional. Os recursos podem ser naturais, como a água, ou produzidos pelo homem, como a comida e o dinheiro. Já a terceira fonte, a das pessoas, relaciona-se ao modo de viver em grupo, às necessidades humanas básicas (comer, beber, dormir, entre outras) e aos mecanismos psicológicos universais (linguagem e habilidades cognitivas) que permitem aos seres humanos se adaptarem aos ambientes com o objetivo de suprirem as suas necessidades. A fim de satisfazerem essas necessidades, os indivíduos procuram adaptar seus comportamentos de acordo com as circunstâncias ambientais de forma a maximizar os recursos disponíveis e suas ferramentas pessoais. Esse processo de adaptação ao meio faz surgir os elementos da cultura, ou seja, os comportamentos que visam garantir a sobrevivência e a regra é evitar o caos e manter a ordem. Desse modo, a cultura é, para estes autores (Matsumoto & Juang, 2013), o resultado das formas de viver, pensar e de ser, compartilhadas por um grupo de indivíduos, transmitidas através das gerações e construídas no processo de adaptação de seus membros ao ambiente com o objetivo de aperfeiçoarem os recursos disponíveis como forma de satisfazerem suas necessidades de sobrevivência, felicidade e bem-estar. Seguindo a mesma linha de pensamento de Hofstede (1991) e Matsumoto e Juang (2013), Smith et al. (2013) conceituam cultura como a maneira similar de responder, processar e compartilhar interpretações acerca do ambiente. Um termo que deve ir

além das nacionalidades, podendo ser aplicado a todos os níveis de análise dos sistemas sociais, etnias, organizações, equipes e famílias.

Diante dessas diversas definições, verifica-se que o termo cultura é um dos termos mais elusivos das ciências sociais. Para solucionar este dilema conceitual, Segall (1984) defende a ideia de que não vale a pena o esforço em busca de uma clareza conceitual que resulte em uma definição universalmente aceita sobre cultura. Para esse autor, não existe uma razão que explique porque uma teoria é melhor do que outra. É preciso ir para maneiras pragmáticas, concentrar-se em questões específicas, como por exemplo, quais variáveis devem ou não ser consideradas como parte da cultura em determinado estudo. Minkov (2013) acrescenta ainda que os pesquisadores precisam explicar exatamente como eles se propõem a medir cultura de acordo com suas teorias, explicitando os conteúdos e as fronteiras conceituais do que eles chamam de cultura. É preciso desempacotar a cultura e estudá-la a partir de suas diversas formas de manifestações.

Diante do exposto, neste trabalho será adotada a definição de cultura como uma programação mental coletiva da mente humana que distingue um grupo de outro, conforme proposto por Hofstede (1991) e apresentado de maneira semelhante por Matsumoto e Juang (2013) e Smith et al. (2013). Essa programação mental é concebida como um compartilhamento constantemente adquirido e transmitido através das gerações e influencia e revela diferentes modos de pensamento, sentimentos e comportamentos. É manifestada através dos valores, na sua forma mais profunda, mas também por meio de expressões mais visíveis e superficiais como símbolos, heróis e rituais. A cultura, de maneira geral, pode ser compreendida através das características comuns que influenciam a maneira como um grupo responde às demandas do ambiente (Hofstede, 2001).

## 1.2 A migração no cenário atual

O século XXI tem sido chamado de “a era da migração” já que nunca existiram tantos migrantes no mundo como atualmente (Castles & Miller, 2009). Segundo o relatório das Nações Unidas de 2013 (Nações Unidas, 2013) existem mais de 232 milhões de pessoas residindo fora de seus países originais. De 1990 a 2013 houve um acréscimo de 50% no número de migrantes internacionais, um aumento de 70 milhões de migrantes em todo o mundo. Em 2013, em cada quatro pessoas pelo menos um era um migrante internacional em 42 países ou áreas. A Europa e a Ásia juntas abrigam cerca de dois terços de todos os migrantes internacionais, sendo 72 milhões na Europa e 71 milhões na Ásia (Nações Unidas, 2013). Atualmente, presencia-se “um dos fluxos de migrantes e refugiados mais significativos da história” (“Why is EU”, 2015). Somente de janeiro a agosto de 2015, pelo menos 350 mil pessoas cruzaram o mar Mediterrâneo para chegar ao continente europeu fugindo de guerras civis, pobreza e violação dos direitos civis que assolam países como a Síria, Afeganistão, Nigéria, Kosovo, Eritreia, entre outros países africanos e árabes. A crise migratória na Europa está obrigando vários países, inclusive não europeus, a se posicionarem oficialmente perante a migração (“Why is EU”, 2015). Essa grande entrada de pessoas tem causado “crises humanitárias no continente, bem como aumentado a preocupação de alguns países em relação à segurança de suas fronteiras e ataques xenófobos” (“Com a chegada”, 2015).

Nesse cenário, o termo migração é definido pelo *Global Migration Group* (2010) como o processo de deslocamento de pessoas dentro do próprio país (interno) ou de um país para outro (externo ou internacional), compreendendo toda mudança temporária ou permanente de residência, independentemente de suas causas. Viagens temporárias com o objetivo de recreação, férias, negócios, tratamento médico ou peregrinação religiosa, nos quais não há mudança de residência usual, não são considerados movimentos de migração. A

palavra migração relaciona-se aos deslocamentos internos ou externos de curto e longo prazo e a palavra imigração é usada somente para se referir aos deslocamentos de longo prazo ou permanentes. Outra diferenciação existe para as migrações internacionais. Enquanto que a migração internacional de curto prazo é definida como o deslocamento com duração de pelo menos 3 meses e no máximo 1 ano, a migração internacional de longo prazo abrange os movimentos de pessoas que fixam residência por mais de 1 ano ou permanentemente em um outro país. A migração internacional inclui movimentos internacionais de vários grupos migrantes, como os migrantes econômicos, refugiados, asilados e membros familiares de migrantes (*Global Migration Group*, 2010).

Os grupos migrantes internacionais podem ser diferenciados por categorias conforme proposto por Castles (2000). A primeira, a dos trabalhadores migrantes temporários refere-se aos indivíduos que mudam de país por um período limitado de tempo (de alguns meses a vários anos) com o objetivo de trabalhar e frequentemente enviam remessas de dinheiro para o país de origem ou investem em algum comércio em sua terra natal. Um outro grupo é formado por executivos ou migrantes altamente qualificados que se deslocam para outro país, geralmente transferidos pela própria empresa, para ocuparem um cargo em outra subsidiária por um período de tempo limitado ou que procuram empregos no mercado internacional que exigem habilidades específicas e altamente qualificadas. O terceiro grupo é formado pelos que se encontram em uma situação de migração forçada, que inclui não somente os refugiados e os que procuram asilo, mas também pessoas que estão fugindo de uma catástrofe natural. Os refugiados incluem os indivíduos que deixam seus países por temerem uma perseguição devido à sua religião, opinião política, raça, nacionalidade ou ao pertencimento a um grupo social. Já os que procuram asilo são os que se mudam de país devido a situações de perseguição pessoal causadas por razões políticas. O quarto grupo é formado pelos migrantes irregulares (migrantes ilegais ou sem documentação) que se inserem em outro país em busca



de oportunidades de trabalho, sem permissão ou documentos necessários. O quinto grupo é composto pelos membros familiares dos migrantes que optam por juntarem-se aos seus entes próximos que já estão no país de destino motivados por uma das razões já citadas. O último grupo abrange os migrantes de retorno que são os migrantes que permaneceram por um tempo no exterior e posteriormente retornam ao seu país de origem.

Diferentemente, alguns pesquisadores da Psicologia têm enfatizado em seis grupos migrantes por serem foco maior de processos migratórios (Berry, Poortinga, Breugelmans, Chasiotis & Sam, 2011) e apresentam algumas nomenclaturas distintas às propostas por Castles (2000). Esses grupos são chamados de grupos de aculturação e incluem os refugiados e asilados, *sojourners*, imigrantes, expatriados, povos indígenas e grupos étnicos (Berry et al., 2011). Eles podem ser divididos quanto às suas razões para a migração, sendo a primeira razão voluntária ou involuntária, que inclui os migrantes que apresentam livre iniciativa pelo deslocamento, como os imigrantes e os *sojourners*, e, os que são forçados a se deslocarem, como os refugiados. A segunda razão refere-se ao fator migrante ou temporário que levou ao deslocamento e compreende os grupos de indivíduos que apresentam uma longa história de instalação em territórios alheios, como os grupos étnicos e indígenas, e os indivíduos que procuram novas oportunidades longe de suas terras natais (imigrantes). A terceira razão aborda a questão de permanência ou temporariedade da mudança e abrange tanto os indivíduos que decidem por ficar permanentemente longe de seus países originais, como os imigrantes, e os que se deslocam por um tempo determinado, como os chamados *sojourners*.

Berry et al. (2011) apontam que existem duas razões que justificam esta categorização em seis grupos. A primeira refere-se ao fato de que cada grupo apresenta tamanho, poder, direitos e recursos diferentes que influenciam no processo de inserção na nova cultura. O segundo motivo relaciona-se aos valores, atitudes, habilidades, motivos e outras características psicológicas importantes que são bastante variadas e que também impactam de

maneira significativa na forma como irão se desenvolver e interagir com os diversos aspectos do novo ambiente. Berry et al. (2011) acrescentam ainda que embora alguns pesquisadores da Psicologia tenham utilizado essa divisão didática sobre os grupos migrantes, essas categorias podem não ser tão claramente distintas e adequadas para o contexto atual como era para décadas passadas e, há também que se considerar as particularidades de cada grupo migrante, como a sua história e relação com a cultura anfitriã. Como exemplo, verifica-se atualmente que um número expressivo de *sojourners*, que são caracterizados pela permanência temporária, alteraram seu status de imigrante temporário para imigrante permanente.

Outras diferenciações referem-se às razões para a migração. Usualmente, os pesquisadores têm diferenciado-as em fatores de atração (*pull factors*) e de expulsão (*push factors*) (Liu, Volcic & Gallois, 2011; Berry et al., 2011). Os primeiros fatores estão relacionados aos motivos que atraem os migrantes para aquele destino e frequentemente são de ordem econômica tendo em vista que grande parte dos migrantes é atraída para países economicamente mais desenvolvidos em busca de melhores oportunidades de trabalho e condições de vida (Berry et al., 2011). A procura por redes transnacionais, que são as comunidades de imigrantes altamente organizadas que incentivam e favorecem a imigração de seus familiares e amigos, também é um grande motivo para os deslocamentos internacionais. Outra razão está associada aos desequilíbrios demográficos entre os países desenvolvidos e os menos desenvolvidos economicamente, onde, por um lado, há demanda por força de trabalho e, por outro lado, verifica-se um excedente laboral ou subempregos. Tais desigualdades têm sido frequentemente motivos para a inserção em países mais desenvolvidos economicamente (Liu et al., 2011). Por outro lado, os fatores de expulsão são aspectos que incentivam os migrantes a deixarem seus países para se esquivarem de uma situação aversiva (Berry et al., 2011). Estão relacionados às questões de governança insatisfatória frequentemente associadas à baixa qualidade na prestação de serviços públicos

básicos como saúde e educação no país de origem (Organizações Internacionais para as Migrações - OIM, 2013); estagnação econômica, redução de recursos nacionais e desemprego (Liu et al., 2011); aos motivos relacionados à fuga de conflitos religiosos, étnicos ou por recursos naturais; e, embora mais frequente nas migrações internas, os fatores ambientais também estão entre as razões de mobilidade internacional em que indivíduos buscam alternativas para escapar de condições ambientais extremas e desastres naturais, como terremotos, enchentes e furacões (OIM, 2013).

Independente da intenção inicial, vários migrantes acabam se fixando na nova terra. Pelas razões citadas e por muitos outros motivos, a migração modifica a configuração das sociedades envolvidas. Nas sociedades receptoras presencia-se uma reestruturação demográfica, econômica, política, social e cultural. O impacto da migração é geralmente mais percebido nos grandes centros industriais e urbanos, onde grande parte dos migrantes procura por trabalhos e fixa moradia (Castles et al., 2014). Já nas sociedades de origem, as mudanças são mais prontamente percebidas em termos econômicos, já que grande parte dos migrantes que se mudam para outro país envia constantemente remessas de dinheiro para os familiares que ficaram no país e/ou investe parte de seus ganhos em negócios para a família (Castles et al., 2014).

Diante disso, a migração apresenta grandes consequências para o desenvolvimento das sociedades de origem e as de destino. Em algumas sociedades, a migração tem sido associada à diminuição ou entrave ao desenvolvimento das sociedades (OIM, 2013) e fonte de perturbação social (Liu et al., 2011), já em outras é cada vez mais presente o reconhecimento de que a migração, se bem gerenciada, pode contribuir efetivamente para o desenvolvimento das sociedades (OIM, 2013). Para exemplificar, cita-se o caso da Alemanha em que os imigrantes eram tratados como trabalhadores temporários e com pouca participação na vida social e política do país. Relutante em admitir o perfil de país de

imigrantes, apenas após 2005, esse país criou sistematicamente políticas públicas migratórias de integração e de reconhecimento das culturas dos seus imigrantes (Bendel, 2014). Já em outros países de forte tradição migratória, como o Canadá, os imigrantes têm sido tratados como residentes permanentes e as possibilidades de atuarem como promotores de desenvolvimento são mais facilmente percebidas (Liu et al., 2011). Importante ressaltar que ao mencionar questões de desenvolvimento, esse deve ser compreendido como o desenvolvimento humano e esse termo é definido nesse contexto de migração pelo *Global Migration Group* (2010) como um processo de avanços de oportunidades e condições de vida dos indivíduos, tais como a “expansão do acesso a serviços sociais, redução de vulnerabilidade aos riscos e aumento de participação política” (*Global Migration Group*, 2010, p. 10). O foco deixa de ser os tradicionais indicadores econômicos, como o Produto Interno Bruto (PIB) e passa a incorporar elementos sociais e humanos.

A reação da população local também desempenha um papel importante nas consequências da migração. Grandes movimentos de migração têm ocorrido concomitantemente com momentos de reestruturações econômicas e sociais e, os residentes, cujas condições de vida tornam-se imprevisíveis e vulneráveis, frequentemente recebem os novos moradores com certa insegurança (Castles, De Haas & Miller, 2014). Como exemplo, a atual crise migratória na Europa tem sido um dos grandes desafios às autoridades que se veem divididos entre defender os direitos humanos dos imigrantes e gerenciar a crise econômica presente no continente, em que o alto nível de desemprego contribui ainda mais para uma reação negativa à entrada dos novos moradores (“Como a Europa”, 2015). Assim, ameaças realistas, como a disputa por trabalho ou outros recursos escassos, desafiam o bem-estar dos residentes e podem acarretar em visões negativas dos imigrantes. Outros fatores que parecem influenciar a opinião local são as características dos grupos migrantes, por exemplo, etnia, raça, nacionalidade, religião (Lynn & Lea, 2003) e o status de imigração, se voluntário

ou não (Zárate & Shaw, 2010). De maneira geral, as atitudes sobre os imigrantes têm oscilado ao longo do tempo. Fatores econômicos, políticos e sociais parecem afetar de maneira significativa a opinião e reação pública, especialmente quando interesses religiosos, econômicos, sociais ou políticos são ameaçados (Ceobanu & Escandell, 2010). A migração provoca mudanças inevitáveis, possibilitando a criação de um ambiente de diversidade cultural ou de ameaça e conflitos intergrupais. Cabe aos líderes políticos prepararem suas populações para essas transformações sociais e antecipar ou minimizar o surgimento de problemas relacionados à migração.

A migração também se configura como um desafio às autoridades pela presença marcante de grupos culturalmente distintos de imigrantes que, frequentemente, mantêm alguns elementos culturais de origem. As características que distinguem estes grupos imigrantes do grupo anfitrião podem ser facilmente percebidas pela aparência física, pelo idioma, pela maneira de vestir, pelo tipo de trabalho que possuem, pelos locais que frequentam e fixam moradia ou por expressões culturais mais sutis como algumas tradições e práticas culturais. O reconhecimento por parte dos governantes da existência acentuada de grupos étnicos segregados pode proporcionar a implantação de políticas públicas direcionadas para a aceitação e gerenciamento das diferenças culturais (Castles, 2000).

Nas últimas décadas, os movimentos migratórios têm emergido como um dos temas centrais das ações governamentais em busca de transformação social e desenvolvimento (Castles, 2000). Os avanços tecnológicos nas áreas de transporte e telecomunicações, assim como o aumento das transações internacionais entre as nações têm favorecido os deslocamentos de milhares de pessoas em busca de lazer, trabalho e moradia em outros países. Isso não significa que a migração é algo novo, pelo contrário, as migrações acontecem desde os primórdios da humanidade e se configuram como um fenômeno permanente da vida humana. A nova era da globalização apenas redefiniu o padrão das mobilidades humanas

assim como demanda constantemente novos sentidos para a migração (Liu et al., 2011). As diferenças da migração do passado para os tempos atuais podem ser associadas à amplitude atual do fenômeno, não se limitando aos deslocamentos fronteiriços; à sua magnitude, gerando grandes consequências econômicas, sociais, políticas e estruturais para as sociedades envolvidas; à sua centralidade para a política nacional e internacional; e, aos desafios lançados aos Estados para gerenciar os movimentos constantes de pessoas através de suas fronteiras (Castles et al., 2014). Novos acordos internacionais, cooperações bilaterais, sociedades multiculturais e transnacionais têm surgido como consequências das iniciativas dessas trocas interculturais (Castles et al., 2014). Além disso, se antes a migração era vista como um fenômeno quase sempre limitado aos deslocamentos de pessoas desqualificadas para países desenvolvidos economicamente, hoje, percebe-se novos fluxos globais, com mudanças nos padrões de países de origem e destino das migrações, assim como a alterações no volume e no tipo de migrantes, como por exemplo a emergência de um grupo altamente qualificado em busca de melhores oportunidades, estilos de vida e com altas expectativas (Liu et al., 2011).

A migração tem se tornado tão fundamental na política dos Estados que têm exigido novas abordagens ao tema. Verifica-se um aumento do interesse por parte dos governantes sobre o bem-estar da população migrante. A crise econômica mundial tem clamado por novas formas sustentáveis de se viver e somente o crescimento econômico não é um indicativo de progresso das sociedades. O Relatório Mundial de Migração de 2013 trouxe pela primeira vez como tema o bem-estar dos migrantes, evidenciando a importância dessa temática para o desenvolvimento das sociedades e para o fenômeno da migração (OIM, 2013). O grande foco desse relatório, diferentemente da ênfase frequente nos dados socioeconômicos, foram os migrantes enquanto pessoas e as repercussões da migração na vida desses indivíduos e suas famílias. Tal iniciativa demonstra um incentivo à renovação das políticas públicas de

migração para que estas sejam mais direcionadas e atentas com as necessidades humanas. A ênfase no elemento humano requer uma mudança de postura dos Estados a fim de tratar a imigração como uma questão de direitos humanos e não mais como uma questão de segurança nacional e de proteção do mercado de trabalho (OIM, 2013).

As Nações Unidas acrescentam ainda que o bem-estar e a sustentabilidade deveriam ser prioridades no desenvolvimento global a partir de 2015 (OIM, 2013). A agenda para os próximos anos ainda é incerta, mas há um grande incentivo para colocar a migração no centro das discussões e ações políticas dos países e explorar a sua relação com a questão do desenvolvimento. No entanto, apesar do aumento do interesse nas questões de migração e desenvolvimento, verifica-se pouca adesão e ações governamentais sistemáticas relacionando migração ao desenvolvimento. Além disto, o Relatório Mundial de Migração de 2013 apontou que a migração tem proporcionado melhorias no desenvolvimento humano, mas muitos imigrantes ainda não conseguem atingir níveis satisfatórios de bem-estar. Assim, pesquisas adicionais sobre o bem-estar dos imigrantes são necessárias para se obter um panorama mais claro das implicações da migração no desenvolvimento humano (OIM, 2013).

Tendo em vista a importância da temática da migração no cenário mundial, este trabalho tem como proposta situar este tema a partir de uma visão da Psicologia, em particular, este estudo se propõe a estudar a migração brasileira para o Japão a partir de um enfoque da Psicologia Transcultural. Outrossim, para os propósitos desta pesquisa, será adotada a divisão dos grupos migratórios proposta por Berry et al. (2011) como apresentado anteriormente e o foco será em dois grupos: os imigrantes, que permaneceram grande parte de suas vidas no Brasil e migraram voluntariamente para o Japão em busca de novas oportunidades de vida sem uma expectativa exata de retorno; e os *sojourners*, que são aqueles que se mudaram para o Japão por razões voluntárias temporárias e inclui os estudantes

internacionais, diplomatas, executivos expatriados, missionários, agentes humanitários, entre outros.

A seguir, o contexto da imigração brasileira no Japão será exposto a partir das origens históricas da relação entre Brasil e Japão, a história da imigração dos decasségui no Japão, características gerais deste deslocamento e a situação atual da comunidade decasségui. Posteriormente, serão apresentados o cenário dos estudos de migração no contexto da Psicologia Transcultural, os principais modelos sobre os encontros interculturais, o modelo teórico que será adotado nesta pesquisa e as principais pesquisas sobre a adaptação da comunidade brasileira no Japão

### **1.3 A imigração brasileira no Japão**

#### **1.3.1 De volta às origens: a imigração japonesa no Brasil**

Para entender a imigração brasileira no Japão é preciso voltar ao passado e recorrer às origens da história de cerca de 120 anos de relação entre Brasil e Japão. O início dessa relação foi oficialmente estabelecido com o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Japão e o Brasil em 1895 e inaugurado em 1908 com a chegada no porto de Santos do primeiro navio japonês, o Kasato Maru (Sakurai, 2000). A iniciativa para esse acordo visava atender aos interesses de ambos os países. Por um lado, o Japão vivia um momento de abertura ao exterior após um longo período de isolamento e visualizava no Brasil uma possibilidade de expandir suas influências e trocas econômicas e políticas (Kodama, 2007), além de considerar a emigração do seu povo uma possibilidade de minimizar os problemas relacionados os desequilíbrios sociais provocados pela escassez de terra produtiva, o aumento populacional e o desemprego nas cidades. Do lado brasileiro, a abertura aos japoneses era uma alternativa para resolver o problema da falta de mão de obra nas lavouras de café, uma



vez que o trabalho escravo havia sido abolido e a imigração das famílias europeias, em especial a italiana, havia sido interrompida (Sakurai, 2000).

O período de 1908 até meados de 1970 é marcado por grandes deslocamentos dos japoneses ao Brasil, com um pico de imigração entre 1925 e 1940. Durante quase 70 anos desses movimentos migratórios, mais de 250 mil japoneses vieram a este país para trabalhar nas colônias agrícolas estabelecidas especialmente nos estados de São Paulo e Paraná. Ao chegarem, as diversas dificuldades enfrentadas no trabalho e na adaptação ao novo país, as limitações impostas pelas empresas de imigração para forçar a fixação desta população em terras brasileiras e o pouco interesse do governo japonês em retorná-los, tornavam-se obstáculos para conseguir realizar os planos de enriquecimento e retorno à terra natal (J. P. C. Costa, 2007).

O fato de a imigração japonesa ter sido caracterizada por uma imigração familiar, já que era obrigatória a vinda de famílias compostas por três a dez pessoas capacitadas para o trabalho, contribuía ainda mais para aumentar o vínculo com o Brasil. Em meados de 1930, começaram a surgir os primeiros descendentes de japoneses com nacionalidade brasileira e aumentava a necessidade de assumir o Brasil como a nova pátria (Handa, 1987). O objetivo já não era mais voltar ao Japão, a maioria almejava a ascensão social, desejava deixar de ser colono para se tornar proprietário de terra e cultivar o que era seu (Okamoto, 2007). Após a Segunda Guerra Mundial, com a derrota do Japão e as decorrentes dificuldades para retornar ao país de origem, aumentaram-se as preocupações com a vida no Brasil. A forte preferência pela manutenção da cultura nipônica nas colônias, onde o idioma, valores e costumes japoneses eram praticados com rigor e o distanciamento da cultura brasileira já não faziam tanto sentido já que a intenção era permanecer no Brasil (Okamoto, 2007). Além disso, a política nacionalista do Governo Getúlio Vargas restringiu a liberdade cultural das colônias estrangeiras e a tentativa de dificultar o fortalecimento das culturas imigrantes culminou na

proibição do ensino e uso de idiomas estrangeiros, dentre eles o japonês, e a imposição da língua portuguesa (Seyferth, 2000). Como consequência, a preocupação com a educação dos filhos e a busca por uma moradia definitiva resultaram em uma maior interação social com os locais, inclusive com uma tolerância maior aos casamentos interétnicos (H. Saito, 1980). Deu-se o início ao enraizamento dos japoneses e sua aproximação com a cultura brasileira.

Foram diversas as dificuldades que marcaram a história da imigração japonesa no Brasil. A reação inicial negativa da elite brasileira que defendia o “branqueamento” da população, a barreira do idioma, os hábitos e tradições bastante diferentes, a distância da terra natal e discriminação foram apenas alguns dos problemas vivenciados pelos imigrantes japoneses. Na tentativa de assimilar a cultura brasileira e também preservar suas origens nipônicas, os imigrantes japoneses resistiram às pressões do tempo e da distância e tiveram que reinventar novas formas de viver e ser. Embora a maioria dos imigrantes japoneses tenha iniciado suas vidas no Brasil como camponeses, uma parcela significativa se tornou proprietário de terras e tem colaborado para a economia agrícola do país (K. Sasaki, 2008). As gerações sucessivas de descendentes de japoneses têm se caracterizado por uma grande mobilidade social e aumento da participação em vários setores econômicos, sociais e políticos do Brasil (Kodama, 2007) e suas contribuições ao país tem ganhado respeito e admiração pelo resto da população brasileira (K. Sasaki, 2008). Atualmente, somam-se mais de um milhão e meio de descendentes de japoneses espalhados nos territórios brasileiros, em maior quantidade nos estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul e Pará (J. P. C. Costa, 2007).

Por volta de 1980, um fluxo inverso ao da imigração japonesa no Brasil começava a despontar. O Japão se destacava como uma nova potência mundial devido ao grande avanço da indústria automobilística, naval, de eletrônicos bem como dos setores de alta tecnologia, engenharia e serviços que impulsionavam a economia japonesa em busca de competitividade

internacional. Nesse mesmo período, presenciou-se um declínio da natalidade que gerou estagnação do crescimento populacional e uma redução da mão de obra produtiva no país. De país exportador de mão de obra, o Japão passava a ser importador de força laboral. Já no Brasil, as altas taxas de inflação, desemprego e o endividamento externo complicavam a situação econômica do país. A difícil condição de milhares de brasileiros motivou a procura por melhores oportunidades de trabalho em países economicamente mais desenvolvidos, dentre eles o Japão (J. P. C. Costa, 2007).

### **1.3.2 A história da imigração brasileira no Japão**

A emigração de brasileiros para o Japão será apresentada através da história da imigração dos descendentes de japoneses nesse país. Essa migração de retorno é o chamado “fenômeno decasségui”. A origem da palavra decasségui vem da palavra japonesa *deru* que significa sair e *kassegu* definido como ganhar dinheiro, trabalhar para ganhar a vida (E. M. Sasaki, 1998). Originalmente o termo se referia ao movimento dos agricultores japoneses do norte do país que saíam de suas terras durante o inverno rigoroso para trabalhar temporariamente nas indústrias do sul e posteriormente retornavam às suas terras de origem. No Japão, o termo passou a se referir às pessoas que buscavam trabalho temporário em outros lugares. Mais recentemente, o termo foi associado aos movimentos dos descendentes de japoneses nascidos fora do Japão, os chamados *nikkeis*, que partem rumo ao país nipônico, percorrendo assim o caminho inverso dos seus antepassados, mas com o mesmo objetivo, o enriquecimento. No Brasil, a palavra ganhou conotação própria e passou a se referir aos *nikkeis* que se dirigem ao Japão para trabalhar temporariamente para executar trabalhos de baixa qualificação (E. M. Sasaki, 1998).

A história desse deslocamento é dividida por Higuchi (2005) em cinco fases. A primeira fase corresponde ao período de 1980 a 1984 e é chamada de “Migração de retorno

invisível da primeira geração”. Embora seja considerada uma emigração inexpressiva numericamente, por isso o nome invisível, é um período que marca o início de um fluxo reverso dos imigrantes japoneses e seus descendentes à terra dos seus antepassados. Esse grupo pioneiro era composto basicamente pela primeira geração de imigrantes japoneses, os *isseis*, que possuíam cidadania japonesa, falavam o idioma fluentemente, eram bastante familiarizados com a cultura local e estavam retornando ao Japão após um longo período de trabalho no Brasil (Higuchi, 2005). Kato, Miyazaki e Sugo (1992) acrescentam que no início desse movimento, as condições de vida e trabalho para os imigrantes eram bastante limitadas. Não havia uma agência especializada para intermediar as relações entre as empresas e os empregados, havia muitos imigrantes ilegais no Japão e as condições de trabalho e moradia eram precárias. Esses autores também apontam para o fato de que ir para o Japão trabalhar em fábricas era percebido de maneira negativa pela comunidade *nikkei* no Brasil, de tal forma que muitos iam escondidos. Com o tempo, o ganho financeiro rápido dos imigrantes passou a ser visto como sinônimo de sucesso. A notícia se espalhou pela comunidade nipo-brasileira e impulsionou um novo fluxo de pessoas rumo ao Japão.

A segunda fase, que inclui os anos de 1985 a 1989, intitulada de “A formação de redes de recrutamento”, é iniciada com o primeiro anúncio de oportunidades de emprego no Japão em um jornal japonês no Brasil. Era um indicativo que as empresas japonesas tinham descoberto o Brasil como uma nova reserva de mão de obra para trabalhos temporários e pouco especializados, que não eram preenchidos pela população japonesa (Higuchi, 2005). O governo japonês encontrava uma solução de baixo custo para o problema da escassez de força de trabalho com a vantagem de manter a homogeneidade étnica do seu povo com a presença de um grupo mais semelhante fisicamente e familiar aos japoneses e sua cultura (Fugii, 2008). Nos anos seguintes, o número de anúncios cresceu rapidamente e, por volta de 1990, chegou a mais de mil anúncios de empregos (Higuchi, 2005). Em 1987 e 1988, o Japão vivia

um verdadeiro *boom* econômico demandando mão de obra nas fábricas enquanto no Brasil as taxas de inflação chegavam a 682% em 1988 e 1.769% em 1989 (Goza, 1994). Além disso, o valor do iene estava valorizado em relação ao dólar e era mais um fator atrativo para a emigração dos brasileiros rumo ao exterior. Além do Japão, intensificaram-se os movimentos migratórios para outros destinos, como os Estados Unidos, Paraguai e para os países da Europa (Beltrão & Sugahara, 2006). Higuchi (2005) aponta ainda que a diferença entre os deslocamentos para o Japão e para outros países é a presença de uma forte institucionalização desse movimento decasségui, já que grande parte dos fluxos migratórios para o Japão ocorreu por intermédio de empresas recrutadoras, as chamadas *empreiteiras*, que faziam a conexão entre os dois países.

A terceira fase, chamada de “A influência da lei de imigração revisada”, inclui os anos de 1990 a 1992 e foi assinalada pela abertura da imigração aos descendentes de japoneses para além da primeira e segunda geração. Os chamados *sanseis*, a terceira geração dos descendentes, e os cônjuges brasileiros, não descendentes de japoneses, foram contemplados com a reformulação da política de imigração japonesa em 1990. A revisão da Lei de Controle de Imigração garantia status de residência de longa estada aos descendentes e suas famílias permitindo-lhes acesso às atividades remuneradas no país e estabelecia medidas para evitar a imigração ilegal que havia crescido no país nos últimos anos. Esta fase caracterizou-se pelo aumento expressivo do número de brasileiros no Japão, de 41.901 brasileiros em 1990 a 62.904 em 1991. A maior parte deste contingente foi recrutada para trabalhar em fábricas automobilísticas e de peças eletrônicas (Higuchi, 2005).

A quarta fase, que compreende o intervalo entre 1993 e 1997, é chamada de “Recessão e transformação do mercado de trabalho”. Nessa etapa, verifica-se que a recessão econômica vivida pelo Japão nessa época contribuiu para um declínio nos deslocamentos dos brasileiros. Entretanto, mesmo em período de recessão, a população brasileira no Japão

aumentava e se espalhava geograficamente pelo país, deixando de se concentrar somente nas regiões mais centrais do Japão para ocupar áreas mais distantes. A causa desse acréscimo, apesar do período de recessão, pode ser atribuída ao fato de que a mão de obra brasileira se mostrou bastante receptiva e flexível procurando se adaptar ao novo contexto de trabalho (Higuchi, 2005).

A quinta fase abrange desde 1998 até 2005 e foi intitulada como “Consequências da mudança de geração”. Este período marca uma estagnação do número de imigrantes brasileiros de primeira e segunda gerações de descendentes de japoneses e um aumento considerável dos imigrantes de terceira geração e seus cônjuges não descendentes, além do aumento da presença de mulheres. Essa mudança no perfil dos que procuravam o Japão como uma opção de vida trouxe consequências sociais e econômicas para essa população refletidas especialmente no aumento do número de crianças e jovens e, com eles, a preocupação com a educação da nova geração. Em 2006, o número de crianças e jovens entre os imigrantes brasileiros excedia os 40 mil. Entre 1998 até 2005, a população brasileira continuou a crescer, alcançando em 2005 mais de 300 mil brasileiros em solo nipônico. Essa população se configura como o maior grupo de imigrantes que necessita de assistência especial direcionada ao aprendizado do idioma japonês. Ademais, outro índice relevante é a existência de cerca de 10 a 30% de crianças e jovens em idade escolar que não frequentam a escola no Japão (Higuchi, 2005).

Em 2008, aproximadamente 100 mil brasileiros retornaram ao Brasil após a crise global. Nesse ano, a economia japonesa foi afetada pela crise, reduzindo o número de empregos para os imigrantes, inclusive para brasileiros (Futema, 2015). Muitos brasileiros ficaram desempregados ou tiveram redução nos seus ganhos pela diminuição da oferta de horas extras. O número de imigrantes brasileiros teve uma queda de 14,4%, de 312.582 em 2008 para 267.456 em 2009. Em 2011, o terremoto e o tsunami que atingiram o Japão

seguidos da ameaça de um acidente nuclear também foram motivos para um novo fluxo de retorno de brasileiros ao Brasil (Tobace, 2011).

### **1.3.3 A comunidade decasségui no Novo Milênio**

Atualmente, existem cerca de 2.066.445 de brasileiros morando no exterior. Destes, 173.437 são brasileiros que residem no Japão, a maioria homens, entre 20 e 54 anos, residindo em todas as províncias do Japão, em maior concentração nos estados de Aichi, Shizuoka e Gumma, regiões onde estão concentradas as pequenas e médias empresas que prestam serviços às grandes indústrias japonesas. O grupo dos brasileiros é o quarto grupo imigrante mais numeroso no Japão, ficando atrás apenas da China, Coreia e Filipinas (*Japan Statistical Yearbook 2017*, 2017). Segundo o Censo demográfico brasileiro de 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, 2010), o Japão é o quarto destino mais procurado pelos brasileiros. Pela primeira vez, desde 2008 quando o Japão estava em recessão, assiste-se a um balanço positivo na taxa de imigração de brasileiros no Japão após ter encolhido ano a ano. A alta do dólar, o déficit populacional no Japão e o reaquecimento da economia japonesa foram alguns dos fatores que contribuíram para a nova onda decasségui (Futema, 2015). Além desses aspectos, a crise atual na economia brasileira também tem contribuído para aumentar a procura por destinos no exterior, dentre eles o Japão (Nakagawa, 2015). Grande parte desta população é originária dos estados brasileiros de São Paulo e do Paraná, acompanhando a história de imigração japonesa majoritariamente nesses mesmos estados (J. P. C. Costa, 2007).

No início do movimento, o perfil dos brasileiros que se deslocavam para o Japão era formado, em sua maioria, por homens, da primeira ou segunda geração de descendentes, com idade entre 40 e 60 anos, que tinham o objetivo de trabalhar, enviar dinheiro para suas famílias que ficaram no Brasil e permanecer entre dois e três anos no país (E. M. Sasaki,

1995). Grande parte ainda preservava aspectos da cultura japonesa herdada dos seus pais, como a alimentação e também o idioma. Assim, embora enfrentassem várias dificuldades relacionadas à nova rotina, sentiam menos o impacto da mudança de país pela maior familiaridade e proximidade com a cultura japonesa (Ishi, 2010). Já dos anos 2000 em diante, observou-se uma mudança no perfil dessa população com a presença acentuada de um grupo mais jovem, a maior parte entre 18 e 45 anos, pertencente à terceira e quarta gerações de descendentes, com pouca habilidade no idioma nipônico e pouco conhecimento e envolvimento com os valores, costumes e crenças do povo japonês (Okamoto, 2007). Verificou-se também uma proporção mais equiparada de homens e mulheres, presença mais acentuada de famílias do que de indivíduos sozinhos, aumento no número de brasileiros não descendentes, os cônjuges, e do tempo de permanência no Japão (E. M. Sasaki, 2004).

A maioria desses imigrantes se mudou para o Japão com o consentimento dos familiares em busca de melhores oportunidades de empregos e salários e com a expectativa de permanecer pouco tempo no Japão, cerca de dois a três anos (Yano, 2013). Porém, de acordo com uma pesquisa realizada por J. P. C. Costa (2007), o que se verifica é que grande parte dos brasileiros está no Japão há mais de cinco anos, fato também confirmado pelo aumento do número de vistos permanentes e pela procura pela cidadania japonesa. Quando questionados, a maioria expressa o desejo de retornar definitivamente ao Brasil, mas ainda há um número alto de indecisos. J. P. C. Costa (2007) sugere também a existência de uma migração circular, em que muitos voltam ao Brasil, permanecem um período e acabam retornando ao Japão. Em 2001, 52% de todos os brasileiros que entraram no país haviam residido no país anteriormente (Tsuda, 2003).

Desde o início dos movimentos migratórios, a presença brasileira no Japão é associada ao trabalho nas fábricas, em especial na indústria automobilística e de peças eletrônicas. A mão de obra estrangeira era e ainda é uma necessidade para preencher as vagas



não desejadas e preenchidas pelos japoneses. A maioria das vagas oferecidas aos brasileiros tem sido, desde então, para trabalhar em linhas de produção cujas tarefas são menos especializadas e são conhecidas como os 3K – *kitanai*, *kiken* e *kitsui*, que são as palavras japonesas para sujo, perigoso e pesado. O trabalho também é caracterizado como repetitivo, com carga horária extensa, entre 8 a 14 horas por dia, com pequenos intervalos de descanso e com um ritmo intenso de produção. A remuneração é por hora de serviço e há diferenças entre o valor pago aos homens e o oferecido às mulheres pela mesma atividade, sendo o trabalho masculino mais bem remunerado (Castro, 2007). A maioria desses trabalhadores é contratada temporariamente pelas agências intermediárias e não é considerada empregado oficial das empresas, apenas 10% dos trabalhadores brasileiros são contratados diretamente pelas empresas (Takenoshita, 2013). Por esses motivos, podem ser demitidos a qualquer momento e recebem tratamento distinto dos trabalhadores japoneses, com salários e benefícios reduzidos e são frequentemente excluídos dos eventos das empresas (Tsuda, 2009).

A entrada do novo milênio também está associada a uma mudança no perfil laboral dos brasileiros residentes no Japão. Embora a maioria ainda permaneça nas fábricas, muitos brasileiros passaram a procurar empregos fora do ambiente fabril, mesmo com um salário menor (Ishi, 2010). A busca por trabalhos menos árduos tem conduzido vários decasséguis a ocuparem serviços em hospitais, empresas de alimentos e uma parcela tem visualizado no grande público consumidor brasileiro uma oportunidade para abrir seu próprio negócio (Okamoto, 2007). Existem atualmente verdadeiras redes de serviços e atividades comerciais voltadas para atender especialmente essa população. Nas cidades onde há uma maior concentração de brasileiros, encontram-se escolas, restaurantes, bares, associações, agências bancárias, canais de televisão, revistas, entre outras instituições cujo foco é o público brasileiro. Em 2007, Castro (2007) contabilizou cerca de 868 estabelecimentos comerciais

brasileiros no Japão distribuídos em diversas categorias, dentre elas serviços de telefonia e de internet, escolas, agências de viagens, assessoria técnica, imóveis, restaurantes, entre outros. Além das iniciativas internas, Kawamura (2008) relata que várias empresas brasileiras também visualizaram uma clientela em potencial e abriram filiais no Japão. São bancos, escolas, imobiliárias, transportadoras, que passaram a contratar mão de obra mais qualificada em várias áreas, como professores, jornalistas e administradores, expandindo as opções de trabalhos mais especializados e contribuindo para um maior dinamismo e mobilidade social entre a comunidade decasségui.

Uma parcela significativa do excedente monetário adquirida por meio dos trabalhos nas fábricas e por estas atividades comerciais é enviada ao Brasil. Cerca de 71% dos pesquisados no estudo de Castro (2007) relataram enviar remessas de dinheiro para o Brasil, seja para o sustento de algum familiar ou até mesmo para investimentos no país, demonstrando assim a ligação dessa população com sua terra natal com uma contribuição de cerca de dois bilhões por ano nas contas brasileiras. Ishi (2010) destaca que o reconhecimento da importância das quantias enviadas por esses imigrantes resultou na criação de projetos educativos cujo objetivo é a orientação ao empreendedor decasségui sobre a aplicação do seu dinheiro em negócios no Brasil.

A forte presença do Brasil na vida dos decasséguis é percebida tanto pelos vínculos financeiros e sociais com o país, manifestados pelas idas constantes ao Brasil e contatos frequentes com familiares e amigos, como também pela manutenção da cultura brasileira no Japão através da preferência no uso do idioma, laços de amizade e outras características culturais. Em um estudo com 116 famílias brasileiras, Yano (2013) encontrou que 69% dos participantes retornaram pelo menos uma vez ao Brasil, 99% relataram utilizar frequentemente o telefone e a internet para se comunicarem com os familiares e amigos no Brasil, 72,5% informaram que assistem a programas de televisão brasileiros, a maioria

relatou manter amizades predominantemente com brasileiros e usar o português em suas conversações (87%) e 78,5% afirmaram não ter assimilado uma identidade japonesa.

A crescente população brasileira no Japão também incentivou a criação de redes de apoio ao imigrante brasileiro pela comunidade japonesa, dentre eles o Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior (CIATE), cujo objetivo é fornecer apoio legal, conferências organizadas e publicações sobre os *dekasseguis*; e, a Comissão de Estudos dos Assuntos Relacionados ao *Dekassegui*, que tem como proposta discutir assuntos relacionados à educação e adaptação das crianças brasileiras (K. Sasaki, 2008). Há também vários postos de atendimento em português criados pela comunidade japonesa e também pela própria comunidade brasileira que fornecem informações sobre emprego, documentos e pagamento de impostos (Miura, 1997).

A partir de 2000, começou a surgir no Japão a imigração de outro perfil de brasileiros, a dos jovens universitários entre 20 e 40 anos que ocupam serviços temporários, os chamados *arubaitos*, nas indústrias japonesas. Com o objetivo de suprir a demanda por serviços no final do ano, muitas empresas japonesas abrem programas de intercâmbio de férias destinadas a estudantes universitários nipo-brasileiros para trabalhar por um período de até três meses na linha de produção. Os altos salários pagos pelas empresas têm atraído diversos universitários que percebem na oportunidade a chance de conhecer o Japão e conseguir ganhar um dinheiro extra, e, tem contribuído para o aumento da permanência desse grupo no país (Fugii, 2008).

O número expressivo de imigrantes brasileiros no Japão, o aumento da sua importância econômica e social nos cenários japonês e brasileiro e o contexto complexo e dinâmico característico desta imigração descrito anteriormente têm impulsionado diversos estudos pelas várias áreas do saber, dentre elas a Educação, Sociologia, Antropologia, Geografia, Administração e Psicologia. Os estudos sobre esse grupo são relativamente novos, tendo em vista que o início da imigração desse grupo no Japão foi há cerca de 27 anos. Yano

(2013) aponta que inicialmente, essas pesquisas foram conduzidas e mais fortemente ressaltadas por pesquisadores japoneses e estrangeiros e mais tardiamente o tema atraiu a atenção de estudiosos brasileiros. Apesar do aumento dos estudos sobre o tema e sobre esse grupo, ainda há uma imensidão de fatores a serem explorados tamanha a complexidade presente neste contexto. Esse cenário se configura como um campo fértil para as pesquisas em diversas áreas e a Psicologia Transcultural tem muito a contribuir com seus conhecimentos singulares a fim de se buscar uma melhor compreensão dos encontros interculturais, dentre eles entre Brasil e Japão.

#### **1.4 Migração e Psicologia**

A migração é uma área com implicações e repercussões que atravessam fronteiras geográficas e acadêmicas. Por mais de quarenta anos, o tema tem sido discutido mais frequentemente por algumas disciplinas das ciências sociais, incluindo a Sociologia, Economia, Antropologia, História, Ciência Política e Geografia (Jansen, 1969). Uma área na qual a Psicologia deveria ter apresentado um engajamento forte há tempos. Porém, o que se verifica é uma contribuição tardia se comparada às outras áreas do conhecimento. Nos Estados Unidos, por exemplo, um evento acadêmico simbolizou este interesse tardio da Psicologia pelas questões de imigração. Em 1994, um grupo de acadêmicos foi convidado a organizar o estado da arte sobre imigração internacional e a identificar áreas para pesquisas futuras. Dentre os vários grupos de cientistas, antropólogos, historiadores, cientistas políticos, economistas e sociólogos, não havia nenhum psicólogo participando deste projeto (Deaux, 2000).

A escassez dos estudos sobre migração era, então, algo comum na Psicologia até recentemente quando os contatos interculturais começaram a despertar o interesse de psicólogos, especialmente dos psicólogos culturais e transculturais. No entanto, questões

essenciais e complexas da migração, como os processos intraindividuais e intergrupais são temas antigos, básicos e próprios de diversas áreas da Psicologia (Dovidio & Esses, 2001). Dessa forma, mesmo que tardiamente, essa área de conhecimento tem muito a contribuir e aprender com o fenômeno migratório. A temática da migração pode se beneficiar com uma abordagem mais interdisciplinar cujos conhecimentos singulares da Psicologia complementariam as análises econômicas, demográficas, políticas e sociológicas. Dovidio e Esses (2001) acrescentam ainda que com conhecimentos advindos das pesquisas sobre suporte político, atitudes intergrupais, multiculturalismo, identidade étnica e aculturação, os psicólogos podem contribuir para uma melhor compreensão dos fatores que acarretam em uma imigração bem-sucedida. Por outro lado, estes estudos também têm muito a oferecer à Psicologia, em especial ao criar oportunidades de explorar, em um contexto mais complexo, aspectos das relações intergrupais que não são captadas em pesquisas tradicionalmente conduzidas pelos psicólogos em um único ambiente cultural (Dovidio & Esses, 2001). Além disso, os conhecimentos adquiridos pela Psicologia podem fazer contribuições que possibilitam ir além do âmbito teórico da migração, mas também no que diz respeito à construção de políticas públicas e outros programas de intervenção. A influência da Psicologia no cenário político de migração tem sido ampliada, porém sua atuação ainda é incipiente e limitada pois o que se verifica é que grande parte das ações governamentais não têm sido fundamentada nos achados acadêmicos dessa área, mas sim em preferências pessoais e pressões políticas (Berry, 2001).

A Associação Americana de Psicologia (APA, 2013) apresenta que os estudos sobre migração estão gradativamente aumentando, mas ainda carece de uma compreensão ampla e suficiente devido à complexidade do fenômeno. Essa organização recomenda que para expandir os conhecimentos sobre os migrantes, a Psicologia precisa ponderar alguns aspectos importantes ao lidar com essa população. As recomendações referem-se a considerar a

influência dos contextos sociais, o papel da cultura neste processo de inserção ao novo ambiente e o caráter resiliente dos migrantes que, ao se depararem com uma série de estressores no novo ambiente demonstram capacidade em lidar com os novos desafios. No campo prático, as recomendações se estendem aos profissionais que atuam com migrantes em diversos ambientes, dentre eles as escolas, centros comunitários, clínicas e hospitais. De acordo com essa associação (APA, 2013), a prática do psicólogo precisa estar sintonizada com a realidade dos familiares dos imigrantes e dos membros da comunidade como forma de garantir um suporte mais ético e adequado aos imigrantes e suas famílias. Além disto, uma análise mais ampla das necessidades dessa população por meio da prática, pesquisa, educação e domínios públicos também requer uma reflexão sobre as implicações complexas desse fenômeno para os cidadãos, profissionais e pesquisadores e um diálogo interdisciplinar entre esta disciplina e as outras áreas do saber.

Da maneira semelhante, Dovidio e Esses (2001) também apresentam algumas recomendações sobre os estudos sobre migração na Psicologia e sugerem que os pesquisadores adotem uma perspectiva mais ampla sobre as relações intergrupais. Ainda segundo esses autores, a análise das ações históricas e contemporâneas das sociedades é fundamental para se compreender as relações estabelecidas com a questão da migração, ou seja, é preciso compreender a influência exercida pela história, tradições e princípios culturais nas atitudes e práticas em relação aos imigrantes. A cultura, nesse cenário, desempenha um papel essencial na formação da percepção de si e do outro e das relações entre o self e o outro e, então, apresenta-se como um elemento crítico para os estudos da migração. Compreender a relação entre grupos demanda explorar conteúdos da cultura e da história das sociedades envolvidas (Dovidio & Esses, 2001).

Historicamente, as contribuições da Psicologia aos estudos dos contatos interculturais podem ser agrupadas em dois grandes domínios: os estudos de aculturação e o das relações

intergrupais (Berry, 2001). O primeiro tem suas raízes na Antropologia e tem sido foco da Psicologia Transcultural e Psicologia Intercultural. O segundo tem suas origens na Sociologia e tem sido adotada pela Psicologia Social. Já Ward (2004) argumenta que os estudos dos encontros interculturais pela Psicologia podem ser didaticamente agrupados em três vertentes teóricas: a do estresse e enfrentamento (*coping*), da aprendizagem cultural e a da identificação social. As bases teóricas destas três principais correntes têm suas raízes em teorias da Psicologia Social, Experimental e da Saúde que foram aplicadas ao contexto da migração a partir de diversas pesquisas com *sojourners*, imigrantes, refugiados e outros grupos migrantes. Ward, Bochner e Furnham (2001) têm apresentado estas três abordagens como o ABC (*Affective, Behavioral e Cognitive*) da aculturação, referindo-se aos aspectos afetivos, comportamentais e cognitivos do contato cultural. Os componentes afetivos do contato intercultural têm sido enfatizados na abordagem do estresse e enfrentamento, os componentes comportamentais na abordagem da aprendizagem cultural e as variáveis cognitivas priorizadas na abordagem da identidade social.

A abordagem do estresse e enfrentamento fundamenta-se nos trabalhos de Lazarus e Folkman (1984) para compreender os fenômenos interculturais. O principal expoente dessa corrente é o pesquisador John W. Berry que tem se dedicado ao estudo da aculturação a partir do paradigma do estresse aculturativo, cujo principal foco são os fatores emocionais da aculturação, tais como bem-estar e satisfação com a vida (Berry, 1997). Pesquisadores dessa abordagem estão especialmente interessados em estudar os deslocamentos transculturais e analisar os fatores individuais e situacionais que facilitam ou dificultam o ajustamento ao novo ambiente cultural (Ward, 2004).

O paradigma da aprendizagem cultural apresenta grande influência dos estudos de Argyle (1969) sobre habilidades sociais e comportamentos interpessoais. Essa abordagem é baseada no pressuposto que os problemas interculturais surgem porque os indivíduos

apresentam dificuldades em manejar demandas culturais específicas. Por esta razão, o foco dos pesquisadores é no aprendizado de comportamentos ou habilidades culturais específicos requeridos para lidar com as exigências do novo ambiente. É uma área mais aplicada do que as outras já que pressupõe que as habilidades podem ser adquiridas com a aplicação dos mesmos princípios básicos da aprendizagem. Possui como principais populações de interesse os *sojourners*, dentre eles estudantes internacionais e executivos expatriados (Ward, 2004).

A abordagem da identidade social está associada às teorias contemporâneas de identificação social e cognição e tem como foco os estudos sobre os processos cognitivos que permeiam as percepções e relações entre os grupos em contato. A grande influência desta abordagem é atribuída à Teoria da Identidade Social de Tajfel e Turner (1979) que enfatiza a necessidade humana de pertencer a grupos e procura compreender como e por que a relação com os grupos sociais acontece. Outra influência importante é atribuída à Teoria da Ameaça Integrada de Stephan e Stephan (2000) que tem como preocupação principal a percepção das relações intergrupais. Pesquisadores desta abordagem tem se dedicado aos estudos de percepção de preconceito e discriminação entre grupos culturais (Ward, 2004). Mais recentemente, a perspectiva de Integração de Identidade Bicultural de Benet-Martínez e colaboradores (Benet-Martínez, Leu, Lee, & Morris, 2002) também representa uma importante contribuição para os estudos desta abordagem ao focalizar nas percepções subjetivas das identidades dos indivíduos biculturais.

Uma abordagem mais recente ao tema de migração pela Psicologia é a perspectiva do desenvolvimento cujas bases teóricas ainda não estão tão claramente definidas como as outras abordagens, mas que tem se apresentado como uma iniciativa de incluir questões do desenvolvimento humano nos estudos dos encontros interculturais. Uma influência teórica é o modelo ecológico de Bronfenbrenner (1979) que destaca a importância da interligação entre os contextos envolvidos no processo de desenvolvimento humano. O foco dos estudos que



adotam esta vertente recai nas experiências de crianças e adolescentes de família migrantes e nas maneiras como o encontro intercultural pode afetar o desenvolvimento destes indivíduos (Sam & Berry, 2010).

Neste presente estudo, busca-se uma integração das principais abordagens teóricas apresentadas por Ward (2004) e Berry (2001) já que combina elementos das teorias do estresse e enfrentamento, da aprendizagem cultural e da identidade social. Conforme afirma Berry (2001), apesar de cada domínio ser fundamentado em teorias diferentes, estas áreas parecem convergir em alguns aspectos essenciais do fenômeno da migração, em especial com relação às estratégias de aculturação e de identidade desenvolvidas pelos indivíduos no contato com os anfitriões. Além disto, envolvem questões importantes e complexas dos encontros interculturais e podem contribuir conjuntamente para a compreensão do fenômeno da migração. Na próxima seção, serão apresentadas as definições de aculturação, os principais modelos existentes e o quadro teórico que fundamenta este estudo.

### **1.5 Definição de aculturação**

O avanço dos processos migratórios e da importância atribuída à cultura na explicação e compreensão do comportamento humano contribuiu para o aumento do interesse sobre os estudos dos encontros interculturais. Sam e Berry (2006) destacam que por volta de 1960, muitos psicólogos começaram a se preocupar com o viés cultural das pesquisas conduzidas na Psicologia. Muitas pesquisas estavam sendo realizadas por um pequeno grupo em apenas uma parcela do mundo, e os resultados, métodos e instrumentos eram utilizados de maneira inadequada por pesquisadores de todas as partes do globo. Esses problemas passaram a ocupar o foco dos objetivos da Psicologia Transcultural cuja questão central era estudar as influências culturais no comportamento humano (Sam & Berry, 2006). Com o aumento dos estudos sobre cultura, muitos psicólogos transculturais também se tornaram interessados em

investigar como as pessoas que nascem e crescem em uma dada cultura gerenciam suas vidas em outra cultura diferente. Iniciavam-se assim, os estudos sobre aculturação pelos psicólogos transculturais.

Embora a palavra aculturação seja bastante comum em diversas áreas acadêmicas nas discussões sobre imigrantes e refugiados, o significado desse termo e sua operacionalização dentro das ciências sociais ainda permanecem incertos. Essa confusão conceitual tem limitado as trocas de conhecimentos entre as diversas áreas que se propõem a estudar o fenômeno, dentre elas a Antropologia, Sociologia e a Psicologia Transcultural (Sam & Berry, 2006). Os primeiros significados de aculturação foram formulados pelos antropólogos e a definição mais clássica de aculturação é apresentada por Redfield et al. (1936). Segundo esses autores, a aculturação compreende “os fenômenos que ocorrem quando grupos de indivíduos que possuem diferentes culturas entram em contato contínuo de primeira mão, com posteriores alterações nos padrões culturais originais de um ou ambos os grupos” (Redfield et al., 1936, p. 149). Nessa definição, verifica-se a ênfase atribuída às mudanças culturais que ocorrem em ambos os grupos, o grupo anfitrião ou dominante e o grupo migrante ou não-dominante, em decorrência do contato prolongado entre eles (Berry, 2005).

Frequentemente, o termo aculturação tem sido usado especialmente por sociólogos e antropólogos como sinônimo de assimilação. Sam e Berry (2010) apontam que é importante fazer a distinção entre os dois termos, sendo que a assimilação corresponde à apenas uma fase do processo de aculturação ou uma maneira como os indivíduos ou grupos lidam com os encontros interculturais e o termo aculturação abrange um fenômeno mais amplo que inclui uma série de processos e consequências grupais e individuais, caracterizado pelas influências mútuas entre os dois grupos durante o contato entre eles e que inclui como uma das possibilidades de interação intergrupar, a assimilação. Organista, Marin e Chun (2010) apontam ainda que essas diferenças de terminologia têm gerado confusões que refletem não

apenas diferentes significados para o mesmo termo, mas também a ênfase acadêmica atribuída ao fenômeno. Enquanto sociólogos e antropólogos priorizam as características grupais, tais como as formas de participação e interação dos grupos em contato; os psicólogos por outro lado, tendem a enfatizar os fatores individuais, como as mudanças de valores, atitudes e comportamentos. Essa situação tem dificultado um avanço teórico sobre o fenômeno da aculturação e não tem favorecido pesquisas interdisciplinares.

Em 1954, o Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais dos EUA (*Social Science Research Council*, SSRC) apresentou uma outra definição de aculturação. Segundo essa organização, a aculturação pode ser conceituada como:

mudança cultural que é iniciada pela conjunção de dois ou mais sistemas culturais autônomos. Mudança aculturativa pode ser a consequência de transmissão cultural direta; pode ser derivado de causas não culturais, tais como alteração ecológica ou demográfica induzida por uma cultura usurpadora; pode ser adiada, como com ajustes internos seguidos de aceitação de traços ou padrões estrangeiros; ou pode ser uma adaptação reativa de modos tradicionais de vida (*Social Science Research Council*, 1934, p. 974).

Nessa segunda conceituação, alguns aspectos se diferenciam da definição proposta por Redfield et al. (1936). Nessa definição, verifica-se a inclusão das mudanças indiretas não somente culturais, mas também ecológicas ou demográficas. Essa definição admite a compreensão de que o fenômeno pode ser seguido de aceitação e incorporação da cultura externa, assim como um caráter reativo, de rejeição das características do grupo dominante e a adoção de estilos mais tradicionais ou originais de vida (Berry, 2005).

Verifica-se também, que nas duas definições apresentadas, enfatiza-se o padrão de interação intergrupar no processo de aculturação, isto é, o pressuposto de que tanto o grupo ou indivíduo imigrante como o grupo ou indivíduo anfitrião sofrem e exercem influências entre si que provocam mudanças em ambas as partes. Porém, essa proposta nem sempre foi a mais aceita na academia, uma visão unidimensional ou unidirecional abordava a aculturação como um fenômeno que ocorria prioritariamente no indivíduo ou grupo imigrante (Lakei,

2003) ou que ocorria em apenas uma direção, do grupo imigrante em direção ao grupo anfitrião. Nesse sentido, a aculturação era entendida como um movimento que se expressava ao longo de uma linha contínua, sendo que em uma ponta estaria a retenção da cultura original e no outro extremo a adoção da cultura anfitriã (Safdar, Chuong & Lewis, 2013). Esta visão unidimensional ou unidirecional foi predominante nos Estados Unidos no início do século XX e refletia o paradigma do “*melting pot*” (Organista et al., 2010), palavra que pode ser traduzida como “cadinho”, da imagem de um recipiente no qual são fundidos materiais a altas temperaturas, ou ambiente onde todas as culturas se misturariam formando um amálgama. Esse paradigma pode ser caracterizado pelos ajustamentos sucessivos ao novo ambiente e perdas graduais das características originais (Gordon, 1964). Este modelo teve como parâmetro as imigrações europeias nos Estados Unidos durante o século XIX em que a aquisição da linguagem e aspectos culturais da cultura anfitriã culminaram em uma “americanização” dos novos moradores (Van de Vijver, 2015). Como exemplo dessa perspectiva, Marden e Meyer (1968) definiram a aculturação como “a mudança nos indivíduos cuja principal aprendizagem tem sido em uma cultura e que passa a assumir traços de outra cultura” (Marden & Meyer, 1968, p. 36). Entretanto, nas três últimas décadas, essa visão unidimensional foi duramente criticada pelos estudiosos da área que passaram a adotar a aculturação como um processo bidimensional, incluindo a cultura original e a cultura anfitriã como elementos importantes para melhor compreender o fenômeno do contato intercultural (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006). Em linhas gerais, os modelos bidimensionais assumem que os indivíduos ou grupos (imigrantes e anfitriões) podem se relacionar e identificar com ambas as culturas ou mais fortemente com uma e menos com outra.

Embora as primeiras definições de aculturação tenham sido desenvolvidas por antropólogos que buscavam descrever o fenômeno como um processo grupal, enfatizando

especialmente o contato entre nações em desenvolvimento com os países desenvolvidos e industriais com o objetivo de analisar as transformações nos padrões culturais ocorridas entre eles (Olmedo, 1979). Mais recentemente, o termo tem sido largamente utilizado como um fenômeno individual referindo-se às transformações que acontecem nos indivíduos (Sam & Berry, 2010). O interesse pelas mudanças ocorridas em nível individual deu origem ao termo aculturação psicológica que se diferencia das transformações em nível grupal (Graves, 1967). Segundo Berry (2005) essa diferenciação é necessária visto que os psicólogos transculturais adotam uma perspectiva de interação entre indivíduo e o ambiente e, dessa maneira, diferentes conceitos e medidas devem ser usados para cada nível. Adicionalmente, é importante ressaltar que nem todos os indivíduos apresentam os mesmos padrões de aculturação. Existem diversas variações individuais mesmo entre indivíduos provenientes do mesmo contexto cultural e que se deslocam para o mesmo ambiente. Faz-se necessário ressaltar que para os objetivos deste estudo, a aculturação foi analisada e avaliada em nível individual, portanto, a aculturação psicológica é tema central desta pesquisa.

### **1.5.1 Aculturação Psicológica**

A aculturação psicológica pode ser conceituada como um processo fluido e dinâmico em que o indivíduo negocia duas ou mais culturas e que acarreta mudanças de normas, valores, atitudes, comportamentos e hábitos com o objetivo de se ajustar às novas demandas contextuais (Berry, 2005). Embora o contato intercultural saliente as diferenças culturais entre os grupos ou indivíduos e provoque mudanças em ambos, as consequências da migração são mais intensamente percebidas e afetadas nos indivíduos ou grupos imigrantes (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006). Organista et al. (2010) acrescentam que a aculturação é um processo que se estende a todos os indivíduos que estão sujeitos ao encontro com uma cultura diferente, dentre eles os imigrantes, refugiados, *sojourners* e inclusive os turistas. Da

mesma maneira, Berry (1997) afirma ainda que os processos básicos da aculturação parecem ser comuns a todos os grupos, mas o que varia é o curso, o nível de dificuldade e as consequências do contato para cada um. A voluntariedade, a mobilidade e a permanência de cada grupo contribuem significativamente para esta variação de padrão de respostas migratórias. Dessa maneira, os turistas, que tendem a ficar não mais do que algumas semanas, não vivenciam a experiência de maneira a provocar grandes mudanças (Organista et al., 2010). Por esses motivos, os grupos mais estudados são os imigrantes e os chamados *sojourners*, em especial os estudantes internacionais e os executivos expatriados (Van de Vijver, 2015). Além disso, a aculturação é um fenômeno que não se limita apenas aos que migram, mas afeta várias gerações. Filhos, netos e bisnetos desses imigrantes estão constantemente sofrendo alterações de valores, atitudes e comportamentos como consequência do contato com uma cultura diferente.

Conforme apresentado na seção anterior, a aculturação psicológica envolve mudanças afetivas, cognitivas e comportamentais nos indivíduos e essas mudanças são chamadas de ABC (*Affective, Behavioral e Cognitive*) da aculturação (Ward, 2001). Essas transformações têm sido frequentemente foco de interesse de pesquisadores e têm sido investigadas com base nas teorias do Estresse e Enfrentamento, Teoria da Aprendizagem Cultural e Teorias de Identidade Étnicas. Nas próximas três seções, essas teorias serão apresentadas.

#### **1.5.1.1 Aspectos afetivos da aculturação psicológica: Uma visão pelas teorias do Estresse e Enfrentamento**

Os encontros interculturais são frequentemente acompanhados por algum tipo de conflito, seja ele individual ou intergrupais. Os conflitos intergrupais normalmente ocorrem quando o motivo do contato é hostil ou quando há disputa por recursos escassos. Já nos indivíduos, o conflito psicológico pode ser originado, por exemplo, quando o indivíduo

endossa valores diferentes dos que são priorizados pela sociedade receptora. Partindo desse pressuposto, Berry (1997) propôs o termo estresse aculturativo, definido como a resposta dos indivíduos aos eventos estressores provenientes do processo de aculturação. Berry (1997) adotou essa nomenclatura, ao contrário do termo choque cultural (Oberg, 1960), também encontrado na literatura de aculturação, pois esse último apresenta uma conotação pejorativa sugerindo que a experiência migratória é sempre acompanhada de resultados negativos intensos aos grupos ou indivíduos em contato. A preferência pelo termo estresse é pela pressuposição de que os encontros interculturais podem ter consequências negativas, de maneira geral moderadas, como experiências de discriminação, assim como podem acarretar vivências positivas, como a criação de novas oportunidades (Berry, 1997). Assim, o processo de aculturação é percebido por Berry (1997) como uma experiência de vida significativa que acarreta uma série de mudanças que podem ser percebidas pelo migrante como positivas ou negativas. A partir disso, o indivíduo pode adotar uma série de estratégias (estratégias de enfrentamento) na tentativa de lidar com os estímulos estressores. Quando as experiências de aculturação são acompanhadas de uma percepção positiva e as mudanças comportamentais individuais acontecem sem grandes dificuldades, diz-se que houve um ajustamento. Este termo é utilizado na literatura (Ward, 1996) para se referir ao caráter adaptativo das mudanças individuais em direção à uma acomodação cultural na sociedade anfitriã. Berry (1997) afirma ainda que níveis ótimos de estresse de aculturação podem ser adaptativos, servindo como motivador para as mudanças necessárias. Todavia, se as estratégias utilizadas forem insuficientes ou inadequadas e a experiência de aculturação for percebida como negativa, o estresse de aculturação pode se desenvolver de maneira negativa, frequentemente manifestado através de crises pessoais, depressão e ansiedade. A partir desta perspectiva, assume-se que os encontros interculturais incitam fatores estressores neste processo de mudança de vida dos indivíduos e estratégias de enfrentamento devem ser desenvolvidas ou

aprimoradas para o melhor manejo das situações. Em síntese, os componentes afetivos da aculturação psicológica referem-se aos fatores psicológicos relacionados ao estresse de aculturação, bem-estar emocional e satisfação com as novas demandas contextuais (Bochner, 2003).

### **1.5.1.2 Componentes comportamentais da aculturação psicológica: A influência do paradigma da Aprendizagem Cultural**

Os contatos interculturais são comumente associados a problemas em gerenciar a vida cotidiana no novo ambiente. A adaptação pode ser alcançada ao se desenvolver comportamentos específicos para lidar com cada situação. Desta forma, o paradigma da aprendizagem cultural é adotado no contexto de aculturação de forma a enfatizar o papel das habilidades e interações sociais. O seu objetivo consiste em identificar diferenças interculturais nas formas de comunicação, regras, convenções e normas que são frequentemente motivos de desentendimentos. Assim, para que haja uma interação mais efetiva, esse paradigma defende a ideia de que os indivíduos devem desenvolver ou aprimorar respostas comportamentais específicas e adequadas às demandas do ambiente (Masgoret & Ward, 2006).

Um grande número de pesquisadores dessa linha tem se dedicado ao estudo da comunicação como determinante da competência intercultural (Kim, 1991; Gudykunst, 1993). Observa-se que a maioria desses estudos se limita à análise da fluência no idioma e à quantidade do contato intercultural, menosprezando a qualidade da interação e o efeito da comunicação na efetividade intercultural. Ward e Kennedy (1994) expandiram os conceitos de efetividade social e de comunicação e criaram o termo adaptação sociocultural. Este termo inclui os comportamentos necessários para lidar com as novas demandas ambientais e situa a habilidade no idioma e as habilidades de comunicação como questões centrais. A importância



da fluência no idioma é clara já que ela desempenha um papel importante na execução das tarefas diárias, na quantidade e qualidade nas interações interculturais, ou seja, é prioritariamente através dela que a informação cultural é repassada. Entretanto, a habilidade na comunicação não se limita ao idioma, envolve os comportamentos e expressões não-verbais. A comunicação não-verbal refere-se aos gestos, posturas e contatos corporais, expressões das emoções, formas de cumprimentos e despedidas. Essas ações não-verbais variam de cultura para cultura e são carregadas de significados implícitos que desafiam aqueles que não são familiarizados com determinado contexto. A definição de adaptação sociocultural também aponta para o papel da efetividade das interações, que são os comportamentos associados ao conhecimento e habilidade no uso das normas, regras, práticas e convenções específicas a determinado ambiente. Masgoret e Ward (2006) assinalam que essas diferenças culturais nas regras e convenções têm sido frequentemente pesquisadas por meio de variações nos valores individuais ou culturais, em especial, a dimensão do individualismo e coletivismo tem sido destacada nestes estudos. Nos encontros interculturais, essas diferenças são percebidas por exemplo, nas formas de negociação e comunicação. O estudo de Ting-Toomey (2004) é um exemplo que destaca as diferenças culturais expressadas através do individualismo e coletivismo nas maneiras de fazer um pedido, se desculpar, tomar decisões, ser educado e lidar com conflito.

De maneira geral, Bochner (2003) divide a dimensão comportamental em três subcategorias: ajustamento instrumental, ajustamento interacional e ajustamento relacional. O primeiro pode ser definido como a capacidade de se deslocar e navegar no novo ambiente, como, por exemplo, utilizar o transporte público. O segundo refere-se à habilidade em estabelecer relações causais com os anfitriões, tais como reclamar sobre um serviço insatisfatório. Já o ajustamento relacional está relacionado à capacidade em construir amizades não-triviais e redes de contato com os anfitriões (Bochner, 2003).

### **1.5.1.3 Elementos cognitivos da aculturação psicológica: O papel das teorias de identidade étnica**

Tradicionalmente, os elementos cognitivos da aculturação têm sido estudados por meio das percepções e relações individuais e grupais. Liebkind (2006) destaca que uma variável frequentemente pesquisada nesse contexto é a identidade étnica. Essa pode ser conceituada como o senso de afiliação de um indivíduo a um grupo étnico particular e que envolve auto-identificação, sentimento de pertencimento e comprometimento, compartilhamento de valores e atitudes de um grupo. Na literatura de aculturação, os conflitos de identidade étnica provenientes do contato intercultural são frequentemente associados à escolha entre manter a identidade original e/ou adotar a anfitriã. A mesma autora acrescenta que a identidade étnica é apenas um dos aspectos envolvidos nas estratégias adotadas pelos indivíduos na relação com a cultura anfitriã e original. Essa relação, que será apresentada com detalhes mais adiante, chama-se estratégia ou orientações de aculturação e refere-se a um conjunto de comportamentos, atitudes e valores relacionados às duas culturas em questão (Liebkind, 2006).

Alguns estudos sobre os aspectos cognitivos da aculturação têm se dedicado aos fatores decisivos para a formação da identidade étnica (Liebkind, 2006). Circunstâncias contextuais locais parecem exercer forte impacto na construção dessa identidade, aparentemente muito mais significativo do que as políticas públicas de imigração, por exemplo. Essas circunstâncias ou fatores locais referem-se à dispersão ou concentração de determinado grupo, às características das relações pessoais (familiares e entre pares) e ao ambiente de atividades (escolar e vizinhança) existentes no ambiente anfitrião. Para algumas minorias étnicas essas condições locais podem influenciar as diferentes relações estabelecidas entre anfitriões e imigrantes, que podem variar de racismo, preconceito e discriminação bem como experiências de suporte social e laços de amizade e, como consequência, podem ser

fundamentais para se compreender a construção da identidade étnica no novo ambiente (Liebkind, 2006).

Outro grupo de estudiosos relaciona a identidade étnica a qualquer outra identidade social (Liebkind, 2001), sendo a teoria de identidade social de Tajfel (1974) e Tajfel e Turner (1979) uma das mais empregadas. De acordo com esta teoria, a autoimagem dos indivíduos é composta pela identidade pessoal e a social. As cognições individuais são socialmente construídas a partir do endogrupo ou de outras referências coletivas e as sociais e estão intimamente relacionadas ao pertencimento aos grupos. Desta forma, os indivíduos pensam, sentem e agem como membros de grupos coletivos, instituições e culturas. Essa teoria considera não somente a tendência dos grupos em favorecer os membros internos como também a inclinação para desvalorizar os grupos externos. Grupos migrantes assim como outras minorias estão frequentemente sujeitos a atitudes estereotipadas e preconceituosas pelos membros da cultura dominante (Ward & Leong, 2006). Se os indivíduos percebem seu grupo como estigmatizado por alguma característica grupal, como exemplo, pela origem étnica ou raça, esses podem se tornar menos propensos a se envolverem com a cultura local e adquirirem uma identidade cultural da sociedade anfitriã. Neste contexto de aculturação, Liebkind (2006) aponta que há também várias ameaças à identidade étnica original. Algumas ameaças envolvem a identidade social e se associam à perda de status do grupo, outras ameaças podem ser provenientes dos grupos nos quais os indivíduos não fazem parte, os exogrupos, que desafiam os valores e a identidade do endogrupo. A relação estabelecida entre esses grupos pode se manifestar através de conflitos e comportamentos de discriminação que desafiam a manutenção da identidade étnica original ou a aquisição da identidade da cultura anfitriã.

Em resumo, Bochner (2003) divide a dimensão cognitiva em três componentes distintos. O primeiro componente é o interesse por outras culturas. O segundo refere-se ao

grau de tolerância para as diferenças culturais. Por fim, o último componente relaciona-se às atitudes positivas em relação aos ambientes culturais novos e não-familiares.

## **1.6 Modelos ou quadros teóricos de Aculturação**

O aumento do interesse sobre aculturação pelos psicólogos transculturais impulsionou a criação de diversos modelos de aculturação na tentativa de explicar o fenômeno do contato intercultural (Smith & Khawaja, 2011). Dentre os modelos ou quadro teóricos bidimensionais existentes, destacam-se o quadro teórico proposto por Berry (1997), o Modelo de Aculturação Interativo (*Interactive Acculturation Model - IAM*), (Bourhis, Moise, Perreault, & Senecal, 1997), o Modelo de Aculturação de Concordância (*Concordance Model of Acculturation – CMA*) (Piontkowski, Rohmann & Florack, 2002), o Modelo Estendido de Aculturação Relativa (*Relative Acculturation Extended Model - RAEM*) (Navas et al., 2006), o Modelo Aculturativo Multidimensional de Diferença Individual (*Multidimensional Individual Difference Acculturation - MIDA Model*) (Safdar, Lay & Struthers, 2003) e o quadro teórico apresentado por Arends-Tóth e Van de Vijver (2006). A seguir, cada um desses modelos ou quadros teóricos citados será apresentado a partir da descrição dos seus objetivos, variáveis investigadas e características gerais.

### **1.6.1 O quadro teórico de Berry.**

Berry (1997) propôs um quadro teórico para o fenômeno da aculturação em que explicita e relaciona as variáveis individuais e grupais presentes no encontro entre duas ou mais culturas. Esse quadro teórico proposto por Berry “serve como um mapa dos fenômenos que precisam ser conceituados e mensurados durante a pesquisa de aculturação” (Berry, 2005, p. 702). A palavra quadro teórico é utilizada visto que é uma proposta teórica e não

deve ser entendida como um modelo, mas como uma estrutura conceitual ampla que pode ser útil para a construção de modelos (Berry, 1997).

Nesse quadro teórico, Berry (1997) divide as variáveis em nível cultural ou grupal e em nível individual ou psicológico. Em nível cultural, ele identifica dois ou mais grupos em contato (A e B), discrimina os contextos culturais de cada grupo e a dinâmica resultante das mudanças culturais em ambos os grupos e nos grupos etnoculturais. Em nível individual, ele apresenta as mudanças psicológicas que acontecem nos indivíduos ou grupos, que podem ser alterações comportamentais ou o estresse aculturativo, manifestado por sensações de insegurança, ansiedade e depressão. Já a adaptação, que corresponde aos resultados da aculturação, é dividida em psicológica (relacionadas ao bem-estar e autoestima) e sociocultural (competência em lidar com as novas demandas externas).

Berry (1997) também destaca ser imperativo examinar o contexto cultural em que se desenrola o encontro entre as diferentes culturas. Ele destaca cinco aspectos do contexto cultural: as duas culturas originais, os dois grupos étnicos originados após o encontro intercultural e a natureza deste contato e das interações. Esses cinco elementos formam o conjunto de variáveis de nível cultural do processo de aculturação e estabelece um ponto inicial para o fenômeno em nível individual. Dessa maneira, uma análise cuidadosa do contexto cultural se faz necessária para a sociedade de origem e para a anfitriã. Na sociedade original, destacam-se as características que acompanham os indivíduos na inserção à outra cultura, tais como condições econômicas, demográficas e políticas. Essas podem ser utilizadas para compreender os motivos da migração e os padrões de interação que podem ser estabelecidos com a cultura receptora. Na sociedade anfitriã, as relações que os governos e a população receptora estabelecem com as questões de imigração e os suportes sociais destinados aos grupos imigrantes se configuram como um dos fatores principais que devem ser analisados para se compreender o fenômeno de aculturação.

As estratégias de aculturação desempenham papel central no quadro teórico de Berry (1997) e podem ser divididas pela perspectiva do grupo não-dominante e do grupo dominante. Sob a visão do grupo não-dominante, essas estratégias são criadas nas situações cotidianas vivenciadas pelos indivíduos ou grupos no contato com os membros da outra cultura e dizem respeito à manutenção de características importantes e de identidade da cultura original e ao contato e participação em atividades na cultura anfitriã. Estas estratégias consistem em dois componentes, o atitudinal que se relaciona às preferências individuais sobre como se relacionar com essas culturas e o comportamental que consiste nas ações cotidianas exibidas pelos indivíduos durante o contato intercultural.

A partir de duas questões básicas, de manutenção ou adoção de aspectos da cultura original e/ou da cultura anfitriã, quatro estratégias podem ser desenvolvidas pelos indivíduos ou grupos (Ver Figura 1). A assimilação ocorre quando os indivíduos optam por não manter sua identidade cultural original e escolhem adotar prioritariamente aspectos da outra cultura. A separação acontece quando os indivíduos valorizam manter a cultura de origem e evitam a interação e adoção de características da cultura receptora. Já quando os indivíduos escolhem por manter as características da cultura original como também adotar aspectos do outro grupo, pode-se dizer que houve integração. A última estratégia, a marginalização, é caracterizada pelo pouco interesse em manter a cultura original e pela desvalorização do contato e interação com a cultura anfitriã (Berry, 2005).

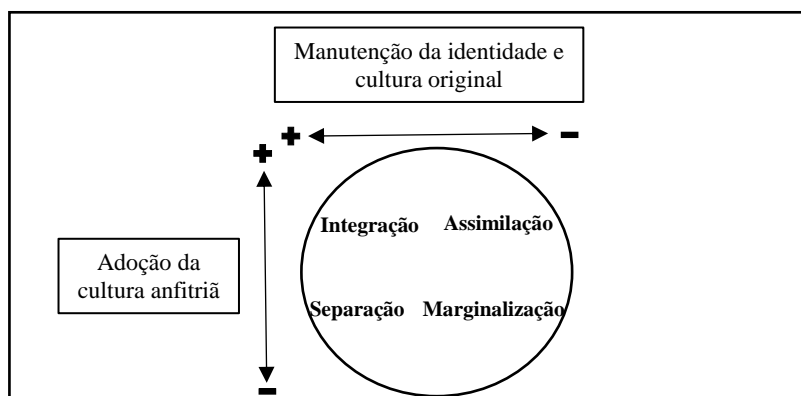


Figura 1. Estratégias de aculturação conforme o modelo de Berry (1997)

Essas estratégias são definidas levando-se em conta que os indivíduos têm a liberdade de escolher quais estratégias querem adotar durante o processo. Porém, há situações em que os indivíduos são privados dessa escolha, logo, outros termos devem ser definidos a partir de um outro ponto de vista. Como exemplo pode-se citar a influência dos aspectos relacionados às políticas nacionais para imigrantes na escolha das estratégias individuais. Estas políticas podem variar de um perfil de integração, que incentivam a cultura local e aceitam e promovem a manutenção de aspectos da cultura de origem do imigrante; de assimilação, caracterizadas pela criação de mecanismos estratégicos para que o imigrante adote a cultura receptora; até àquelas políticas caracterizadas pela marginalização, uma vez que manifestam a exclusão e não aceitação destes grupos em sua cultura e na cultura original. Estas situações possibilitam ou dificultam a manifestação da escolha da estratégia a ser adotada pelo imigrante, que por consequência influenciam nos resultados do processo de aculturação (Berry, 1997).

Além disto, apesar do indivíduo manifestar uma preferência coerente por uma estratégia, a adoção destas escolhas pode variar também dependendo de fatores situacionais e temporais. Assim, em locais privados (casa, família e na comunidade étnica) há uma tendência de os indivíduos manterem mais fortemente as características da cultura original do que em locais públicos (ambiente de trabalho e estudo, relacionados à política). Os fatores temporais estariam ligados ao tempo de aculturação e às condições próprias do desenvolvimento humano (relacionadas à idade) que ditariam quais estratégias seriam mais eficientes e satisfatórias para determinado momento (Berry, 1997).

Já as estratégias de aculturação compreendidas pela perspectiva do grupo dominante ou anfitrião abrange a influência que esse grupo exerce na maneira como o fenômeno da aculturação pode acontecer. A primeira estratégia é o chamado *Melting Pot*, acontece quando os grupos dominantes impulsionam a assimilação da sua cultura pelo grupo não-dominante.

A segunda estratégia é a segregação que ocorre quando os grupos dominantes impõem a separação. A estratégia de exclusão é quando a marginalização é imposta pelo grupo dominante e a última estratégia, o multiculturalismo, refere-se ao incentivo à integração entre as culturas envolvidas (Berry, 2005).

Outros componentes do modelo de Berry (1997) são os resultados da aculturação. O primeiro componente corresponde às mudanças de comportamento que abrangem processos como desprendimento, aprendizado e conflito culturais. Os dois primeiros processos envolvem perda seletiva, acidental e deliberada de comportamentos e a substituição desses por repertórios comportamentais que serão mais adequados ao novo ambiente cultural. No terceiro caso, o conflito ou as dificuldades em adaptar os comportamentos às novas demandas podem provocar o estresse de aculturação (Berry, 1997). O último componente do modelo de Berry (1997) é a chamada adaptação. Essa se refere às mudanças relativamente estáveis que acontecem com os indivíduos ou grupos como respostas às novas exigências contextuais. Estas mudanças não implicam necessariamente um ajuste às características ambientais, ou seja, a aproximação com os aspectos do novo ambiente não é um padrão que ocorre com todos os migrantes. Em alguns casos, os indivíduos ou grupos podem optar por resistir, mudar ou se esquivar dos novos elementos culturais. Desta maneira, o indivíduo ou grupo pode se situar dentro de um *continuum* que varia desde bem adaptado, em que apresentam extremas habilidades para lidar com o novo contexto, a mal-adaptado, quando as dificuldades e incapacidade de gerenciar a nova vida são mais fortemente presenciadas (Berry, 1997).

A adaptação cultural pode ser dividida em adaptação psicológica (interna) e adaptação comportamental ou social (externa) (Searle & Ward, 1990). A primeira inclui as consequências psicológicas, mais precisamente as emocionais e afetivas advindas deste processo de aculturação. Em outras palavras, é a experiência de conforto psicológico, bem-estar, saúde mental e satisfação com a vida na nova cultura. Já a adaptação sociocultural



refere-se aos aspectos mais práticos e comportamentais que possibilitam uma atuação mais efetiva do imigrante nas suas interações do dia, ou seja, refere-se ao manejo das situações cotidianas no novo contexto social. Desta maneira, a adaptação sociocultural abrange as competências e conhecimentos necessários para lidar com as demandas da nova sociedade (Searle & Ward, 1990).

O modelo de Berry também considera uma série de aspectos que pode atuar como variáveis moderadoras ou mediadoras visto que parecem interferir na relação entre estas variáveis. Essas relações de mediação ou moderação são fundamentadas em estudos empíricos conduzidos por diferentes pesquisadores que testaram o papel de diferentes fatores em variados contextos de aculturação e que Berry (1997) as reúne em seu modelo e as separam em fatores existentes antes da experiência de aculturação e os fatores que surgem durante a experiência. Entre as variáveis que estão presentes antes do deslocamento e que interferem na dinâmica do processo de aculturação, destacam-se o papel da idade, gênero, educação, experiência prévia de aculturação, status, motivação para a migração, expectativas, distância cultural entre as duas sociedades ou culturas em questão (por exemplo, idioma, religião) e fatores de personalidade como flexibilidade e locus de controle. Já com relação às variáveis que surgem durante a fase de aculturação, incluem-se o tempo de duração da migração, as estratégias de aculturação que foram definidas anteriormente, as estratégias de enfrentamento, suporte social e atitudes da sociedade receptora (preconceito e discriminação).

#### **1.6.2. Modelo de Aculturação Interativo - *Interactive Acculturation Model (IAM)*.**

O modelo de Bourhis et al. (1997) acrescenta algumas visões complementares ao modelo de Berry (1997) ao partir do pressuposto de que a aculturação é um processo interativo entre os grupos imigrantes e a comunidade anfitriã. Dessa maneira, os imigrantes assim como os membros da sociedade anfitriã exibem orientações ou preferências de

aculturação que determinam as relações entre eles. Esse modelo centra-se mais nas atitudes do que nos comportamentos e também nos resultados provenientes da concordância ou discordância entre as atitudes de aculturação do grupo imigrante e da sociedade receptora. Esse modelo é composto por três componentes, sendo o primeiro as orientações de aculturação adotadas pelos grupos imigrantes, o segundo formado pelas orientações adotadas pela sociedade anfitriã e o terceiro elemento são as consequências interpessoais e intergrupais que são produtos das combinações das orientações dos imigrantes e da comunidade anfitriã.

Este modelo descreve cinco estratégias de aculturação que os membros da sociedade receptora podem apresentar: integração, assimilação, segregação, exclusão e individualismo. Os três primeiros coincidem com as estratégias de Berry (1997) descritas anteriormente. As últimas duas representam uma variação da quarta estratégia de Berry, a marginalização. A exclusão seria resultante da atitude de intolerância por parte da sociedade receptora para com a manutenção cultural dos grupos imigrantes e, ao mesmo tempo, de negação dos direitos e oportunidades destes imigrantes para serem incorporados à comunidade. Já o individualismo estaria presente quando os anfitriões acreditam que as pessoas devem ser definidas como indivíduos ao invés de serem tratadas como membros de certos grupos. Os resultados do processo de aculturação dependeriam do ajuste entre as estratégias adotadas pelos imigrantes e as favorecidas pelos membros da sociedade anfitriã. Três níveis de ajuste são sugeridos neste modelo: o conflitual, que se configura como o pior dos resultados e acontece quando a sociedade nega o contato com os imigrantes e quando esses desejam manter as características originais e também negam o contato com a cultura receptora. O consenso se estabelece quando ambos os grupos endossam as estratégias de assimilação ou integração. Por fim, o problemático ocorre quando os membros da sociedade anfitriã e o grupo imigrante apresentam concordância parcial sobre as orientações de aculturação adotadas por cada um.

De maneira geral, Safdar, Chuong e Lewis (2013) apontam que esse modelo apresenta uma proposta interessante e viável ao dividir a estratégia de marginalização em duas categorias já que é uma iniciativa que está em consonância com a tendência de perceberem as pessoas ora como indivíduos ora como membros de grupos (Tajfel, 1974). Além disto, este modelo acrescenta valor ao caráter relacional entre as atitudes dos grupos imigrantes e da sociedade anfitriã (Safdar, Chuong & Lewis, 2013).

### **1.6.3 Modelo de Aculturação de Concordância (*Concordance Model of Acculturation – CMA*).**

Esse modelo construído por Piontkowski et al., (2000) também utiliza algumas propostas dos outros modelos, por exemplo, mantém as quatro estratégias de aculturação propostas no modelo de Berry (1997) e também adota a posição de Bourhis et al. (1997) de que os resultados da aculturação dependem do ajuste entre as estratégias de aculturação adotadas pelos imigrantes e as endossadas pelo grupo anfitrião. No modelo de Piontkowski e colegas (2002) busca-se também analisar a percepção que cada grupo possui da estratégia de aculturação adotada pelo outro grupo. Para estes autores, o consenso refere-se ao acordo entre dois grupos em duas questões, da manutenção e do contato. A comparação das atitudes anfitriãs com as do grupo imigrante dá origem a quatro níveis de concordância e discordância: o nível consensual em que as atitudes da sociedade anfitriã e a dos imigrantes estão em concordância, o nível problemático cultural que se caracteriza pela discordância entre as atitudes dos dois grupos no que se refere à questão de manutenção cultural étnica, o nível problemático de contato em que há uma dissonância entre as atitudes dos grupos na questão do contato e participação e, o nível do conflito, quando há discordância de atitudes em ambas as questões, de manutenção e contato, ou quando a sociedade receptora endossa a exclusão dos imigrantes. Uma contribuição importante desse modelo é descrita por Brown e

Zagefka (2011) que apontam para o fato que esse modelo assim como o de Bourhis et al. (1997) ampliam as possibilidades das consequências da aculturação para os grupos imigrantes e anfitriões relacionando-os à correspondência ou discordância das estratégias de aculturação adotadas por cada parte.

#### **1.6.4 Modelo Estendido de Aculturação Relativa (*Relative Acculturation Extended Model -RAEM*).**

Esse modelo foi construído por Navas et al. (2005) com o objetivo de utilizar as contribuições de outros modelos e acrescentar novos aspectos que indicaram serem importantes nas pesquisas conduzidas por esse grupo na Espanha. As contribuições e inovações que este modelo traz à literatura sobre aculturação podem ser resumidas em cinco pontos. O primeiro refere-se à consideração conjunta das estratégias de aculturação do grupo imigrante e da população anfitriã, ressaltando o impacto da diferenciação entre elas nas relações intergrupais. O segundo ponto relaciona-se à diferenciação dos vários grupos imigrantes por origem etnocultural. O terceiro está associado à inclusão de variáveis psicossociais já sugeridas na literatura e algumas novas (como exemplo, cita-se o viés endogrupal, percepção de enriquecimento grupal, permeabilidade da barreira intergrupala, entre outras) e de vários indicadores comportamentais (como exemplo, têm-se as práticas linguísticas, uso de mídia de comunicação, afiliação em associações e participação política). Estas variáveis complementam os dados sociodemográficos (idade, sexo, nível de educação, religião, orientação política, razões para imigrar, duração da estada, entre outros) na compreensão dos processos de aculturação. O quarto ponto é devido ao fato de que este modelo faz uma distinção entre as atitudes de aculturação preferidas (ideais) por ambos os grupos e as estratégias que foram realmente adotadas (reais). Por fim, o último ponto enfatiza que o modelo apresenta vários domínios da realidade sociocultural: político e sistema de

governo (relações de poder e ordem social), trabalho (ocupação, ferramentas e maquinário utilizados, organização do trabalho, entre outros), econômico (partilha de bens, transações, hábitos de consumo), família (relações maritais e com os filhos), social (relações e redes de relacionamentos fora da família, amizades), ideológico (com duas subdivisões: crenças religiosas e costumes; e modos de pensamento, princípios e valores). Estes domínios podem ser diferenciados quanto à sua manifestação, ou seja, podem ser periféricos ou de domínio público e podem ser de núcleo duro (*hard core*) ou de domínio privado.

Sapountzis (2013) aponta duas grandes contribuições desse modelo. A primeira relaciona-se à diferenciação entre atitude e estratégia, ou seja, entre a estratégia ideal e a real. A segunda contribuição refere-se à assunção de que diferentes estratégias podem ser adotadas em diferentes domínios. Dependendo da área social, os grupos podem ter diferentes atitudes e adotar distintas estratégias de aculturação.

#### **1.6.5 Modelo Aculturativo Multidimensional de Diferença Individual - *Multidimensional Individual Difference Acculturation (MIDA) Model.***

Esse modelo proposto por Safdar et al. (2003) apresenta o processo de aculturação através de construtos psicológicos que predizem uma adaptação cultural bem-sucedida e adotam as atitudes de aculturação como variáveis mediadoras desse processo. As variáveis predictoras do contato endogrupal, contato exogrupal e estresse psicofísico deste modelo são os recursos psicossociais, conectividade co-nacional e pequenos estressores (*hassles*). As atitudes de aculturação são baseadas no modelo de Berry (1997) e atuam como variáveis mediadoras. Os recursos psicossociais consistem nas competências culturais, no suporte social do exogrupo (do grupo anfitrião) e na resiliência. A variável conectividade co-nacional compreende a identidade étnica, aloctrismo familiar (força dos laços entre os membros da família) e percepção de suporte pelo seu endogrupo (grupo étnico) e familiar. As variáveis de

resultado consistem no grau de relacionamento dos indivíduos imigrantes com os membros anfitriões e com os membros do seu grupo cultural e também compreendem a saúde física e mental destes imigrantes no novo contexto.

Este modelo baseia-se nas teorias de estresse e enfrentamento (Lazarus & Folkman, 1984) e pressupõe que o encontro intercultural pode ocasionar dificuldades que levam o indivíduo a experimentar o estresse. Dentre as variáveis preditoras de saúde física e mental, defende-se que as estratégias de enfrentamento e as atitudes de aculturação são variáveis preditoras mais importantes do que as variáveis demográficas.

Esse modelo foi testado longitudinalmente com estudantes internacionais no Canadá (Rasmi, Safdar, & Lewis, 2009), acrescentando evidências empíricas para esta relação entre as variáveis. Porém, em algumas amostras, Safdar et al. (2013) apontam que houveram algumas inconsistências nas relações. Esse modelo é uma tentativa de mapear o processo de aculturação desde os preditores até as variáveis de resultado. Entretanto, inconsistências podem ser encontradas já que o contexto social e os grupos em estudo variam bastante e as relações podem não ser igualmente relevantes em todos os encontros interculturais. É um indicativo de que o processo de aculturação pode funcionar de maneira diferente em variados contextos (Safdar et al., 2013). A seguir, será apresentado o quadro teórico de Aculturação proposto por Arends-Tóth e Van de Vijver (2006) que será utilizado nessa pesquisa como referência teórica para o estudo do fenômeno da aculturação psicológica.

#### **1.6.6 Quadro teórico de Arends-Tóth e Van de Vijver.**

O quadro teórico de Arends-Tóth e Van de Vijver (2006) foi desenvolvido com base em uma revisão sistemática de vários estudos e modelos de aculturação e apresentam uma compilação das variáveis mais frequentemente descritas e testadas na literatura. Para estes autores, o processo de aculturação pode ser melhor compreendido ao dividi-lo em fatores

antecedentes (condições de aculturação), orientações ou estratégias de aculturação e as consequências (resultados da aculturação) conforme é apresentado na Figura 2.

Condições de Aculturação	Orientações de Aculturação	Resultados da Aculturação
<p><b>Características da sociedade receptora</b> (objetiva, percebida)</p> <p><b>Características da sociedade de origem</b> (objetiva, percebida)</p> <p><b>Percepção das relações intergrupais</b></p> <p><b>Características pessoais</b> (mudanças ao longo do tempo, posição na sociedade, personalidade, situação individual e contexto social)</p>	<p><b>Adoção da cultura dominante</b></p> <p><b>Manutenção da cultura étnica/original</b></p>	<p><b>Bem-estar psicológico</b> (distresse psicológico, estados de humor, sentimentos de aceitação e satisfação)</p> <p><b>Competência sociocultural na cultura étnica</b> (interação com os conacionais, manutenção de habilidades e comportamentos étnicos)</p> <p><b>Competência sociocultural na sociedade receptora</b> (interação com os anfitriões, aquisição de habilidades e comportamentos da cultura receptora, desempenho acadêmico e no trabalho)</p>

Figura 2. Quadro teórico das variáveis de aculturação – Adaptado de Arends –Tóth e Van de Vijver (2006).

### Condições de Aculturação

A primeira dimensão, condições de aculturação, são as variáveis antecedentes do processo de aculturação e dizem respeito às características contextuais em nível grupal e individual que influenciam esse processo. Em nível grupal, citam-se as características da sociedade anfitriã (por exemplo, discriminação percebida e direta, abertura cultural), características da sociedade de origem (homogeneidade cultural, aspectos econômicos, políticos, entre outros) e as características do grupo imigrante (por exemplo, vitalidade étnica,

tipo de migração, se voluntária ou involuntária, permanente ou temporária). Em nível individual, encontram-se as características pessoais (personalidade, normas sociais, expectativas, estratégias de enfrentamento, entre outros) e as que se referem ao contexto social ou situacional (suporte social e situações estressoras) (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006).

Alguns modelos também apresentam as variáveis contextuais, sendo que uma das propostas mais bem elaboradas, de acordo com Arends-Tóth e Van de Vijver (2006), é o modelo teórico de Bourhis et al. (1997) ao enfatizar o papel das políticas de imigração nas orientações de aculturação dos grupos anfitrião e imigrante. Uma variável enfatizada no quadro teórico de Arends-Tóth e Van de Vijver (2006) e não presente nos outros modelos é a vitalidade étnica, ou seja, o quão presente e viva é uma comunidade imigrante na sociedade anfitriã. Está relacionada às estratégias desenvolvidas pelo grupo imigrante, geralmente, priorizando a manutenção das características originais. De maneira geral, Arends-Tóth e Van de Vijver (2006) reforçam que a análise das condições de aculturação é essencial para a compreensão do contexto no qual a aculturação acontece.

#### Orientações de Aculturação

O segundo fator, as orientações (estratégias, atitudes ou estilos) de aculturação, é apresentado como as variáveis mediadoras no processo de aculturação visto que parecem mediar a relação entre as condições e os resultados de aculturação. Essa variável faz alusão à maneira com que o indivíduo ou grupo imigrante relaciona-se com a cultura anfitriã (adoção cultural) e com a cultura de origem (manutenção cultural). Vários modelos ou pesquisas descritas anteriormente focalizam especificamente nas estratégias de aculturação, fato este que pode ser explicado pelo papel crítico e central desta variável no processo de aculturação. Apesar da grande quantidade de estudos empíricos que utilizam esta variável, apenas alguns



modelos teóricos apresentam uma abordagem teórica mais complexa sobre ela. Desta maneira, existem duas questões teóricas importantes que estão relacionadas à orientação de aculturação: a dimensionalidade e a especificidade do domínio (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006). A dimensionalidade refere-se à relação entre a adoção e a manutenção cultural. Conforme apresentado anteriormente, no modelo unidimensional, o indivíduo imigrante adota a cultura anfitriã ou mantém a sua cultura de origem e no modelo bidimensional, a adoção da cultura anfitriã e a manutenção da cultura original são dimensões distintas, não relacionadas. Um terceiro modelo de fusão é apresentado e adotado no modelo de Arends-Tóth e Van de Vijver (2006). Nesse modelo, os indivíduos imigrantes misturam ambas as culturas formando uma nova cultura integrada. Esta cultura integrada é então resultado da mistura da cultura original, da cultura anfitriã e também da construção de novos aspectos. Embora seja uma proposta interessante, não há nenhum estudo disponível em que a validade deste modelo tenha sido empiricamente testada.

A outra dimensão teórica refere-se à especificidade do domínio. Esta dimensão, também apresentada em alguns modelos, considera que os indivíduos tendem a apresentar variações nas preferências de estratégias de aculturação que serão adotadas dependendo do ambiente ou situação. Assim, um indivíduo pode optar pela separação em um ambiente, por exemplo, preservar alguns costumes étnicos no ambiente familiar, e adotar a assimilação em outro, como exemplo pode adotar o idioma do país no local de trabalho. Desta maneira, a especificidade de domínio relaciona-se às variações de domínios e contextos público (funcional e utilitário) ou privado (social-emocional e relacionado aos valores) que estão presentes na vida dos indivíduos e que interferem na escolha da estratégia de aculturação a ser endossada (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006).

## Resultados da Aculturação

O último componente do processo de aculturação são os resultados da aculturação. A divisão mais aceita na literatura é a proposta de Ward e Kennedy (1994) que diferenciam os resultados em adaptação psicológica (interna) e adaptação comportamental ou social (externa). A adaptação psicológica inclui as consequências psicológicas, mais precisamente as emocionais e afetivas advindas deste processo de aculturação. Em outras palavras, é a experiência de bem-estar, saúde mental e satisfação com a vida na nova cultura. Já a adaptação sociocultural abrange as respostas comportamentais relacionadas ao encontro intercultural, entre elas as competências e conhecimentos necessários para lidar com as demandas da nova sociedade.

Apesar da adaptação psicológica e sociocultural estarem empiricamente relacionadas (Berry, 1997), a justificativa teórica para a diferenciação entre as duas é encontrada nas bases teóricas, na dinâmica temporal e na relação de cada uma com seus antecedentes. Como base teórica da adaptação psicológica, o paradigma do estresse e enfrentamento de Lazarus e Folkman (1984) foi adaptado para os estudos de aculturação por Berry (1997) com o objetivo de caracterizar esse processo através de fatores emocionais que afetam a adaptação psicológica. Já a fundamentação teórica da adaptação sociocultural parte de um panorama conceitual da aprendizagem social que defende a aquisição de habilidades importantes para lidar com as novas demandas ambientais. Estas aquisições incluem fatores relacionados à linguagem, comunicação, paradigmas sociais e preferências (Ward & Kennedy, 1994). Em relação à dinâmica temporal de cada uma delas, tem-se que a adaptação psicológica é experienciada por um nível mais baixo no início do contato intercultural, aumentando, de maneira variável, com o decorrer do tempo. Já no caso da adaptação cultural, percebe-se um acréscimo linear e progressivo ao longo do tempo (Berry, 1997). Quanto aos fatores antecedentes, uma vez que a adaptação cultural é um fenômeno multifacetado, logicamente

diversas variáveis irão desempenhar impactos diferentes em cada uma delas. Enquanto a adaptação psicológica está mais relacionada a fatores individuais, a adaptação sociocultural inclui além de variáveis individuais, fatores da sociedade de origem e da sociedade anfitriã (Berry, 1997).

Contudo, para Arends-Tóth e Van de Vijver (2006), a aculturação envolve vários processos e variáveis e, um único estudo, método ou instrumento não conseguem capturar a complexidade do fenômeno da aculturação. O quadro teórico proposto por esses autores tem como objetivo integrar e apresentar os vários elementos que parecem exercer influência neste processo e que são apresentados em outros modelos de aculturação. Desta maneira, este quadro teórico apresenta semelhanças com alguns deles ao incluir variáveis comuns no processo de aculturação. Como exemplo, cita-se que esse quadro teórico compartilha vários elementos com o modelo MIDA (Safdar et al., 2003). Segundo Safdar et al. (2013), o fato de este modelo ter sido construído de maneira independente e apresentar amplas semelhanças entre eles, acrescenta validade a ambos.

Neste estudo, o quadro teórico de Arends-Tóth e Van de Vijver (2006) será utilizado como base teórica para formular e organizar os conceitos e variáveis que serão utilizadas nesta pesquisa e para a construção do modelo a ser testado. Como contribuição, este estudo busca fornecer informações adicionais a esse quadro teórico e às relações entre variáveis importantes do processo de aculturação. A seguir, serão apresentados estudos sobre os principais fatores preditores da adaptação psicológica e da sociocultural.

### **1.7 Fatores preditores de Adaptação Psicológica e Sociocultural**

Conforme apresentado, a maior parte dos estudos e modelos existentes tem como proposta investigar as variáveis que influenciam a adaptação intercultural (Berry, 1997). Em especial, os pesquisadores estão interessados em identificar os fatores que predizem as

variáveis de resultado, ou seja, a adaptação psicológica e sociocultural. Tendo em vista que a adaptação psicológica adota como paradigma conceitual a literatura do estresse e enfrentamento e é definida operacionalmente em termos de bem-estar, satisfação, conforto psicológico e estado de humor geral, por consequência ela é afetada pelas mesmas variáveis que também afetam estes outros construtos psicológicos. Frequentemente, a literatura de estresse e enfrentamento têm destacado como variáveis preditoras do bem-estar e satisfação com a vida os fatores de personalidade, mudanças de vida, suporte social e estratégias ou estilos de enfrentamento. De maneira semelhante, na literatura de aculturação, uma baixa incidência de mudanças de vida e um suporte social adequado têm sido relacionados a altos níveis de adaptação psicológica (Ward & Kennedy, 1996). Com relação aos fatores de personalidade, algumas pesquisas apontam o papel do lócus de controle, extroversão (Ward & Kennedy, 1992) e autoeficácia (Schwarzer, Hahn, & Schroder, 1994) como fatores associados a uma boa adaptação psicológica. Entretanto, Berry (2006) aponta que os achados que relacionam as variáveis de personalidade aos resultados da aculturação não têm sido conclusivos e têm variado de acordo com o contexto cultural. Uma possível explicação é que o fator decisivo para a adaptação psicológica não pode ser atribuído ao traço de personalidade em si, mas ao seu ajuste ao ambiente cultural em questão.

Com relação à adaptação sociocultural, a construção do modelo preditivo desta variável é teoricamente fundamentada na abordagem da aprendizagem cultural e as pesquisas têm indicado que o conhecimento cultural geral, quantidade e qualidade do contato com os anfitriões, distância cultural e estratégias de aculturação atuam como preditores desta variável (Ward & Kennedy, 1992). Algumas variáveis demográficas também parecem exercer influência na adaptação sociocultural, tais como: duração da estadia na nova cultura, sendo que, com o tempo, a adaptação sociocultural tende a seguir a curva de aprendizagem, com um rápido aumento no início do processo de aculturação seguido de um gradual nivelamento das

novas habilidades culturais (Ward & Kennedy, 1996); nível de educação e renda se relacionam positivamente a adaptação sociocultural e sexo, sendo as mulheres mais frequentemente associadas a um nível mais baixo de adaptação sociocultural (Ataca & Berry, 2002). O papel da discriminação como antecedente das dificuldades sociais no novo ambiente foi menos investigado. Entretanto, evidências do impacto desta variável nos problemas socioculturais foram destacados por alguns autores (Ataca & Berry, 2002).

As duas formas de adaptação parecem ser mediadas pelas estratégias de aculturação (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006). A relação das estratégias de aculturação e adaptação foi pesquisada por Ward e Rana-Deuba (1999) que encontrou que os expatriados que adotaram a estratégia de integração relataram menos problemas psicológicos e os que adotaram uma atitude de assimilação revelaram poucas dificuldades sociais. Ward (1996) também encontrou que a estratégia de aculturação do tipo integração atuou como variável preditora da adaptação psicológica e sociocultural. De maneira geral, a estratégia de aculturação de integração parece ser a mais adequada nos contextos de aculturação e, a marginalização, a menos adequada. Este padrão tem sido encontrado em diversos estudos com variados grupos de aculturação (Sam & Berry, 2006). Uma das explicações para estes achados é que a estratégia de integração inclui vários fatores de proteção, como disposição para acomodação mútua e flexibilidade.

De maneira geral, a adaptação psicológica e a sociocultural são resultados da interação de múltiplos fatores. Parece ser um consenso entre os pesquisadores da área sobre a inexistência de um único construto que consiga explicar inteiramente estas duas variáveis. Além disto, ainda não está claro se os determinantes da adaptação cultural são fatores gerais, comuns a vários contextos e grupos ou específicos a uma situação particular (Smith et al., 2013). O uso indiscriminado de diversas variáveis preditoras negligenciando o papel das evidências empíricas e teóricas da área e a adoção de múltiplas medidas de adaptação

psicológica e sociocultural tem favorecido confusões metodológicas e dificuldades de avanço teórico neste campo de estudo. Para Ward et al. (2001) é preciso olhar criticamente para a área, considerar os méritos dos estudos realizados, selecionar cuidadosamente os participantes e as medidas de adaptação psicológica e sociocultural, assim como considerar as implicações teóricas para a escolha das variáveis e de cada detalhe da pesquisa a ser conduzida. Desta maneira, esta pesquisa buscou nos resultados do estudo qualitativo realizado previamente, nas bases teóricas da adaptação psicológica e da sociocultural e também nos achados empíricos de vários estudos realizados a base teórica para a inclusão das variáveis que serão definidas a seguir.

### **1.7.1 Percepção de suporte social**

O suporte social é destacado em diversos estudos de aculturação e pode ser descrito por Cohen e Wills (1985) como o provimento de recursos psicológicos e materiais que servem como atenuadores do estresse, tanto por prevenir uma situação de se tornar um estressor quanto por fornecer soluções para um problema, minimizando sua importância percebida ou facilitando respostas comportamentais saudáveis. Já a percepção de suporte social é a percepção do indivíduo sobre a disponibilidade destes recursos e também pode refletir a avaliação que eles fazem da função ou a qualidade deste suporte, que podem vir de fontes diferentes como familiares, amigos e colegas de trabalho (Hobfoll & Vaux, 1993). Van der Zee, Buunk e Sanderman (1997) enfatizam que a percepção de suporte disponível é melhor preditor de bem-estar do que o suporte real oferecido.

Para Rodriguez e Cohen (1998), o suporte social pode ser melhor compreendido ao dividi-lo em suporte emocional, suporte instrumental e suporte informacional. O suporte social emocional é a expressão de carinho, compreensão, cuidado e preocupação com o outro, manifestado por expressões verbais e não-verbais de empatia e confiança. O suporte social

instrumental refere-se ao fornecimento de auxílio material ou prático, como auxílio financeiro ou ajuda em determinadas atividades. O suporte social informacional está associado ao repasse de informações necessárias através de conselhos ou orientações sobre as dificuldades em lidar com determinada situação.

Nos encontros interculturais, a percepção de suporte social está relacionada à percepção da disponibilidade de recursos para enfrentar as novas situações estressantes. Com o deslocamento, fontes originais de suporte social se tornam mais fracas ou indisponíveis na nova situação, então novas fontes devem ser providenciadas para reduzir o estresse de aculturação (Hechanova-Alampay, Beehr, Christiansen & Van Horn, 2002). Evidências da importância da percepção de suporte social em estudos de aculturação são encontradas no estudo de Thomas e Choi (2006) que encontraram que esta variável se relacionou negativamente com o estresse de aculturação em uma amostra de estudantes internacionais. De maneira semelhante, Lee, Koseke e Sales (2004) confirmaram o papel do suporte social como variável moderadora entre o estresse de aculturação e sintomas de saúde mental em estudantes internacionais coreanos nos Estados Unidos.

### **1.7.2 Estratégias de enfrentamento**

Estratégia de enfrentamento são as mudanças cognitivas e comportamentais desempenhadas pelos indivíduos com a finalidade de manejar demandas internas e externas específicas (Lazarus & Folkman, 1984). Na área da saúde, as estratégias de enfrentamento têm sido classicamente pesquisadas como variáveis mediadoras entre os estressores ou situações adversas e as consequências psicológicas ou físicas para os indivíduos (Kuo, Arnold & Rodriguez-Rubio, 2013). Embora, seja um construto cuja importância e aplicação nas pesquisas de estresse estejam consolidadas, Kuo (2014) destaca que menos esforços tem

sido empregados com o objetivo de esclarecer a relação entre fatores culturais e estratégias de enfrentamento.

As estratégias de enfrentamento têm sido classicamente diferenciadas quanto à sua função: as estratégias focalizadas no problema e as focalizadas na emoção (Lazarus & Folkman, 1974). A primeira estratégia caracteriza-se pela busca ativa de modificar ou minimizar o problema ou a fonte causadora do problema. Já a estratégia baseada na emoção tem como objetivo principal reduzir as respostas emocionais negativas provocadas pelos estressores. Estas respostas podem ser de evitação, minimização ou resignificação da situação para maneiras mais positivas (Lazarus & Folkman, 1974).

Recentemente, alguns teóricos têm utilizado as teorias de individualismo e coletivismo para compreender os padrões de enfrentamento em diferentes contextos culturais (Kuo, 2012). Embora comportamentos coletivistas também sejam adotados por indivíduos provenientes de culturas individualistas, as evidências apresentadas por Kuo (2012) sugerem que as estratégias de enfrentamento coletivistas constituem um fator central nas respostas de enfrentamento de indivíduos de culturas mais coletivistas. O enfrentamento coletivista pode ser definido como um conjunto de respostas que direcionam a atenção para a manutenção das relações e do bem-estar dos membros do endogrupo. Estas estratégias incluem desde a procura por suporte social pelos membros do endogrupo (familiares e amigos), aceitação de normas e evitação até estratégias direcionadas ao uso da religião e espiritualidade (Kuo, 2012).

Na literatura de aculturação, a relação estresse-estratégias de enfrentamento-aculturação é esperada já que a adaptação psicológica tem como paradigma conceitual, a teoria do estresse e enfrentamento. Assim, seria natural que as estratégias de enfrentamento assumissem um papel central nas teorias de aculturação. Desta forma, são frequentes os estudos que adotam este construto ora com uma variável mediadora ora como moderadora da



relação entre variáveis antecedentes e os resultados de aculturação (adaptação psicológica e sociocultural) (Galchenko, 2006). Além disto, as estratégias de enfrentamento têm sido frequentemente associadas aos múltiplos fatores de proteção, como suporte social, resiliência, afeto positivo e bem-estar subjetivo (Kuo et al., 2013).

Evidências da relação entre estratégias de enfrentamento e aculturação tem sido encontrada em diversos estudos (Kuo, 2014). Por exemplo, em um estudo conduzido por Struthers, Menec, Schonwetter e Perry (1996) encontraram que as estratégias baseadas na emoção estavam associadas a um desempenho escolar mais baixo em uma amostra de estudantes internacionais. Em outro estudo, Bailey e Dua (1999) conduziram uma pesquisa com estudantes asiáticos e anglo-australianos na Austrália e os resultados apontaram que os estudantes asiáticos apresentaram maiores níveis de estresse nos primeiros seis meses de estadia e buscaram mais frequentemente suporte social, uma estratégia de enfrentamento vista como mais coletivista. Em contraste, os colegas anglo-australianos adotaram estratégias mais individualistas, como a solução de problemas. Com o tempo, os asiáticos relataram utilizar menos estratégias individualistas. Galchenko (2006) também encontrou diferenças culturais na preferência de estratégias de enfrentamento, revelando que chineses e norte-coreanos preferiram um estilo de enfrentamento focado na solução de problema enquanto os estudantes africanos optaram pela evitação.

### **1.7.3 Percepção de distância cultural**

A distância cultural é definida como a diferença entre duas culturas e pode ser caracterizada de diversas maneiras levando-se em consideração fatores econômicos, como o Produto Interno Bruto (PIB); fatores psicológicos, como os valores; até fatores sociais, como religião e o idioma. Igualmente importante é a percepção da distância cultural, ou seja, a percepção subjetiva das diferenças culturais entre dois países (Galchenko & Van de Vijver,

2007). Grandes distâncias culturais entre duas culturas em contato implicam em grandes desenraizamentos e conflitos culturais, dificultando a adaptação (Berry, 2006).

Este construto tem sido pesquisado e visto como um fator importante para a adoção das estratégias de aculturação (Berry, 1992) e tem sido confirmado por diversas pesquisas como um importante preditor do bem-estar e adaptação sociocultural (Galchenko & Van de Vijver, 2007; Suanet & Van de Vijver, 2009). Em um estudo com 168 estudantes internacionais em Moscou, Galchenko e Van de Vijver (2007) encontraram que quanto maior a distância cultural percebida entre a cultura dos imigrantes e a cultura russa, menor era o nível de adaptação sociocultural encontrado. Estes estudos corroboram os achados de Galchenko (2006) em que imigrantes russos pesquisados na França, Holanda e Alemanha relataram níveis mais altos de percepções de distância cultural e também apresentaram graus mais elevados de depressão e níveis mais baixos de enfrentamento ativo e ajustamento.

Com o objetivo de testar se a percepção de distância cultural poderia ser uma variável antecedente, mediadora ou critério, Suanet e Van de Vijver (2009) conduziram uma série de análises estatísticas em que examinaram o papel desta variável combinada com variáveis de personalidade, estratégias de enfrentamento, estratégias de aculturação e adaptação psicológica e sociocultural. Os resultados apontaram que a percepção de distância cultural deve ser vista como uma variável antecedente ao invés de mediadora ou variável critério, do processo de aculturação. Ainda nessa pesquisa, foi encontrado que uma maior percepção de distância cultural declarada por estudantes internacionais chineses e iranianos na Rússia estava associada a maiores níveis de estresse e interação baixa com os anfitriões. Por outro lado, estudantes da Geórgia, Uzbequistão e Ucrânia reportaram menor percepção de distância cultural na Rússia e também menores níveis de estresse e mais interação com os anfitriões (Suanet & Van de Vijver, 2009).

#### **1.7.4 Percepção de discriminação**

A identidade social possibilita aos indivíduos um sentimento de pertencimento e contribui para o aumento da autoestima e uma visão positiva de si. Porém, se esta identidade social é ameaçada por grupos externos, consequências negativas podem surgir, dentre elas a percepção de discriminação. As experiências de discriminação podem atuar como um dos grandes estressores da vida e por consequência podem gerar sérias consequências para a saúde física e mental. As pesquisas sobre discriminação têm se concentrado menos nas atitudes adotadas pelos anfitriões direcionadas aos imigrantes e mais nas percepções de discriminação deste último grupo (Ward et al, 2001).

Os efeitos do preconceito e discriminação nos processos de aculturação, dentre eles nas estratégias de aculturação, na adaptação psicológica e sociocultural têm sido consistentes na literatura. A percepção de discriminação tem sido associada a uma menor predisposição ao relacionamento com a cultura anfitriã em amostras de imigrantes, a sintomas de estresse, baixa estima individual e grupal, comprometimento da saúde mental, conflitos de identidade, comportamentos antissociais (uso de drogas e violência) e baixos níveis de satisfação e adaptação no trabalho (Ward et al., 2001). As atitudes adotadas pelos membros da sociedade receptora em relação aos imigrantes e refugiados têm sido fortemente associadas aos padrões de adaptação destes grupos (Ward & Leong, 2006).

Em um estudo realizado por Liebkind e Jasinskaja-Lahti (2000) com sete grupos de imigrantes na Finlândia, os resultados encontrados sugerem que embora os vários grupos imigrantes relataram diferentes níveis de discriminação, em todos eles, as percepções de discriminação atuaram como preditores de níveis baixos de bem-estar psicológico. A experiência de discriminação foi fortemente determinante de sintomas de depressão e ansiedade. Estes achados também foram confirmados no estudo conduzido por Spijkers (2011) com imigrantes na Nova Zelândia em que níveis mais altos de percepção de

discriminação determinaram níveis mais baixos de bem-estar. De maneira geral, as diferenças culturais influenciam a percepção de discriminação, sendo que grandes distâncias culturais estão associadas a um aumento da percepção de discriminação. Entretanto, mesmo os grupos semelhantes fisicamente e culturalmente à sociedade dominante podem se perceber em desvantagem. Como exemplo, o estudo realizado por Ward e Leong (2005) apontou que *sojourners* chineses em Singapura perceberam um nível moderado de preconceito e discriminação e forte identificação endogrupal.

As variáveis apresentadas nesta seção representam evidências encontradas em pesquisas realizadas com imigrantes e *sojourners* de diversos países em diferentes contextos culturais. Searle e Ward (1990) argumentam que os modelos existentes e as relações entre as variáveis encontradas por diferentes pesquisadores devem ser explorados em vários contextos e populações com o objetivo de testar a aplicabilidade transcultural destes achados. Cabe ressaltar que nenhuma das pesquisas realizadas por psicólogos transculturais tiveram como população-alvo os brasileiros no Japão. Desta maneira, este estudo pretende testar a relação entre estas variáveis apresentadas anteriormente e avaliar um modelo empírico de aculturação para a população em estudo. A seguir, serão apresentados os principais achados sobre a aculturação desta população neste contexto cultural sob diferentes perspectivas teóricas e metodológicas.

### **1.8 A adaptação da comunidade brasileira ao Japão: uma revisão da literatura sobre as dificuldades e estratégias utilizadas por este grupo no processo de aculturação**

Os estudos sobre a comunidade brasileira no Japão têm abordado diversos aspectos relacionados à imigração, mas verifica-se que poucos têm como objetivo específico explorar o fenômeno da aculturação ou da adaptação cultural. Grande parte dos que se propõe a abordar estes temas, tratam de aspectos gerais da adaptação, focando em algumas

dificuldades enfrentadas por este grupo. Com o objetivo de apresentar um panorama da literatura sobre este tema nesta população, serão apresentados a seguir estudos que descrevem direta ou indiretamente questões relacionadas à adaptação dos brasileiros no Japão que foram ou não conduzidas por pesquisadores da Psicologia. Cabe ressaltar, que todas as pesquisas que serão apresentadas têm como participantes a comunidade decasségui no Japão. O fato do Japão permitir a permanência de longa estada para atividades econômicas apenas aos descendentes e seus respectivos cônjuges, a população brasileira não descendente é uma pequena minoria no país, representada pelos estudantes internacionais, executivos expatriados e profissionais ligados ao governo, seja através de embaixadas ou consulados. Como consequência, a maioria dos estudos envolvendo a população brasileira se concentra na comunidade decasségui. Desta maneira, esta revisão apresentará um panorama dos estudos conduzidos com a população dos descendentes de japoneses no Japão.

Okamoto (2007) aponta que a adaptação dos brasileiros ao Japão está inicialmente associada à questão do idioma. Esse tema está presente em vários estudos, como exemplo, no início do movimento, Kato et al. (1992) realizaram uma pesquisa com parte da comunidade brasileira no Japão e encontraram que a falta do idioma já era apontada como um fator determinante para o retorno ao Brasil ou o desejo do retorno e, o oposto, o conhecimento da língua, proporcionou maiores chances de sucesso e permanência no Japão. Mais recentemente, Okamoto (2007) assinala que esta situação pode ter se agravado, já que grande parte dos brasileiros residentes atualmente no Japão são das terceiras e quartas gerações de descendentes e a grande maioria não aprendeu o idioma com seus pais ou avós e, portanto, apresenta pouca habilidade na língua. A questão do idioma se torna um importante complicador para a adaptação pela limitação das inúmeras possibilidades que a fluência no idioma proporciona. A barreira linguística restringe as interações sociais e todos os outros fatores que estão direta ou indiretamente relacionados ao contato e comunicação com o outro.

O idioma também foi abordado na pesquisa de Suguiura (2009) que destacou que o fato de grande parte dos brasileiros estarem direta ou indiretamente ligados às empreiteiras, as empresas de recrutamento de trabalhadores, não os impulsiona a desenvolverem o idioma já que estas acabam executando o papel de intermediárias na comunicação entre a empresa e o empregado. Além disto, há em várias empresas tradutores que também fazem o papel de mediadores e contribuem para que muitos brasileiros não percebam a real necessidade de aprender o idioma. A falta de tempo para se dedicar ao aprendizado do idioma somada à ausência de motivação contribuem para o pouco avanço no domínio do idioma por este grupo. Suguiura (2009) apontou ainda que uma das implicações desta situação foi verificada durante a crise de 2008, quando os primeiros brasileiros demitidos foram os que não apresentavam domínio do idioma. Outra consequência também apontada por este autor é que devido ao contato limitado com a população local, a comunidade brasileira tem se tornado cada vez mais fechada e distante dos japoneses. Esta distância da cultura japonesa e a preferência pela comunicação e relacionamento com a cultura brasileira sugere a adoção da estratégia de aculturação de separação conforme proposto por Berry (1997).

Okamoto (2007) acrescenta ainda que a falta do idioma e o pouco conhecimento e envolvimento com a cultura, valores e crenças nipônicas, contribuem para que muitos brasileiros também apresentem dificuldades em aceitar e lidar com o jeito dos japoneses. Para muitos brasileiros, os japoneses são considerados frios e distantes emocionalmente e limitam as interações sociais ao ambiente de trabalho. Nesse ambiente, as dificuldades em aceitar o jeito e a cultura dos japoneses são mais fortemente vivenciados pelos imigrantes brasileiros já que, segundo Nakamoto (2012), a maior parte da vida deles no Japão é vivida no ambiente de trabalho e, na maioria dos casos, dentro de fábricas, local onde passam grande parte do dia e acontecem as maiores interações sociais com os japoneses. As dificuldades em lidar e aceitar as condições físicas e sociais do trabalho nas fábricas também têm sido frequentemente

citadas na literatura. M. Saito (2003) destaca que a jornada extensa de trabalho com intervalos curtos e limitados, o tipo de trabalho pesado, monótono e repetitivo, a rigidez com o horário e com o padrão de condutas e de produtividade, a disciplina, hierarquia e pressão presentes nos trabalhos fabris têm dificultado a adaptação dos imigrantes acostumados ao ritmo e padrões brasileiros.

As diferenças culturais entre Brasil e Japão também são reveladas pelas diferentes maneiras de se comunicar e interagir, nas características do ambiente, no tipo de alimentação, nas tradições e no clima. São várias as diferenças entre os dois países que se configuram como dificuldades para os brasileiros que se veem obrigados a adotarem novos padrões de comunicação, moradia, novos hábitos de alimentação e higiene (Okamoto, 2007). As diferenças nas formas de comunicação são percebidas mais claramente através dos gestos e tom de voz. O contato visual no momento da conversação, a forma mais relaxada de sentar e andar, o tom de voz mais alto e os movimentos mais grosseiros e rápidos das mãos, gestos muito comuns entre os brasileiros, podem ser considerados excessivos, ofensivos e desrespeitosos para muitos japoneses (Watanabe, 2008). Outras diferenças culturais são percebidas na forma de separação do lixo, na questão do silêncio, na legislação geral e de trânsito que são apenas alguns exemplos de situações mais práticas que têm sido motivo de dificuldades e também de discórdia entre brasileiros e japoneses (Suguiura, 2009).

Como consequência, as distâncias culturais entre brasileiros e japoneses causam-lhes problemas nos relacionamentos entre eles. Por um lado, muitos brasileiros percebem desconfiança e não aceitação do seu grupo por parte dos japoneses que os chamam de estrangeiros (*gaijin*) e relatam casos de preconceito e discriminação (Yano, 2013). Por outro lado, os japoneses relatam que seus vizinhos e colegas de trabalho brasileiros manifestam comportamentos de antipatia, desrespeito e ironia. Essa relação é ainda mais dificultada pela característica temporária e funcional da estada dos brasileiros no Japão. Como a maioria

deseja permanecer um curto período de tempo e o grande objetivo de estar ali é ganhar dinheiro, muitos optam pelas longas jornadas de trabalho, restando-lhes pouco tempo para a participação em atividades sociais japonesas. O pouco tempo livre disponível é dedicado aos cuidados da casa e ao contato com amigos brasileiros. Há, portanto, uma grande separação entre os japoneses e a comunidade brasileira (Kajita, Tanno & Higuchi, 2005).

Tsuda (2000) aponta que, embora do ponto de vista de muitos pesquisadores, a imigração brasileira seja inicialmente considerada uma migração de retorno, já que este grupo estaria retornando para seu território de origem ou sua pátria (*homeland*) após a dispersão de seu grupo a vários países, sua terra natal e sua terra étnica são locais diferentes. Para estes brasileiros, o lugar onde nasceram e cresceram é o seu lugar, sua casa e este lugar é o Brasil. A ausência de apego e identificação com o Japão como terra natal tem provocado isolamento social e forte senso de separação da comunidade brasileira. A questão da separação, como estratégia de aculturação, foi encontrada no estudo conduzido por Scottham e Dias (2010) com 321 brasileiros no Japão. Esta pesquisa teve como propósito avaliar a relação entre aculturação, bem-estar subjetivo e estresse de aculturação. Os resultados apontaram uma relação positiva entre as estratégias de aculturação do tipo separação e integração com bem-estar subjetivo e uma relação negativa entre as estratégias de integração e assimilação e estresse de aculturação. Estes dados corroboram com a literatura sobre as estratégias de aculturação (Berry, 1997) que defende que a integração representa a estratégia mais adequada no sentido de proporcionar maior conforto psicológico aos migrantes. Porém, a estratégia de separação também foi associada a bem-estar subjetivo positivo, o que também encontra suporte na ideia de que esta estratégia pode representar uma alternativa adaptativa aos grupos com status social inferior para os contextos em que não há incentivo ou permissão para assimilar a cultura anfitriã (Phinney, Horenczyck, Liebkind & Vedder, 2001).



Esta separação é compreendida por Tsuda (2000) como uma manifestação específica de um padrão de segregação aos grupos etnicamente diferentes por parte da sociedade japonesa. É uma diferenciação entre o meu grupo, o endogrupo, e o grupo de fora, ou exogrupo, que é exacerbada no caso dos brasileiros devido ao tamanho deste grupo na comunidade nipônica. Este padrão de comportamento é reforçado por sanções internas aos membros que se aproximam dos exogrupos. Tal interpretação não significa que esta separação ocorre simplesmente por uma questão de “nós” e “eles”, é preciso considerar a questão da legalidade da imigração brasileira, o status social deste grupo no Japão e os comportamentos culturalmente diferentes entre os dois grupos. Scottham e Dias (2010) complementam que estas reações negativas por parte dos japoneses podem ser atribuídas às expectativas culturais perpetuadas pelo mito da homogeneidade que ainda permanece no Japão. Pelo fato dos decasséguis serem de origem nipônica, espera-se uma grande similaridade com os anfitriões, porém, à medida que as diferenças entre eles são acentuadas pela falta de domínio no idioma e pelos diferentes padrões de comportamento dos brasileiros, a tendência de rejeitar aquilo que é estranho ou diferente é acionada nos japoneses e a consequência é a desconfiança e discriminação direcionadas aos brasileiros. Embora esta situação de separação esteja presente em outras situações de imigração de brasileiros em outros países, ela representa um impacto social e emocional muito maior na comunidade decasségui pela conexão étnica e histórica entre este grupo e o dos anfitriões.

A questão da identidade étnica, grupal ou nacional dos imigrantes brasileiros no Japão também desempenha um papel importante na adaptação deste grupo e tem sido debatida em diversos estudos (J. K. Saito, 1986; Miura, 1997; E. M. Sasaki, 1999; Okamoto, 2007; Nakamura, 2014). A ida ao Japão tem provocado nos nipo-brasileiros verdadeiros conflitos de identidade uma vez que no Brasil eram identificados como japoneses e ao chegarem no Japão se percebem e são tratados como estrangeiros (*gaijin*) no país de seus ascendentes.

Embora apresentem semelhanças físicas e nas origens familiares com os japoneses, estes fatores não são suficientes para criarem uma forte identidade nipônica. O contato intenso com a cultura japonesa evidencia a diferença e o elo existente entre eles e transforma toda a imagem idealizada da cultura e do povo japonês que haviam construído através das histórias contadas por seus pais e avós no Brasil (Okamoto, 2007). Um estudo conduzido por J. K. Saito (1986) revelou a presença de uma identidade étnica fragilizada e/ou indefinida dos decasségus já que estes se encontravam divididos entre manter os valores e costumes do Brasil e os do Japão. Mais recentemente, esta situação também é encontrada no estudo de Nakamura (2014) que revelou que alguns decasségus não se sentem brasileiros, nem japoneses. Em outros casos, a semelhança física, os aproxima de suas raízes nipônicas, mas a relação distante e muitas vezes hostil com os japoneses, e as grandes diferenças culturais e comportamentais entre eles fortalecem a identidade brasileira. Neste conflito de identidade, E. M Sasaki (1999) reforça que muitos decasségus buscam na expressão da cultura brasileira uma maneira de afirmarem sua identidade grupal. Mesmo que no Brasil as manifestações culturais de brasilidade não eram tão presentes, no Japão, ser brasileiro ganha outra conotação. Esse grupo expressa a sua cultura e fortalece sua identidade grupal através da música, como o samba; das festividades, como o carnaval; da alimentação, como o arroz com feijão; no vestuário e até nas expressões de emoção. Esta situação descreve a chamada identidade cultural afirmativa de Sussman (2002), segundo a qual é caracterizada pela reafirmação da cultura original do indivíduo.

A perda de *status* social também desempenha um papel importante para a questão da identidade grupal e para a adaptação ao Japão. Segundo Tsuda (2000), no Brasil, grande parte da comunidade *nikkei* reside em áreas urbanas e mais desenvolvidas economicamente do que a média nacional e, portanto, desfrutam de uma condição de vida mais favorável do que a maioria dos brasileiros. A história de sucesso e ascensão social dos imigrantes japoneses e

sua participação e inclusão na sociedade brasileira somadas ao fato de que o Japão é considerado um país desenvolvido, foram e são fundamentais para a construção social de uma boa aceitação, admiração e respeito para com os descendentes de japoneses pelo resto da população brasileira. Já no Japão, a situação é invertida, grande parte dos brasileiros trabalham em empregos mal qualificados e menosprezados pela maioria dos japoneses e a posição secundária do Brasil dentro do contexto mundial, colaboram para a imagem negativa da comunidade brasileira decasségui. De uma minoria privilegiada e respeitada para uma minoria etnicamente e socialmente segregada, muitos brasileiros sofrem com esta perda de prestígio social e redescobrem que sua verdadeira terra natal é o Brasil, o lugar onde são aceitos e valorizados. Yano (2013) também destaca que a perda de *status* social também se refere à questão do trabalho. Como a maioria dos imigrantes brasileiros era trabalhadores qualificados, os chamados *white-collar*, no Brasil, exercendo atividades fora do ambiente fabril e alguns até com diploma de Ensino Superior, ao se deslocarem para o Japão e passarem a trabalhar como operários de fábricas, exercendo uma função de trabalhador não qualificado ou de chão de fábrica (*blue-collar*), se deparam com uma realidade laboral bem distinta a que estavam acostumados e a percepção negativa desta mudança de *status* torna-os mais suscetíveis a desenvolverem problemas emocionais.

Outra questão que está diretamente ligada à adaptação ao Japão é a separação das famílias. É bastante comum encontrar famílias em que parte dos membros nucleares, ou seja, pais ou filhos se encontra no Brasil e a outra parte no Japão. Muitas destas famílias são representadas pelo pai ou por ambos os genitores que migraram para o Japão com o objetivo de proporcionar uma melhor condição de vida aos seus filhos que ficaram no Brasil. Filhos que ficaram aos cuidados de avós, tios, amigos ou que ficaram sozinhos. O impacto desta separação é sentido em ambos os lados e está diretamente relacionado ao bem-estar destas famílias. A saudade da família e o sofrimento da separação tem sido um dos grandes motivos

de retorno ao Brasil (Okamoto, 2007). Yano (2013) acrescenta que a experiência migratória afeta a dinâmica familiar exigindo a reconstrução de novos papéis e identidades. A família extensa, muito comum entre os brasileiros, em que pais, avós, tios e primos convivem e oferecem amplo suporte mútuo, passa a ser modificada com o deslocamento para uma família nuclear, concentrando-se apenas nos pais e filhos, exigindo uma reestruturação familiar quanto às responsabilidades de cada um. A mudança de país e cultura causa sofrimento pela ausência de entes queridos e a consequente perda de referencial que estes dão à família (Mock, 2003). Souza (2014) complementa ainda que no início, o sofrimento da separação era ainda mais acentuado com as dificuldades de se comunicar com a família que estava no Brasil. A comunicação dos imigrantes com seus familiares no Brasil era bastante difícil e limitada. A internet ainda era algo raro no Brasil e as ligações por telefone eram caras, uma das opções mais viáveis financeiramente eram as cartas que tinham a desvantagem do tempo para chegar até o Brasil. A popularização da internet possibilitou um contato mais frequente com os que ficaram, melhorando significativamente a comunicação e a aproximação destas famílias (Souza, 2014). Em uma pesquisa com ex-decasséguis, esta mesma autora (Souza, 2014) destacou o impacto da separação das famílias para as mulheres decasséguis. Se no início da imigração, grande parte dos imigrantes eram do sexo masculino, com o aumento da oferta de empregos no Japão e a situação econômica difícil no Brasil, várias mulheres visualizaram na oportunidade de irem ao Japão uma alternativa para melhorar a situação financeira familiar. A ida ao Japão significava deixar seus maridos e filhos e sacrificar-se em nome deles.

O papel da mulher decasségui no contexto da imigração também tem sido objeto de estudo de alguns pesquisadores pela importância que a mulher exerce no contexto familiar e social (Sumita, 2003). As grandes dificuldades enfrentadas por estas mulheres iniciam-se pelas condições trabalhistas as quais estão sujeitas no Japão. Apesar de o Japão ter avançado

em direção a uma maior igualdade social entre os sexos, ainda há resquícios de uma cultura que discrimina e atribui papéis específicos aos homens e às mulheres. Esta situação é percebida mais claramente no ambiente laboral, já que muitas empresas desestimulam a entrada das mulheres no mercado de trabalho ao pagarem menos às mulheres, uma redução de cerca de 40% do valor pago aos homens para realizarem o mesmo serviço, limitarem a promoção profissional e alguns direitos trabalhistas. Além desta questão que é vivenciada pelas japonesas assim como pelas estrangeiras, as brasileiras também são discriminadas por ocuparem cargos mal qualificados, como operárias ou em serviços gerais, e pertencerem a um país economicamente menos desenvolvido do que o Japão. Além disso, para a grande parte das famílias brasileiras no Japão, não se verifica a distinção comum entre a sociedade japonesa em que homem é o provedor principal e a mulher ser somente responsável pela educação dos filhos. Para as famílias decasséguis, tanto os homens como as mulheres trabalham em tempo integral e dividem a responsabilidade para compor o orçamento familiar, restando-lhes pouco tempo para as outras tarefas sociais. Assim, muitas mulheres encontram dificuldades para exercer as outras funções que lhes são conferidas, como a educação dos filhos e os cuidados do lar. O fato de cultura japonesa solicitar constantemente a participação das mães no acompanhamento da vida escolar dos filhos exige um envolvimento maior destas mulheres que, pelo pouco tempo disponível, acabam negligenciando estes cuidados parentais (Sumita, 2003). Yano (2013) conduziu uma pesquisa cujos resultados corroboram com as situações descritas anteriormente relacionadas à estrutura das famílias. Nesta pesquisa, esta autora encontrou que, das 30 famílias pesquisadas, grande parte é composta por famílias nucleares, ou seja, por pais e filhos que atuam como principal fonte de suporte social no Japão, dividem as tarefas domésticas entre os membros, mas grande parte dos afazeres domésticos é realizada prioritariamente pelas mães e filhas adolescentes. Estas pesquisas apontam, em geral, para a existência de um ambiente desfavorável às mulheres brasileiras

imigrantes que precisam saber administrar as diversas funções socialmente exigidas sob condições muitas vezes desiguais e hostis.

Outro fator associado à adaptação dos brasileiros refere-se à situação das crianças e jovens brasileiros no Japão, em especial, destaca-se a questão da educação. A educação dos filhos constitui um dos maiores dilemas das famílias brasileiras no Japão (Yano, 2013) e esta preocupação crescente é reflexo do aumento da população da segunda geração de brasileiros nascidos ou crescidos no Japão (Ishi, 2010). Em 2008, cerca de 22% da população brasileira no Japão era composta por crianças e jovens, de zero a 19 anos. Com este aumento, começaram a surgir creches e escolas brasileiras que passaram a oferecer uma alternativa ao ensino japonês para aqueles que desejavam seguir o currículo brasileiro (E. M. Sasaki, 2008). Assim, no Japão há estudantes brasileiros que estudam na escola brasileira, os que cursam a escola japonesa e os que não estão inseridos em nenhum sistema educacional. É importante ressaltar que há um considerável número de adolescentes fora do ambiente escolar visto que, no Japão, o correspondente ao Ensino Médio não é obrigatório e o acesso é por meio de avaliação na qual os jovens brasileiros apresentam poucas chances de sucesso devido à pouca fluência no idioma. Além disto, a escolarização não é requerida por lei às crianças estrangeiras (Sharpe, 2010). Em relação aos estudantes brasileiros, existem os que nasceram no Japão e só frequentaram a escola no Japão, seja no sistema educacional japonês ou brasileiro e há os que frequentaram parte da educação no Brasil e estão atualmente inseridos em um dos dois sistemas educacionais (Hatano, 2010).

Em cada situação descrita acima, Hatano (2010) aponta que diferentes dificuldades e desafios são impostos a estas crianças e jovens, familiares, professores e demais profissionais da educação assim como para as autoridades japonesas e brasileiras. Entre os que nasceram no Japão e estudaram somente em escolas japonesas, a dificuldade maior é com relação à comunicação com os pais que não falam bem o idioma. A barreira linguística provoca um

distanciamento entre as duas gerações e abala a estrutura emocional familiar (Hatano, 2010). Como solução a este problema, os pais recorrem ao ensino brasileiro e criam-se novos problemas de adaptação. Com relação ao grupo que frequentou a escola no Brasil e atualmente está inserido no sistema educacional japonês, constatam-se problemas relacionados à adaptação à cultura, às regras escolares e relações negativas com os pares assim como dificuldades dos educadores japoneses em atender às necessidades e expectativas desta população. As dificuldades com o ensino japonês também foram apontadas pelos participantes da pesquisa de Tanaka (2009). Segundo os entrevistados deste estudo, a rigidez da escola japonesa, os métodos de educação e disciplina adotados pelos professores, muitas vezes baseados na punição e exposição a situações constrangedoras, a responsabilidade pela organização e limpeza do ambiente escolar, as práticas constantes de discriminação ou *ijime* (palavra japonesa que significa maltratar, humilhar) pelos colegas de sala, têm sido motivos de não adaptação dos estudantes brasileiros ao sistema educacional japonês e tem impulsionado muitas famílias brasileiras a procurarem o ensino brasileiro. Nas escolas brasileiras as dificuldades são outras e são apontadas no estudo de Tongu (2010). Esta autora conduziu uma pesquisa em 10 escolas brasileiras no Japão e encontrou que as principais dificuldades se referem à falta de acessibilidade à comunidade brasileira em termos financeiros, por ser mais cara do que a escola japonesa e, de localização, por não terem escolas brasileiras em todas as cidades de concentração de brasileiros. Adicionalmente, Tongu (2010) aponta a questão da qualidade do ensino que está diretamente relacionado à falta de professores qualificados e à falta de estrutura física e pedagógica nas escolas. É bastante comum encontrar nas escolas brasileiras profissionais com formação em determinada área ou sem formação adequada ministrando disciplinas em áreas que não estão devidamente capacitados, além do fato de muitos não apresentarem experiência anterior em docência. Outro agravante é a falta de estrutura física e curricular adequada. Em todas as

escolas visitadas, Tongu (2010) verificou a presença de duas a três séries diferentes dividindo o mesmo espaço físico e o mesmo professor, exigindo esforço extra de alunos e professores para compartilhar recursos materiais e pessoais. A questão pedagógica também foi apontada neste estudo pela falta de um acompanhamento mais próximo ao trabalho do professor e a inexistência de trocas de informação e experiência entre os profissionais da escola. A grade curricular também pode ser considerada problemática no sentido de não priorizar uma melhor inserção dos alunos na cultura japonesa visto que o ensino do japonês, quando presente, é limitado a um encontro por semana. A consequência deste contexto educacional no Japão é a alta insatisfação das famílias com as condições de ensino existentes e a falta de alternativas que atendam melhor esta população e que consigam oferecer uma educação de qualidade.

Okamoto (2007) acrescenta ainda que devido ao ritmo de trabalho extenso e cansativo das fábricas, observa-se uma ausência ou incapacidade de acompanhamento mais próximo pelos pais na vida escolar de seus filhos. Além disto, o fato de muitos estudantes serem provenientes de escolas do Brasil, onde o ritmo das aulas e a dinâmica escolar é diferente, geram dificuldades para continuar o ensino, seja o brasileiro ou japonês. Yano (2013) conduziu uma pesquisa com 40 estudantes de uma escola brasileira e apontou que a maioria dos participantes expressou desejo de continuar o Ensino Médio e ingressar em uma faculdade. No entanto, alguns meses depois, apenas 45% avançou para o Ensino Médio. A maioria dos alunos abandonou os estudos e foi trabalhar nas fábricas. Além disto, em outro estudo, Yano (2013) apontou que as famílias reconhecem a importância do afeto e amor entre os familiares e do papel da família como fonte de suporte social, mas se sentem insatisfeitos com o tempo e apoio fornecidos aos filhos. A consequência da negligência parental somada às dificuldades deste grupo em acompanhar e continuar o ensino estão diretamente associados ao aumento do absentismo e evasão escolar e estes, ao vandalismo, violência e criminalidade entre os jovens brasileiros no Japão.



Para complicar ainda mais esta situação, boa parte dos imigrantes brasileiros realizam deslocamentos circulares entre Brasil e Japão e as crianças e jovens em idade escolar transitam de escola em escola. Como já não bastassem as dificuldades próprias da adaptação e readaptação aos dois países, elas enfrentam as dificuldades de adaptação aos diferentes métodos de ensino (E. M. Sasaki, 2008). A questão da continuação dos estudos ou a entrada no mercado de trabalho pelos jovens também é afetada por estas migrações constantes. Yano (2013) aponta que no caso dos jovens que decidem ficar no Japão, as facilidades de encontrarem serviços temporários e de obterem bens materiais desestimulam a vida estudantil, levando-os frequentemente a abandonarem os estudos e encorajando-os para o trabalho nas fábricas. A consequência desta situação na educação das crianças e jovens decasségui é a existência de indivíduos com domínios limitados em ambos os idiomas, o que tem lhes causado grandes desvantagens acadêmicas e profissionais tanto no Japão como no Brasil (E. M. Sasaki, 2008).

Uma situação bastante comum e desafiadora para a comunidade decasségui é o sentimento de estarem divididos entre retornar ao Brasil ou permanecer no Japão. Yano (2013) encontrou em sua pesquisa que a maioria dos participantes relatou este impasse. A vida mais segura e tranquila financeiramente do Japão conflita com o sonho de conseguir a casa própria e abrir um negócio perto dos familiares no Brasil. A percepção positiva da vida no Japão é frequentemente associada aos fatores econômicos, em especial os altos salários e a facilidade de adquirir bens materiais, e são os fatores que motivam a permanência no país nipônico. Entretanto, a maioria declara ter se acostumado com a vida no Japão, mas não necessariamente se sente satisfeita. A relação no trabalho, a pouca interação familiar e as dificuldades na vida conjugal são aspectos descritos como estressores na vida destes brasileiros e que os levam a pensar no retorno ao Brasil (Yano, 2013).

A questão da adaptação também se estende aos brasileiros que retornam ao Brasil (Okamoto, 2007). Como a maioria permaneceu longos períodos no Japão, acostumaram-se à vida e aos benefícios de morar em um país economicamente desenvolvido e grande parte das dificuldades encontradas no início foi superada ou minimizada. O retorno ao Brasil frequentemente vem acompanhado de sentimentos de medo, estranhamento e dificuldades em aceitar o novo padrão de vida. Inicialmente, os fatores positivos do Japão são ressaltados, como os salários e padrão de vida alto, a questão da segurança, limpeza e organização do país e contribuem para aumentar o grau de insatisfação com a nova vida no Brasil. E. M Sasaki (2008) ressalta ainda que grande parte deste grupo retorna ao Brasil com a expectativa de abrir seu próprio negócio, porém, o que se verifica frequentemente é o fracasso e a perda de dinheiro em pouco tempo. A falta de experiência em trabalhos fora das fábricas e a baixa escolaridade tornam ainda mais difícil o retorno à vida laboral. Às estas dificuldades, Carignato (2004) acrescenta que estes imigrantes passaram vários anos sem voltar à cidade onde moravam e no retorno apresentam dificuldades em lidar com a nova vida. O ambiente, que antes era bastante familiar, já não está da mesma forma que há anos atrás causando-lhes desorientação e dificuldades em se movimentar e localizar. A rede de amigos e os próprios familiares também lhes causam estranhamento. Muitos se mudaram de residência, tiveram suas vidas modificadas pelo tempo e a relação entre eles também se transformou com a distância. Estas situações descritas caracterizam o chamado choque cultural reverso, definido como o processo de “reajustamento, reaculturação e reassimilação à cultura original após viver em uma cultura diferente por um período significativo de tempo” (Gaw, 2000, p. 84). Em uma revisão de literatura, Gaw (2000) destaca a ocorrência de vários sintomas comuns aos retornados que também foram descritos pelos decasséguis que retornam ao Japão, tais como isolamento social, depressão, ansiedade, dificuldades pessoais, sentimentos de alienação, desorientação, estresse, confusão de valores, raiva, medo, desespero, hostilidade,

discriminação e conflitos de identidade. Esta questão do conflito de identidade durante o retorno ao país é o que Sussman (2002) denomina de identidade cultural de subtração, quando os indivíduos percebem que não pertencem mais ao país de origem e os vários aspectos que antes eram familiares passam a ser percebidos como estranhos, irrelevantes ou negativos. As dificuldades em retomar a vida e se readaptar às novas circunstâncias fazem com que muitos desistam de tentar a vida neste país e o retorno para o Japão parece ser a solução mais fácil.

Todas estas dificuldades apresentadas anteriormente têm causado inúmeras implicações aos imigrantes brasileiros. Kawamura (1999) destaca que as consequências da falta de adaptação ao contexto japonês têm resultado em vários problemas psicológicos, como depressão e estresse, além de complicações de saúde, como pressão arterial elevada, gastrite, úlcera e também acidentes de trabalho. Yano (2013) encontrou que queda de cabelos, ansiedade generalizada, cefaleia e dores musculares são os sintomas físicos mais relatados pelos decasséguis brasileiros. As implicações da migração na saúde mental e física dos imigrantes têm sido amplamente estudadas na academia. Em um estudo comparativo conduzido por Miyasaka et al. (2002) entre uma amostra de brasileiros descendentes de japoneses no Japão e uma no Brasil, encontraram uma frequência maior de transtornos psiquiátricos leves na amostra do Japão do que a do Brasil (17,8% na primeira e 3,2% na segunda). No Japão, as maiores frequências foram verificadas no grupo das mulheres, com idades entre 16 e 30 anos e baixa renda. Em outro estudo, Miyazaka et al. (2007) compararam pacientes ambulatoriais brasileiros descendentes de japoneses que permaneceram no Japão com os que retornaram ao Brasil. Os resultados indicaram que no grupo do Brasil, havia uma maior incidência de esquizofrenia entre pacientes homens, não casados e que moravam sozinhos no Japão. No grupo dos pacientes do Japão, houve uma maior frequência de casos de ansiedade entre as mulheres, casadas, que moravam com familiares ou amigos e que

estavam há um período longo no Japão. Dentre os fatores preditores de incidências de distúrbios psíquicos, morar sozinho destacou-se uma variável de explicação importante entre o grupo que retornou ao Brasil. Estes resultados sugerem a importância do suporte social na saúde mental no contexto da migração.

Como medidas para lidar com as dificuldades da adaptação, Kawamura (2008) percebe a expansão dos empreendimentos brasileiros no Japão como uma estratégia de sobrevivência desta comunidade. Com a finalidade de enfrentar os desafios e dificuldades em um país culturalmente tão diferente do Brasil, a construção de seus próprios espaços ofereceria aos brasileiros a oportunidade de reproduzirem seu modo de viver em diversos setores sem grandes interferências da comunidade japonesa. Criam-se assim, locais para a livre expressão da cultura brasileira e a sensação de não haver necessidade de contato e interação com a cultura japonesa. Entretanto, este aumento da vitalidade da cultura brasileira aumentou ainda mais a distância entre a comunidade brasileira e a japonesa.

As práticas religiosas também têm sido apontadas por alguns autores como estratégias para lidar com as dificuldades da migração. A pesquisa de Matsue (2012) é um exemplo que destaca o papel da religiosidade na vida dos decasségus. Nesse estudo, observou-se que a prática da religião tem sido associada à função socializadora, já que em muitos centros religiosos são realizadas diversas atividades e serviços voltados para a comunidade brasileira. As atividades são variadas e exercem funções de suporte emocional, ao fornecer aconselhamentos e discussões de temas relacionados à vida no Japão e, de apoio material, uma vez que é através dos grupos religiosos que se desenvolvem várias redes de informações relacionadas ao trabalho, moradia e outros assuntos de interesses comuns da comunidade. Desta maneira, a religião tem sido concebida como uma estratégia alternativa para o enfrentamento das dificuldades e tem se consolidado como uma importante promotora de bem-estar e conforto emocional na vida dos decasségus. Yano (2013) destaca que o aumento

das igrejas evangélicas no Japão, pode ser uma indicação de que a religião tem sido mais amplamente adotada pelos decasségui como uma das estratégias de enfrentamento dos problemas relacionados à vida no Japão.

Com relação às estratégias de enfrentamento adotadas pela comunidade decasségui no Japão, Yano (2013) encontrou relatos que sugerem uma preferência pela adoção de estratégias de enfrentamento focadas no problema e as famílias que revelaram endossar mais estratégias focadas na emoção foram as que mais descreveram sintomas físicos associados ao estresse de aculturação. Como principais estratégias, a autora destaca a busca por suporte emocional através da família, amigos e religião e também de estratégias individuais, como, por exemplo, praticar exercícios. Em um estudo que mais se aproxima dos objetivos e da abordagem teórica adotada por esta presente pesquisa, a mesma autora (Yano, 2013) descreve um estudo realizado com 15 adolescentes de uma escola no Japão que revelou uma adaptação positiva, preferência pelo uso da estratégia de aculturação de integração e estratégias de “enfrentamento eficazes” além de uma correlação positiva entre a estratégia de aculturação do tipo separação e a adaptação psicológica. É importante ressaltar que o primeiro estudo realizado por esta pesquisadora é qualitativo, portanto, as inferências realizadas são baseadas somente em entrevistas, e o segundo, embora seja quantitativo, no qual há menções sobre correlações, não há um tamanho de amostra adequado para o objetivo do estudo, tampouco a apresentação de informações detalhadas sobre o método utilizado, em especial no que se referem às técnicas estatísticas empregadas e os resultados encontrados. Não foram encontrados relatos mais específicos destes estudos na fonte consultada tampouco nenhuma descrição mais detalhada em outros meios eletrônicos.

Contudo, verifica-se que os estudos apresentados sobre a comunidade brasileira no Japão adotam em sua maioria um delineamento qualitativo e a técnica de coleta de dados mais amplamente utilizada foi a entrevista. Dentre os estudos com delineamento quantitativo,

verifica-se que a maioria utilizou técnicas estatísticas descritivas e poucos estudos utilizaram técnicas inferenciais, porém, em dois dos três estudos descritos não há apresentação dos resultados estatísticos no idioma português ou inglês. Portanto, a literatura específica sobre aculturação de brasileiros no Japão é limitada e as pesquisas existentes sobre esta população apresentam um panorama geral das formas de adaptação deste grupo ao Japão, porém, sem uma investigação mais minuciosa ou com o rigor metodológico necessário para as inferências apresentadas. Além disto, a maioria destes estudos, quando conduzidos por psicólogos, adota abordagens diferentes da escolhida para esta pesquisa. Diante deste contexto, fez-se necessária a realização de um estudo com delineamento misto cujos dados qualitativos foram confrontados e complementados com os resultados quantitativos provenientes da população de brasileiros no Japão, sendo que, para esta pesquisa, foram incluídos tanto os decasséguis como também o grupo de *sojourners*. Este estudo buscou ampliar, corroborar ou confrontar com os dados apresentados a partir da visão da Psicologia Transcultural e assim permitir uma visão mais abrangente do fenômeno da imigração brasileira no Japão.

Diante do exposto, conforme já apresentado no início deste trabalho, esta pesquisa teve como objetivo geral construir um modelo preditivo de aculturação de brasileiros no Japão. Como objetivos específicos, esta pesquisa pretendeu:

- 1) conhecer e descrever as formas de aculturação dos brasileiros ao Japão,
- 2) identificar variáveis que contribuem para a compreensão da adaptação psicológica e sociocultural neste contexto,
- 3) adaptar culturalmente e verificar as evidências de validade dos instrumentos utilizados nesta pesquisa para o contexto brasileiro,
- 4) examinar quantitativamente a relação das variáveis identificadas em um estudo qualitativo

Para o alcance destes objetivos foi realizada uma pesquisa multimétodo ou de método misto com delineamento sequencial, ou seja, um estudo qualitativo foi seguido por um estudo quantitativo. Os estudos mistos envolvem coleta e análise de dados quantitativos e qualitativos em um único estudo, sendo que as coletas podem ser realizadas simultaneamente ou sequencialmente e envolve a integração dos dados em um ou mais estágios da pesquisa (Creswell, Plano Clark, Gutmann & Hanson, 2003). As pesquisas multimétodos ou de método misto tem sido fortemente encorajadas por vários pesquisadores da Psicologia Social e Transcultural e tem se tornado uma forma legítima e amplamente aceita de investigação nas ciências sociais (Van de Vijver & Chasiotis, 2010). A importância crescente das pesquisas multimétodo pode ser atribuída ao reconhecimento cada vez mais presente entre os pesquisadores das ciências sociais das limitações presentes em cada um dos métodos. A realização de uma pesquisa com ambas as abordagens pode ser uma possibilidade de cancelar ou minimizar as desvantagens de cada abordagem metodológica (Creswell et al., 2003). A pesquisa com este delineamento pode ser particularmente útil por fornecer um panorama mais amplo de temas específicos ao testar modelos teóricos (Hanson, Creswell, Plano Clark, Petska & Creswell, 2005). O delineamento sequencial, ou seja, em que um método é seguido de outro, pode ser conduzido através da exploração e identificação inicial de variáveis importantes para o fenômeno em estudo seguida da aplicação de instrumentos quantitativos (Van de Vijver & Chasiotis, 2010). Este tipo de pesquisa está baseado em um conceito importante, a chamada triangulação. Esta se refere à combinação ou convergência de evidências qualitativas e quantitativas cujo objetivo é fortalecer as conclusões da pesquisa. A amplitude dos fenômenos sociais pesquisados pela Psicologia requer a aplicação deste conceito para melhor compreender estas complexidades (Creswell et al., 2003). Desta maneira, esta pesquisa foi dividida em Estudo 1 e 2 que serão descritos a seguir.

## Capítulo 2: Estudo 1

### 2.1. Objetivos

Esse estudo tinha como finalidade conhecer e descrever as formas de aculturação dos brasileiros ao Japão e identificar variáveis que contribuem para a compreensão da adaptação psicológica e sociocultural e, para tanto, foi conduzido um estudo qualitativo. Os estudos qualitativos implicam na ênfase e análise das qualidades das entidades, processos e significados que não podem ser capturados pela sua quantidade, volume, intensidade ou frequência. A pesquisa qualitativa tem como proposta a investigação em profundidade dos significados socialmente construídos (Denzin & Lincoln, 2011). Com o objetivo de possibilitar este aprofundamento dos fenômenos estudados, a técnica de coleta de dados escolhida foi a entrevista. A entrevista é uma técnica de coleta de informações sobre um objeto de pesquisa que enfatiza o uso da palavra, símbolos e signos e através da qual se possibilita a construção das realidades sociais (Jovchelovitch & Bauer, 2002). O objetivo da entrevista na pesquisa qualitativa é investigar o tema de pesquisa sob a perspectiva do entrevistado e entender como e porque eles apresentam esta visão particular. De modo a atingir esse objetivo, a entrevista qualitativa deve ter um grau baixo de estruturação, preponderância de questões abertas e o foco em situações específicas e sequências de ações do universo do entrevistado.

### 2.2. Método

#### 2.2.1. Participantes

A amostra foi de conveniência e composta por 15 imigrantes brasileiros residentes no Japão, a média de idade foi de 33 anos e com relação ao tempo de estadia, os decasségus estão em média há 13 anos no Japão e os *sojourners* há dois anos. O número de participantes



seguiu o critério de saturação, ou seja, as entrevistas foram encerradas no momento em que começaram a fornecer conteúdo repetitivo e não acrescentaram informações novas e relevantes para o estudo, tendo em vista seu caráter exploratório. As informações sociodemográficas sobre os participantes são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1

*Dados sociodemográficos dos participantes das entrevistas*

Identificação	Tipo de imigrante	Sexo	Tempo no Japão	Idade	Estado civil	Grau de Escolaridade	Profissão	Moradia	Cidade de Origem	Residência atual	Tempo que pretende ficar no Japão
E1d	Decasségui – 4ª Geração	F	10 anos	21	Casada	Ensino Superior Incompleto	Operária (desempregada)	Família	São Bernardo do Campo, SP	Komaki, Aichi	Para sempre
E2d	Decasségui-3ª Geração	F	17 anos	47	Casada	Ensino Médio Completo	Operária	Família	Brasília, DF	Hamamatsu, Shizuoka	Para sempre
E2d	Decasségui-3ª Geração	F	7 anos	35	Casada	Ensino Superior Completo	Psicóloga	Família	São Paulo, SP	Fuchu, Tóquio	Para sempre
E4d	Decasségui – 3ª Geração	F	27 anos	47	Separada	Ensino Médio Completo	Operária	Filho e namorado	Garça, SP	Kamakura, Yokohama	3 anos
E5d	Decasségui – 3ª Geração	M	25 anos	42	Divorciado	Ensino Fundamental Completo	Operário e	Sozinho	Guarulhos, SP	Hamamatsu, Shizuoka	Sem previsão
E6d	Decasségui – 3ª Geração	M	1 ano e 1 mês	23	Solteiro	Ensino Superior Completo	Missionário	Alojamento	Maringá, PA	Tenri, Nara	3 anos
E7d	Decasségui – 3ª Geração	M	2 anos e 7 meses	26	Solteiro	Ensino Superior Incompleto	Operário (desempregado)	Amigo	João Pessoa, PB	Suzuka, Mie	2 anos

(Tabela 1, Cont.)

E8s	<i>Sojourner</i>	M	2 anos	23	Solteiro	Ensino Superior Incompleto	Estudante	Com colega japonês	Rio de Janeiro, RJ	Tsukuba, Ibaraki	3 anos
E9s	<i>Sojourner</i>	M	2 anos e 6 meses	33	Casado	Ensino Superior Completo	Missionário	Com a esposa	Arujá, SP	Tondabayashi, Osaka.	7 anos
E10s	<i>Sojourner</i>	M	11 anos	35	Casado	Doutorado Completo	Professor Universitário	Com a esposa	Campinas, SP	Tsukuba, Ibaraki	Sem previsão
E11s	<i>Sojourner</i>	M	2 anos	27	Solteiro	Pós-Graduação Incompleta	Estudante de mestrado	Sozinho	São Paulo, SP	Quioto, Quioto	4 anos
E12s	<i>Sojourner</i>	F	8 meses	31	Solteira	Pós-Graduação Incompleta	Estudante de pós-graduação	Alojamento estudantil	João Pessoa, PB	Osaka, Osaka	1 ano
E13s	<i>Sojourner</i>	M	2 anos e 1 mês	25	Solteiro	Pós-Graduação Incompleta	Estudante de pós-graduação	Amigos	São Carlos, SP	Sendai, Miyagi	4 ou 5 anos
E14s	<i>Sojourner</i>	M	3 anos	22	Solteiro	Pós-Graduação Incompleta	Estudante de pós-graduação	Amigos	Rio de Janeiro, RJ	Sapporo-shi, Hokkaido	4 anos
E15s	<i>Sojourner</i>	F	7 meses	28	Solteira	Pós-Graduação Incompleta	Estudante de pós-graduação	Namorada	Brasília, DF	Tóquio, Tóquio	2 anos

### 2.2.2. Instrumentos

O instrumento utilizado neste estudo foi um roteiro de entrevista semiestruturado (Ver Anexo 1) contendo perguntas-estímulos com o objetivo de investigar categorias e objetivos pré-definidos conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2

*Resumo das categorias e objetivos pré-definidos*

Categoria	Objetivo
1 - Vida no Brasil	Investigar a rotina, principais atividades que realizava, onde, como e com quem morava, percepção de como estava a vida antes de ir ao Japão.
2 - Definição de adaptação cultural	Explorar o que o entrevistado entende por se adaptar a um país diferente.
3- Motivação, expectativas, experiências e opiniões sobre o Japão antes da viagem ao país	Conhecer a opinião e experiências com o Japão antes da mudança ao país, os motivos que levaram o entrevistado a se mudar para o Japão e o que ele esperava do país, das pessoas e da nova rotina.
4 - Relação com o Japão e os japoneses	Conhecer a visão geral do entrevistado sobre o Japão e os japoneses. Mais especificamente, objetivou-se explorar como, onde e por que acontece a relação com a cultura japonesa e com os japoneses
5- Relação com o Brasil e os brasileiros	Investigar a opinião geral do entrevistado sobre o Brasil e os brasileiros, explorando especificamente como, onde e por que acontece a relação com o Brasil e os brasileiros.
6 - Vida atual	Explorar a rotina atual, atividades que exerce, condições de moradia atuais, saúde física e mental, visão da vida no geral.
7 – Percepção de futuro	Pesquisar sobre os atuais planos para o futuro na vida pessoal e profissional.
8 – Dificuldades vivenciadas	Identificar as principais dificuldades, problemas, obstáculos e limitações encontrados pelos entrevistados desde a chegada ao país até o momento da entrevista.

---

(Tabela 2, Cont.)

9 – Aspectos Facilitadores Explorar os fatores que facilitam ou facilitaram a adaptação ao Japão.

10 – Estratégias de Enfrentamento Identificar as formas de enfrentamento das dificuldades da adaptação ao Japão, ou seja, o que os imigrantes fazem para lidar com os problemas no país.

---

### 2.2.3. Procedimentos

Os participantes foram recrutados por meio eletrônico através de instituições de ensino, consulados, embaixadas, empresas de turismo, escolas e por redes sociais. O primeiro contato foi feito através de e-mails ou mensagens por redes sociais, em que o convite para a participação na pesquisa era acompanhado da exposição dos objetivos do estudo e da forma de participação do entrevistado. Após a confirmação da participação, um horário para a entrevista era estabelecido entre entrevistador e entrevistado. No dia da entrevista, os objetivos do estudo e a forma de participação eram ressaltados novamente. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Ver Anexo 2) era lido em voz alta ao participante, em que se enfatizava o caráter confidencial da identidade do entrevistado e a possibilidade de questionar ou abandonar o estudo em qualquer momento da entrevista. Após o consentimento do TCLE e autorização da gravação, dava-se início à entrevista. Todas as entrevistas foram realizadas por videoconferência, por meio do programa Skype. Embora imagens e sons foram utilizados nessas entrevistas, apenas o áudio era gravado. Para a realização das entrevistas, contou-se com o auxílio de seis entrevistadores. Estes eram estudantes de graduação em Psicologia que foram previamente treinados e familiarizados com os objetivos e com a temática da pesquisa. As recomendações para o uso do computador para a realização de entrevista foram cuidadosamente respeitadas, atentando-se para as questões técnicas dos programas utilizados para a condução da entrevista e da gravação e questões relacionadas ao entrevistador, incluindo as habilidades com o programa e a postura profissional e ética no momento da entrevista. Todas as entrevistas foram transcritas

manualmente utilizando-se os áudios gravados das entrevistas. O tempo médio de duração das entrevistas foi de 43 minutos e 32 segundos.

#### **2.2.4. Análise dos dados**

O conteúdo das entrevistas foi analisado pela técnica de análise de conteúdo categorial temática, conforme proposto por Bardin (2004), com categorias definidas a priori. A análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de procedimentos sistemáticos, caracterizados por regras lógicas de organização, categorização e tratamento de conteúdo que possibilitam a interpretação e inferências de conhecimentos (Bardin, 2004). Neste estudo, buscou-se seguir as etapas da análise de conteúdo conforme proposto por esta autora: 1) pré-análise, 2) codificação e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

- 1) Pré-análise: corresponde ao contato inicial com o material e organização do conteúdo a ser analisado. Inclui a leitura flutuante, que compreende o conhecimento do material; delimitação do conteúdo a ser analisado; formulação de hipóteses e objetivos e determinação dos indicadores de critério de análise que serão utilizados. Nesta pesquisa, as transcrições das entrevistas foram inicialmente exploradas com uma leitura flutuante do material. Foi realizada uma análise semântica das verbalizações e foram atribuídos temas a cada uma delas.
- 2) Exploração do material: consiste na transformação do material bruto em conteúdo de interpretação. Nesta fase são definidas as unidades de análise, que podem ser linguísticos (palavras e sentenças) ou semânticos (temas), e as formas de agrupamento, que abrangem as categorias iniciais, intermediárias e finais. Conforme exposto anteriormente, neste estudo a unidade de análise utilizada foram os temas. Nesta fase, também se definem as regras de enumeração, que podem ser por

frequência ou por presença/ausência. Este estudo adotou este último critério que considera o conhecimento teórico prévio para a interpretação e identificação dos significados presentes no material selecionado. Desta maneira, a análise de conteúdo realizada nesta pesquisa pode ser caracterizada como dedutiva já que utilizou os conhecimentos da literatura para operacionalizar a análise realizada.

- 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação: refere-se à interpretação do conteúdo manifesto e latente apresentado no material selecionado. Nesta fase, a pesquisadora realizou inferências e compararam-se os resultados obtidos com a literatura.

Com o objetivo de conferir fidedignidade e validade na análise de conteúdo realizada, buscou-se atender aos seguintes critérios sugeridos por Bardin (2004): a exaustividade, definido como a inclusão de todos os componentes possíveis do conteúdo a ser analisado, sem a omissão de nenhum; a representatividade, em que os conteúdos selecionados devem conter informações que represente o universo a ser pesquisado; homogeneidade, que consiste no uso de critérios precisos para a escolha do material que não pode ser demasiadamente singular, ou seja, os dados devem referir-se ao mesmo tema; a pertinência, que compreende verificar se o conteúdo corresponde adequadamente ao objetivo da análise e do estudo e, a exclusividade, que corresponde ao critério que busca alocar cada elemento a apenas uma categoria. Além do atendimento destes critérios, para cada entrevista, foram realizadas análises de conteúdos por dois juízes independentes, a pesquisadora responsável por este estudo e um estudante de doutorado em Psicologia Social com experiência e conhecimento na técnica de análise de conteúdo, com o objetivo de diminuir o viés do pesquisador e acrescentar validade e fidedignidade aos resultados encontrados. A tarefa de cada juiz consistia em agrupar os temas em categorias que eles julgavam pertinentes. Desta maneira, a análise de um juiz era comparada com a análise do outro juiz para verificar a concordância de

respostas. Foi obtido um total de 91% de concordância entre os dois juízes. O próximo passo consistiu em reavaliar as discordâncias entre os juízes e consideraram-se pertinentes os apontamentos do segundo juiz e, desta forma, as sugestões propostas foram acatadas de maneira que se considerou que não havia necessidade de uma nova análise para os dados não congruentes. Desta maneira, prosseguiu-se para a próxima etapa.

### 2.3 Resultados

Nesta seção, serão apresentados os resultados da análise de conteúdo das entrevistas realizadas com as descrições de cada categoria, os temas mais frequentes e exemplos de verbalizações. Optou-se por dividir as categorias em gerais, que se referem ao Objetivo Específico 1, de conhecer as formas de aculturação dos brasileiros ao Japão, e, em categorias específicas, que estão diretamente relacionadas ao Objetivo Específico 2, que tinha por finalidade identificar variáveis que contribuem para a compreensão da adaptação psicológica e sociocultural. Um resumo dos resultados é apresentado na Tabela 3.

Tabela 3

*Relação das categorias e temas das entrevistas*

Categoria	Temas
Categoria 1 - Vida no Brasil	Tema 1: Rotina Tema 2: Visão da vida no Brasil: ambiguidades Tema 3: Moradia com familiares ou amigos
Categoria 2 - Definição de adaptação cultural	Tema 1: Adaptar é ter inteligência cultural Tema 2: Adaptar é se engajar na cultura anfitriã
Categoria 3 - Motivação, expectativas, experiências e opiniões sobre o Japão antes da viagem ao país	Tema 1: Pouco conhecimento sobre o Japão Tema 2: Motivações diferentes: relacionadas ao grupo migrante Tema 3: Expectativas sobre o Japão e a nova rotina: diferenças entre <i>decasséguis</i> e <i>sojourners</i>



---

(Tabela 3, Cont.)

Categoria 4 - Relação com o Japão e os japoneses	<p>Tema 1: Admiração e respeito pela cultura japonesa</p> <p>Tema 2: Percepção de um povo frio</p> <p>Tema 3: Separação entre brasileiros e japoneses</p>
Categoria 5 - Relação com o Brasil e os brasileiros	<p>Tema 1: A forte presença do Brasil no Japão: o caso dos <i>decasségus</i></p> <p>Tema 2: Distanciamento da cultura brasileira: o caso dos <i>sojourners</i></p> <p>Tema 3: Vínculo com o Brasil</p> <p>Tema 4: A imagem do Brasil: amor e ódio</p>
Categoria 6 - Vida atual	<p>Tema 1: Adaptação Psicológica: ambiguidade de sentimentos</p> <p>Tema 2: Boa Adaptação Sociocultural</p>
Categoria 7 - Futuro	<p>Tema 1: Preocupação com o futuro – a visão dos <i>decasségus</i></p> <p>Tema 2: Boas perspectivas de futuro – a visão dos <i>sojourners</i></p>
Categoria 8 - Dificuldades	<p>Individuais:</p> <p>Tema 1: Habilidades no idioma</p> <p>Tema 2: Aceitar ou ajustar-se à cultura anfitriã</p> <p>Tema 3: Carência de Suporte Social (Saudades da família)</p> <p>Grupais:</p> <p>Tema 1: Percepção de discriminação</p> <p>Tema 2: Conflito intragrupal- a visão dos <i>decasségus</i></p> <p>Contextuais:</p> <p>Tema 1: Ritmo intenso de trabalho ou estudo</p> <p>Tema 2: Distância cultural entre Brasil e Japão</p> <p>Tema 3: Variáveis do cotidiano</p>
Categoria 9 - Facilitadores	<p>Individuais</p> <p>Tema 1: Habilidades no idioma</p> <p>Tema 2: Inteligência Cultural</p> <p>Tema 3: Engajamento na cultura anfitriã</p> <p>Grupais</p> <p>Tema 1: Suporte Social</p> <p>Contextuais</p> <p>Tema 1: Japão: um país que funciona</p> <p>Tema 1: Facilidade no consumo</p>
Categoria 10 – Estratégias de Enfrentamento	<p>Tema 1: Engajamento</p> <p>Tema 2: Busca por suporte social</p>

---

Categorias gerais: Descrição das formas de aculturação dos imigrantes brasileiros ao Japão

#### Categoria 1: Vida no Brasil

Nesta categoria foram exploradas as rotinas dos participantes no Brasil, as principais atividades que realizavam, onde, como e com quem moravam e a percepção de como estava a vida antes de ir ao Japão. Os resultados encontrados sugerem a presença dos seguintes temas: rotina, visão da vida no Brasil: ambiguidade e, moradia com familiares e amigos, conforme pode ser observado na Figura 3. A rotina da maioria dos participantes antes de ir ao Japão era uma rotina de estudante, empregado assalariado ou dona de casa, sendo que a maior parte dividia a rotina de estudos com o trabalho para complementar a renda familiar. No geral, a visão sobre a vida no Brasil era negativa em termos profissionais, sendo que a instabilidade financeira e a dificuldades para conseguir um bom emprego foram citados como fatores principais da insatisfação com a vida no país. Adicionalmente, a violência e o estilo de vida nas grandes cidades também contribuíram para esta visão negativa. Em relação aos aspectos positivos, destaca-se a vida social, as amizades e redes de apoio. Com relação à moradia, a maioria dos participantes morava com a família ou com amigos antes de irem ao Japão. Nenhum entrevistado relatou morar sozinho.

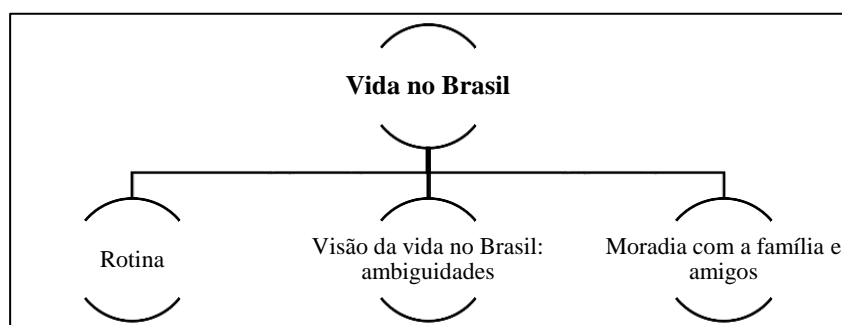


Figura 3. Categoria 1: Vida no Brasil

### Tema 1: Rotina

Exemplos de verbalizações:

*“A minha vida no Brasil era de estudante, né? Nem cheguei a trabalhar muito”*. E3d

*“Era uma correria. Acordar cedo, pegava o ônibus lotado, trabalhava, voltava correndo, ia pra escola”*. E2d

*“Vida de estudante universitário normal. Fazia faculdade, mas eu trabalhava também no Brasil”*. E8s

### Tema 2: Visão da vida no Brasil: ambiguidades

Exemplos de verbalizações:

*“Eu sempre tava bem estressada com os estresses de São Paulo, com a violência, com a segurança que não era boa, etc. E lá, desde muito tempo atrás, né? É... a falta de dinheiro, muitas vezes. Era bem estressante essa parte, né? ”*. E3d

*“Eu tava insatisfeito com a vida lá na empresa”*. E4s

*“Eu tinha muitos amigos, era muito bom. Também essa parte, né? A parte social, também eu adorava. Achava muito legal”*. E3d

### Tema 3: Moradia com familiares ou amigos

Exemplos de verbalizações:

*“Eu morava com a minha mãe. Meus pais são separados e eu morava com minha mãe”*. E14s

*“Ah, eu morava com os meus pais, meu irmão e minha cunhada”*. E12s

*“Ah, na época, na época, eu morava com meus pais, meus avós e minha irmã. Então éramos em seis, comigo, né? ”*. E6d

## Categoria 2 - Definição de adaptação cultural.

O objetivo desta categoria era explorar o que o entrevistado entende por se adaptar a um país diferente. Adaptar a um outro país é descrito pelos participantes como um processo complicado, difícil, uma mistura de sentimentos indescritíveis, um aprendizado. No geral, observou-se que os participantes descreveram o processo em termos de comportamentos ideais para alcançar a adaptação em outro país. Os relatos podem ser melhor analisados em dois temas conforme se verifica na Figura 4: o primeiro representa os relatos dos participantes que relacionaram a adaptação à inteligência ou competência cultural, ou seja, a flexibilidade, desapego, respeito e conhecimento das normas locais. Já outra parcela de participantes definiu a adaptação em termos de engajamento à cultura local, seja através do contato, do conhecimento e compreensão da história e das pessoas do país anfitrião.

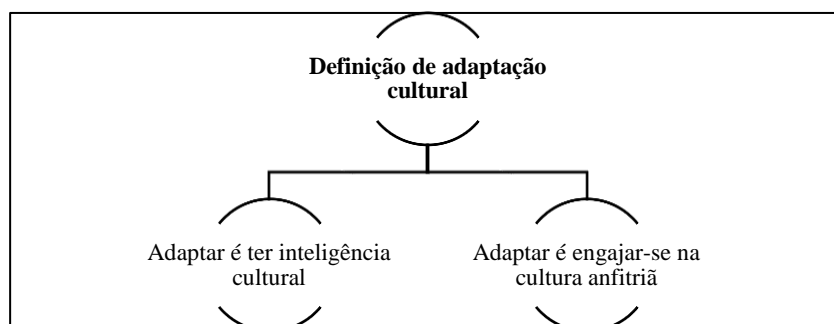


Figura 4. Categoria 2: Definição de adaptação cultural

### Tema 1: Adaptar é ter inteligência cultural

Exemplos de verbalizações:

*“Olha, eu acho que tem que ter em primeiro lugar força de vontade”*. E5d

*“A cultura regional é uma coisa que a gente tem que respeitar”*. E7d

*“Eu acho que o mais importante é você tá de mente aberta pra, pra conhecer a cultura”*. E14s

## Tema 2: Adaptar é engajar-se na cultura anfitriã

Exemplos de verbalizações:

*“A gente tem que se adaptar à cultura deles e não eles se adaptar à nossa”*. E1d

*“Eu diria que a pessoa conseguiu se integrar a um país, porque tem gente que fala que acredita que se adaptar é sobreviver no país. Eu não diria que seria exatamente isso. A pessoa que realmente se adaptou, na minha opinião, seria uma pessoa que conseguiu se integrar realmente no país”*. E13s

*“Adaptar aqui, né? Eu acho que a gente pra começar, tem que viver com os vi...A gente é estrangeiro aqui, né? É... a gente tem que ter contato, com o pessoal daqui, conversar, aprender, estudar, não saber só para o presente, para o passado. Porque sabendo um pouquinho do passado a gente começa a entender como, por que, assim pode”*. E4d

Categoria 3 - Motivação, expectativas, experiências e opiniões sobre o Japão antes da viagem ao país.

Esta categoria explorou a opinião e experiências com o Japão antes da mudança ao país, os motivos que levaram os entrevistados a se mudarem e o que eles esperavam do país, das pessoas e da nova rotina. O Japão era visto pelos participantes como um país misterioso e de maneira geral, desconhecido. Os que apresentavam um conhecimento maior sobre o país antes do deslocamento, haviam sido familiarizados através dos cursos de japonês, desenhos ou pela família. Mesmo entre os participantes decasséguis, a imagem do Japão era mais fictícia e menos realista, já que o Japão para eles era o das histórias contadas pelos avós ou bisavós. Entre os brasileiros não descendentes, a imagem do Japão foi muito associada às imagens veiculadas pela mídia e através dos mangás e animes. A imagem de um povo frio, fechado e de um país tecnológico foram frequentemente relatadas pelos entrevistados.

As motivações para a mudança de país podem ser percebidas de maneiras diferentes entre os *decaasséguis* e os *sojourners*. Para os *decaasséguis*, a principal razão da ida ao Japão é financeira, ganhar dinheiro. No grupo dos *sojourners*, a principal causa da mudança pode ser relacionada à oferta de bolsas de estudos e a oportunidade de adquirir conhecimentos e experiência em um país pioneiro na área de formação. A maioria foi incentivada pela família ou amigos que já estavam ou haviam ido ao Japão. Gostar e admirar o Japão e a insatisfação com a vida no Brasil também foram citados como motivadores para a mudança nos dois grupos.

Com relação às expectativas pessoais, também se observou diferenças entre os dois grupos. No grupo dos *decaasséguis*, a expectativa relatada era a de encontrar uma realidade parecida com a contada pelos familiares, uma visão mais romantizada e mais longe da realidade. As expectativas também foram associadas ao fator financeiro, a maioria relatou que pretendia ficar pouco tempo, conseguir juntar dinheiro e abrir um negócio próprio. Com relação ao grupo do *sojourners*, a maioria relatou expectativas de encontrar um país tecnológico, organizado e seguro. Porém, esperava um país menos frio e fechado. Com relação à rotina, esperava que fosse menos estressante. A Figura 5, a seguir, apresenta esta categoria com seus temas.

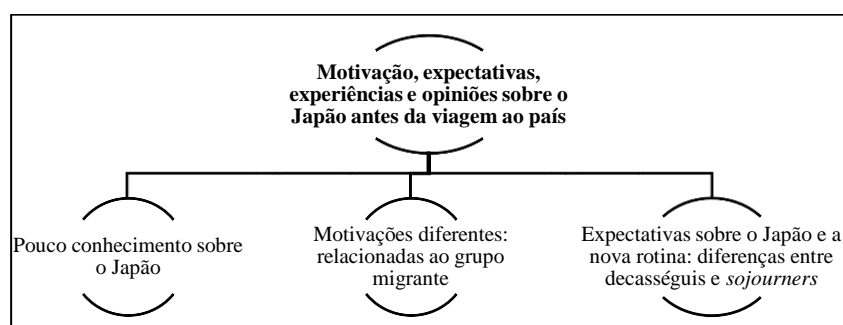


Figura 5. Categoria 3: Motivações, expectativas experiências e opiniões sobre o Japão antes da viagem ao país

Tema 1: Pouco conhecimento sobre o Japão

Exemplos de verbalizações:

*“Não conhecia nada do Japão, nada mesmo”. E15s*

*“Nossa, eu só sabia o que todo mundo sabe, assim, é muito desenho japonês, o anime, o mangá e... eu sabia que assim, era muito tradicional, que as pessoas falavam: olha, as pessoas de lá são muito fechadas, eles não são abertos”. E12s*

*“ Quando eu era criança, a gente ia muito pra casa do meu avó, né? Que ele que é o... que ele era o descendente. E ele recebia muito aqueles jornais escritos em japonês e eu ficava ali em cima dele, né? E eu ficava naquela no chão... que isso? Que isso, né? E eu vi uma foto do Japão, inclusive tava na época do sakura, que é a flor de cerejeira, né? Que é muito famosa. E aí, aquilo me despertou uma paixão maior pelo Japão, né? E eu acho que eu cresci com isso. E a gente frequentava às vezes aquelas festas japonesas. Aí, a gente tinha contato com os japoneses, e eu acho que isso foi aumentando a minha paixão, né? ”. E2d*

Tema 2: Motivações diferentes: relacionadas ao grupo migrante

Exemplos de verbalizações:

*“E meu sonho era tipo... é... tipo, juntar um dinheiro pra vim, voltar pro Brasil, pra comprar um apartamento e voltar à estudar, né?”. Ed4*

*“Não só falta de segurança, mas a falta de caráter de bastante pessoas durante o trabalho. São várias coisas né, mas o principal foi o perigo e a falta de coragem mesmo que fez com que eu desanimasse de trabalhar com pessoas aí no Brasil, né?”. E7d*

*“Já tinha interesse e eles têm uma bolsa de estudos muito boa. Acho que é isso. Basicamente isso”. E10s*

*“Por acaso, apareceu essa oportunidade de vir pro Japão pra fazer um programa de treinamento de professores, que é exatamente na minha área de Educação Física”. E12s*

Tema 3: Expectativas sobre o Japão e a nova rotina: diferenças entre decasséguis e *sojourners*

Exemplos de verbalizações:

*“Então eu esperava mais ou menos o que eu tinha quando, quando eu tinha contato com a cultura japonesa que eu, de ser uma cultura fria e organizada. E que mais? Ser um país rico, que é bem diferente do Brasil”*. E10s

*“Olha, na verdade acho que a maioria das pessoas que a gente conversa vem meio que, meio iludidas né? Porque quando a gente tá no Brasil a gente vê uma coisa, lá, quando a gente chega aqui é outra, né? ”*. E5d

#### Categoria 4 - Relação com o Japão e os japoneses

Nesta categoria procurou-se conhecer a visão geral do entrevistado sobre o Japão e os japoneses. Nesta categoria, observa-se a presença de três temas principais conforme mostra a Figura 6: a admiração e respeito pela cultura e pelo povo japonês, a percepção de um povo frio e a relação de separação entre brasileiros e japoneses. Com relação ao primeiro tema, verifica-se que a admiração está voltada para a questão das tradições japonesas e às características gerais do país, como o fato de ser um país organizado, limpo e tecnológico. A admiração também se estende ao jeito prestativo, educado e solidário dos japoneses. A visão negativa está mais associada às pessoas, já que percebem os japoneses como frios, com pouca empatia, fechados e muito voltados para a esfera profissional. No que se refere à relação entre os dois grupos, percebe-se pelo relato dos participantes, que há uma distância, separação entre brasileiros e japoneses. O contato com os japoneses se limita aos ambientes profissionais, sendo que as amizades com eles são difíceis de acontecerem e quando há relacionamentos, são superficiais. A separação também se verifica pelo pouco envolvimento dos brasileiros nas atividades da sociedade japonesa.



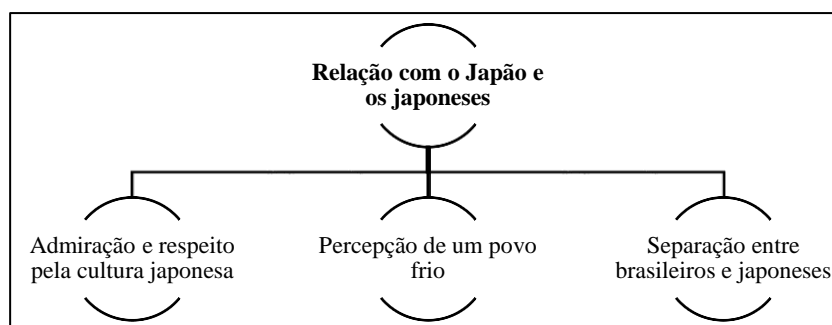


Figura 6. Categoria 4: Relação com o Japão e os japoneses

### Tema 1: Admiração e respeito pela cultura japonesa

Exemplos de verbalizações:

*“O Japão é um país extremamente limpo”*. E2d

*“Em questão cultural realmente, em questão de festivais, coisa do gênero, eu acho que é extremamente interessante, porque é completamente diferente do Brasil, e geralmente os feriados aqui tem um significado além deles. Muitas vezes festivais correspondentes e tudo mais. Isso eu acho muito interessante”*. E13s

*“Então existe uma solidariedade entre as pessoas, uma... um grau de confiança entre as pessoas muito alta”*. E9s

### Tema 2: Percepção de um povo frio

Exemplos de verbalizações:

*“Na fábrica, tinha a maioria também dos japoneses que, é um lado meio negativo, aqui, não sei se é o jeito deles, meio frio também de ser, né?”* E5d

*“Os japoneses por eles serem pessoas frias, se ele tiver que passar por cima de você, ele passa”*. E1d

*“Já no começo foi bem difícil porque no Brasil a gente pega intimidade fácil, então a gente conversa por 10 minutos e a gente já faz uma brincadeira com a pessoa, já tira sarro de alguma coisa ou já conta algum aspecto pessoal, já fala da própria vida. Sei lá. É... e no*

*Japão isso demora bastante, você demora um tempão pra começar a falar de você ou de perguntar das pessoa”*. E10s

Tema 3: Separação entre brasileiros e japoneses

Exemplos de verbalizações:

*“Eu não participo muito das tradições japonesas”*. E2d

*“O contato assim, é, quando é serviço é só serviço. É difícil a gente ficar mais amigo”*. E4d

*“Em geral, eu diria que me sinto um pouco como um intruso, porque é um ambiente que não me sinta como se eu faça parte dele, então acho que é isso”*. E13s

Categoria 5: Relação com o Brasil e os brasileiros

Esta categoria investigou a opinião geral do entrevistado sobre o Brasil e os brasileiros. Com relação a esta categoria, verificou-se a presença de temas que refletem a realidade da amostra de decasséguis e a de *sojourners*. O primeiro tema, a forte presença do Brasil no Japão, representa o contato frequente da comunidade decasségui com as pessoas, produtos e serviços brasileiros. Já o segundo tema, o distanciamento da cultura brasileira, descreve a relação mais distante do grupo dos *sojourners* com a realidade brasileira no Japão. O terceiro tema, o vínculo com o Brasil, reflete a forte ligação de ambos os grupos com as pessoas do Brasil e o interesse em acompanhar as notícias do país. Este vínculo é mantido preferencialmente através da internet. O quarto tema refere-se à imagem do Brasil, que ora é descrita como positiva, como um país ideal para se morar, livre e mais aberto, e, em outros momentos de forma negativa, expressando sentimento de ódio, raiva, fracasso, vergonha. A Figura 7 apresenta a categoria 8 com seus temas.

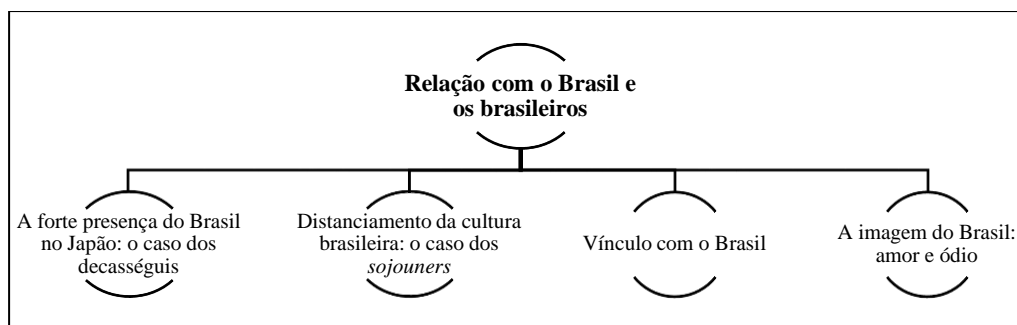


Figura 7. Categoria 5: Relação com o Brasil e os brasileiros

### Tema 1: A forte presença do Brasil no Japão: o caso dos decasséguis

#### Exemplos de verbalizações:

*“Aqui onde eu moro também tem muitos brasileiros. Converso. É que, querendo ou não você acaba conversando bastante com eles”. E7d*

*“Aqui, tudo, qualquer lugar, tem mercado brasileiro, tem escola brasileira, tem hospital, clínica dentária, tudo, só, só pra brasileiro”. E1d*

*“Eu, eu conheço bastante (brasileiros). É... eu, eu frequento uma igreja, igual eu falei, né? Eu sou evangélica. E então a gente tem aquele círculo assim... das nossas igrejas, né? Do pessoal, das nossas atividades”. E2d*

### Tema 2: Distanciamento da cultura brasileira: o caso dos sojourners

#### Exemplos de verbalizações:

*“Eu acabo esquecendo um pouco do que eu fazia, de como eram as coisas no Brasil, e aí bate aquela saudade. Eu tô aqui e tal, tô vivendo esse momento, mas como é que seria no Brasil? Por exemplo e tal. Então, o Brasil, no momento, não faz tanta parte do meu cotidiano normal”. E12s*

*“Quando tem um festival sobre o Brasil ela vai e nessa hora a gente tem contato com outros brasileiros que vão, organizam o festival, que vão participar. Mas assim, não é um contato muito forte, por assim dizer”. E11s*

*“O Brasil não se faz presente no meu cotidiano. Praticamente nem idioma”. E13s*

### Tema 3: Vínculo com o Brasil

#### Exemplos de verbalizações:

*“Bom, a maior parte do meu uso de internet ainda é com o Brasil, né? Eu acesso site de notícia em português no Brasil, falo com meus contatos. Eu converso com minha família pelo Skype regularmente, toda semana mais de uma vez”*. E8s

*“A gente fala geralmente por Facebook (com as pessoas no Brasil). É... às vezes por telefone”*. E4d

### Tema 4: A imagem do Brasil: amor e ódio

#### Exemplos de verbalizações:

*“E aí você olha pra realidade do Brasil, né? Que... são aquele... as pessoas, né? Morrendo, aquela falta de respeito com idosos deitados no chão, aquela... Então esse assim, traz um, uma falta de...nossa. É um sentimento assim, de revolta, de fracasso”*. E2d

*“Então até aí então foi uma coisa que fez... acho que odiar mais ainda o Brasil sabe?”*. E1d

*“A única coisa que me prende ao Brasil, é... eu amo o Brasil. Amo as coisas, né?”*. E2d

*“É, o jeito brasileiro é bastante diferente, a gente consegue pensar em várias coisas, quer dizer, a gente é bem mais relaxada, a gente não tem tantos conflitos de valores, por exemplo, pontualidade. É, eu percebo que no Brasil é mais livre em alguns aspectos”*. E10s

### Categoria 6 - Vida atual

Esta categoria investigou a rotina atual, atividades que exercem, condições de moradia atuais, saúde física e mental e a visão da vida no geral. Nesta categoria, procurou-se explorar os conceitos de adaptação psicológica e sociocultural dos imigrantes. Desta maneira, o

primeiro tema é a Adaptação Psicológica: ambiguidade de sentimentos, que foi descrito em termos de saúde física e mental, satisfação com a vida e conforto psicológico no novo ambiente. Neste tema, verificou-se que, no geral, a amostra de decasséguis se apresenta um pouco mais insatisfeita com a vida no Japão do que a de *sojourners*, já que expressou certo arrependimento, medo que algo ruim aconteça ou sentimento de ser intruso no país. Já a amostra de *sojourners*, mostrou-se bastante satisfeita com a experiência, sendo que a maioria está realizando atividades que gosta. A maior parte dos entrevistados relatou sentir falta de vida social e sabe que o seu lugar não é no Japão. Com relação ao segundo tema, a adaptação sociocultural, procurou-se identificar como os imigrantes lidam com as questões de moradia, burocracia, transporte, lazer e aspectos mais práticos do cotidiano. Em relação a este tema, os relatos dos entrevistados sugerem que possuem bastante habilidade em manejar as situações diárias sem grandes preocupações ou dificuldades, mesmo com a barreira linguística. A Figura 8, a seguir, apresenta a Categoria 9 com seus temas.

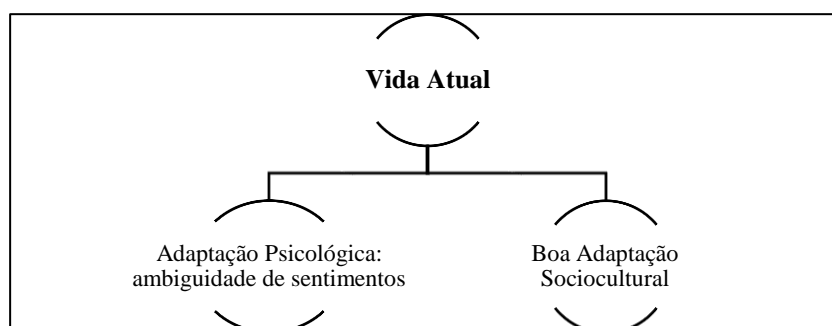


Figura 8. Categoria 6: Vida Atual

Tema 1: Adaptação Psicológica: ambiguidade de sentimentos

Exemplos de verbalizações:

*“Por isso que eu acho que eu estou bem adaptado, porque eu não me vejo morando no exterior, por assim dizer”. E11s*

*“E no meu caso eu prefiro viver aqui, viver no Japão. Só que como, no meu caso, eu vou ter que voltar um dia, né? ”. E6d*

*“Porque a gente tá vivendo aqui, vivendo, vivendo, sei lá, sobrevivendo na verdade, né? ”. E5d*

*“Algumas vezes, eu tenho uma relação de amor e ódio com o Japão. Tem alguns momentos que eu gosto realmente de estar aqui e tem outros momentos que eu quero ir embora. Em questão profissional, eu sei que o ideal pra mim é continuar, apesar de ser extremamente estressante. Em questão pessoal não acho que continuar no Japão seja algo proveitoso”. E13s*

## Tema 2: Boa Adaptação Sociocultural

Exemplos de verbalizações:

*“Olha, então, como já fazem 25 anos, né? Que eu estou aqui, ah, eu vou dizer, eu posso dizer que eu acostumei bem aqui, né? Aprendi a, a, a me virar. Assim, o básico, eu sei. Eu sei sair na rua e me virar, na língua né? Eu tive, tive que aprender na marra aqui, né? ”. E5d*

*“Hoje é tranquilo. Hoje por eu falar o básico de japonês, né? Eu aqui tive que fazer escola, né? Fiz escola três meses lá em Kanagawa em Ayase e, então, hoje eu consigo, né? Me deslocar com tranquilidade”. E7d*

*“Agora que eu estou cozinhando mais em casa, aprendi a comprar as coisas”. E15s*

## Categoria 7 – Futuro

Nesta categoria, foram explorados os atuais planos para o futuro na vida pessoal e profissional. Nesta categoria, destacam-se os seguintes temas, conforme apresentado na Figura 9: preocupação com o futuro e boas perspectivas de futuro. Novamente, percebe-se uma separação clara entre os dois grupos, o primeiro tema, reflete a situação dos decasséguis, que demonstram incertezas, inseguranças e faltas de perspectivas em relação ao futuro

profissional. Eles se mostram especialmente aflitos com o retorno ao trabalho no Brasil. A maioria relatou o desejo de abrir um negócio próprio no Japão ou no Brasil. Por outro lado, o segundo tema, reflete o grupo dos *sojourners* que se mostra comprometido com a atual profissão e apresenta uma visão mais positiva do futuro. Além disto, este grupo também apontou planos além da esfera profissional, como dedicar-se mais ao aprendizado do idioma e da cultura japonesa, adquirir novos hábitos ou atividades, transmitir o que aprendeu no Japão e ter filhos. Dentre os participantes, observa-se que uma parcela pretende retornar ao Brasil e a outra não pretende. Não foi observada nenhum padrão de resposta em cada grupo.

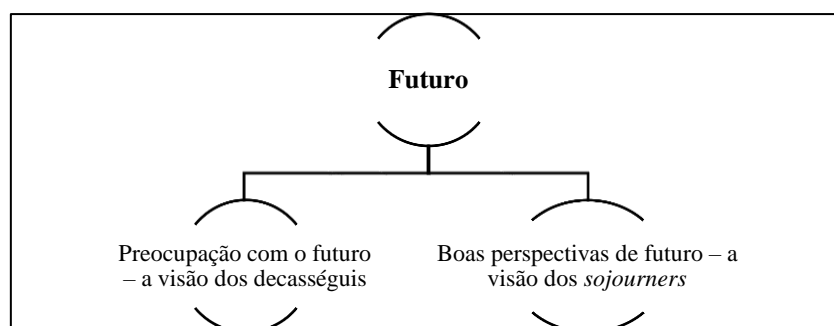


Figura 9. Categoria 7: Futuro

#### Tema 1: Preocupação com o futuro – a visão dos decasséguis

Exemplos de verbalizações:

*“Eu sempre, sempre fico preocupada com o futuro. Isso desde criança. Eu sempre penso no futuro, futuro, futuro”*. E3d

*“Eu não vou ter o diploma, eu estou totalmente desinformada sobre as coisas no Brasil e eu não tenho idade pra trabalhar em uma fábrica aí no Brasil, né?”*. E4d

*“Só tô trabalhando pra pagar minhas contas. Então, agora eu tô com essa, com essa representação dessa nova empresa. Então, sei lá, é uma, uma nova luz. É, então, se eu não tentar eu não vou saber se vai dar certo ou não”*. E5d

Tema 2: Boas perspectivas de futuro – a visão dos *sojourners*

Exemplos de verbalizações:

*“Está sendo muito bom estar aqui agora, está sendo um semestre super, eu acho, bem promissor”*. E13s

*“Bom, como eu falei eu pretendo aproveitar bem esse não sei até quando exatamente vou ficar aqui no Japão, mas os anos que eu tiver aqui, né aproveitar bem a língua, aprender bem a língua, aprender bem as qualidades positivas do povo japonês”*. E9s

*“Voltar pro trabalho e tentar colocar em prática algumas coisas que eu já vi aqui que funcionam, que são importantes, que são legais, falando da Educação Física em si”*. E12s

Categorias específicas: Dificuldades, Facilitadores e Estratégias de Enfrentamento

As próximas categorias a serem descritas estão diretamente relacionadas ao segundo objetivo deste estudo que era identificar variáveis que contribuem para a explicação da adaptação psicológica e sociocultural. A fim de facilitar a visualização e compreensão destas variáveis, elas foram agrupadas e serão descritas em sequência.

Categoria 8 - Dificuldades

Esta categoria identificou as principais dificuldades, problemas, obstáculos e limitações encontrados pelos entrevistados desde a chegada ao país até o momento da entrevista. Nesta categoria foram encontradas três subcategorias que dividem as dificuldades em individuais, grupais e contextuais. No primeiro subgrupo, destacaram-se a falta de domínio do idioma japonês, dificuldades em aceitar ou se ajustar à cultura japonesa e a saudade da família. Já em relação às dificuldades advindas de processos grupais, a percepção de discriminação foi a dificuldade mais relatada pelos participantes e com menos destaque cita-se o conflito intragrupal, a rivalidade e desunião entre os brasileiros no Japão. Com



relação aos fatores contextuais, o ritmo intenso de estudo ou trabalho, as grandes diferenças culturais entre o Japão e o Brasil e questões relacionadas aos aspectos práticos do cotidiano, como moradia, emprego e alimentação foram mais frequentemente citadas pelos entrevistados. Esta categoria com seus temas é apresentada na Figura 10.

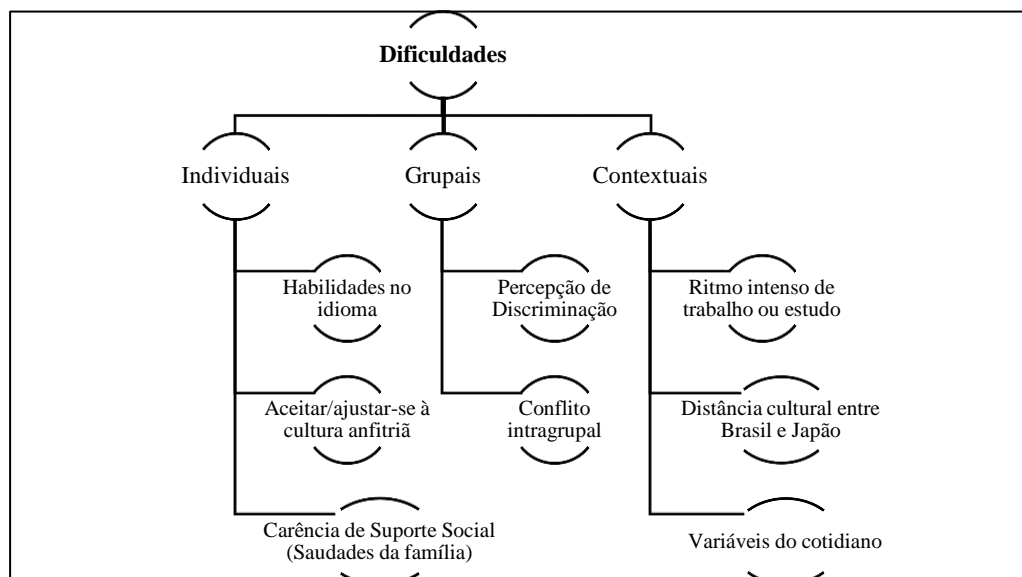


Figura 10. Categoria 8: Dificuldades enfrentadas pelos brasileiros no Japão

Subcategoria 1: Fatores individuais que dificultam a adaptação

Tema 1: Falta de domínio do idioma

Exemplos de verbalizações:

*“A língua é terrível. Porque é muito difícil, né? MUITO difícil, é... você chega assim, não entende nada, ainda... Foi uma das preocupações, como você perguntou, né? O que fazer pra adaptar. Foi aprender a língua, a preocupação era a língua”. E2d*

*“Então quando cheguei aqui, essa foi a grande, e até hoje é uma grande dificuldade, né? Com a língua ainda, japonesa, né?”. E3d*

*“Ah, no meu caso, o que eu encontrei mais dificuldade foi realmente a língua. É... eu ter vindo pra cá sem saber nada de japonês e eu tive que vir sozinha”. E12s*

## Tema 2: Dificuldades em aceitar ou se ajustar à cultura japonesa

### Exemplos de verbalizações:

*“Porque a minha mãe ela é muito assim carismática, ela gosta de abraço, de beijo, e os japoneses já são mais frios. Então ela sofre um pouco, né?”. E1d*

*“Difícil (lidar com o jeito dos japoneses). Difícil porque japoneses é... eles têm regras, né? E as regras têm que ser feitas. Se você não fizer, tipo, nossa... os japoneses que tavam ali como nossos chefes faziam um escândalo, né? Então, foi bem complicado a adaptação”. E7d*

*“Eu vejo outras pessoas que estão tendo dificuldade para se adaptar aqui, por exemplo, no Japão tem muitas regras, né? Muita burocracia tudo aqui tem que ser meio certinho, sabe? ”. E15s*

## Tema 3: Saudades da família

### Exemplos de verbalizações:

*“Então eu acho que essa é a parte mais triste de você deixar a sua família e o seu país, né? É o mais triste de tudo”. E2d*

*“Aqui no Japão, longe da família e do Brasil, a gente vê...Eu pelo menos senti na pele que, quando eu fiquei doente ou quando tive dificuldade, a gente sente muita falta da família”. E4d*

*“Então além de estar distante da família, não ser tão fácil de se comunicar. Então também tem esse problema. ”. E12s*

## Subcategoria 2: Dificuldades advindas de processos intragrupais e intergrupais

### Tema 1: Percepção de discriminação

#### Exemplos de verbalizações:

*“Na escola, é... no começo tem o negócio de que a gente é estrangeiro. Ficam falando por trás, ah... sei lá, que é folgado ou coisa parecida”*. E4d

*“Aqui no Japão tem essa, eles têm um pouquinho essa, um pouquinho de medo dos estrangeiros. Então, por exemplo, em alguns momentos, assim, eu entrava no ônibus e sentava e ninguém sentava do meu lado porque eu era estrangeira. Ou então, se eu entro no trem, eles ficam olhando”*. E12s

*“Acho que é uma coisa quase que impossível pro estrangeiro. Geralmente se tem alguns empregos, por exemplo, que se pode ter estavelmente, mas mesmo assim são empregos fixos pra estrangeiros, com idioma, alguma coisa assim, mas sendo estrangeiro a gente nunca vai ser julgado igual”*. E13s

*“Claro que eu já passei assim por algumas situações um pouquinho desagradáveis. Como existem os japoneses que tratam bem, também existem os japoneses ainda hoje que são, é, como fala, rac... não num digo racista, é uma palavra muito forte, mas que não aceitam muito bem o estrangeiro”*. E1d

## Tema 2: Conflito intragrupal- a visão dos decasséguis

### Exemplos de verbalizações:

*“É entre os próprios brasileiros. Essa união que eu te falei que não existe. De, de ajuda, não. É, os brasileiros, infelizmente, eles não têm essa... sabe. São um pouco egoístas, aquele... quer tudo dar um jeitinho brasileiro, quer tudo... isso atrapalha um pouco”*. E2d

*“Infelizmente, a maioria do pessoal, mesmo os brasileiros que ficam na fábrica, são assim pra gente. Não chegamos a ficar amigos, tinha um pouco de rivalidade, um querendo ter salário maior que o outro”*. E4d

*“Infelizmente aqui no Japão os brasileiros são muito assim, não tem muita união, né? Então, como eu disse, no começo, quando cheguei no Japão, encontrava um brasileiro, fala*

*pô, você é brasileiro? Legal, de onde? Hoje em dia você olha brasileiro, né? Você vira a cara ou dobra, dobra a esquina né? Falei, falei... lá tem brasileiro, vamos embora. Então, a desunião aqui é grande, grande, bem grande né? É, é, e meio complicado, né?”. E5d*

### Subcategoria 3: Fatores contextuais

#### Tema 1: Ritmo intenso de trabalho ou estudo

##### Exemplos de verbalizações:

*“O ritmo que a gente tem é o problema que eu falei pra você, que a gente já viu vários suicídios, ou pessoas dando derrame cedo. Em parte, porque não consegue se adaptar. Então você não tem aquela atividade que o brasileiro tem. Então muita gente fica louca. Porque não consegue se adaptar, né?”. E2d*

*“Então, lazer...Difícil, bem difícil. Porque a vida aqui no Japão é trabalho, trabalho e trabalho, e quando não é trabalho é hora extra, porque... é corrido, é, não é igual aí no Brasil”. E7d*

*“Então a gente fez um, no meu programa, os seis primeiros meses é um curso intensivo de japonês, então você tinha que consumir toda a língua japonesa em vinte e quatro horas e... nossa! Complicado! ”. E12s*

#### Tema 2: Distância cultural entre Brasil e Japão

##### Exemplos de verbalizações:

*“Então, cultura... Em comparação com o Brasil, é totalmente diferente. É... as pessoas agem de forma diferente, falam com você de forma diferente”. E12s*

*“Tudo novo e várias coisas, vários lugares interessantes, costumes, o país. Tudo diferente do Brasil”. E5d*

*“Muitas coisas são completamente diferente: a comida, o jeito de comer, os hábitos, e por aí vai”*. E10s

Tema 3: Dificuldades relacionadas ao cotidiano

Exemplos de verbalizações:

*“A comida foi o maior choque cultural para mim”*. E15s

*“É, frio, frio intenso, calor, calor intenso. Aqui tudo é do extremo ao extremo, calor ou frio. Aí o clima aqui pesou bastante”*. E7d

*“Aqui eu tenho que me preocupar com o tempo (clima), né? Se tem, por exemplo, no inverno. O inverno aqui é bastante rigoroso e o verão é muito quente. Então eu tenho que planejar bem pra ir pra rua”*. E10s

Categoria 9 – Facilitadores

Nesta categoria (ver Figura 11) foram identificados os fatores que facilitam ou facilitaram a adaptação ao Japão. Essa categoria pode ser melhor dividida em três subcategorias: individuais, grupais e contextuais. Na primeira subcategoria, os temas mais relevantes foram: habilidades no idioma, inteligência cultural e engajamento na cultura anfitriã. No primeiro tema, a maior parte dos entrevistados relatou que o nível de habilidade no idioma japonês pode dificultar ou facilitar a adaptação ao país. Os participantes que mencionaram a importância do idioma, enfatizaram que falar japonês possibilita compreender mais as situações, o jeito dos japoneses e abre uma série de oportunidades. O segundo tema, inteligência intercultural, pode ser definido aqui como a habilidade em lidar com culturas diferentes, ou seja, é o respeito e abertura à nova cultura, o conhecimento e a exibição de comportamentos que são culturalmente adequados ao novo contexto. Já o terceiro tema, o engajamento, pode ser entendido como a incorporação de regras, costumes e crenças da outra

cultura. Este fator foi incluído nesta categoria de facilitadores por ser bastante mencionado como um aspecto que promove a adaptação ao Japão. Na segunda subcategoria, destaca-se o papel do suporte social. Este tema é descrito pelos participantes como o auxílio de amigos, familiares e da instituição que trabalham ou estudam. Este suporte é percebido como um dos grandes fatores que promoveram a adaptação ao país, sendo o suporte de amigos e familiares foi mais frequentemente mencionado do que o suporte social do Japão ou dos japoneses e das organizações. A terceira subcategoria, variáveis contextuais, também apresenta dois temas, Japão, um país que funciona e facilidade de consumo. O primeiro tema se refere às particularidades do Japão que facilitam a adaptação, tais como a organização e funcionamento adequado de serviços de transporte, lazer e alimentação oferecidos à população. O segundo tema se relaciona à facilidade de adquirir produtos no Japão, pela questão da acessibilidade em termos de localização ou pelo poder de compra.

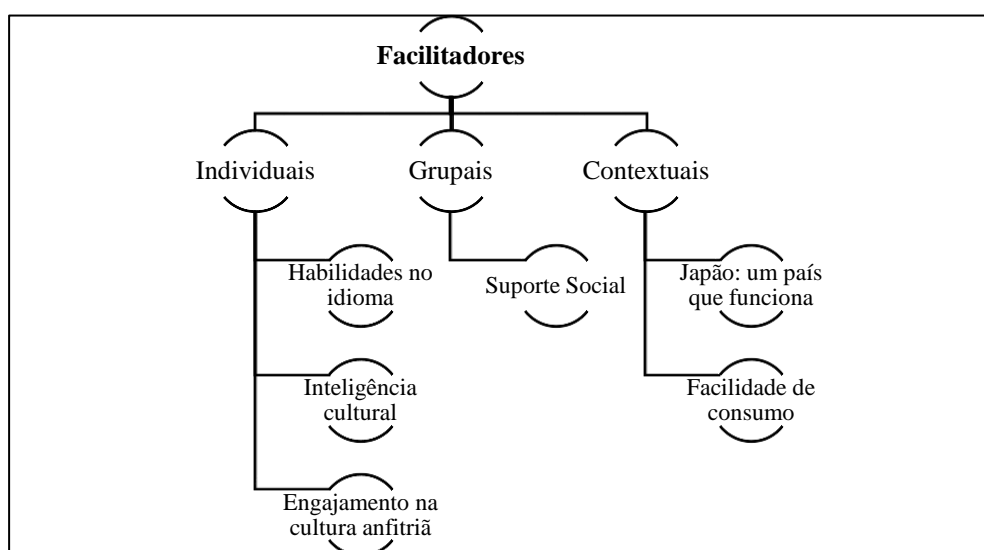


Figura 11. Categoria 9: Facilitadores da Adaptação

Subcategoria 1: Fatores individuais

Tema 1: Habilidade no idioma

Exemplos de verbalizações:

*“A partir do momento que eu comecei a me comunicar melhor com a língua, eu tive mais oportunidades pra entender como as pessoas pensavam, pra ouvir as pessoas à distância e a ver: Ah, esse cara tá pensando isso, esse cara tá pensando aquilo. Então acho que essa foi a principal diferença que fez pra mim, né? Ter esse conhecimento da linguagem”.* E11s

*“Eu tinha na época 13 pra 14 anos e eu fiz 6 meses de japonês aí no Brasil. Então é o que me facilitou bastante, né? ”.* E7d

*“Hum... eu acho que a língua faz muita diferença. Eu conheço muita gente aqui, não só brasileiros, mas estrangeiros de outros países também que não sabem falar japonês e/ou então que começaram a estudar depois que vieram pra cá. E faz muita diferença. Então a maneira como as pessoas que falam japonês e que não falam japonês veem o Japão e as situações é muito diferente, até onde eu percebo”.* E8s

## Tema 2: Inteligência cultural

### Exemplos de verbalizações:

*“Porque minha vó e meu vô, fui criado por eles, né? Aí eles já falavam japonês comigo. E já sabia mais ou menos como o japonês era, né? Como o japonês pensa, a forma de comer, a cultura em si né? E quando eu era criança enquanto meus pais eram casados eles levavam a gente onde tinha bastante japonês, né? Então eu consegui me adaptar rápido”.* E7d

*“Porque eu também sou uma pessoa mais, assim, ao mesmo tempo que eu sou brasileira, eu sei me comportar, né? como japonesa. Tem certos limites que você não pode passar, né? Então assim, quando você sabe se comportar como eles, eles te aceitam um pouco melhor, né? ”.* E1d

*“Eu felizmente não tive esse problema. Acho que pessoalmente não sei se foi sorte, ou, eu vim de mente aberta... eu acho que me adaptei tranquilo”*. E14s

### Tema 3: Engajamento na cultura anfitriã

Exemplos de verbalizações:

*“É tentando viver DENTRO da cultura deles, né? E é o que a gente tem que deixar muito de brasileiro e começar a se adaptar, se você quer viver bem né? Com eles e no país deles, né? ”*. E2d

*“Porque eu tô tão mergulhada no que eu tô fazendo aqui, de estudar japonês, de conhecer a cultura, de conhecer alguns outros lugares, de conhecer alguns costumes”*. E12s

### Subcategoria 2: Fatores grupais

#### Tema 1: Suporte Social

Exemplos de verbalizações:

*“Eu acho que criei amizades boas aqui, acho que isso me ajudou bem a eu me adaptar por aqui”*. E14s

*“Por sorte, a família nossa, nossa família que veio pro Japão, a gente morava todo mundo junto e trabalhava todos em uma mesma firma, né? É, isso ajudou muito, né? ”*. E5d

*“Eu tive família aqui né, tenho minha irmã, tenho minha mãe, tive vários tios aqui que puderam me apoiar, né? ”*. E7d

### Subcategoria 3: Variáveis contextuais

#### Tema 1: Japão: um país que funciona

Exemplos de verbalizações:



*“Você anda, vive num país igual eu vivo, o Japão, aqui tudo funciona. Você tem todos os recursos, você tem, tem os melhores atendimentos”. E2d*

*“É prático, no sentido de serviços, né? Eu quero dizer, transporte, contas, essas coisas acho que é... é mais... prático mesmo, né? Funciona de maneira mais fácil, se tem menos dor de cabeça com relação a essas coisas”. E8s*

## Tema 2: Facilidade no Consumo

*“A gente vê, a gente vê brasileiros com Mercedes Benz nova. Então, outro dia tinha um brasileiro com um, um Camaro, Camaro? É, aqui você tem condições, né? É, tipo, saiu o Iphone 5, eu peguei três, um pra mim e dois pras minhas filhas. Então, há coisas que a gente consegue assim né? Fácil”. E5d*

*“Aqui tem bastante, como é que fala, aquelas máquinas de, de, como é que eu posso falar, que vende bebida, sabe? Mas aqui no Japão, tem em tudo quanto é esquina. É bem fácil, assim. Também tem bastante, assim, loja de conveniência. Aqui também tem muita loja de conveniência”. E6d*

## Categoria 10: Estratégias de Enfrentamento

Esta categoria engloba as formas de enfrentamento das dificuldades de adaptação dos entrevistados (ver Figura 12). De maneira geral, pode-se dividir as estratégias encontradas em: engajamento, busca por suporte social e apelo à religião. O primeiro tema refere-se às estratégias que buscam uma solução ativamente, seja através da interação, aprendizado ou resolução dos problemas. A segunda estratégia mais citada foi a coletivista, que neste estudo pode ser verificada pela procura de apoio de amigos e familiares para enfrentar as dificuldades. Uma segunda estratégia relatada pelos participantes, que também pode ser

considerada coletivista, é o apelo à religião. Esta é vista como uma maneira de minimizar os problemas e aceitar a situação atual.

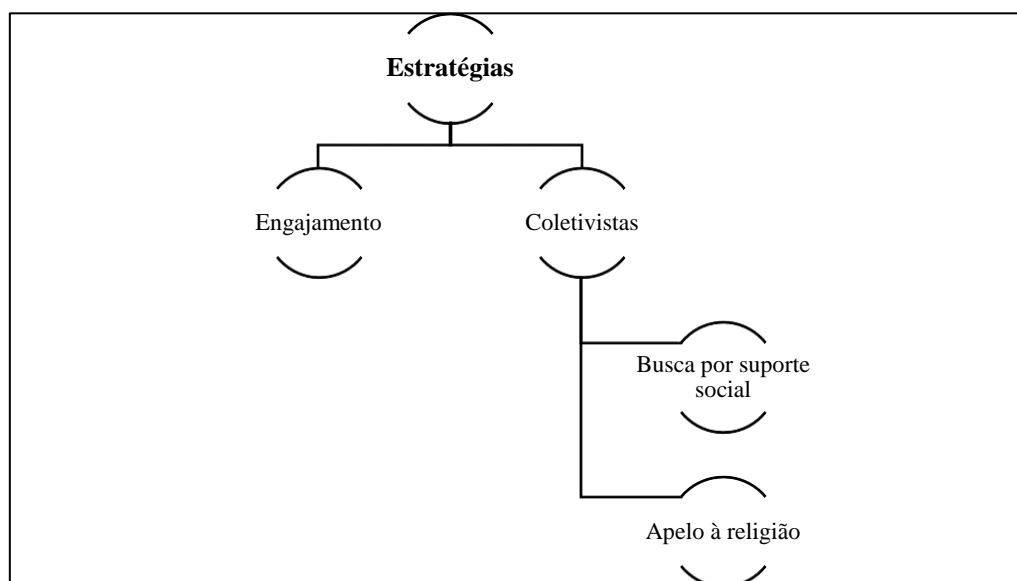


Figura 12. Categoria 10: Estratégias de Enfrentamento

#### Tema 1: Engajamento

Exemplos de verbalizações:

*“Eu estava aqui e eu não vou ficar preso dentro de casa, né? Saía, conhecia, era vários lugares pra, pra ver, andar e eu saía”.* E5d

*“Eu interajo mais com as pessoas aqui, tipo, é... eu tento, né? (risos) Eu não falo muito japonês mas eu tento interagir mais com as pessoas aqui.”* E15s

#### Tema 2: Busca por suporte social

Exemplos de verbalizações:

*“Conversando, né? Com a família conversando com, com os amigos, conversando com... né? Com os outros mestres da igreja, é... pra poder... é... sobreviver... à primeira etapa, né? Sem, sem, sem grandes problemas, né? Mas foi, foi bem complicado”.* E9s

*“Eu fui fazendo amigos estrangeiros aqui e, e daí a gente sempre se reunia pra... pra um dar suporte pro outro, conversar e tal. Conversar, reclamar dos problemas, as dificuldades de adaptação aqui. Acho que foi bem isso”*. E10s

Tema 3: Apelo à religião

Exemplos de verbalizações:

*“É... bom, mas como eu falei né, também né, orando, refletindo, né? De que é uma etapa e de que é muito... é muito no seu ponto de vista, né? Está muito apegado ainda ao seu ponto de vista, ao que você tá acostumado”*. E9s

*“Mas... a gente orou muito a Deus, porque é difícil... eles aceitarem, né? Então a minha mãe ela sempre orava assim... Deus ensina esse povo a me amar”*. E1d

## 2.4 Discussão

Este estudo apresentava dois objetivos principais: conhecer os modos de aculturação dos brasileiros ao Japão, explorando fatores gerais relacionados ao processo de inserção ao país, e identificar variáveis que contribuem para a compreensão da adaptação psicológica e sociocultural neste contexto. Os achados deste estudo não podem ser generalizados para toda a população de imigrantes de brasileiros no Japão, mas apresentam informações importantes sobre o fenômeno de aculturação e sobre esse grupo. Os resultados apontam várias similaridades com a literatura da área assim como fornece algumas informações adicionais que podem auxiliar na compreensão deste processo.

Conforme esperado pela literatura, foram encontradas algumas diferenças nos processos de aculturação nos dois grupos imigrantes, os *decasséguis* e os *sojourners*. Entretanto, conforme aponta Berry (1997), embora a aculturação pode ser experienciada de

maneiras bastante divergentes pelos diferentes grupos migrantes, os processos básicos da adaptação parecem ser comuns a todos eles. O que varia, em geral, são as motivações e os níveis de dificuldades e como consequência, o envolvimento com a cultura anfitriã. Ainda segundo Berry (1997), o grau de voluntariedade, mobilidade e permanência contribuem significativamente para esta variação. Os *sojourners*, por exemplo, apresentam claramente motivações diferentes das dos imigrantes e geralmente são mais inclinadas para o crescimento pessoal e profissional. Esse grupo exibe uma perspectiva finita que influencia a maneira como se inserem no novo ambiente (Bochner, 2006). A própria definição de *sojourners* implica a existência de objetivos específicos que são almejados por este grupo. Estes objetivos variam de acordo com o tipo de *sojourner*, enquanto os estudantes internacionais pretendem adquirir excelência acadêmica e aumentar suas qualificações, os expatriados procuram conduzir atividades profissionais específicas (Gezentsvey & Ward 2008). Neste estudo, também foi encontrado que os *sojourners* apresentam motivações relacionadas ao aperfeiçoamento profissional ou acadêmico, sendo que a escolha pelo Japão não foi necessariamente acompanhada de uma afeição ao país, foi mais associada à uma oportunidade de desenvolver-se profissionalmente em um país que é referência na área acadêmica e que oferece um suporte material considerado atraente na opinião dos participantes. Com relação aos imigrantes, a literatura aponta que a razão do deslocamento é voluntária e não há previsão certa de retorno, eles são atraídos ou expelidos por várias razões econômicas, sociais e pessoais e têm expectativas específicas relacionadas à mudança, em geral, elevação do nível econômico, satisfação profissional e reunificação familiar (Gezentsvey & Ward, 2008). Nesta pesquisa, todos os decasségus ou imigrantes descendentes de japoneses entrevistados mencionaram que o principal motivo da ida ao Japão foi econômico, ou seja, melhorar as condições financeiras.

Com relação à visão do Japão antes da mudança e as expectativas sobre o país e a nova rotina, verificou-se que a maioria apresentava poucos conhecimentos prévios sobre a cultura japonesa e falta de expectativas sobre o país. No geral, a amostra de decasséguis apresentou um conhecimento mais limitado ao jeito e às tradições japonesas. Embora sejam descendentes de japoneses, verificou-se um distanciamento da realidade japonesa antes da mudança ao país e as imagens e expectativas deste grupo estavam diretamente associadas às histórias contadas pelos familiares e aos símbolos tradicionais do Japão, como as gueixas e os samurais, e da alimentação, que mesmo menos frequente, ainda se faz presente em muitos lares de descendentes de japoneses. Esta falta de conhecimentos sobre a cultura japonesa por este grupo pode ser explicada pelo fato de que a amostra de decasséguis foi composta por membros da terceira e quarta gerações, que segundo Okamoto (2007) são os mais numerosos no país e apresentam menos conhecimento e envolvimento com a cultura japonesa. Já com relação à amostra de *sojourners*, observou-se uma familiaridade um pouco maior com aspectos mais atuais da cultura japonesa, sendo que a opinião sobre o Japão foi diretamente influenciada pelo contato com a cultura pelos cursos de japonês que frequentaram no Brasil e pela imagem veiculada pela mídia e pelos desenhos japoneses: a de um país tecnológico e organizado e de um povo solidário, educado e distante emocionalmente.

A definição de adaptação cultural também foi explorada neste estudo. Os relatos das entrevistas sugerem que grande parte dos entrevistados definiu adaptação cultural em termos ideais, ou seja, comportamentos, sentimentos e crenças necessários ou desejados para se viver bem em outro país. Constatou-se a presença de dois temas principais: o que se relaciona ao conceito de inteligência cultural e o que se associa à noção de engajamento cultural. O primeiro tema aborda o conceito de inteligência cultural, definido por Earley e Ang (2003) como a capacidade do indivíduo em funcionar e gerenciar efetivamente em ambientes culturalmente diversos. Este construto inclui quatro elementos: a inteligência metacognitiva,

que se refere à percepção e controle das cognições para obter e compreender as informações; a inteligência cognitiva, que está relacionada ao conhecimento dos aspectos culturais do novo ambiente; a inteligência motivacional, associada à capacidade de direcionar atenção e energia para o aprendizado e funcionamento em situações culturalmente distintas; e, a inteligência comportamental que é definida como a habilidade de usar um conjunto de comportamentos flexíveis adequados às situações culturais específicas. Ao descreverem a adaptação em termos de comportamentos como respeito, compreensão, abertura, motivação e flexibilidade, percebe-se a relação entre a definição de adaptação apresentada e a de inteligência cultural. O segundo tema reúne as descrições dos entrevistados que associam o conceito de adaptação cultural ao engajamento na cultura local, ou seja, ao contato e busca por conhecimento e compreensão dos aspectos da sociedade anfitriã. A incorporação de características e a participação na cultura local caracterizam duas formas de aculturação conforme proposto por Berry (1997), a integração e a assimilação. Se a incorporação da cultura anfitriã for acompanhada da manutenção da cultura original é o que Berry (1997) denomina de estratégia de integração, mas se a cultura anfitriã é priorizada e a original é abandonada, diz-se que o indivíduo optou pela estratégia de assimilação. Pelas definições apresentadas pelos participantes, não fica claro se eles defendem ou não que haja a manutenção da cultura original, o que fica evidente é a defesa do engajamento na cultura anfitriã para que haja a adaptação no novo contexto cultural.

A mudança de cultura pode provocar mudanças de identidade cultural, especialmente nos grupos dos imigrantes (Gudykunst, 2005). Neste estudo, a mudança de identidade foi pouco percebida nos dois grupos, sendo que a mudança foi mais fortemente presenciada em somente dois entrevistados, um *sojourner*, casado com uma japonesa e outro descendente de japoneses e missionário. No primeiro caso, verificou-se que o entrevistado se mostra bastante confortável com a cultura japonesa, manifestado através da fala “Não me sinto morando no

exterior” e relatou apresentar similaridades com as crenças e jeito dos japoneses. Neste caso, pode-se dizer que houve uma mudança de identidade cultural, em grande parte, pelo fato de estar casado com uma pessoa da cultura local e pela aprovação e aproximação com a cultura japonesa. Já em relação ao outro participante, a forte presença da cultura japonesa em sua família e a preferência pelo Japão como país expressam não uma mudança de identidade, mas uma reafirmação de uma identidade que já era bastante forte no Brasil e que aumentou com a aproximação com a cultura, o que corrobora a discussão de Smith, Bond e Kagitçibasi (2006) em relação à hipótese da convergência e a reafirmação da identidade cultural do indivíduo com o contato e proximidade da cultura-mãe. Entretanto, não se verificou uma mudança de identidade cultural entre os outros participantes. Embora alguns expressem uma apropriação da cultura japonesa nas maneiras de se comportar, especialmente no que diz respeito ao cumprimento das regras e nos hábitos de moradia e trabalho, há uma manifestação predominante de uma identidade brasileira. Esta identidade brasileira é observada de maneiras diferentes entre os dois grupos. No grupo dos decasséguis, a identidade brasileira é percebida mais como uma necessidade de pertencimento a um grupo, distinto dos japoneses, e menos como uma questão de orgulho e admiração pelo Brasil. Esta situação pode ser confirmada pela categoria de relação com o Brasil, em que todos os decasséguis relataram sua insatisfação com o país através de algum sentimento negativo, seja de vergonha, frustração, decepção ou revolta e também pela categoria sobre o Japão, em que todos expressaram diferenciação e distância emocional dos japoneses. Já no grupo dos *sojourners*, também houve uma maior prevalência da identidade brasileira, mas verificou-se que esta identidade é acompanhada de uma visão mais positiva do país, sendo que características como país ideal para se viver, mais relaxado, livre e aberto foram citadas pelos participantes. A identidade brasileira também é verificada pelo forte vínculo destes dois grupos com o

Brasil seja por meio de contato frequente com familiares e amigos que moram no Brasil seja por se interessar e acompanhar mais as notícias do país de origem do que as do Japão.

A relação entre japoneses e brasileiros foi reunida em três temas principais que expressam uma ambiguidade de sentimentos: a admiração e respeito pela cultura japonesa, a percepção de um povo frio e distante e a relação de separação entre brasileiros e japoneses. O primeiro tema expressa a visão positiva sobre o Japão, especialmente no que se refere a algumas características do país, como ser tecnológico, organizado, limpo e eficiente. Esse tema está diretamente associado à imagem do país construída em meados da década de 1980, em que o Japão passou a se despontar como uma potência mundial e passou a ser símbolo de modernidade, desenvolvimento e progresso (J. P. C. Costa, 2007). Além deste fator, os entrevistados também valorizam as tradições culturais japonesas, como os festivais e os templos assim como o jeito educado, solidário e prestativo dos japoneses. O segundo tema, a percepção de um povo frio e distante emocionalmente está em consonância com os estudos com decasséguis de Okamoto (2007) e Tongu (2010). As diferenças nas expressões das emoções e nas formas de comunicação entre brasileiros e japoneses são recebidas com dificuldades pelos brasileiros que percebem nos japoneses mais seriedade e rigidez na conduta, contato físico mais distante, poucas manifestações de afeto e falta de empatia. Além disso, segundo Tsuda (2003), esta visão mais negativa da sociedade japonesa pelos decasséguis pode ser resultado da história de imigração deste grupo ao Japão marcada por conflitos e contradições intergrupais, em que situações de preconceito e discriminação podem ter contribuído para a construção de uma imagem mais negativa por parte da comunidade decasségui. O terceiro tema, a relação de separação entre brasileiros e japoneses é um tema bastante discutido na literatura sobre os decasséguis (Suguiura, 2009; Okamoto, 2007; Watanabe, 2008). Esta relação distante com os japoneses e o pouco envolvimento com a cultura japonesa foi verificada na amostra de decasséguis como também na dos *sojourners*.



Embora este último grupo tenha mais contato com os japoneses, por estudarem ou trabalharem diretamente com os japoneses, verifica-se a escolha por se relacionar com brasileiros e outros estrangeiros. Ambos os grupos relataram que a relação com os japoneses se limitam aos ambientes profissionais ou acadêmicos, sendo que a maioria declarou que fazer amizades com os japoneses é um processo difícil e demorado. A vida corrida e o pouco tempo para o lazer são as principais justificativas para a pouca participação nas atividades da sociedade japonesa. Diante do exposto, sugere-se que a principal estratégia de aculturação adotada pela maioria dos participantes deste estudo é a separação, definida por Berry (1997) como a manutenção dos aspectos da cultura de origem e a pouca participação e envolvimento com a cultura local, sendo que os relatos de todos os decasséguis indicam adotar esta estratégia e apenas alguns *sojourners* aparentam adotar as estratégias de assimilação e integração. Pesquisas realizadas têm sugerido que a estratégia de integração é a mais preferida pelos imigrantes e a que produz resultados melhores no que se refere à saúde mental e qualidade de vida. Em contraste, a marginalização é menos adotada e a que produz os piores resultados para a adaptação cultural. A separação e a assimilação geralmente estão associadas a níveis intermediários de estresse (Berry, 2005). Apesar da integração ser a mais adotada, existem alguns fatores que influenciam para a escolha, quando há, da estratégia a ser adotada, dentre eles a distância cultural entre as culturas, a diversidade cultural na sociedade anfitriã, nível de educação, percepção da cultura de origem e da anfitriã, idioma, idade e sexo (Yu & Wang, 2011). Os resultados deste estudo apontam que o uso da estratégia de separação pelos brasileiros pode ser caracterizado como um padrão específico do contexto dos brasileiros no Japão resultado de uma grande distância cultural entre Brasil e Japão e também, sugere-se que a escassez de políticas públicas integracionistas dificulte a aproximação entre os dois grupos.

No geral, constata-se que os participantes desta pesquisa apresentam boa adaptação psicológica e sociocultural ao Japão. A maioria declarou estar satisfeita com a vida, ter uma boa saúde física e mental. Apenas dois participantes expressaram sintomas de estresse excessivo e saúde física ou mental mais fortemente comprometida. Em um caso, a falta de perspectiva profissional somada ao trabalho intenso são os principais fatores que podem estar associados à essa situação. No outro caso, a ausência de uma vida social satisfatória tem sido a principal causa de insatisfação com a vida no Japão. Com relação a este último aspecto, é importante ressaltar que a maioria dos participantes enfatizou fortemente a questão dos vínculos sociais em vários momentos da entrevista, que será apresentada ao longo desta discussão. A importância das relações sociais pode ser verificada ao se analisar a maneira como eles percebem e avaliam as pessoas e os fatos. Quando questionados sobre o Brasil, os fatores positivos do país foram associados à presença de uma vida e suporte social satisfatórios. Ao descreverem os japoneses, eles enfatizaram as características de um povo frio, fechado, distante e pouco empático. Em relação às dificuldades, eles alegaram dificuldades em construir amizades com os japoneses e os relatos sugerem limitações em aceitar e lidar com o jeito deles. Além disso, apresentam como uma das principais dificuldades a saudade dos familiares e amigos. Já com relação aos facilitadores, percebe-se a importância dos vínculos ao alegarem que um dos fatores que mais facilitou a vida deles no Japão foi a existência de suportes sociais, ou seja, o apoio de familiares e amigos. Outra evidência da influência da conexão social é verificada nas estratégias adotadas para lidar com as dificuldades, muitos deles declararam que lidam com as dificuldades conversando e pedindo ajuda aos mais próximos. Esta importância atribuída aos vínculos sociais pode ser explicada por diferentes construtos ou teorias na Psicologia. Sob o ponto de vista da Psicologia Social, nós humanos somos animais sociais que temos necessidade de pertencimento, ou seja, somos motivados a formar e manter relacionamentos próximos e duradouros (Baumeister, & Leary,

1995). Já a Psicologia Transcultural pode auxiliar a compreender estes mecanismos através do conceito de coletivismo. Conforme apresentado na revisão de literatura, o coletivismo representa a preocupação e integração forte e coesa com o endogrupo (Hofstede, 1980). Em culturas coletivistas, há uma preocupação maior com as relações interpessoais do que com as tarefas. Desta maneira, há uma estreita relação entre os indivíduos que se percebem como pertencentes a um mesmo grupo (família, amigos, colegas de trabalho e nações, por exemplo) e há uma forte influência social entre eles que os motivam a cumprir as normas e deveres estabelecidos pelo endogrupo (Triandis, 1995). O Brasil tem sido tradicionalmente relacionado a características coletivistas (Hofstede, 1980), sendo que os brasileiros se percebem como pertencentes a um grupo social e como resultado, a interdependência e o apoio social são aspectos valorizados por este grupo. Neste estudo, sugere-se que estas características coletivistas estejam presentes pelo destaque atribuído ao papel das relações e suportes interpessoais e a forte influência que estes exercem na percepção e avaliação da vida no geral. A questão do coletivismo também pode ser usada para tentar compreender as relações estabelecidas entre brasileiros e japoneses. Uma vez que Brasil e Japão são considerados países com características coletivistas (Hofstede, 1980), espera-se que membros de cada grupo se sintam incluído dentro do seu endogrupo, mas excluído pelos membros do exogrupo. Desta forma, quando em contato, estes grupos tendem a fortalecer a identidade cultural, aproximar-se do seu endogrupo e afastar-se dos exogrupos. Esta tendência cultural endossada por ambos os grupos pode ser uma das razões que causam o estranhamento e relações conflituosas entre eles.

Já com relação à adaptação sociocultural, sugere-se que os participantes apresentam boas habilidades de manejo das situações cotidianas, como adquirir produtos e serviços, deslocar-se e resolver burocracias. Apesar das dificuldades associadas ao idioma, que será detalhado com as outras dificuldades, percebe-se que há um bom gerenciamento das

situações diárias. Apesar de relatarem uma boa adaptação psicológica, constatou-se que a maior parte dos entrevistados decasséguis apresenta preocupações, incertezas e inseguranças em relação ao futuro e uma falta de perspectiva profissional. Essa ausência de uma visão positiva do futuro reflete a realidade da comunidade decasségui no Japão conforme encontrado no trabalho de Suguiura (2009). Para grande parte dos decasséguis, o Japão é visto como uma etapa temporária em que o trabalho pesado nas fábricas e a vida de sacrifícios se justificam apenas para fins econômicos, ou seja, não há perspectiva de realização profissional no Japão, por isso, sugere-se que a visão de futuro profissional no país seja limitada e com baixa possibilidade de satisfação profissional. Já com relação ao grupo dos *sojourners*, o futuro é visto de maneira mais otimista e há um certo planejamento ou direcionamento profissional. Além disto, este grupo apresentou uma variedade maior de planos futuros, envolvendo a busca por novos hábitos e atividades, engajamento maior na cultura japonesa através do aprendizado do idioma e objetivos relacionados à composição familiar, como ter filhos. Este cenário de um futuro mais promissor e diversificado deste grupo pode ser claramente associado ao perfil destes imigrantes que apresentam elevado nível educacional e já estão inseridos em uma área acadêmica ou profissional que apreciam e expressam comprometimento. Com relação ao retorno ao Brasil, os dois grupos expressaram insegurança e incertezas sobre a questão da inserção no mercado de trabalho e em relação às dificuldades associadas ao país, como desemprego e violência. Novamente, o grupo dos decasséguis expressou maiores preocupações com essas questões.

O segundo objetivo deste estudo era identificar variáveis que contribuem para a compreensão da adaptação psicológica e sociocultural, que neste estudo foram investigadas em termos de fatores que facilitaram ou dificultaram a adaptação e as estratégias de enfrentamento das dificuldades da vida no Japão. Com relação às dificuldades, foram encontradas três subcategorias: as dificuldades individuais, as grupais e as contextuais. Em

relação à primeira, a questão do idioma, a dificuldade em aceitar ou lidar com o jeito dos japoneses e a saudade da família e amigos foram mais frequentemente citados como fatores que dificultam a vida no Japão. Conforme apontado por Masgoret e Ward (2006), o idioma é uma das diferenças mais importantes entre as culturas e pode ser tornar uma das maiores barreiras na adaptação dos imigrantes. No contexto da imigração, as habilidades no idioma são importantes para o desempenho das tarefas diárias e para estabelecer relações interpessoais. As dificuldades dos brasileiros no Japão com o idioma japonês são frequentemente apontadas como um dos maiores problemas enfrentados por esta população (Okamoto, 2007; Kato et al. 1992). Entretanto, embora haja uma dificuldade clara com a aquisição e domínio do idioma pelos brasileiros no Japão, em especial, pela comunidade decasségui, verifica-se que as dificuldades provenientes da questão do idioma são minimizadas pela existência de um sistema de serviços e suporte social destinados ao público brasileiro. Assim, é frequente a presença de intérpretes nas fábricas, nos órgãos públicos e em várias organizações japonesas, diminuindo assim a necessidade de contato e interação com o idioma japonês. Por esta razão, acredita-se que as dificuldades associadas à adaptação sociocultural não foram tão ressaltadas pelos participantes. Com relação aos *sojourners*, constata-se uma maior habilidade no idioma japonês, embora muitos também tenham relatado dificuldades com a língua e consequências negativas provenientes desta deficiência, como o impacto negativo no desempenho acadêmico e nas relações interpessoais com os japoneses. O segundo tema desta subcategoria foram as dificuldades em aceitar e lidar com o jeito dos japoneses. Embora os participantes tenham assinalado para a importância do respeito e flexibilidade às diferenças culturais, verificou-se que a maior parte relatou problemas relacionados à aceitação e interação com a cultura japonesa, em especial, com o jeito dos japoneses. No geral, os brasileiros descreveram dificuldades em aceitar e lidar com as diferentes maneiras de se comportar dos japoneses: a rigidez nos pensamentos e na conduta, a

falta de empatia, o silêncio, a distância emocional, a hierarquia excessiva, a comunicação indireta e o foco excessivo ao trabalho. O terceiro tema reforça o que já foi mencionado anteriormente sobre a importância das relações interpessoais. A saudade da família e dos amigos é visto com um dos fatores que mais dificulta a adaptação ao Japão. A distância geográfica entre os dois países dificulta as viagens e adia os planos de reencontro com os entes queridos. Conforme apontado no início deste trabalho, o advento da internet proporcionou uma aproximação entre as pessoas e têm minimizado as distâncias entre elas.

A segunda subcategoria das dificuldades refere-se aos problemas percebidos entre o grupo de brasileiros e o dos japoneses e os aborrecimentos com o próprio grupo de brasileiros. O primeiro tema destaca a percepção de discriminação dos japoneses para com os brasileiros e/ou estrangeiros no geral. As discriminações étnicas ou raciais estão frequentemente presentes nas experiências dos imigrantes em geral e têm sido amplamente associadas a um comprometimento do bem-estar dos indivíduos (Liebkind & Jasinskaja-Lahti, 2000). Murphy (1965) argumentou que o preconceito é menos provável de acontecer em sociedades culturalmente plurais, mas não implica em ausência do fenômeno. Ao considerarmos o Japão, Tsuda (2003) destaca que apesar dos milhares de imigrantes que têm se fixado no país permanentemente e das tentativas de aplicar políticas migratórias mais voltadas para uma visão multicultural e integracionista, ainda prevalece na sociedade japonesa a ideia de singularidade cultural. Este senso de homogeneidade, compreendido como a existência de um único sistema composto por idioma, cultura e espíritos singulares, tem sido visto como o propagador do desenvolvimento e sucesso nipônico. A própria estratégia de permitir a entrada para o trabalho somente para descendentes de japoneses é afirmada como uma tentativa de manter a homogeneidade cultural (Fugii, 2008). A defesa da singularidade nipônica culminou em uma aversão a tudo que vem de fora e, como consequência, os estrangeiros são vistos como ameaças à pureza cultural japonesa (Tsuda,

2003). No que se refere à imigração brasileira no Japão, em especial pelos decasséguis, observa-se que a baixa qualificação profissional destes imigrantes, o fato de o Brasil ser um país menos desenvolvido economicamente do que o Japão e as diferenças culturais significativas entre os dois grupos contribuem para uma visão negativa dos brasileiros pelos japoneses (Scottham & Dias, 2010). A tendência à segregação aos grupos etnicamente diferentes por parte da sociedade japonesa e o ambiente cultural aversivo aos brasileiros no Japão compõem o cenário favorável ao preconceito e discriminação. O segundo tema, o conflito intragrupal, expõe prioritariamente a visão dos decasséguis. A desunião, rivalidade e vergonha foram associadas à comunidade brasileira no Japão. A ocorrência de vários crimes cometidos por brasileiros tem contribuído para esta imagem negativa da comunidade. Nestes 25 anos de imigração brasileira no Japão pelos decasséguis, os brasileiros têm se envolvido em diversos crimes, dentre eles formação de quadrilhas, tráfico de drogas e roubo de carros e de bancos. Em 2014, os brasileiros cometeram 1619 crimes nas cidades japonesas, a maior parte envolvendo arrombamento de veículos. A frequência de crimes cometidos por brasileiros foi bastante expressiva a ponto de motivar a Academia Nacional de Política do Japão a introduzir o ensino de português para os policiais japoneses. A iniciativa visa aproximar os policiais da realidade da comunidade brasileira no que se refere à prevenção e ações de segurança (Tobace, 2015). A situação de marginalização de muitos jovens brasileiros que não estudam e também não trabalham no Japão conforme apontado no estudo de Yano (2013) pode ser um dos fatores que contribui para o aumento de crimes cometidos pela comunidade brasileira.

A Subcategoria 3 retrata as dificuldades relacionadas às variáveis contextuais, sendo o primeiro tema o ritmo intenso de trabalho ou estudo, o segundo a distância cultural entre Brasil e Japão e o terceiro referente ao cotidiano. O primeiro tema aborda as dificuldades dos brasileiros em se adaptar à carga horária pesada de trabalho ou estudo do Japão. Para os

decasséguis que trabalham em fábricas, o trabalho oferecido tem sido caracterizado como os 3K – *kitanai*, *kiken* e *kitsui*, sujo, perigoso e pesado (K. Sasaki, 2008). Além dessas características das atividades realizadas, a carga horária de trabalho extensa, entre 8 e 14 horas, também foram apontadas como dificuldades na vida no Japão nesta pesquisa e em diversos estudos conduzidos com os decasséguis (Suguiura, 2009; Okamoto, 2007; Watanabe, 2008). A falta de tempo para se dedicar às outras atividades, como cuidar da casa, dos filhos, da saúde e lazer foram frequentes nos depoimentos dos entrevistados que associaram esta situação ao comprometimento da educação dos filhos, da vida social, física e mental. O segundo tema, a distância cultural entre Japão e Brasil, foi bastante mencionado como um fator importante para a questão da adaptação. Sabe-se que os dois países apresentam culturas bastante diferentes em diversos aspectos, dos mais visíveis como as características físicas dos ambientes, o idioma e as tradições até os menos perceptíveis, como os valores e normas sociais. Estas diferenças culturais têm sido associadas a vários problemas entre japoneses e brasileiros que ocorrem nos locais de moradia, com a questão da separação do lixo e do silêncio; nos locais públicos e no trânsito, no que se refere ao respeito às leis e costumes japoneses (Suguiura, 2009); e, em especial, no trabalho ou local de estudo, relacionados aos diferentes métodos de realização das atividades e os relacionados às regras explícitas ou implícitas de convivência. O terceiro tema desta subcategoria abrange uma série de dificuldades relacionadas às situações cotidianas dos brasileiros no Japão. Em destaque, citam-se as dificuldades relacionadas à comida, ao clima e à moradia. A comida é considerada por alguns participantes doce, estranha ou leve demais para os paladares brasileiros. O clima extremado, pouco frequente no Brasil, também causa estranhamento aos brasileiros. A questão da moradia é citada pela questão da distribuição do espaço, sendo que para muitos brasileiros, o local onde moram é pequeno e também relatam dificuldades com a burocracia para conseguir moradia.



Os fatores que facilitam a vida no Japão foram divididos em três subcategorias: individuais, grupais e contextuais. Na primeira subcategoria, os temas mais presentes foram: habilidades no idioma, inteligência cultural e engajamento na cultura anfitriã. O primeiro tema, a habilidade no idioma, foi citado como um fator que facilita a vida no Japão. A importância atribuída ao idioma já era esperada já que este fator foi citado como uma das maiores dificuldades. A competência na língua japonesa foi descrita como um importante facilitador da vida no Japão por possibilitar uma série de situações importantes relacionados ao convívio com os japoneses e à realização de diversas atividades, como adquirir produtos e serviços e resolver burocracias. Vários estudos têm relatado que essa habilidade está diretamente associada à adaptação sociocultural na medida em que a fluência no idioma interfere na quantidade e qualidade da interação com os anfitriões e possibilita um decréscimo dos problemas cotidianos (Ward & Kennedy, 1993). A inteligência cultural foi o segundo tema mais frequente nas entrevistas. A importância conferida ao respeito, abertura e flexibilidade cultural também já era esperada já que os brasileiros definiram adaptação cultural em termos destas competências interculturais. O papel da inteligência cultural para o ajustamento intercultural na literatura tem sido mais explorado no contexto dos expatriados executivos, sendo que alguns estudos fornecem suporte empírico para a relação entre estes dois construtos (Ang, Van Dyne, & Koh, 2006). O terceiro tema, o engajamento na cultura anfitriã, também foi apontado como um tema importante para a definição de adaptação. No contexto dos facilitadores, ele foi citado não como algo desejado ou importante, mas como algo que realmente facilitou a vida no Japão. Logo, além de considerarem importante, os entrevistados que se engajaram na cultura japonesa, perceberam que a adoção de comportamentos mais voltados para a aquisição de características japonesas minimizou as dificuldades e possibilitou uma inserção social mais significativa. Apesar de a maioria dos participantes não sugerir o uso de estratégias de aculturação mais voltadas para a cultura

anfitriã, que seriam as estratégias de integração e assimilação, percebe-se que os que adotaram medidas de inclusão de características da cultura japonesa apresentaram menores conflitos e estresse intergrupais e no cotidiano. Tal situação reforça a importância da incorporação da cultura japonesa, seja pela estratégia de integração ou assimilação, no aumento da qualidade de vida dos imigrantes e na diminuição de problemas associados à adaptação cultural neste contexto social.

A segunda subcategoria dos facilitadores apresentou um tema mais relevante: o suporte social. O suporte social foi relacionado ao auxílio dos amigos e familiares no gerenciamento da vida no novo contexto. O suporte social tem sido uma das variáveis mais associadas à redução do estresse e promoção de bem-estar físico e emocional em situações de encontros interculturais (Ong & Ward, 2005). Embora haja discordâncias na maneira de se definir e operacionalizar os conceitos de bem-estar, parece ser um consenso entre os acadêmicos de que as relações próximas e profundas desempenham um papel essencial na vida dos humanos (Feeney & Collins, 2014). A terceira subcategoria apresentou dois temas: Japão, um país que funciona e facilidade no consumo. O primeiro está relacionado à característica funcional do Japão, ou seja, a facilidade em deslocar-se e alimentar-se no país e a qualidade de grande parte dos serviços prestados pela comunidade japonesa. Já o segundo tema expressa a facilidade em adquirir produtos no país, que inclui a acessibilidade em termos de localização quanto no que se refere ao poder de compra presente no país. Estes fatores são percebidos como variáveis contextuais importantes que facilitam a vida neste país.

A última categoria, as estratégias de enfrentamento, buscou identificar as formas como os brasileiros lidam com as dificuldades da adaptação ao Japão. As estratégias mais relatadas pelos participantes deram origem a três temas: o engajamento, a busca por suporte social e apelo à religião. A noção de engajamento neste contexto das estratégias está associada à busca ativa pela solução dos problemas, tais como a busca pela interação social,

pelo aprendizado do idioma através de cursos ou diretamente com os japoneses, pelo aprendizado das regras e dos costumes e pela exploração do ambiente. A segunda estratégia, a busca por suporte social, reflete novamente a importância das relações sociais para os participantes deste estudo. Observou-se que a busca por auxílio tem sido direcionada prioritariamente aos membros do grupo brasileiro, seja pelos familiares ou por amigos que estão no Japão. O terceiro tema, o apelo à religião, apresenta o papel da religiosidade e da espiritualidade como fator de proteção aos estressores da vida. Neste contexto de estratégias, a religião tem sido associada como uma alternativa para lidar com o estresse, sendo que um termo próprio foi criado para esta estratégia, o *coping* religioso-espiritual (Pargament, 1997). A busca por suporte social e pela religião ou espiritualidade se configura como uma característica da estratégia coletivista como apresentado por Kuo (2012). Não há registros de estudos sobre estratégias de enfrentamento coletivistas em brasileiros em situações de mudanças culturais, porém as evidências das características coletivistas dos brasileiros apontadas na literatura (Hofstede, 1980) e os resultados deste estudo sugerem que estratégias de enfrentamento coletivistas podem ser particularmente importantes para os indivíduos deste grupo.

Conforme já apontado, os resultados deste estudo apontam semelhanças e divergências entre o grupo dos *decasségus* e o grupo dos *sojourners*. Os dois grupos se distinguiram no estilo de vida que apresentavam no Brasil, nas motivações para a ida ao Japão, na visão atual sobre o Brasil, na manutenção da cultura brasileira no Japão, na satisfação com a vida atual e nos planos para o futuro. Porém, verificou-se bastante similaridade no que diz respeito às expectativas sobre o Japão e a vida no país, à visão geral sobre o país e os japoneses, às dificuldades enfrentadas, aos aspectos que facilitaram a adaptação e às estratégias de enfrentamento das dificuldades. Desta maneira, apesar de serem grupos com características bastante distintas em termos educacionais, sociais e econômicos,

apresentam similaridades em questões centrais do processo de aculturação. Desta maneira, estes resultados corroboram com a afirmação de Berry (1997) sobre a semelhança nos processos básicos da adaptação nos diferentes grupos migrantes. Ao incluir ambas as amostras, este estudo possibilitou ampliar as visões sobre os processos de aculturação dos brasileiros no Japão.

Este estudo também fornece informações adicionais sobre a questão dos vínculos e suporte sociais. Neste estudo, verificou-se que a necessidade de vínculos e suporte sociais foi bastante enfatizada pelos participantes em várias situações, desde a visão sobre a vida no Brasil até os fatores que dificultaram ou facilitaram a adaptação ao Japão. Desta maneira, esta pesquisa corrobora com os apontamentos da literatura que também sugerem que a variável suporte social é um construto psicológico que pode auxiliar na compreensão e possível explicação da adaptação cultural.

Os achados deste estudo indicam uma preferência pelo uso de estratégias de enfrentamento do tipo engajamento e do tipo coletivista, sendo esta última pela procura de suporte social e pelo uso da religião. Um outro tipo de estratégia existente são as chamadas estratégias do tipo evitativas, que incluem medidas de evitar a situação por meio de pensamentos, sentimentos ou comportamentos que buscam deslocar o foco do problema. Esse tipo de estratégia também inclui comportamentos socialmente não desejados, como fumar, beber e usar drogas. Sugere-se que por questão de desejabilidade social, ou seja, visando apresentar uma imagem mais favorável de si, os participantes deste estudo podem não ter relatado adotar comportamentos que não são bem vistos socialmente. Este fato pode ter sido favorecido também pelo uso da entrevista como método de coleta de dados uma vez que esta apresenta-se como uma técnica mais invasiva do que o uso de questionários, por exemplo, dificultando a livre expressão dos participantes.

Um dos objetivos deste estudo era identificar variáveis que contribuem para a compreensão da adaptação psicológica e sociocultural e estes resultados sugerem que as seguintes variáveis desempenham um papel importante na adaptação psicológica e sociocultural deste grupo: habilidade no idioma, inteligência cultural, suporte social, percepção de discriminação, percepção de conflito intragrupal, distância cultural, estratégias de aculturação, estratégias de enfrentamento e variáveis contextuais. Desta maneira, estes achados confirmam o papel destas variáveis na adaptação psicológica e sociocultural e ampliam a visão sobre o processo de aculturação dos brasileiros no Japão. O Estudo 2 que será descrito a seguir, testou a relação de variáveis identificadas no Estudo 1, sendo que para isso, seria necessário selecionar as variáveis que iriam compor o modelo teórico. A inclusão de todas as variáveis identificadas como importantes para a compreensão da adaptação psicológica e sociocultural em um único modelo a ser testado é uma tarefa que nenhum estudo singular é capaz de realizar. A complexidade do fenômeno da imigração com as inúmeras variáveis que estão envolvidas direta ou indiretamente neste fenômeno requer um recorte, uma seleção de variáveis que irão compor o modelo a fim de que o estudo seja exequível. A realização do Estudo 1 tinha como propósito auxiliar nesta seleção criteriosa das variáveis de maneira a buscar nas análises mais profundas das vivências dos participantes e das características específicas do contexto estudado os fatores que desempenham papel importante neste fenômeno. Desta maneira, os resultados do Estudo 1 e os apontamentos da literatura sobre os preditores da adaptação psicológica e sociocultural foram determinantes para a escolha das seguintes variáveis que compõem o modelo teórico de aculturação de brasileiros ao Japão: Percepção de Suporte Social, Percepção de Distância Cultural, Percepção de Discriminação, Estratégias de Aculturação, Estratégias de Enfrentamento e as variáveis de resultado, a adaptação psicológica e a sociocultural. No próximo capítulo será descrita a forma como estas variáveis foram testadas no Estudo 2.

## Capítulo 3: Estudo 2

### 3.1 Objetivos e hipóteses

O Estudo 2 teve como objetivos adaptar culturalmente e verificar as evidências de validade dos instrumentos utilizados nesta pesquisa para o contexto brasileiro e examinar quantitativamente a relação de variáveis identificadas no estudo qualitativo. A partir dos resultados encontrados no Estudo 1, um conjunto de variáveis foram identificadas e as relações entre elas foram organizadas (Ver Figura 13) nas seguintes hipóteses:

H1) Quanto maior a percepção de discriminação, menor será a adaptação psicológica (H1a) e a sociocultural (H1b). Os efeitos negativos da discriminação na saúde mental ou bem-estar (Liebkind & Jasinskaja-Lahti, 2000; Spijkers, 2011) e nos problemas socioculturais (Ataca & Berry, 2002) têm sido destacados consistentemente pela literatura.

H2) A percepção de discriminação se relacionará positivamente com a orientação para a cultura original (H2a) e negativamente com a orientação para a cultura anfitriã (H2b). Essas ideias encontram suporte em estudos cujos resultados indicam que a percepção de discriminação tem sido associada a uma maior identificação com o endogrupo (Ward & Leong, 2005) e menor predisposição ao relacionamento com a cultura anfitriã (Ward et al., 2001).

H3) Quanto maior a percepção de suporte social, maior será a adaptação psicológica (H3a) e a sociocultural (H3b). A relação positiva entre suporte social e variáveis de bem-estar ou saúde mental (Van der Zee et al., 1997; Thomas & Choi, 2006) e de adaptação sociocultural (Wang, Hong & Pi, 2015) tem sido relatada na literatura de aculturação.

H4) A percepção de suporte social se relacionará positivamente com a orientação de aculturação para a cultura original (H4a) e com a orientação de aculturação para a cultura anfitriã (H4b). A percepção de suporte social, endogrupal e exogrupal, tem sido associada

positivamente ao contato endogrupal e exogrupal (Bekk, Berger, Font, Spies & Stroppa, 2013).

H5) Quanto maior a percepção de distância cultural, menor será a adaptação psicológica (H5a) e a sociocultural (H5b). A relação negativa entre percepção de distância cultural e fatores psicológicos (bem-estar, saúde mental) e fatores socioculturais (adaptação sociocultural) tem sido defendida na literatura (Berry, 2006) e empiricamente essa relação foi encontrada em um estudo com imigrantes na França, Holanda e Alemanha (Galchenko, 2006) e em uma pesquisa com estudantes internacionais na Rússia (Suanet & Van de Vijver, 2009).

H6) A percepção de distância cultural influenciará positivamente a orientação para a cultura original (H6a) e negativamente a orientação para a cultura anfitriã (H6b). Estudos indicam que quanto maior a percepção de distância cultural maior a interação com os conterrâneos e menor o contato com os anfitriões (Suanet & Van de Vijver, 2009).

H7) As estratégias de enfrentamento baseadas no engajamento influenciarão positivamente a adaptação psicológica (H7a) e a sociocultural (H7b). Em uma revisão da literatura sobre enfrentamento e aculturação, Kuo (2014) apontou que diversas pesquisas demonstram que o uso de estratégias de enfrentamento mais ativas e focadas no problema promovem adaptação positiva e bem-estar emocional.

H8) As estratégias de enfrentamento de engajamento se relacionarão positivamente com a orientação para a cultura original (H8a) e com a orientação para a cultura anfitriã (H8b). As estratégias de enfrentamento mais ativas, como a orientação para a tarefa, têm sido associadas a estratégias de aculturação do tipo integração, em que prevalece a orientação para a cultura anfitriã bem como para a cultura original (Schmitz, 1992).

H9) A orientação para a cultura original se relacionará negativamente com a adaptação psicológica (H9a) e com a sociocultural (H9b). A relação negativa entre a

orientação para a cultura anfitriã e as adaptações psicológica e sociocultural pode ser verificada nos estudos de Demes e Geeraert (2014) com *sojourners* no Reino Unido.

H10) A orientação para a cultura anfitriã se relacionará positivamente com a adaptação psicológica (H10a) e com a sociocultural (H10b). A relação positiva entre a orientação para a cultura anfitriã e a adaptação psicológica pode ser verificada nos estudos de Briones, Verkuyten, Cosano e Tabernero (2012) com adolescentes imigrantes na Espanha e, a influência positiva da orientação para a cultura anfitriã e adaptação sociocultural foi encontrada nos estudos de Demes e Geeraert (2014).

H11) A orientação de aculturação para a cultura original mediará a relação entre as variáveis preditoras [percepção de discriminação (H11a), percepção de distância cultural (H11b), estratégia de enfrentamento do tipo engajamento (H11c) e percepção de suporte social (H11d)] e a adaptação psicológica.

H12) A orientação de aculturação para a cultura original mediará a relação entre as variáveis preditoras [percepção de discriminação (H12a), percepção de distância cultural (H12b), estratégia de enfrentamento do tipo engajamento (H12c) e percepção de suporte social (H12d)] e a adaptação sociocultural.

H13) A orientação de aculturação para a cultura anfitriã mediará a relação entre as variáveis antecedentes [percepção de discriminação (H13a), percepção de distância cultural (H13b), estratégia de enfrentamento do tipo engajamento (H13c) e percepção de suporte social (H13d)] e a adaptação psicológica.

H14) A orientação de aculturação para a cultura anfitriã mediará a relação entre as variáveis preditoras [percepção de discriminação (H14a), percepção de distância cultural (H14b), estratégia de enfrentamento do tipo engajamento (H14c) e percepção de suporte social (H14d)] e a adaptação sociocultural.



As hipóteses de mediação das estratégias de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) entre as variáveis predictoras e as variáveis critério são consistentes com modelos anteriores que adotam as estratégias de aculturação como variáveis mediadoras entre as variáveis antecedentes e as variáveis critério (Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006; Berry, 1997).

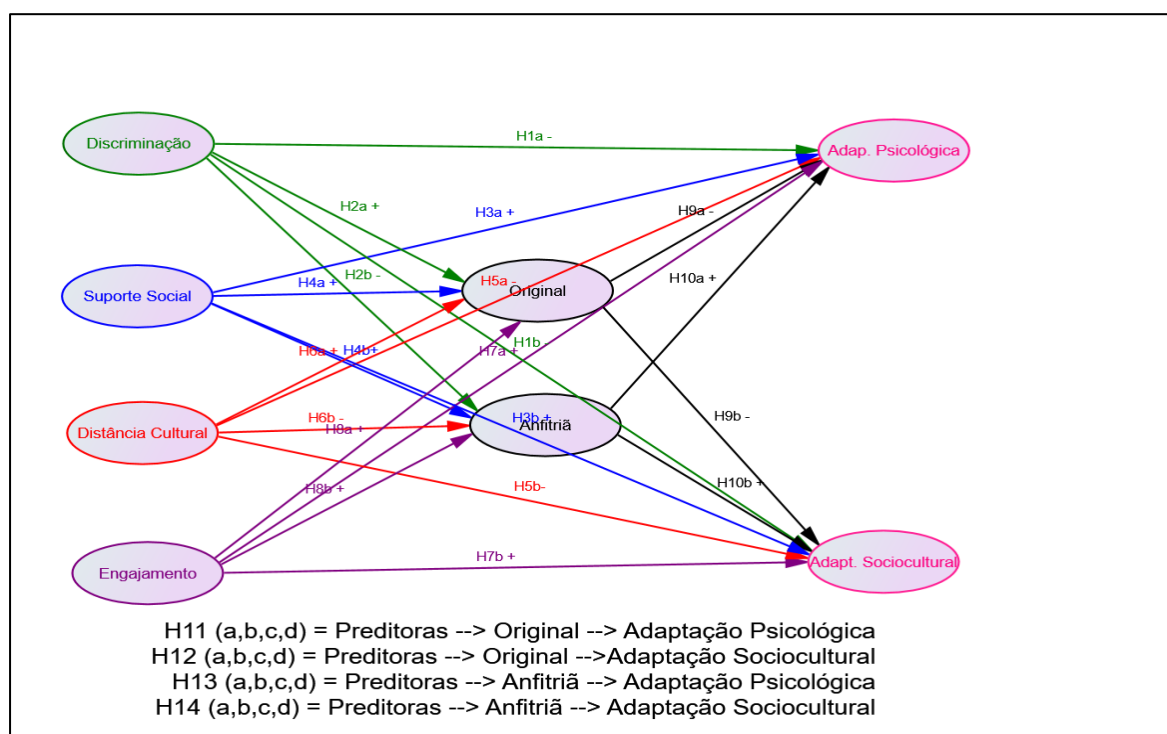


Figura 13. Relações entre as variáveis do modelo estrutural

## 3.2 Método

### 3.2.1 Participantes

A amostra utilizada nesta pesquisa foi de conveniência e os critérios para participar do estudo eram ser brasileiro residente no Japão e ter idade mínima de 18 anos. Participaram deste estudo um total de 410 participantes. Para determinar o número de participantes foram seguidas as recomendações de Hair, Black, Babin e Anderson (2010) que sugerem que para determinar o número mínimo de participantes é necessário avaliar a normalidade multivariada dos dados, a técnica de estimação utilizada, a complexidade do modelo, a

quantidade de dados faltosos (*missing data*) e a média do erro de variância entre os indicadores refletivos. Com base nessas informações, para um modelo com mais de sete construtos e alguns desses com baixas comunalidades ou com menos de três itens por fator, esses autores recomendam um mínimo de 500 observações. Adicionalmente buscou-se seguir também outras recomendações sobre o tamanho da amostra como, por exemplo, ter pelo menos cinco observações por parâmetro a ser estimado (Worthington & Whittaker, 2006) e cerca de dez observações por item do instrumento (Pasquali, 2012). Tendo em vista as dificuldades encontradas para acessar os participantes desta pesquisa, o tempo gasto para coletar os dados (seis meses) e os resultados de estudos com número de participantes semelhantes ao deste estudo, considerou-se que o número de participantes se encontrava próximo do recomendado por esses pesquisadores tendo em vista as características do estudo.

Dos 410 participantes da pesquisa, a maioria era casada (54,1%), mulher (58,9%), descendente de japoneses (65,9%) e imigrante de longo prazo (84,4%). A média de idade dos participantes é de 37,04 anos ( $DP = 10,52$ ) e o tempo médio de residência no Japão é de 11,90 anos ( $DP = 8,47$ ). Em relação à escolarização, 184 participantes possuem o Ensino Médio Completo, 98 possuem o Ensino Superior Completo, 25 Pós-Graduação Incompleta e 49 Pós-Graduação Completa. A ocupação mais citada entre os respondentes foi a de operária. Os participantes estão espalhados em 29 das 47 províncias do Japão e são provenientes de 20 dos 26 estados brasileiros, sendo a maioria (50,2%) originários do Estado de São Paulo (Ver Tabela 4).

Tabela 4

*Dados sociodemográficos dos respondentes do questionário*

Variável	Grupo	Frequência	Média	%	Desvio Padrão
Sexo	Feminino	205		50,00	
	Masculino	143		34,90	
	Dados ausentes	62		15,10	

---

(Tabela 4, Cont.)

Idade		37,04	10,52
	Dados ausentes	50	
Estado Civil	Casado(a) ou mora com companheiro (a)	222	54,10
	Divorciado(a) ou Separado(a)	42	10,20
	Solteiro(a)	90	22,00
	Viúvo(a)	2	0,50
	Dados ausentes	54	13,20
Número de Filhos	Nenhum	115	28,00
	Um	76	18,50
	Dois	84	20,50
	Três	32	7,80
	Quatro	6	1,50
	Cinco ou mais	3	0,70
	Dados ausentes	94	22,90
Grau de descendência japonesa	Primeira geração (japoneses)	5	1,20
	Segunda geração (filhos de japoneses)	79	19,30
	Terceira geração (netos de japoneses)	141	34,40
	Quarta geração (bisnetos de japoneses)	9	2,20
	Sem descendência japonesa	121	29,50
	Dados ausentes	55	13,40
Escolaridade	E.* Fundamental I.**	5	1,20
	E. Fundamental C.***	3	0,70
	E. Médio I.	31	7,60
	E. Médio C.	145	35,40
	E. Superior I.	0	0
	E. Superior C.	98	23,90
	Pós-Graduação I.	25	6,10
	Pós-Graduação C.	49	12,00
	Dados ausentes	54	13,20
Ocupação	Profissional	24	5,85
	Autônomo (ex: Proprietário de negócio, fotógrafo)		

---

(Tabela 4, Cont.)	Desempregado	10	2,40
	Dona de casa	30	7,30
	Estudante	65	15,90
	Operário	138	33,65
	Profissional Liberal (ex: Professor, Engenheiro, Jornalista, Psicólogo)	32	7,80
	Tradutor	11	2,70
	Outras	37	9,02
	Dados ausentes	63	15,40
	Residência (Província no Japão)	Aichi	94
Shizuoka		54	13,20
Tóquio		36	8,80
Kanagawa		19	4,60
Gunma		17	4,10
Saitama		14	3,40
Mie		14	3,40
Outras		102	24,80
Dados ausentes		60	14,60
Origem (Estado brasileiro)	São Paulo	206	50,20
	Paraná	54	13,20
	Rio de Janeiro	15	3,70
	Mato Grosso do Sul	13	3,20
	Outros estados	65	15,85
	Dados ausentes	57	13,90
Razões para a ida ao Japão	Financeira	130	31,70
	Trabalho	59	14,39
	Estudo	54	13,17
	Família	52	12,68
	Admiração à cultura japonesa	23	5,60
	Qualidade de vida	22	5,36
	Outros	11	2,68
	Dados ausentes	59	14,39
Tempo que pretendem ficar no Japão	Menos de 1 ano	10	2,40
	Entre 1 e 2 anos	32	7,80
	Entre 2 e 5 anos	49	11,95
	Entre 5 e 10 anos	13	3,17
	Mais de 10 anos	1	0,24

(Tabela 4, Cont.)	Indeterminado	156	38,04
	Sempre	84	20,5
	Dados ausentes	65	
Religião	Católica	97	23,7
	Espírita	37	9,00
	Protestante ou Evangélica	59	14,40
	Umbanda ou Candomblé	3	0,70
	Sem religião	125	30,50
	Outras	35	8,50
	Dados ausentes	54	13,20
	Procura por serviços psicológicos no Japão	Sim	38
Não		313	76,30
Dados ausentes		59	14,40
Motivo principal da procura por serviços psicológicos	Depressão	16	
	Ansiedade	7	
	Estresse ou problema relacionado ao trabalho	5	
	Outros	10	

Nota: \*Ensino, \*\* Incompleto, \*\*\*Completo

### 3.2.2 Instrumento

O instrumento utilizado nesta pesquisa foi um questionário *on-line* (Ver Anexo 3) contendo a apresentação do estudo, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), instruções para o preenchimento do questionário, as escalas para avaliação dos construtos de pesquisa e questões sociodemográficas. As escalas que compuseram o questionário foram a Escala Breve de Orientação de Aculturação (*The Brief Acculturation Orientation Scale - BAOS*), a Escala Breve de Distância Cultural Percebida (*The Brief Perceived Cultural Distance - BPCD*), a Escala Breve de Adaptação Psicológica (*The Brief Psychological*

*Adaptation Scale - BPAS*), a Escala Breve de Adaptação Sociocultural (*The Brief Sociocultural Adaptation Scale - BSAS*) (Ver Tabela 5). Todas essas quatro escalas foram construídas por Demes e Geeraert (2014) e as versões em português foram fornecidas pelos autores. Além desses instrumentos, esta pesquisa utilizou a sub-escala de enfrentamento de engajamento que compõe a Escala de Engajamento Transcultural (*Cross-Cultural Coping Scale-CCCS*) de Kuo, Roysircar e Newby-Clark (2006), a escala Índice de Suporte Social de *Sojourner* (*The Index of Sojourner Social Support*) de Ong e Ward (2005) e a Escala de Discriminação Percebida (*Perceived Discrimination*) do questionário *Mutual Intercultural Relations in Plural Societies* (MIRIPS) de Berry (2010).

Tabela 5

*Escalas utilizadas na pesquisa*

Construto	Medida	Autor(es)	Características da escala	Índice de Fidedignidade
Percepção de Suporte Social	<i>The Index of Sojourner Social Support</i>	Ong e Ward (2005)	18 itens Escala de resposta do tipo Likert de 7 pontos (1-Não concordo fortemente/ 7-Concordo fortemente)	$\alpha = 0,94$
Estratégia de enfrentamento de engajamento	Sub-escala da <i>The Cross-Cultural Coping Scale</i> (CCCS)	Kuo et al. (2006)	8 itens Escala de Resposta do tipo Likert de 7 pontos (1- Diverge totalmente/7 - Combina totalmente)	$\alpha = 0,74-0,80$
Percepção de discriminação	<i>Perceived Discrimination</i> do questionário <i>Mutual Intercultural Relations in Plural Societies</i> (MIRIPS)	Berry (2010)	5 itens	Não há informações

(Tabela 5,  
Cont.)

Estratégias de Aculturação	1) <i>Brief Acculturation Scale - Home</i> (BAOS – <i>Home</i> )  2) <i>Brief Acculturation Scale- Host</i> (BAOS – <i>Host</i> )	Demes e Geeraert (2014)	1) 4 itens, Escala de resposta do tipo Likert de 7 pontos (1- Não concordo fortemente/ 7- Concordo fortemente) 2) 4 itens, Escala de resposta do tipo Likert de 7 pontos (1- Não Concordo fortemente/ 7- Concordo fortemente)	1) $\alpha = 0,78$ 2) $\alpha = 0,72$
Percepção da distância cultural	<i>Brief Perceived Cultural Distance</i> (BPCD)	Demes e Geeraert (2014)	12 itens Escala de resposta do tipo Likert de 7 pontos (1- Muito parecidos/ 7- Muito diferentes)	$\alpha = 0,85$
Adaptação Psicológica	<i>Brief Psychological Adaptation Scale</i> (BPAS)	Demes e Geeraert (2014)	8 itens Escala de resposta do tipo Likert de 7 pontos (1- Nunca/7- Sempre)	$\alpha = 0,82$
Adaptação Sociocultural	<i>Brief Sociocultural Adaptation Scale</i> (BSAS)	Demes e Geeraert (2014)	12 itens Escala de resposta do tipo Likert de 7 pontos (1- Muito difícil/ 7- Muito Fácil)	$\alpha = 0,85$

A escolha das escalas seguiu critérios que visavam a sua adequação aos objetivos propostos por esta pesquisa. Para tanto, foi avaliado o processo de construção de cada uma delas, o seu uso em outras pesquisas com objetivos semelhantes e as características psicométricas, em especial, a fidedignidade e a validade. Para a utilização dessas medidas nesta pesquisa, as recomendações de Beaton, Bombardier, Guillemin e Ferraz (2000) para a adaptação transcultural de instrumentos foram seguidas.

Escala Breve de Orientação de Aculturação (*The Brief Acculturation Orientation Scale* - BAOS)

A Escala Breve de Orientação de Aculturação desenvolvida por Domes e Geeraert (2014) é uma escala que adota uma concepção bidimensional do construto de aculturação, ou seja, considera que a orientação de aculturação para a cultura anfitriã e a orientação de aculturação para a cultura original são dimensões independentes e que por esse motivo devem ser medidas separadamente. Dessa forma, a escala possui dois fatores que medem a orientação de aculturação, um relacionado à cultura original e o outro à cultura anfitriã. Cada fator contém quatro indicadores que avaliam o valor atribuído às amizades, tradições, características e ações em cada cultura. Para cada item, o participante deve escolher uma de sete opções de resposta que estão dispostas em uma escala de 7 pontos (1 = discordo fortemente; 7 = concordo fortemente).

Os autores aplicaram o instrumento inicialmente em uma amostra de estudantes internacionais e encontraram índices de fidedignidade satisfatórios para o fator de orientação para a cultura original ( $\alpha = 0,79$ ) e para o fator de orientação para a cultura anfitriã ( $\alpha = 0,80$ ). O instrumento foi testado também em uma amostra de imigrantes e os resultados da análise da consistência interna também foram satisfatórios para o fator de orientação para a cultura original ( $\alpha = 0,81$ ) e para o fator de orientação para a cultura anfitriã ( $\alpha = 0,83$ ). Para as versões traduzidas, o valor do alfa de Cronbach do fator de orientação para a cultura original variou de 0,70 a 0,86 e para o fator de orientação para a cultura anfitriã variou de 0,61 a 0,89. A versão em português apresentou valor de alfa de Cronbach de 0,77 para a orientação para a cultura original e 0,61 para a orientação para a cultura anfitriã.



Escala Breve de Distância Cultural Percebida (*The Brief Perceived Cultural Distance Scale*)

A Escala Breve de Distância Cultural Percebida foi construída por Demes e Geeraert (2014) e tem como objetivo avaliar a percepção das diferenças culturais entre a cultura original e a cultura anfitriã. A escala possui 12 itens que induzem o respondente a pensar sobre as diferenças existentes entre cada um desses países, o de origem e o anfitrião, e assim avaliar quão diferentes ou similares são os dois países em termos de idioma, amizade, atitudes sociais, valores, normas sociais, vida familiar, hábitos alimentares, estilo de vida, ambiente social, ambiente natural e clima. Para cada situação, o respondente deve avaliar os itens de acordo com uma escala de 7 pontos (1 = muito parecidos; 7 = muito diferentes). Os índices de fidedignidade encontrados foram satisfatórios na amostra de estudantes internacionais ( $\alpha = 0,79$ ), de imigrantes ( $\alpha = 0,94$ ) e nas versões traduzidas ( $\alpha = 0,75$  a  $0,87$ ). A versão em português apresentou valor de alfa de Cronbach de 0,82.

Escala Breve de Adaptação Sociocultural (*The Brief Sociocultural Adaptation Scale*)

Os itens que compõe a Escala Breve de Adaptação Sociocultural (Demes & Geeraert, 2014) são os mesmos da Escala Breve de Distância Cultural Percebida. Os itens das duas escalas foram intencionalmente construídos de maneira espelhada levando-se em consideração a estreita ligação entre os dois construtos. Os aspectos percebidos como diferentes entre duas culturas são os mesmos que exigirão esforço maior para a sua adaptação, por isto, a inter-relação entre os dois conceitos (Demes & Geeraert, 2014). Apesar de apresentarem os mesmos itens, as perguntas são diferentes, diferenciando um construto do outro. Diferentemente da percepção da distância cultural, para avaliar a adaptação sociocultural, pergunta-se ao participante “quão fácil ou difícil é para você se adaptar ao... (nome do país anfitrião)” e esse deve avaliar cada item a partir de uma escala de 7 pontos (1

= muito difícil; 7 = muito fácil). Os índices de consistência interna (alfa de Cronbach) foram de 0,85 para a amostra de estudantes internacionais, de 0,84 para a amostra de imigrantes, entre 0,79 e 0,91 para as versões traduzidas e 0,84 para a versão em português.

#### Escala Breve de Adaptação Psicológica (*The Brief Sociocultural Adaptation Scale*)

Ao contrário da maioria dos instrumentos utilizados nas pesquisas de aculturação para avaliar o bem-estar de migrantes que usualmente utiliza construtos gerais, a Escala Breve de Adaptação Psicológica de Demes e Geeraert (2014) tem como finalidade avaliar aspectos emocionais advindo especificamente da situação de realocação. A escala é composta por 10 itens que medem sentimentos positivos e negativos relacionados à cultura de origem e à anfitriã. A partir de uma escala tipo Likert de 7 pontos (1 = nunca; 7 = sempre), o participante deve avaliar com que frequência, nas duas últimas semanas, experimentou determinados sentimentos, como por exemplo estar “empolgado por estar (no país anfitrião)”. A escala também apresentou índices adequados de consistência interna nas amostras de estudantes internacionais ( $\alpha = 0,72$ ), de imigrantes ( $\alpha = 0,78$ ), nas versões traduzidas ( $\alpha = 0,71$  a  $0,87$ ) e na versão em português ( $\alpha = 0,80$ ).

#### As escalas de Demes e Geeraert

As quatro escalas que foram descritas anteriormente foram construídas por Demes e Geeraert (2014) com o objetivo de avaliar construtos considerados importantes da literatura de aculturação. As escalas foram desenvolvidas simultaneamente com o objetivo de apresentarem o mesmo nível de especificidade, que é o contexto da migração. Atualmente, a escala de adaptação psicológica construída por estes autores é a única escala construída especificamente para avaliar o bem-estar neste contexto de realocação. A construção dos instrumentos também buscou atender critérios de clareza e simplicidade a fim de serem

generalizáveis para diferentes grupos migrantes, permitindo assim comparações entre pesquisas realizadas nos mais variados contextos culturais (Demes & Geeraert, 2014).

As quatro escalas foram inicialmente testadas em uma amostra de estudantes internacionais e em uma amostra de imigrantes. Após, foram traduzidas para nove idiomas, incluindo o português. Todas as versões originais e traduzidas apresentaram bons índices de fidedignidade e as versões traduzidas indicaram boa equivalência estrutural (Demes & Geeraert, 2014).

#### Escala de Discriminação Percebida (*Perceived Discrimination Scale*)

A Escala de Discriminação Percebida compõe o questionário do projeto MIRIPS (*Mutual Intercultural Relations in Plural Societies*) e foi desenvolvido por Berry (2010) e colaboradores. O MIRIPS é um projeto que está sendo conduzido por diversos pesquisadores em várias partes do mundo cuja abordagem e instrumento de pesquisa são os mesmos. O questionário MIRIPS tem versões em inglês, chinês, italiano e finlandês. Esta pesquisa utilizou especificamente a Escala de Discriminação Percebida desse questionário que avalia a percepção de discriminação étnica por meio de cinco itens, como por exemplo “*I don't feel accepted by (ethnic/national) group*”. Em um estudo conduzido por Musso, Ingugliaa e Lo Coco (2015) como parte do projeto MIRIPS, a escala de discriminação apresentou índices satisfatórios de consistência interna ( $\alpha = 0,81$ ).

#### Escala de Índice de Suporte Social de *Sojourners* (*The Index of Sojourner Social Support – ISSS Scale*)

A escala “Índice de Suporte Social de *Sojourner*” foi desenvolvida por Ong e Ward (2005) com o objetivo específico de avaliar a percepção de suporte social em situações de transições e adaptações culturais. A escala possui dois fatores, o suporte socioemocional e o

suporte instrumental, e dezoito itens, nove itens para cada um dos fatores. O objetivo dos itens é avaliar a percepção da disponibilidade de suporte social e, para cada um deles, o respondente deve escolher uma de cinco opções de respostas (1 = *No one would do this*, 2 = *Someone would do this*, 3 = *A few would do this*, 4 = *Several would do this*, 5 = *Many would do this*).

A questão do número de fatores dessa escala é apontada como algo que demanda discussões, já que, embora os autores apresentem razões teóricas e empíricas mais fortes para a estrutura com dois fatores, os próprios autores enfatizam que a unidimensionalidade da escala pode ser encontrada e empregada de acordo com a natureza da pesquisa e as prioridades dos pesquisadores. A ISSS tem apresentado validade de construto adequada, estável e índices favoráveis de consistência interna com alfas de Cronbach variando entre 0,73 e 0,95 (Ong & Ward, 2005).

#### Escala de Enfrentamento Transcultural (*The Cross-Cultural Coping Scale - CCCS*)

A CCCS foi desenvolvida por Kuo et al. (2006) com a finalidade de avaliar comportamentos de enfrentamento individualistas e coletivistas em contextos de aculturação. A escala possui 26 itens dispostos em três sub-escalas: enfrentamento coletivista, enfrentamento de engajamento e enfrentamento de evitação. A escala é um instrumento baseado em cenários hipotéticos. O participante é instruído a imaginar-se no cenário estressor descrito e a avaliar a partir de uma escala de seis pontos (1 = *A very inaccurate description of what I would do* e 6 = *A very accurate description of what I would do*) o quanto a situação representa adequadamente o que ele faria se a situação acontecesse com ele. Em um estudo conduzido por Kuo, Arnold e Rodriguez-Rubio (2013), as três sub-escalas apresentaram bons índices de consistência interna, com valores de alfa de Cronbach de 0,77 para a sub-escala de Enfrentamento de Engajamento, 0,75 para a escala de Enfrentamento Coletivista e 0,70 para a

escala de Enfrentamento de Evitação. Nesta pesquisa, apenas a sub-escala de enfrentamento de engajamento foi utilizada por razões apontadas no Estudo 1.

### **3.2.3 Procedimentos**

Os dados foram coletados no período de maio a setembro de 2016 por meio de um questionário *on-line* disponível em uma plataforma de coleta de dados, a ferramenta *Survey Monkey*. Os participantes foram recrutados por meio da técnica “bola de neve” em redes sociais e por *e-mails* de instituições brasileiras públicas e privadas no Japão. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos e condições de pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este documento estava disposto na primeira página do questionário e deveria ser consentido para dar início à participação no estudo.

### **3.2.4 Análise dos dados**

#### Adaptação Transcultural dos instrumentos

A adaptação transcultural dos instrumentos desta pesquisa foi baseada no roteiro de Beaton et al. (2000) o qual prevê as seguintes etapas metodológicas: tradução, síntese das traduções, retrotradução ou tradução reversa, avaliação por um comitê de especialistas e o pré-teste. O pré-teste inclui a avaliação das características psicométricas do instrumento a ser adaptado. Para esta pesquisa, o pré-teste incluiu a análise das propriedades psicométricas dos instrumentos através das Análise Fatoriais Exploratória (AFE), Análise Fatorial Confirmatória (AFC), avaliação da validade e consistência interna pelo alfa de Cronbach.

### Tradução, síntese e Retrotradução

Os instrumentos que não possuem a versão em português foram traduzidos do inglês diretamente para o português por dois tradutores bilíngues independentes cuja língua nativa é o português. As traduções procuraram levar em consideração as diferenças linguísticas e culturais entre as culturas em questão. Em seguida, uma síntese das duas traduções foi produzida. O próximo passo consistiu em retrotraduzir esta versão, ou seja, traduzir do português para o inglês por um tradutor cuja língua materna é o inglês. Este processo foi realizado para se comparar a versão em inglês retrotraduzida com a versão original, de modo a verificar se as duas versões eram equivalentes. Após verificada a equivalência das duas versões, passou-se para a próxima etapa.

### Avaliação por um comitê de especialistas

Esta etapa consistiu em submeter o instrumento traduzido a um grupo de especialistas no assunto da pesquisa com a finalidade de verificar a equivalência da versão traduzida com a original, atentando-se para uma adequação linguística e cultural à população em estudo. Para esta etapa, foi realizado um grupo focal com cinco especialistas com bom domínio da língua inglesa, sendo dois doutorandos em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações e três graduandos em Psicologia, participantes de grupo de estudo sobre Psicologia Transcultural. O grupo focal consistiu em uma reunião com todos os especialistas em que as versões originais e traduzidas de cada instrumento eram entregues aos juízes e os itens traduzidos eram lidos em voz alta e questionava-se a compreensão por cada participante. Caso houvesse discordâncias, estas eram discutidas até que um consenso era alcançado. Ao final deste processo, a versão final do instrumento foi produzida.

### Análise das características psicométricas dos instrumentos

Após a verificação da equivalência conceitual e idiomática dos instrumentos faz-se necessário analisar as propriedades psicométricas das escalas em busca de evidências de validade da versão adaptada para o novo contexto (Borsa, Damásio & Bandeira, 2012). A avaliação das propriedades psicométricas consistiu em investigar a estrutura fatorial mediante a Análise Fatorial Exploratória, analisar a qualidade em que os dados se ajustam ao modelo de medida proposto através da Análise Fatorial Confirmatória e, por fim, avaliar o grau de validade discriminante e convergente e, a confiabilidade da escala. Antes de realizar essas técnicas, algumas análises e procedimentos são necessários com a finalidade de inspecionar e tratar adequadamente os dados para que se possibilite atender aos pressupostos de uma análise estatística adequada e honesta (Tabachnick & Fidel, 2013). Desta maneira, a maneira como estas técnicas preliminares foram conduzidas neste estudo serão relatadas em seguida e, na sequência, a forma de condução das análises fatoriais exploratórias e confirmatórias e o cálculo da validade e confiabilidade serão apresentados.

### Análises dos pressupostos para a realização de técnicas multivariadas

A avaliação dos pressupostos para a realização das técnicas estatísticas utilizadas nesta pesquisa seguiu as recomendações de diversos autores (Tabachnick & Fidel, 2013; Hair et al., 2010; Field, 2013; Kline, 2011). Essas análises incluem a investigação e tratamento dos casos ausentes (*missings*) e extremos (*outliers*), das normalidades univariadas e multivariadas e da questão da multicolinearidade. Para a realização dessas análises foram utilizados os programas estatísticos SPSS versão 22.0 e o AMOS versão 23.0 (Arbuckle, 2014).

### Análise e tratamento dos casos ausentes

Os dados ausentes (*missings*) são os valores que não estão disponíveis para a análise. Mais do que a quantidade, são as características destes valores que podem afetar a generalização dos resultados da pesquisa (Tabachnick & Fidel, 2013). Dados ausentes encontrados aleatoriamente pela matriz de dados representa um problema menos sério do que dados ausentes que apresentam um padrão na sua forma de distribuição. Nesta pesquisa, o padrão dos dados ausentes foi analisado através do comando de Análise dos Valores Ausentes do programa estatístico SPSS. Este comando executa o teste de MCAR (*missing completely at random*) de Little que avalia a aleatoriedade dos dados ausentes. Para esse teste, os valores estatisticamente não significativos são desejados e indicam que o valor encontrado não difere de um valor aleatório (Hair et al. 2010). Após a análise das características dos dados ausentes, o pesquisador pode optar pelo tratamento destes dados, seja pela deleção ou substituição (pela média, regressão ou imputação múltipla, por exemplo) destes valores ausentes. Neste estudo, os dados ausentes foram substituídos pelo método da regressão.

### Análise e tratamento dos casos extremos

Os valores extremos (*outliers*) podem ser univariados, quando se referem a valores discrepantes em apenas uma variável, ou multivariados, quando resulta de uma combinação extrema em duas ou mais variáveis (Tabachnick & Fidel, 2013). Os casos extremos univariados podem ser inspecionados pela análise dos escores  $z$  ou através de gráficos, como histogramas e gráfico de caixas (*box plots*). Neste estudo, os gráficos de caixa foram utilizados para detectar os casos extremos. Uma vez identificados, cabe ao pesquisador decidir sobre quais procedimentos posteriores serão adotados, se os dados extremos serão deletados, mantidos ou alterados. Uma das mais alternativas recomendadas para reduzir o



impacto dos casos extremos univariados é a técnica do *winsorizing*, que consiste em substituir o valor extremo pelo próximo valor mais alto que não é um caso extremo (Field, 2013). Esta técnica foi utilizada nesta pesquisa para o tratamento dos casos extremos. Para detectar os casos extremos multivariados, a distância de Mahalanobis ( $D^2$ ) e a distância de Cook são os métodos mais empregados e foram utilizados neste estudo. O tratamento dos casos extremos univariados e da não-normalidade dos dados pode reduzir os casos extremos multivariados, mas pode não ser totalmente efetivo já que estes casos resultam de uma combinação de escores. Assim, o pesquisador pode optar por deletá-los ou mantê-los. Caso opte por mantê-los, o pesquisador deve relatar e justificar esta escolha uma vez que aumenta a possibilidade dos resultados terem sido distorcidos (Tabachnick & Fidel, 2013).

#### Análise e Tratamento das normalidades univariada e multivariada

A questão da normalidade é um dos pressupostos mais requeridos nas análises multivariadas e diz respeito ao formato da distribuição das variáveis (Hair et al., 2010). Uma distribuição normal acontece quando a média das variáveis é igual a zero e o desvio padrão é igual a um. A normalidade univariada refere-se à distribuição normal de uma única variável e a multivariada assume que cada variável e todas as combinações lineares entre elas são normalmente distribuídas (Tabachnick & Fidel, 2013).

A normalidade univariada pode ser facilmente testada por meio de gráficos, como histogramas ou gráficos de probabilidade normal, testes estatísticos, como os testes de Shapiro-Wilk e o Kolmogorov-Smirnoff, e, por meio dos valores de assimetria (*skewness*) e achatamento ou curtose (*kurtosis*) (Hair et al., 2010). Para os testes de Shapiro-Wilk e Kolmogorov-Smirnoff, espera-se encontrar resultados não significativos ( $p > 0,05$ ), indicativos de que a distribuição dos dados de determinada variável não difere significativamente de uma distribuição normal (Field, 2013). Quanto à assimetria e

achatamento, quando divididos pelo seu desvio padrão, o valor de zero para estes dois índices sinaliza uma distribuição normal dos dados e quanto mais longe de zero mais indicam uma distribuição não normal. Uma das maneiras de testar estes valores é convertê-los em escores  $z$  e compará-los com valores distribuídos normalmente. Para um valor de significância de 0,05, os valores que apresentam uma distribuição normal devem se situar dentro do intervalo de -1,96 a +1,96. Valores fora deste intervalo indicam não normalidade (Hair et al., 2010). Após a verificação da distribuição dos dados, o pesquisador pode optar por transformá-los a fim de assegurar uma distribuição mais próxima da normalidade. Tabachnick e Fidel (2013) encorajam fortemente as transformações das variáveis a menos que haja uma razão maior para que estas não sejam feitas. De acordo com a característica da distribuição dos dados, positiva ou negativamente assimétrica e/ou positiva ou negativamente achatada, pode-se recorrer a transformações (logarítmicas, da raiz quadrada ou Box-Cox, por exemplo) (Hair et al., 2010). Esta pesquisa avaliou a normalidade por meio dos testes de Shapiro-Wilk e o Kolmogorov-Smirnoff e através dos valores de assimetria e achatamento e foi realizada a transformação box-cox para as variáveis que apresentaram assimetria acentuada. Essa transformação incorpora e amplia as opções tradicionais de transformações (raiz quadrada, inversa e logarítmica) e busca melhorar a eficácia da normalização das variáveis com assimetria positiva ou negativa (Osborne, 2014).

A normalidade multivariada é alcançada quando cada variável e todas as combinações lineares entre elas são distribuídas normalmente. Esse pressuposto é mais difícil de ser diretamente testado pelo fato de ser impraticável executar todas as combinações lineares entre as variáveis (Kline, 2011). A estratégia indicada por Tabachnick e Fidel (2013) é testar a normalidade univariada, a linearidade, a homocedasticidade de cada variável e analisar e inspecionar os resíduos no caso de análises que envolvam predição. Uma alternativa presente em alguns pacotes estatísticos, como o Amos, é utilizar os testes que detectam violações da

normalidade multivariada, como por exemplo o teste de Mardia (Kline, 2011). Bentler (2005) sugere que valores maiores do que 5,0 são indicativos de uma distribuição não normal. Nesta pesquisa, o teste de Mardia foi utilizado para testar a normalidade multivariada dos dados.

### Multicolinearidade

A multicolinearidade ocorre quando as variáveis são altamente correlacionadas. Duas variáveis altamente correlacionadas sinalizam redundância, o que fragiliza a análise (Tabachnick & Fidel, 2013). A multicolinearidade pode ser detectada pela inspeção da matriz de correlação das variáveis independentes, sendo que a existência de valores de correlação maiores do que 0,90 é o primeiro indicativo de colinearidade entre as variáveis (Hair et al., 2010). Outras duas maneiras de se inspecionar a multicolinearidade incluem dois testes de diagnósticos de colinearidade produzidos pelo programa SPSS, o fator de inflação de variância (*Variance Inflation Factor* – VIF) e a tolerância estatística. O VIF indica o quanto a variável preditora apresenta uma relação linear com as outras variáveis predictoras e a tolerância estatística é o inverso da VIF, que representa a quantidade de variabilidade da variável preditora que não pode ser explicada pelas outras variáveis critério. Valores de VIF superiores a 10,0 e valores de tolerância menores do 0,1 são indicativos de multicolinearidade (Hair et al., 2010).

### Análises das características psicométricas das escalas de pesquisa

Para avaliar a estrutura fatorial dos instrumentos, análises fatoriais exploratórias e confirmatórias foram conduzidas para cada medida com o objetivo de auxiliar no processo de escolha da estrutura que melhor representasse a amostra estudada. A consistência interna dos instrumentos é outro aspecto a ser avaliado em busca de evidências de validade do instrumento e neste estudo este critério foi testado através do alfa de Cronbach. As AFE's e o

cálculo da confiabilidade foram realizados no programa estatístico SPSS versão 22.0 e as AFC's foram conduzidas no programa AMOS versão 23.0.

#### Análise Fatorial Exploratória (AFE)

Atualmente existem duas técnicas mais utilizadas que têm como objetivo principal a redução de dados, a Análise Fatorial Exploratória (AFE) e a Análise dos Componentes Principais (ACP). A diferença entre as duas técnicas é que enquanto na ACP os itens retidos nos componentes apresentam tanto a variância comum como a variância específica de cada item, na AFE os itens retidos nos fatores representam apenas a covariância entre eles. Para a Psicologia, ciência interessada em explicar comportamentos ou construtos latentes a AFE é a técnica mais indicada porque trabalha com a variabilidade que as variáveis têm em comum (Damásio, 2012).

O objetivo da AFE é determinar o número e a natureza das variáveis latentes que melhor expliquem um conjunto de variáveis observáveis (Brown, 2006). Além disso, a AFE tem por finalidade reduzir este conjunto de variáveis observáveis a um menor número que tenha máxima variabilidade e fidedignidade (Laros, 2012). Para se proceder à AFE alguns passos foram considerados: análise da fatorabilidade da matriz de covariância, extração inicial, rotação e interpretação dos fatores.

A análise da matriz de covariância consiste em verificar se todas as variáveis são independentes, ou seja, se a matriz é passível de fatoração (Pasquali, 2012). Para verificar a fatorabilidade da matriz de covariância, os testes mais utilizados são o teste de esfericidade de Bartlett (AIC) e o teste de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). O primeiro teste avalia a hipótese de que a matriz de covariância é uma matriz identidade (as variáveis não se relacionam com nenhuma outra) (Pasquali, 2012). Entretanto, Tabachnick e Fidel (2013) alertam que este teste é extremamente sensível ao tamanho da amostra e deve

ser usado somente em amostras pequenas, menos de 5 casos por variável. O teste de KMO avalia em que medida a AFE é indicada para o conjunto de dados. Os valores do KMO variam de 0 a 1 e valores próximos de 1 são indicativos de fatorabilidade da matriz. Valores acima de 0,6 são requeridos para a condução de uma AFE adequada (Tabachnick & Fidel, 2013). Nessa tese, foram relatados os dois testes.

Após verificada a fatorabilidade da matriz de covariância, cabe ao pesquisador escolher o método mais adequado para extração dos fatores (fatorização dos eixos principais, quadrados mínimos, máxima verossimilhança, fatoração alfa e análise da imagem) (Pasquali, 2012). De maneira geral, os métodos da máxima verossimilhança (*Maximum Likelihood*, ML) e do fatorização dos eixos principais (*Principal Axis Factoring*, PAF) são os que produzem os melhores resultados, independente da distribuição dos dados da amostra (Osborne, 2014). Nesta tese, o método de fatorização dos eixos principais foi utilizado.

O próximo passo consiste em decidir sobre o número de fatores a ser retido (Damásio, 2012). Existem vários procedimentos utilizados para auxiliar o pesquisador nesta etapa, dentre os mais utilizados destacam-se os critérios de Kaiser (Kaiser, 1960), também conhecido como critério do autovalor (*eigenvalue*) maior do que 1,0; o teste do *scree plot* (Cattell, 1966) e o critério da Análise Paralela (AP) de Horn (1965). Vários autores têm defendido a superioridade do método das análise paralela em relação aos outros critérios no processo de retenção de fatores (Laros, 2012; Hayton, Allen & Scarpello, 2004). Nesta pesquisa, o critério da AP foi o método escolhido para decidir quantos fatores deveriam ser retidos.

O processo de retenção dos fatores pelos métodos citados anteriormente resulta em uma matriz fatorial complexa, difícil de ser interpretada (Pasquali, 2012). Com o objetivo de facilitar a interpretação de cada fator, o próximo passo é a rotação dos fatores que consiste em rodar os eixos dos fatores até alcançar a estrutura fatorial mais simples e interpretável

possível, de preferência em que cada item obtenha uma carga alta em apenas um fator (Laros, 2012). A rotação dos fatores pode ser ortogonal ou oblíqua. A primeira considera que os fatores não são correlacionados e a segunda admite a correlação entre eles. Os métodos mais utilizados na AFE são o Varimax, Quartimax, Equamax, Orthomax e Parsimax para a rotação ortogonal e o Direct Oblimin, Quartimin, Procrustes e Promax para a rotação oblíqua. Apesar da ampla utilização dos métodos ortogonais em pesquisas psicológicas, os resultados obtidos por meio deste método de rotação tendem a ser incoerentes com a própria natureza dos fenômenos psicológicos devido ao fato de que os fatores (traços latentes) são comumente inter-relacionados (Pasquali, 2012). Desta maneira, a rotação oblíqua é a mais adequada para as ciências psicossociais. Neste estudo, a rotação oblíqua Promax foi utilizada.

Finalmente, para auxiliar na interpretação dos fatores, analisam-se as cargas fatoriais para cada variável em cada fator. As cargas fatoriais podem assumir valores de -1 a +1, sendo que valores próximos a +1 indicam perfeita covariância entre uma variável e um fator. Analisam-se estas cargas a partir da matriz padrão, para o caso de rotações oblíquas. Valores de cargas fatoriais acima de 0,30 são considerados significativos para estudos exploratórios (Laros, 2012). Além disto, foi considerado como critério de exclusão os itens com cargas fatoriais semelhantes em mais de um fator, com diferença menor do que 0,10 (Laros & Puente-Palacios, 2004).

Outro aspecto referente à interpretação dos resultados da AFE é a questão da porcentagem da variância explicada. A variância explicada é a quantidade de variância comum que um ou mais fatores conseguem extrair de um conjunto de dados (Damásio, 2012). Apesar de ser amplamente utilizado para auxiliar na interpretação da estrutura fatorial, o critério da variância explicada não deve ser entendido como um indicador preciso de importância na interpretação dos resultados da AFE. Alguns fatores próprios da ciência psicológica limitam a ação precisa deste critério. Por exemplo, o uso da rotação oblíqua, ao

permitir a correlação entre os fatores, dificulta a interpretação deste critério já que as variâncias podem estar sobrepostas (Damásio, 2012). Assim, nesta pesquisa a variância explicada foi admitida como importante aspecto na interpretação dos fatores e na importância para explicar o construto, mas não foi adotada como único critério de exclusão de fatores ou itens.

#### Análise Fatorial Confirmatória (AFC)

A Análise Fatorial Confirmatória (AFC) é um caso especial de uma técnica denominada Modelagem de Equações Estruturais (MEE) que lida especificamente com modelos de mensuração, ou seja, que analisa as relações entre as variáveis observadas (indicadores) e as variáveis latentes (fatores). Diferentemente do que ocorre na AFE, é necessário que o pesquisador tenha uma boa fundamentação teórica para conduzir as análises confirmatórias. Em outras palavras, a partir de evidências anteriores da literatura, o pesquisador deve possuir uma boa visão do que esperar da estrutura fatorial do instrumento, ou seja, do número de fatores existentes e da relação entre cada indicador e cada fator (Brown, 2006).

Segundo Kline (2011), seis passos devem ser seguidos pelo pesquisador para conduzir a AFC, assim como outras análises, como a Modelagem de Equações Estruturais (MEE) que também será utilizada neste trabalho. Os seis passos consistem em: especificar o modelo; avaliar a identificação do modelo; selecionar as medidas, coletar, preparar e analisar os dados; estimar o modelo (avaliar o ajuste do modelo, interpretar os parâmetros estimados e considerar modelos equivalentes); reespecificar o modelo e relatar os resultados.

A especificação do modelo refere-se à representação (gráfica ou por equações) das hipóteses de pesquisa, ou seja, das relações esperadas entre as variáveis observadas e as variáveis latentes. Esse é considerado o passo mais importante porque todas as análises

posteriores dependem de que o modelo tenha sido especificado corretamente (Marôco, 2014). Hipóteses alternativas que sejam fundamentadas na teoria também devem ser mencionadas nesta etapa pois justificarão a reespecificação do modelo.

A verificação da identificação do modelo consiste em analisar se o modelo é capaz de gerar estimativas únicas para cada parâmetro do modelo. Caso haja problemas com a identificação do modelo, esse deve ser reespecificado, ou seja, deve-se retornar ao primeiro passo para que as análises conduzidas sejam plausíveis (Kline, 2011).

A terceira etapa de seleção de medidas e coleta de dados relaciona-se à escolha de medidas adequadas e confiáveis e também diz respeito aos procedimentos de coleta e análises iniciais dos dados antes de serem submetidos às análises principais (Kline, 2011). A escolha de cada medida e a avaliação dos pressupostos para a condução de análises multivariadas deste presente estudo já foram discutidos anteriormente.

A quarta etapa consiste em estimar o modelo. A primeira tarefa desta etapa inclui escolher o método de estimação mais adequado às características dos dados. De maneira geral, recomenda-se a utilização do método de máxima verossimilhança (*Maximum Likelihood* - ML) a menos que haja violações nos pressupostos da normalidade multivariada. Nesse último caso, métodos alternativos que sejam robustos às violações de normalidade multivariada devem ser utilizados (Kline, 2011). Nesta pesquisa, o método da máxima verossimilhança foi utilizado.

Em seguida, avalia-se o ajuste do modelo. Essa avaliação tem como objetivo medir a qualidade do ajustamento do modelo, ou seja, o grau em que o modelo teórico hipotetizado representa a estrutura correlacional das variáveis observadas (Marôco, 2014). Dentre os índices que avaliam o ajuste do modelo, os mais utilizados são os critérios apresentados na Tabela 6 a seguir.



Tabela 6

*Índices de ajuste do modelo teórico*

Índice de ajuste	Características	Valores de referência
Qui-quadrado ( $\chi^2$ )	É uma função matemática do tamanho da amostra e da diferença entre a matriz de covariância observada e a estimada. Por ser sensível ao tamanho da amostra, este índice não deve ser usado como medida única do ajuste do modelo (Hair et al., 2010).	( $p > 0,05$ ) (Hair et al., 2010)
SRMR ( <i>Standardized Root Mean Square Residual</i> )	É a média da diferença entre as correlações observadas na matriz e as correlações previstas pelo modelo (Brown, 2006).	< 0,10 (Hair et al., 2010)
RMSEA ( <i>Root Mean Square Error of Approximation</i> )	É um índice de erro de aproximação porque avalia quanto o modelo se ajusta razoavelmente bem à população (Brown, 2006).	Valores próximos de zero indicam bom ajuste do modelo. Pontos de corte na literatura têm variado entre 0,08 e 0,05 (Hair et al., 2010).
CFI ( <i>Comparative Fit Index</i> )	Avalia a melhora relativa do ajuste do modelo de pesquisa em relação a um modelo de linha de base (Kline, 2011).	> 0,90 (Hair et al., 2010).
TLI ( <i>Tucker-Lewis Index</i> )	É uma medida semelhante ao CFI, mas leva em consideração a complexidade do modelo (Hair et al., 2010).	> 0,90 (Hair et al., 2010).

Após a verificação do ajuste do modelo global, o pesquisador deve interpretar também os índices de ajustamento local, entre eles os parâmetros estimados. Kline (2011) orienta que os coeficientes de caminho (*path coefficients*) devem ser interpretados da mesma maneira que

os coeficientes de regressão. Na interpretação das variâncias dos distúrbios da solução não-padronizada deve se levar em consideração que são medidas estimadas na mesma métrica da variância não explicada de sua variável observada correspondente. Na solução padronizada, deve-se ter em mente que a variância de todas as variáveis é igual a zero. Outro valor a ser analisado é a razão crítica (*critical ratio*), também chamada de estatística Wald ou teste *t* e corresponde à razão entre o valor da estimativa e seu erro padrão. Para um valor de significância de 5% espera-se obter um valor de razão crítica maior do que 1,96 (Byrne, 2010).

Caso haja a constatação de problemas de ajuste do modelo, é possível que o pesquisador opte pela reespecificação ou modificação do modelo. Alguns indicadores são utilizados para auxiliar o pesquisador a conduzir estas modificações. Dentre os critérios existentes, os mais utilizados são os índices de modificação, os valores das cargas padronizadas e dos resíduos padronizados. Os índices de modificação representam quanto do valor do qui-quadrado diminuiria se houvesse a liberação de um determinado parâmetro. Já para a avaliação pelas cargas padronizadas, Hair et al. (2010) afirmam que valores maiores do que 0,5 sugerem que os indicadores estão fortemente relacionados à variável latente correspondente. Em relação aos resíduos padronizados, valores superiores a 2,58 revelam problemas no ajuste do modelo. Com base nestes três critérios, a prática mais comum na reespecificação do modelo em AFC é a deleção de itens que prejudicam a validade de construto do instrumento (Hair et al., 2010). Esses procedimentos foram adotados nesta pesquisa.

O último passo consiste em relatar os resultados. As inúmeras e graves falhas existentes nos relatos de resultados destas análises têm encorajado diversos autores a construir guias ou roteiros para orientar os pesquisadores a apresentar adequadamente seus resultados (Kline, 2011). Neste presente trabalho, as recomendações de diversos autores

(Kline, 2011; Marôco, 2014; Hayes, 2103) foram adotadas para que os resultados fossem relatados de maneira suficiente, detalhada e mais adequada possível.

#### Validade das medidas

A validade pode ser definida como “ a propriedade do instrumento ou escala de medida que avalia se essa mede ou operacionaliza o construto ou variável latente, que, realmente, se pretende avaliar” (Marôco, 2014, p. 183). A validade de um teste é resultado de qualquer evidência empírica sobre o teste. Deve ser cumulativa e contínua para que as informações e interpretações sobre aquele instrumento sejam confirmadas (Urbina, 2007). As três formas de validade mais frequentemente testadas e relatadas na literatura são a convergente, discriminante e nomológica (Hair et al., 2010).

Validade convergente: avalia em que grau duas medidas que buscam medir o mesmo construto são correlacionadas. Correlações altas indicam que as medidas avaliam o mesmo construto (Hair et al., 2010). Esta validade pode ser medida pela variância média extraída (VME) proposta inicialmente por Fornell e Larcker (1981). Valores de VME acima de 0,5 são indicativos de validade convergente (Hair et al., 2010).

Validade discriminante: grau em que dois construtos similares são distintos conceitualmente. Correlações baixas sugerem que os dois construtos são distintos (Hair et al., 2010). Para medir esta validade, também foram seguidas as recomendações de Fornell e Larcker (1981) que sugerem que há validade discriminante se os valores de VME dos fatores forem superiores ou igual ao quadrado das correlações entre esses fatores.

Validade nomológica: indica o grau em que uma escala confirma a relação com outros conceitos, normalmente formulada por uma teoria. As correlações entre os construtos podem ser utilizadas para avaliar essa validade (Hair et al., 2010).

### Confiabilidade dos instrumentos

A confiabilidade ou consistência interna pode ser considerada uma evidência preliminar de validade de um teste (Urbina, 2007). Esta medida consiste na avaliação do grau de precisão entre as diversas medidas de uma variável (Hair et al., 2010). Dentre os vários índices existentes na literatura, o alfa de Cronbach é o mais utilizado e foi o adotado neste estudo. Os valores do alfa podem variar entre 0 e 1, valores superiores a 0,7 são desejáveis e em torno de 0,6 para estudos exploratórios são considerados aceitáveis (Hair et al., 2010).

### Teste do modelo teórico

Para testar o modelo teórico de pesquisa foi utilizada a técnica de Modelagem de Equações Estruturais (MEE). A MEE faz parte de um conjunto de modelos estatísticos que têm como objetivo explicar as relações entre múltiplas variáveis (Hair et al., 2010). Essas relações são expressas em uma série de equações, assim como ocorre na regressão múltipla, que expressam as relações entre as variáveis observadas e latentes. Por esse motivo, a MEE pode ser entendida como uma mistura de análise fatorial e regressão múltipla (Ullman, 2007). O uso de MEE tem se mostrado bastante útil em diversas disciplinas que têm como objetivo o desenvolvimento de teorias ou a testagem de relações complexas entre variáveis (Pilati & Laros, 2007). Outra vantagem do uso da MEE é que esta técnica pondera os erros de medidas associados às variáveis latentes (Hair et al., 2010). Por esses motivos, a técnica de MEE foi escolhida para a testagem do modelo teórico desta pesquisa e para tal foi utilizado o programa AMOS versão 23.0. Para a avaliação do modelo geral serão seguidos os mesmos passos descritos na condução da AFC.

### Testes dos efeitos diretos e indiretos

Além das etapas já escritas, este trabalho também utilizou técnicas para a avaliação de relações de efeitos indiretos. As análises dos efeitos indiretos (mediação) são utilizadas quando o pesquisador busca explicar como uma variável afeta outra. Em outras palavras, a mediação é testada quando há hipótese de que uma variável independente (X) afeta uma variável dependente (Y), por meio de uma variável mediadora (M). Para testar as relações de mediação, este trabalho baseou-se nas recomendações de Hayes (2013), Zhao, Lynch e Chen (2010) e Hair, Hult, Ringle e Sarstedt (2017). De acordo com esses autores, a mediação consiste em analisar a significância estatística da relação indireta ou do produto da relação entre as três variáveis envolvidas ( $a*b$ ). (Preacher & Hayes, 2004). Dentre as várias técnicas existentes para se testar a mediação, a técnica do *bootstrapping* têm sido a técnica mais recomendada por diversos autores (MacKinnon, Lockwood & Williams, 2004; Cheung & Lau, 2008; Zhao et al., 2010; Hayes, 2013; Hair et al., 2017) devido a sua precisão em estimar os efeitos indiretos e por não depender do pressuposto na normalidade. Esta técnica consiste em uma abordagem não-paramétrica de estimação de tamanho de efeito (*effect size*) e teste de hipótese que gera reamostragens por substituição e estima um intervalo de confiança para o efeito indireto ( $a*b$ ) (Preacher & Hayes, 2004). A partir dos resultados do *bootstrapping* do efeito indireto pode-se concluir sobre o papel mediador de determinada variável (M), ou seja, caso a relação indireta ( $a*b$ ) for significativa, conclui-se que a variável (M) funciona como mediador na relação testada. Neste trabalho, para estimar o intervalo de confiança será utilizado o método BC (*Bias-corrected confidence intervals*), com intervalo de confiança (IC) de 95% com 1000 reamostragens.

A partir dessa primeira avaliação, parte-se para as análises de efeitos diretos para investigar mais profundamente as relações hipotetizadas entre as variáveis em estudo e assim explorar as formas ou tipos de mediação. Uma possibilidade é quando o efeito direto é

significativo e o efeito indireto é não-significativo, nesse caso há apenas uma relação direta ou nas palavras dos autores *Direct-Only, Non-Mediation* (Zhao et al., 2010). Nesse caso, existe a possibilidade de que haja mediadores ocultos não testados ou não descobertos na relação entre a variável preditora e a variável critério (Hair et al., 2017). Uma segunda situação pode ocorrer se a relação direta e a relação indireta são não-significativas, nesse caso, conclui-se que não há efeito e não há mediação (*No-Effect, Non-Mediation*) entre as variáveis testadas e é necessário revisar a teoria que fundamentou a relação testada (Zhao, et al., 2010). Uma terceira situação, chamada de *Indirect-Only Mediation* (Zhao et al., 2010), ocorre quando se encontra uma relação indireta significativa e uma relação direta não significativa, diz-se que houve uma mediação em que o mediador cumpriu com seu papel de explicar a relação entre a variável preditora e a variável critério. Caso a relação direta também seja significativa, pressupõe-se que outra variável mediadora esteja atuando ocultamente que possa auxiliar na explicação da relação direta entre a variável preditora e variável critério (Hair et al., 2017). Outra classificação é fornecida quando a relação indireta e a relação direta são significativas (Zhao, et al., 2010). Quando a relação direta e a relação indireta apresentam o mesmo sinal ou direção, esta mediação é chamada de complementar (*complementary mediation*). Por outro lado, quando a relação direta e a relação indireta possuem sinais ou direções opostas diz-se que houve uma mediação competitiva (*competitive mediation*) ou também chamada de inconsistente (Mackinnon, Krull & Lookwood, 2000). Nesse último caso, a variável mediadora atua como uma variável supressora, já que ela aumenta a força da relação entre duas variáveis ao ser incluída no modelo (Hair et al., 2017).

### 3.3 Resultados

#### Análises dos pressupostos para a realização de técnicas multivariadas

##### Valores ausentes

Para Hair et al. (2010), os dados ausentes podem ser, de maneira geral, ignorados se representam menos de 10% de dados omissos em um caso individual. Entretanto, Tabachnick e Fidel (2013) enfatizam que mais do que a quantidade é a qualidade destes dados, se aleatórios ou não, que realmente importa para a generalização dos resultados. A partir dessas informações, procedeu-se à análise do valor ausente (*Missing Value Analysis – MVA*) através do programa estatístico SPSS que indicou a existência de menos de 10% de dados ausentes e o teste de Little apresentou valor de significância de 0,32, sugerindo aleatoriedade no padrão dos valores omissos. Após inspeção dos dados ausentes existentes, verificou-se a existência de dois casos que apresentaram a mesma resposta para todas as perguntas e estes casos foram excluídos da análise, resultando em 410 casos válidos. A partir destes resultados, procedeu-se à substituição dos dados ausentes pelo método da regressão.

##### Casos extremos

Os valores extremos univariados foram inspecionados através dos gráficos de caixas (*box plots*) que consistem em uma maneira simples de se destacar visualmente os valores que se afastam da média (Tabachnick & Fidel, 2013). Nesta pesquisa, foram detectados 22 casos extremos univariados. Uma vez identificados, o pesquisador pode optar por realizar transformações que, em linhas gerais, consistem em substituir estes valores extremos por valores que se aproximam da média e assim diminuir os impactos que tais valores exercem no conjunto de dados total. Essas transformações devem ser realizadas antes da inspeção dos valores extremos multivariados já que as estatísticas que envolvem essas análises são

sensíveis aos desvios de normalidade (Tabachnick & Fidel, 2013). Os dados extremos univariados foram substituídos utilizando-se o método de *winsorizing* que consiste em substituir o caso extremo pelo valor mais próximo que não é um caso extremo (Field, 2013).

Os casos extremos multivariados foram investigados pela distância de Mahalanobis e pela distância de Cook. A distância de Mahalanobis possui uma distribuição qui-quadrado em que o número de variáveis preditoras é igual aos graus de liberdade. Para identificar os casos extremos, compara-se os valores encontrados com valores críticos de qui-quadrado (para o valor de significância desejado) presentes na tabela de distribuição qui-quadrado. Valores acima deste valor crítico são motivos de preocupação (Tabachnick & Fidel, 2013). Neste estudo, a distância de Mahalanobis indicou 32 casos extremos multivariados. Porém, a distância de Cook não apresentou nenhum valor acima de 1, que é considerado o valor crítico para esta estatística. Desta maneira, optou-se por manter os 32 casos.

#### Normalidade univariada e multivariada

A normalidade univariada foi testada pelos testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk e pelos valores de assimetria e curtose. Os resultados dos dois primeiros testes indicaram valores significativos para todas as variáveis, o que sugere violações à normalidade. Para a investigação da normalidade pelos valores de assimetria e curtose, cada valor de assimetria e curtose foi dividido pelo seu respectivo erro padrão. Se este valor estivesse fora do intervalo de -1,96 e +1,96, considerava-se que determinada variável apresentava distribuição não normal. Foram encontrados desvios da normalidade em quase todas as variáveis, confirmando os resultados dos testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk. Após essa inspeção, procedeu-se às transformações *box-cox* das variáveis com desvios de normalidade. Em seguida, colocou-se os valores transformados na escala original (variável padronizada  $\times$  desvio padrão + média).



A normalidade multivariada foi testada pelo teste de Mardia para cada escala do instrumento através do software Amos. Foram encontrados valores críticos de 5,25 para a escala de aculturação, 1,21 para a escala de adaptação psicológica, 4,64 para a escala de adaptação sociocultural, 4,03 para a escala de engajamento, 1,22 para a escala de percepção de discriminação, 1,37 para a escala de percepção de distância cultural e 24,49 para a escala de percepção de suporte social. Valores críticos de curtose acima de 5,0 indicam não normalidade multivariada. Nesses casos, Byrne (2010) aponta para a possibilidade de ocorrência de problemas de interpretação nas análises de modelagem de equações estruturais utilizando-se métodos de estimação que pressupõem normalidade, como o método da máxima verossimilhança. Uma alternativa seria utilizar métodos robustos de estimação, como o estimador ADF (*Asymptotic Distribution Free*) presente no software Amos. Porém, sabe-se que este estimador apresenta problemas de precisão quando as amostras são menores do que 1000 casos. Com o objetivo de comparar os resultados de dois programas (Amos e o EQS), Byrne (2010) analisou um conjunto de dados com violações da normalidade multivariada nesses programas, sendo que o EQS leva em consideração a questão da não normalidade. Observaram-se diferenças em alguns resultados entre os dois programas, mas as conclusões finais relacionadas à significância dos parâmetros estimados foram as mesmas, sugerindo que o estimador de máxima verossimilhança pode ser robusto mesmo diante de violações não severas de normalidade. Outra possibilidade para os casos de desvios de normalidade multivariada seria transformar os dados amostrais para se obter novas variáveis e que permitam que suas combinações apresentem distribuição normal. Entretanto, na prática, estas transformações são bastante complexas já que frequentemente uma única transformação não é suficiente para que possa ser utilizada em todas as variáveis simultaneamente (Johnson & Wichern, 2007). Neste estudo, os valores de Mardia obtidos pelo software Amos indicou normalidade multivariada em quase todas as escalas utilizadas, com exceção das escalas de

aculturação que indicou uma quase-normalidade (valor de 5,25) e da escala de suporte social que apresentou indícios de violação da normalidade multivariada, apresentando valor crítico de 24,49. Tendo em vista a quase-normalidade aceitável em todas as variáveis e os resultados dos estudos de Byrne (2010) sobre a questão da violação da normalidade, optou-se por manter as escalas sem nenhuma transformação.

#### Multicolinearidade

A multicolinearidade foi testada através do fator de inflação de variância (*Variance Inflation Factor* – VIF) e a tolerância estatística. Valores de VIF superiores a 10,0 e valores de tolerância menores do 0,1 são indicativos de multicolinearidade (Hair et al., 2010). Nesta pesquisa, todas as variáveis apresentaram valores de VIF inferiores a 10 e valores de tolerância superiores a 0,1, indicando ausência de multicolinearidade.

#### Características psicométricas das escalas

As escalas utilizadas nesta pesquisa foram submetidas às análises fatoriais exploratórias e confirmatórias, avaliação das validades convergente e discriminante e estimação da confiabilidade para a verificação das evidências de validade para a amostra em estudo.

#### Análise Fatorial Exploratória (AFE) da Escala de Discriminação Percebida

A análise fatorial exploratória foi conduzida com o objetivo de explorar a estrutura fatorial da escala de Discriminação Percebida. O primeiro passo consistiu em verificar se os dados eram adequados para serem submetidos ao processo da AFE. Para tanto, a matriz de covariância foi analisada a fim de verificar a sua fatorabilidade. Os valores do KMO (0,76) e

o do teste de esfericidade de Bartlett ( $p < 0,000$ ) indicaram que a matriz era passível de fatoração e que a AFE era recomendada.

Em seguida, a dimensionalidade da escala foi analisada pelo método da análise paralela de Horn (1965). De acordo com esta técnica, compara-se os autovalores da matriz empírica com os de uma matriz aleatória e deve-se reter somente os fatores cujos autovalores empíricos sejam maiores do que os autovalores aleatórios (neste caso, usou-se como critério o Percentil 95%) (Hayton et al, 2014). Os resultados desta técnica indicaram que apenas um fator deveria ser retido, conforme observado na Tabela 7.

Tabela 7

*Autovalores empíricos e aleatórios dos quatro primeiros fatores da Escala de Discriminação Percebida*

Autovalor	Fator			
	1	2	3	4
Empírico	2,80	0,95	0,50	0,41
Aleatório	1,20	1,11*	1,03	0,97

*Nota:* \* Autovalor aleatório que supera o autovalor empírico

Em seguida, procedeu-se à análise fatorial exploratória pelo método de fatorização dos eixos principais com rotação Promax. A estrutura unifatorial encontrada é coerente com a estrutura da escala original, acrescentando evidências de adequação da escala à amostra em estudo. A estrutura da escala ficou composta por cinco itens, que estão relacionados à percepção de discriminação do grupo anfitrião (japoneses) direcionada ao grupo imigrante (brasileiros). As cargas fatoriais dos itens apresentaram valores acima de 0,61 que juntos explicam 55,65% da variância total. Esta solução pode ser visualizada na Tabela 8 a seguir.

Tabela 8

*Solução fatorial da Escala de Discriminação Percebida*

Item	Fator 1	h <sup>2</sup>
dc_1. Eu acho que os japoneses têm se comportado de maneira injusta ou negativa para com o grupo de brasileiros.	0,67	0,45
dc_2. Eu não me sinto aceito pelos japoneses.	0,65	0,42
dc_3. Eu sinto que os japoneses têm algo contra mim.	0,74	0,55
dc_4. Eu já fui insultado ou provocado por causa da minha herança cultural brasileira.	0,67	0,45
dc_5. Eu já fui ameaçado ou atacado por causa da minha herança cultural brasileira.	0,61	0,37
Total de itens	5	
% da variância explicada	55,65	
Alfa de Cronbach	0,79	

Nota: h<sup>2</sup> = comunalidade

#### Análise Fatorial Confirmatória da Escala de Discriminação Percebida

O modelo unidimensional com os cinco itens da Escala de Discriminação Percebida foi conduzido à AFC. Os resultados apontaram problemas em vários índices de ajuste do modelo. Em busca de uma reespecificação do modelo, os índices de modificação foram analisados. Esses apontaram que o acréscimo de covariância entre os erros dos Itens 4 e 5 da escala resultaria em uma redução de 96,22 no valor do qui-quadrado ( $\chi^2$ ) do modelo, um valor bastante significativo. A partir desta constatação, buscou-se na análise dos conteúdos dos dois itens uma explicação para tamanha correlação entre eles. Verificou-se que os dois itens apresentam claramente sobreposição de conteúdo, ocasionando conseqüentemente essa alta correlação entre seus erros. Desta maneira, a exclusão de um dos itens seria justificável teórica e empiricamente. Optou-se pela exclusão do Item 5, que apresentava menor representatividade na escala (menor carga fatorial). Em seguida, o modelo com quatro itens foi novamente testado e apresentou uma melhora significativa nos índices de ajuste conforme observado na Tabela 9 a seguir.

Tabela 9

*Análise fatorial confirmatória da Escala de Discriminação Percebida: índices de ajuste dos modelos inicial e revisado*

Modelo	( $\chi^2$ )	$p$	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (LI/LS)
Modelo inicial (5 itens)	117,932	0,000	0,830	0,659	0,085	0,235 (0,199/0,273)
Modelo revisado (4 itens)	5,799	0,055	0,991	0,974	0,021	0,068 (0,000/0,136)

*Nota:* LI = limite inferior; LS = limite superior

A Tabela 10 a seguir apresenta os valores dos resultados da estimação pelo método ML. Nesta tabela é possível verificar os valores das estimativas não padronizadas, seguidos dos respectivos valores de erro padrão, razão crítica (*critical ratio* - CR) e valores de significância ( $p$ ). Conforme já exposto, para que um parâmetro seja considerado significativo, a razão crítica deve apresentar valor maior do que 1,96 e valor de  $p$  menor do que 0,05 (Byrne, 2010). Observa-se que todos os valores de CR (*critical ratio*) são maiores do que 1,96 e apresentam valores de  $p$  menores do que 0,05 indicando que todos os parâmetros são significativos.

Tabela 10

*Estimativas da Escala de Discriminação Percebida*

Item	Estimativa não padronizada	Erro Padrão	CR	$p$
dc_1	1			***
dc_2	1,005	0,085	11,784	***
dc_3	1,077	0,092	11,726	***
dc_4	0,863	0,093	9,282	***

*Nota:* \*\*\* =  $p < 0,001$

## Análise da confiabilidade e validade convergente da Escala de Discriminação

### Percebida

A análise da confiabilidade do fator foi calculada pelo alfa de Cronbach. Valores de alfa de Cronbach acima de 0,70 representam índices satisfatórios de consistência interna (Hair et al., 2010). Os resultados encontrados evidenciam uma ligeira redução do valor do alfa da escala, de 0,79 da solução com cinco itens para 0,77 da solução com quatro itens. Apesar da discreta redução, o fator manteve um índice adequado de confiabilidade.

Com o objetivo de adicionar evidências de validade da escala foi calculada a validade convergente. A validade convergente ocorre quando os itens que compõe um determinado fator saturam fortemente nesse fator (Marôco, 2014). A validade convergente foi avaliada com base nos critérios recomendados por Fornell e Larcker (1981), que sugerem que valores de variância média extraída (VME) do fator forem iguais ou superiores a 0,5 indicam que o fator possui validade convergente adequada. Foi encontrado um valor de VME de 0,5, sugerindo que o fator possui validade convergente satisfatória. Além disso, os pesos fatoriais padronizados de todos os itens foram significativos e acima de 0,5.

## Análise Fatorial Exploratória da Escala de Suporte Social

As análises iniciais da estrutura da escala de Suporte Social indicaram que a matriz de covariância era passível de fatoração ( $KMO = 0,967$ , Teste de Esfericidade de Bartlett,  $p < 0,000$ ). Em seguida a técnica da análise paralela indicou a presença de um único fator, conforme observado na Tabela 11 a seguir, contrariando em parte as expectativas teóricas e empíricas sobre o construto de suporte social e sobre o instrumento que sugerem a presença de dois fatores: suporte instrumental e suporte socioemocional. Entretanto, embora o estudo inicial sobre a estrutura do instrumento aponte evidências mais robustas para a solução

bifatorial, os próprios autores (Ong & Ward, 2005) admitem a unidimensionalidade da escala para se adequar as características e objetivos da pesquisa.

Tabela 11

*Autovalores empíricos e aleatórios dos quatro primeiros fatores da Escala de Suporte Social*

Autovalor	Fator			
	1	2	3	4
Empírico	11,83	1,31	0,78	0,56
Aleatório	1,45	1,36*	1,29	1,24

*Nota:* \* Autovalor aleatório que supera o autovalor empírico

Com base nessas informações, procedeu-se à AFE pelo método PAF com rotação Promax da estrutura com um fator e da estrutura com dois fatores. A AFE da solução com dois fatores apresentou estrutura idêntica ao do instrumento original com os mesmos itens distribuídos nos fatores correspondentes. No entanto, alguns resultados chamaram a atenção e merecem ser destacados. O primeiro resultado refere-se à porcentagem de variância explicada em que se verificou que o Fator 1 é capaz de explicar sozinho 65,81% da variância total, enquanto que o Fator 2 consegue explicar apenas 7,28%. Além dessa informação, um outro fator que merece ser enfatizado é o valor encontrado de 0,84 referente à correlação entre os dois fatores, indicando alto compartilhamento de variância entre eles. Esses dois resultados fornecem duas importantes possíveis implicações, uma que sugere a existência de dois fatores redundantes e a outra que indica a possibilidade de identificação de um fator de segunda ordem. No que se refere a essa última possibilidade, verifica-se que ela é incompatível com estrutura da escala em questão já que essa indicaria apenas dois fatores de primeira ordem e, para identificar um fator de segunda ordem são necessários pelo menos três fatores de

primeira ordem, caso contrário, as variâncias dos distúrbios ou os efeitos diretos do fator de segunda ordem nos fatores de primeira ordem poderão ser sub-identificados (Kline, 2011). Já a primeira possibilidade sugere que se os fatores possuem significativa informação compartilhada, indicando baixa validade discriminante entre eles e sinalizando para a busca de uma solução mais parcimoniosa (Brown, 2006).

Diante desses resultados, a estrutura com um fator, indicado pela técnica da análise paralela, foi submetido à AFE. Os resultados encontrados apontaram para uma estrutura parcimoniosa e bastante representativa do construto em questão já que os 18 itens da escala unidimensional apresentam cargas fatoriais superiores a 0,69, explicam juntos 65,81% da variância total e apresentam uma alta consistência interna ( $\alpha = 0,97$ ). A solução unifatorial da escala de Suporte Social como apresentada na Tabela 12, indica que os participantes não diferenciam o construto suporte social em duas dimensões, instrumental e socioemocional, conforme esperado pela literatura. Entretanto, como já apontado anteriormente, os próprios autores da escala admitem a solução unifatorial do instrumento.

Tabela 12

*Solução fatorial da Escala de Suporte Social*

Item	Fator 1	h <sup>2</sup>
sp_1. ouve e conversa comigo sempre que eu me sinto solitário ou deprimido	0,69	0,48
sp_2. oferece ajuda concreta para eu lidar com qualquer problema de comunicação que eu possa enfrentar	0,78	0,61
sp_3. explica o que acontece para tornar a minha situação mais clara e fácil de entender	0,81	0,66
sp_4. faz companhia sempre que eu não sinto vontade de sair	0,75	0,56
sp_5. explica e me ajuda a entender a língua e a cultura local	0,76	0,58
sp_6. acompanha a algum lugar mesmo que ele/ela não precise ir	0,78	0,61
sp_7. faz companhia em meus bons e maus momentos	0,83	0,70
sp_8. ajuda a lidar com algumas regras e regulamentos institucionais locais	0,83	0,69
sp_9. acompanha sempre que eu preciso de alguma companhia	0,84	0,71
sp_10. fornece informação necessária para que eu me oriente no meu novo ambiente	0,83	0,69
sp_11. conforta quando eu sinto saudades de casa	0,81	0,65
sp_12. ajuda a interpretar situações que eu não entendo totalmente	0,85	0,73



(Tabela 12, Cont.)

sp_13. conta o que pode ou não pode ser feito no Japão	0,81	0,65
sp_14. visita para saber como eu estou	0,74	0,54
sp_15. mostra as escolhas e opções disponíveis	0,79	0,63
sp_16. faz companhia sempre que estou entediado	0,82	0,67
sp_17. tranquiliza mostrando o quanto sou amado e o quanto as pessoas me apoiam e se importam comigo	0,78	0,61
sp_18. mostra como fazer as coisas que eu não sabia fazer	0,85	0,72
<hr/>		
Total de itens		18
% da variância explicada		65,81
Alfa de Cronbach		0,97

Nota:  $h^2$  = comunalidade

### Análise Fatorial Confirmatória da Escala de Suporte Social

Com base nas informações fornecidas pela AFE, dois modelos foram testados a fim de confirmar a estrutura fatorial da escala: um modelo unidimensional e um modelo bidimensional. Foram observados problemas de ajuste nos dois modelos propostos, sendo que o modelo unidimensional apresentou índices de ajuste mais insatisfatórios quando comparado com o modelo bidimensional. Entretanto, os índices de modificação do modelo bidimensional apontaram várias cargas cruzadas entre as variáveis medidas ou entre os erros, sugerindo baixa validade discriminante entre os dois fatores.

Com o objetivo de acrescentar novas informações sobre o instrumento, as validades convergentes e discriminantes do instrumento foram avaliadas seguindo as recomendações de Fornell e Larcker (1981). Conforme demonstrado na Tabela 13, os dois fatores apresentaram validades convergentes adequadas já que os valores da VME de cada um dos fatores foram maiores do que 0,5, em outras palavras, esses resultados indicam que os itens que compõem cada um dos fatores saturam fortemente o seu fator correspondente. Já a validade discriminante é alcançada quando as VME dos fatores forem iguais ou superiores ao quadrado das correlações (variância compartilhada) entre os fatores (Fornell & Larcker, 1981). A Tabela 13 mostra que o fator de suporte socioemocional apresenta valor de VME menor do que a correlação ao quadrado, indicando problemas relacionados à validade

discriminante, ou seja, os itens que compõe o fator de suporte socioemocional compartilham grande informação com os itens do fator de suporte instrumental. Com relação ao fator suporte instrumental, foi encontrado um valor de VME igual ao quadrado das correlações, sugerindo que, apesar do valor limítrofe, os itens desse fator se relacionam fortemente com os outros construtos presentes no modelo, ou seja, a validade discriminante pode ser questionada. Esses dados corroboram os resultados encontrados pela AFE e pela AFC que revelam problemas com a validade discriminante dos fatores da escala de suporte social e fornecem suporte adicional para a solução unifatorial.

Tabela 13

*Validade convergente e discriminante da Escala de Suporte Social*

Fator	VME	Quadrado da correlação entre os fatores
Suporte socioemocional	0,673105	0,710649
Suporte instrumental	0,713683	0,710649

Diante desses resultados inconsistentes com o modelo bidimensional, concluiu-se que o modelo unidimensional apresentou mais suporte empírico se observados os indícios apontados até o momento, especificamente através dos resultados da análise paralela, da porcentagem de variância explicada, da alta correlação entre os fatores e dos resultados da validade discriminante. Dessa forma, a solução encontrada foi verificar a partir dos resultados da AFC, em especial, os índices de modificação do modelo unidimensional, quais as informações poderiam ser consideradas para uma reespecificação do modelo. Os índices de modificação sugeriram acrescentar uma covariância entre os erros dos seguintes pares de itens: 2 e 3, 9 e 16, 7 e 4, 7 e 6, 9 e 7, 15 e 14, 11 e 17, 9 e 11. De acordo com Byrne (2010), uma correlação alta entre os erros dos itens significa que eles compartilham o mesmo conteúdo. Ao analisar o conteúdo entre os pares de itens, observa-se que eles apresentam

conteúdos bastante semelhantes, confirmando assim a afirmação de Byrne (2010) sobre a questão da correlação entre os erros dos itens e o compartilhamento de informações. Com a finalidade de evitar sobreposição de conteúdo na escala e tornar o modelo mais parcimonioso, optou-se por excluir um dos itens de cada par, escolhendo o item com menor representatividade na escala (menor carga fatorial). Com base neste procedimento, foram excluídos oito itens (2, 4, 6, 7, 11, 14, 16 e 17). A escala final ficou composta por 10 itens, sendo oito itens (3, 5, 8, 10, 12, 13, 15 e 18) originalmente do fator Suporte Instrumental e dois itens (1 e 9) do fator Suporte Socioemocional, de acordo com a escala original. O modelo unidimensional com 10 itens foi reavaliado e apresentou bons índices de ajuste conforme observado na Tabela 14.

Tabela 14

*Análise fatorial confirmatória da Escala de Suporte Social: índices de ajuste dos modelos bifatorial e unifatorial (inicial e revisado)*

Modelo	( $\chi^2$ )	<i>p</i>	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (LI/LS)
Modelo bifatorial	666,170	0,000	0,927	0,917	0,0431	0,099 (0,091/ 0,106)
Modelo unifatorial inicial (18 itens)	1292,79	0,000	0,841	0,820	0,0621	0,145 (0,138/ 0,152)
Modelo unifatorial revisado (10 itens)	130,363	0,000	0,973	0,966	0,0282	0,082 (0,067/ 0,097)

*Nota:* LI = limite inferior; LS = limite superior

A Tabela 15 apresenta os valores das estimativas não padronizadas, do erro padrão, razão crítica (*critical ratio*) e valores de significância (*p*). Verifica-se que todos os valores de CR (*critical ratio*) são maiores do que 1,96 e que todas as estimativas são significativas.

Tabela 15

*Estimativas da Escala de Suporte Social*

Item	Estimativa não padronizada	Erro Padrão	CR	<i>p</i>
sp_1	1			***
sp_3	1,152	0,083	13,835	***
sp_5	1,254	0,092	13,695	***
sp_8	1,341	0,093	14,429	***
sp_9	1,311	0,100	13,116	***
sp_10	1,346	0,093	14,480	***
sp_12	1,363	0,095	14,331	***
sp_13	1,365	0,096	14,174	***
sp_15	1,346	0,099	13,546	***
sp_18	1,310	0,093	14,130	***

Nota: \*\*\* =  $p < 0,001$

#### Análise da confiabilidade e validade convergente da Escala de Suporte Social

A análise da confiabilidade da escala unidimensional com 10 itens foi conduzida novamente pelo alfa de Cronbach já que a estrutura do instrumento foi modificada. Antes da AFC, a estrutura unidimensional com os 18 itens da escala apresentou alfa de Cronbach de 0,97 e o valor encontrado na estrutura com 10 itens foi de 0,95. Embora a escala tenha sido reduzida significativamente, verifica-se que o valor de alfa pouco se alterou, indicando que a escala reduzida é uma estrutura confiável já que os itens que permaneceram apresentam alta consistência interna.

A avaliação da validade convergente da solução da Escala de Suporte Social com 10 itens apontou para um valor de VME de 0,7, considerado satisfatório. Em outras palavras, os resultados encontrados neste estudo apontaram para um instrumento cujos itens saturam fortemente no fator medido. Outra evidência de validade convergente da escala é observada nos valores encontrados superiores a 0,63 referentes aos pesos fatoriais padronizados de todos os itens da escala.

### Análise Fatorial Exploratória (AFE) da sub-escala de Enfrentamento de Engajamento

As análises preliminares da sub-escala de Enfrentamento de Engajamento indicaram que a matriz de covariância era passível de fatoraçoão uma vez que os valores do teste de KMO (0,82) e do teste de esfericidade de Bartlett ( $p < 0,000$ ) foram satisfatórios. O próximo passo consistiu em decidir o número de fatores que deveriam ser extraídos. A análise paralela de Horn foi a técnica escolhida para determinar o número de fatores e os resultados indicaram a presença de um único fator, confirmando as expectativas teóricas e empíricas de estudos anteriores (Ver Tabela 16).

Tabela 16

*Autovalores empíricos e aleatórios dos quatro primeiros fatores da sub-escala de Enfrentamento de Engajamento*

Autovalor	Fator			
	1	2	3	4
Empírico	3,34	0,99	0,88	0,75
Aleatório	1,28	1,18*	1,11	1,06

*Nota:* \* Autovalor aleatório que supera o autovalor empírico

Após a definição dos números de fatores extraídos, utilizou-se o método da análise fatorial exploratória por meio da técnica de fatoraçoão dos eixos principais (*Principal Axis Factoring*, PAF). A solução unifatorial da sub-escala de Enfrentamento de Engajamento ficou composta por oito itens, relacionados a comportamentos de enfrentamento ativo de situações estressoras, que apresentaram cargas fatoriais superiores a 0,45 e juntos explicam 41,76% da variância total explicada (Ver Tabela 17).

Tabela 17

*Solução fatorial da sub-escala de Enfrentamento de Engajamento*

Item	Fator 1	h <sup>2</sup>
eng_1. Eu pensaria cuidadosamente sobre a situação e nas opções antes de decidir o que fazer	0,54	0,29
eng_2. Eu procuraria algo bom ou positivo nessa situação difícil	0,65	0,42
eng_3. Eu me envolveria em atividades que me ajudariam a relaxar ou me sentir melhor (p.ex., esportes, ouvir e tocar música, ficar online, etc.)	0,55	0,30
eng_4. Eu manteria firme minha posição e enfrentaria o problema	0,69	0,47
eng_5. Eu confiaria em mim mesmo(a) para encontrar soluções para lidar com a situação	0,63	0,39
eng_6. Eu colocaria esforço extra ou trabalharia muito para resolver o problema	0,45	0,20
eng_7. Eu elaboraria um plano antes de enfrentar a situação	0,46	0,21
eng_8. Eu confiaria em minhas próprias forças e acreditaria em mim mesmo(a) para resolver o problema	0,64	0,42
Total de itens	8	
% da variância explicada	41,76	
Alfa de Cronbach	0,79	

Nota: h<sup>2</sup> = comunalidade

#### Análise Fatorial Confirmatória da sub-escala de Enfrentamento de Engajamento

A sub-escala foi submetida à AFC e os resultados indicaram problemas de ajuste do modelo. Em seguida, os índices de modificação foram analisados e indicaram acrescentar covariância entre os erros dos Itens 5 e 8 (índice de modificação = 51,24). A análise do conteúdo dos itens mostra claramente sobreposição de conteúdo, o que justifica a exclusão de um dos itens. O Item 8 foi excluído por apresentar carga fatorial mais baixa do que o Item 5. O modelo foi novamente testado e apresentou índices de ajuste satisfatórios. Os índices de ajuste do modelo inicial e do modelo reespecificado podem ser observados na Tabela 18.

Tabela 18

*Análise fatorial confirmatória da Escala de Enfrentamento de Engajamento: índices de ajuste dos modelos bifatorial e unifatorial (inicial e revisado)*

Modelo	( $\chi^2$ )	<i>p</i>	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (LI/LS)
Modelo unifatorial inicial (8 itens)	117,680	0,000	0,876	0,826	0,0579	0,109 (0,091/0,129)
Modelo unifatorial revisado (7 itens)	49,751	0,000	0,938	0,906	0,045	0,079 (0,056/0,103)

Nota: LI = limite inferior; LS = limite superior

Na Tabela 19 é possível identificar os valores das estimativas não padronizadas e seus respectivos valores de erro padrão, razão crítica (*critical ratio*) e valores de *p*. Observa-se que todos os parâmetros são significativos já que apresentam valores de CR (*critical ratio*) maiores do que 1,96 e significância estatística.

Tabela 19

*Estimativas da sub-escala de Enfrentamento de Engajamento*

Item	Estimativa não padronizada	Erro Padrão	CR	<i>p</i>
eng_1	1			***
eng_2	1,064	0,113	9,422	***
eng_3	1,012	0,118	8,586	***
eng_4	1,224	0,128	9,562	***
eng_5	0,990	0,121	8,186	***
eng_6	0,885	0,128	6,893	***
eng_7	0,806	0,115	6,982	***

Nota: \*\*\* =  $p < 0,001$

Análise da confiabilidade e validade convergente da sub-escala de Enfrentamento de Engajamento

A estrutura com sete itens, sem o Item 8, foi submetida à análise de consistência interna pelo alfa de Cronbach. Apesar da ligeira redução (0,03) em comparação à

confiabilidade da solução com todos os itens, o valor do alfa de Cronbach para a nova estrutura foi considerado satisfatório (0,76).

A validade convergente da sub-escala foi avaliada pelo cálculo da variância média extraída (VME). O valor de VME da sub-escala foi de 0,33, sugerindo problemas para comprovar a validade convergente da escala. No entanto, os pesos fatoriais padronizados de todos os itens da escala foram todos próximos ou superiores ao valor de 0,5, sugerindo adequada validade convergente da escala. Apesar do resultado insatisfatório da VME, levou-se em consideração os resultados da AFE e AFC para avaliar a adequação do instrumento para o objetivo desta pesquisa.

#### Análise Fatorial Exploratória da Escala Breve de Orientação de Aculturação

Nas análises preliminares da escala, a fatorabilidade da matriz de covariância foi testada pelo teste de esfericidade de Bartlett (AIC) e pelo teste de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). O teste de Bartlett foi significativo ( $p < 0,001$ ) e o valor de KMO foi de 0,70, considerado mediano (Pasquali, 2012). Esses resultados indicaram adequação dos dados para a realização da análise fatorial exploratória.

O próximo passo consistiu em decidir quantos fatores deveriam ser extraídos. O critério adotado para a extração dos fatores foi a técnica de análise paralela de Horn que indicou que dois fatores deveriam ser mantidos conforme pode se observar na Tabela 20. A solução bifatorial apresenta indicação tanto teórica como empírica.



Tabela 20

*Autovalores empíricos e aleatórios dos quatro primeiros fatores da Escala Breve de Orientação de Aculturação*

Autovalor	Fator			
	1	2	3	4
Empírico	2,31	2,19	0,87	0,76
Aleatório	1,28	1,18	1,11*	1,05

*Nota:* \* Autovalor aleatório que supera o autovalor empírico

Após a definição do número de fatores, procedeu-se à análise fatorial exploratória pelo método de fatorização dos eixos principais, com número fixo de fatores (dois) e com método de rotação Promax. A solução com dois fatores apresentou a mesma estrutura da escala original, com os itens distribuídos nos mesmos fatores. Desta maneira, o Fator 1, nomeado de Orientação para a Cultura Original, relaciona-se à importância atribuída aos fatores da cultura original (neste caso, a brasileira) e o Fator 2, Orientação para a Cultura Anfitriã, refere-se ao valor associado às características da cultura anfitriã (neste caso, a japonesa). Cada um dos fatores ficou composto por quatro itens com cargas fatoriais superiores a 0,51 que juntos explicam 55,84% da variância total. A Tabela 21 apresenta os principais resultados da AFE da Escala Breve de Orientação de Aculturação.

Tabela 21

*Solução fatorial da Escala Breve de Orientação de Aculturação*

Item	Fator		h <sup>2</sup>
	Fator 1	Fator 2	
ac_1. tenha amigos brasileiros	0,62		0,41
ac_2. faça parte das tradições brasileiras	0,82		0,68
ac_3. mantenha as minhas características brasileiras	0,66		0,44
ac_4. faça as coisas do jeito que os brasileiros fazem	0,51		0,30
ac_5. tenha amigos japoneses		0,51	0,27
ac_6. faça parte das tradições japonesas		0,64	0,41

(Tabela 21, Cont.)

ac_7. persista com (ou desenvolva) as características japonesas		0,71	0,51
ac_8. faça as coisas do jeito que os japoneses fazem		0,58	0,34
Total de itens	4	4	
% da variância explicada	28,92	27,02	
Alfa de Cronbach	0,74	0,70	

*Nota:*  $h^2$  = comunalidade

### Análise Fatorial Confirmatória da Escala Breve de Orientação de Acluturação

Um modelo bidimensional foi testado com os oito itens, sendo quatro itens para cada fator. Os resultados apontaram problemas em alguns índices de ajuste, o que levou à reespecificação do modelo com base nos índices de modificação. Estes índices apontaram que o acréscimo de covariância entre os erros dos Itens 6 e 5 do Fator 2 resultaria em uma redução de 25,81 no valor do qui-quadrado ( $X^2$ ) do modelo. A análise nos conteúdos dos dois itens, percebe-se uma semelhança entre eles, ambos indicando a orientação para aspectos sociais da cultura japonesa. Optou-se pela exclusão de um dos itens. O item excluído foi o Item 5 com menor carga fatorial no fator. Em seguida, o modelo reespecificado foi novamente testado e apresentou índices de ajuste satisfatórios (Ver Tabela 22).

Tabela 22

*Análise fatorial confirmatória da Escala Breve de Orientação de Acluturação: índices de ajuste dos modelos inicial e revisado*

Modelo	$(\chi^2)$	$p$	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (LI/LS)
Modelo bidimensional inicial (8 itens)	111,349	0,000	0,873	0,813	0,078	0,109 (0,090/0,129)
Modelo bidimensional revisado (7 itens)	49,747	0,000	0,940	0,903	0,064	0,083 (0,059/0,108)

*Nota:* LI = limite inferior; LS = limite superior

A Tabela 23 exibe os valores dos resultados da estimação pelo método ML. Nesta tabela é possível verificar os valores das estimativas não padronizadas, seguidos dos respectivos valores de erro padrão, razão crítica (*critical ratio*) e valores de  $p$ . Constata-se que todos os parâmetros da escala são adequados haja vista que os valores de CR (*critical ratio*) são maiores do que 1,96 e apresentam valores de  $p$  menores do que 0,05.

Tabela 23

*Estimativas da Escala Breve de Orientação de Aculturação*

Item	Estimativa não padronizada	Erro Padrão	CR	$p$
ac_1	0,758	0,069	11,048	***
ac_2	1			
ac_3	0,740	0,074	9,983	***
ac_4	0,473	0,058	8,107	***
ac_6	0,506	0,075	6,742	***
ac_7	1			
ac_8	0,627	0,090	6,992	***

Nota: \*\*\* =  $p < 0,001$

Análise da confiabilidade e validades convergente e discriminante da Escala Breve de Orientação de Aculturação

A análise da confiabilidade da escala após a AFC foi conduzida através do cálculo do alfa de Cronbach. Para o fator de orientação para a cultura original, o valor do alfa foi de 0,74 e para o fator de orientação para a cultura anfitriã, o valor foi de 0,69. Os valores encontrados são considerados baixos, porém aceitáveis.

As validades convergente e discriminante da escala foram conduzidas seguindo os parâmetros propostos por Fornell e Larcker (1981). Os valores encontrados da VME foram ligeiramente abaixo do valor de 0,5 recomendado pelos autores (Fornell & Larcker, 1981), sugerindo validade convergente questionável para cada uma das escalas. No entanto, ao analisar a validade convergente pelos valores dos pesos fatoriais padronizados, verifica-se

que todos os itens possuem valores significativos e acima de 0,5. Para a inspeção da validade discriminante, os valores da VME foram comparados ao quadrado da correlação entre os fatores e verificou-se que os valores indicam que os fatores possuem adequada validade discriminante, ou seja, os itens de cada fator refletem mais o fator correspondente do que os outros fatores (Ver Tabela 24).

Tabela 24

*Validade convergente e discriminante da Escala Breve de Orientação de Aculturação*

Fator	VME	Quadrado da correlação entre os fatores
Orientação para a cultura original	0,4358	0,001225
Orientação para a cultura anfitriã	0,4492	0,001225

Análise Fatorial Exploratória (AFE) da Escala Breve de Percepção de Distância Cultural

A análise da adequação dos dados para a realização da análise fatorial foi realizada através dos índices de KMO e do teste de esfericidade de Bartlett. O valor de KMO foi de 0,86, considerado meritório (Pasquali, 2012), e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ( $p < 0,000$ ), ambos indicando que os dados eram adequados para a condução da AFE.

Para a determinação do número de fatores, a técnica da análise paralela de Horn foi conduzida e indicou que dois fatores deveriam ser retidos (Ver Tabela 25). Entretanto, pesquisas anteriores (Suanet & Van de Vijver, 2009) e os estudos referentes à construção da escala original (Demes & Geeraert, 2014) sugerem uma unidimensionalidade do construto de distância cultural.

Tabela 25

*Autovalores empíricos e aleatórios dos primeiros quatro primeiros fatores da Escala Breve de Percepção de Distância Cultural*

Autovalor	Fator			
	1	2	3	4
Empírico	4,14	1,63	0,88	0,86
Aleatório	1,36	1,26	1,20*	1,14

*Nota:* \* Autovalor aleatório que supera o autovalor empírico

Com o objetivo de confirmar o número de fatores, procedeu-se à AFE pelo método de fatorização dos eixos principais com rotação Promax. Inicialmente, realizou-se a análise com dois fatores, conforme indicado pela técnica de análise paralela e, após, conduziu-se a AFE com um fator fixo, como esperado pela literatura. Os resultados da AFE da solução bidimensional indicaram que os Itens 1 e 2 apresentaram cargas semelhantes nos dois fatores, com diferença menor do que 0,10 e, por este motivo, deveriam ser excluídos (Laros & Puente-Palacios, 2004). Rodou-se novamente a análise, desta vez sem os Itens 1 e 2. A nova análise indicou que o Item 6 apresentou carga fatorial inferior a 0,30 e o Item 4 apresentou cargas fatoriais em dois fatores, com diferença inferior a 0,10 entre as cargas fatoriais e, portanto, os dois itens deveriam ser excluídos da análise. Assim, o Fator 1 ficou composto por seis itens (7, 8, 9, 10, 11 e 12) que explicam 38,62% da variância total e o Fator 2 reteve apenas dois itens (3 e 5) que explicam 12,37% da variância total. Com o objetivo de explorar a questão dos fatores da escala e diante dos resultados pouco conclusivos da AFE da solução bidimensional e das evidências da literatura, procedeu-se à AFE com um fator fixo. A solução encontrada apresentou três itens (1, 2 e 7) com comunalidade muito baixas (0,11, 0,17 e 0,19, respectivamente) e foram excluídos da escala. Itens com comunalidades muito baixas (abaixo de 0,20) significa que possuem pouca variância comum e alta variância única. Nesses casos, tais itens são frequentemente eliminados já que seu valor na AFE se torna

questionável tendo em vista que o objetivo na análise fatorial é explicar a variância a partir dos fatores comuns (Child, 2006). Uma nova AFE sem esses itens foi conduzida e a solução encontrada apresentou uma estrutura fatorial com nove itens, cujos conteúdos estão relacionados à percepção de diferenças culturais entre os dois países em questão (neste caso, Brasil e Japão), com cargas superiores a 0,48 e que explicam 40,35% da variância total (Ver Tabela 26).

Tabela 26

*Solução fatorial da Escala Breve de Percepção de Distância Cultural*

Item	Fator 1	h <sup>2</sup>
dt_3. ambiente social (tamanho da comunidade, vida, barulho)	0,51	0,26
dt_4. moradia (higiene, hábitos de dormir, senso de segurança)	0,48	0,24
dt_5. aspectos práticos (chegar aos lugares, transporte público, compras)	0,55	0,30
dt_6. comida e hábitos alimentares (o tipo de comida servido, como a comida é, horário das refeições)	0,50	0,25
dt_8. normas sociais (como se comportar em público, estilo das roupas, o que as pessoas acham engraçado)	0,70	0,49
dt_9. valores e opiniões (o que as pessoas acham de religião e política, o que as pessoas acham certo ou errado)	0,69	0,48
dt_10. pessoas (se as pessoas são amigáveis, quão estressadas ou relaxadas as pessoas são, atitudes com estrangeiros)	0,61	0,38
dt_11. amigos (fazer amigos, quantidade de interação social, o que as pessoas fazem para se divertir e relaxar)	0,59	0,34
dt_12. língua (aprender a língua, entender as pessoas, se fazer compreendido)	0,50	0,25
Total de itens	9	
% da variância explicada	40,35	
Alfa de Cronbach	0,81	

*Nota:* h<sup>2</sup> = comunalidade

Análise Fatorial Confirmatória da Escala Breve de Percepção de Distância Cultural

O modelo unidimensional com nove itens foi submetido à AFC. O modelo apresentou índices de ajuste insatisfatórios, indicando que uma reespecificação do modelo era necessária. Os índices de modificação indicaram acrescentar uma covariância entre os erros dos Itens 3 e

4 (índice de modificação = 31,53). A análise do conteúdo dos itens permitiu verificar semelhança entre eles, ambos relacionados à percepção de distância de fatores ambientais. Desta maneira, justificou-se a exclusão do Item 4 por apresentar menor carga fatorial. O modelo reespecificado com oito itens foi avaliado e apresentou índices de ajuste satisfatórios conforme apresentado na Tabela 27.

Tabela 27

*Análise fatorial confirmatória da Escala Breve de Percepção de Distância Cultural: índices de ajuste dos modelos inicial e revisado*

Modelo	( $\chi^2$ )	$p$	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (LI/LS)
Modelo inicial (9 itens)	135,806	0,000	0,880	0,840	0,0645	0,099 (0,083/ 0,116)
Modelo revisado (8 itens)	62,342	0,000	0,945	0,923	0,0445	0,072 (0,052/ 0,093)

Nota: LI = limite inferior; LS = limite superior

A Tabela 28 descreve os valores dos resultados (estimativas não padronizadas, erro padrão, razão crítica e valores de  $p$ ) da estimação pelo método ML. De acordo com valores encontrados, assume-se que os parâmetros da escala são adequados pois todos os valores de CR (*critical ratio*) são maiores do que 1,96 e são estatisticamente significativos ( $p < 0,05$ ).

Tabela 28

*Estimativas da Escala Breve de Percepção de Distância Cultural*

Item	Estimativa não padronizada	Erro Padrão	CR	$p$
dt_3	0,641	0,079	8,159	***
dt_5	0,667	0,076	8,812	***
dt_6	0,769	0,092	8,400	***
dt_8	1			
dt_9	1,262	0,103	12,307	***
dt_10	1,160	0,102	11,344	***
dt_11	1,122	0,106	10,606	***
dt_12	0,992	0,107	9,250	***

Nota: \*\*\* =  $p < 0,001$

### Análise da confiabilidade e validade convergente da Escala Breve de Percepção de Distância Cultural

A confiabilidade da Escala Breve de Percepção de Distância Cultural com oito itens foi reavaliada após a AFC pelo cálculo do alfa de Cronbach. Verifica-se que apesar da redução de quatro itens, o valor de alfa manteve-se o mesmo (0,81), valor considerado satisfatório.

A validade convergente foi analisada pelo cálculo da VME conforme proposto por Fornell e Larcker (1981). Os resultados apontaram para problemas relacionados à validade convergente (VME = 0,34). Entretanto, ao se observar o valor dos pesos fatoriais padronizados encontrou-se que todos possuem valores significativos e superiores a 0,5. Dessa maneira, apesar dos resultados inconsistentes da VME, considerou-se também outros resultados para avaliar a validade convergente da escala.

### Análise Fatorial Exploratória (AFE) da Escala Breve de Adaptação Psicológica

Inicialmente, a adequação dos dados para a realização da AFE foi verificada por meio dos testes de KMO, cujo valor foi de 0,83, considerado meritório (Pasquali, 2012), e, através do teste de esfericidade de Bartlett que obteve valor estatisticamente significativo ( $p < 0,000$ ). Ambas as técnicas indicaram adequação dos dados para a condução da AFE.

A decisão sobre a dimensionalidade da escala foi atribuída aos resultados da técnica da análise paralela que indicou que apenas um fator deveria ser extraído conforme apresentado na Tabela 29. Este resultado mostrou-se em consonância com a literatura que aponta para a existência de um único fator.



Tabela 29

*Autovalores empíricos e aleatórios dos quatro primeiros fatores da Escala Breve de Adaptação Psicológica*

Autovalor	Fator			
	1	2	3	4
Empírico	1,21	1,13	0,91	0,65
Aleatório	1,28	1,18*	1,11	1,06

*Nota:* \* Autovalor aleatório que supera o autovalor empírico

A AFE foi conduzida através do método PAF e rotação Promax com um fator fixo. O resultado encontrado apontou que o Item 4 apresentou comunalidade muito baixa (0,17) e foi excluído da análise. Uma nova AFE sem o Item 4 foi conduzida e a estrutura fatorial ficou composta por sete itens que expressam sentimentos e emoções positivos e negativos relacionados à cultura anfitriã (japonesa) e à original (brasileira). Os itens apresentaram valores de cargas fatoriais acima de 0,54 e explicam 52,75% da variância total. A solução gerada pela AFE pode ser visualizada na Tabela 30.

Tabela 30

*Solução fatorial da Escala Breve de Adaptação Psicológica*

Item	Fator 1	h <sup>2</sup>
ps_1. empolgado por estar morando no Japão	0,58	0,34
ps_2. fora do lugar, como se você não se encaixasse na cultura japonesa	0,54	0,30
ps_3. triste por estar fora do Brasil	0,79	0,63
ps_5. sozinho sem sua família e seus amigos do Brasil à sua volta	0,64	0,40
ps_6. com saudades de casa quando você pensa no Brasil	0,75	0,56
ps_7. frustrado pelas dificuldades de se adaptar ao Japão	0,66	0,43
ps_8. feliz com sua vida diária no Japão	0,71	0,51
Total de itens	7	
% da variância explicada	52,75%	
Alfa de Cronbach	0,84	

*Nota:* h<sup>2</sup> = comunalidade

### Análise Fatorial Confirmatória da Escala Breve de Adaptação Psicológica

O modelo unidimensional com sete itens foi submetido à AFC. O modelo apresentou índices de ajuste insatisfatórios, levando à análise dos índices de modificação com a finalidade de reespecificação do modelo. Estes índices sugeriram acrescentar uma covariância entre os erros dos seguintes pares de itens: 1 e 8, 5 e 6, 2 e 7. Os pares de itens apresentam conteúdo bastante semelhantes e decidiu-se pela exclusão de um item de cada par que apresentava carga fatorial mais baixa. Com base neste critério, foram excluídos os itens 8, 5 e 7. O modelo reespecificado foi reavaliado novamente e os índices de ajuste se apresentaram satisfatórios conforme apresentado na Tabela 31.

Tabela 31

*Análise fatorial confirmatória da Escala Breve de Adaptação Psicológica: índices de ajuste dos modelos inicial e revisado*

Modelo	( $\chi^2$ )	$p$	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (LI/LS)
Modelo inicial (7 itens)	262,346	0,000	0,797	0,695	0,0926	0,208 (0,187/0,231)
Modelo revisado (4 itens)	7,144	0,028	0,988	0,964	0,0322	0,079 (0,022/0,146)

Nota: LI = limite inferior; LS = limite superior

A Tabela 32 apresenta os valores dos resultados da estimação pelo método ML (estimativas não padronizadas, erro padrão, razão crítica e valores de  $p$ ). Os resultados apresentados indicam que os parâmetros da escala são significativos ( $CR > 1,96$  e  $p < 0,05$ ).

Tabela 32

*Estimativas da Escala Breve de Adaptação Psicológica*

Item	Estimativa não padronizada	Erro Padrão	CR	$p$
ps_1	0,494	0,058	8,500	***
ps_2	0,446	0,054	8,277	***

---

(Tabela 32, Cont.)

ps_3	1			
ps_6	1,004	0,076	13,204	***

---

Nota: \*\*\* =  $p < 0,001$

### Análise da confiabilidade e validade convergente da Escala Breve de Adaptação Psicológica

Após a AFC, a estrutura da escala com cinco itens foi submetida novamente à análise da confiabilidade. A consistência interna dos quatro itens da escala apresentou alteração de 0,84 (escala com sete itens) para 0,73 (escala com quatro itens). Entretanto, mesmo com valor mais baixo, o valor de alfa encontrado é considerado aceitável.

A validade convergente da escala foi analisada por meio do cálculo da VME. O valor encontrado foi de 0,5, sugerindo adequada validade convergente, ou seja, os itens deste instrumento saturam fortemente o fator avaliado (Marôco, 2014). Outra evidência de validade convergente refere-se aos valores significativos e maiores do que 0,5 referentes aos pesos fatoriais padronizados.

### Análise Fatorial Exploratória da Escala Breve de Adaptação Sociocultural

Com o objetivo de avaliar se os dados obtidos pela Escala Breve de Adaptação Sociocultural poderiam ser submetidos à análise fatorial, os resultados dos testes de KMO e de esfericidade de Bartlett foram observados. Esses testes apresentaram valores satisfatórios (KMO = 0,87 e teste de esfericidade de Bartlett,  $p < 0,000$ ) sugerindo que a matriz de covariância era passível de fatoraçoão.

Para determinar o número de fatores a serem extraídos a técnica da análise paralela de Horn foi utilizada. Esta técnica indicou que dois fatores deveriam ser retidos conforme observado na Tabela 33. A indicação para um modelo bidimensional não satisfaz as expectativas teóricas e empíricas sobre o construto e sobre o instrumento.

Tabela 33

*Autovalores empíricos e aleatórios dos primeiros quatro primeiros fatores da Escala Breve de Adaptação Sociocultural*

Autovalor	Fator			
	1	2	3	4
Empírico	1,29	1,39	0,98	0,89
Aleatório	1,36	1,26	1,20*	1,14

*Nota:* \* Autovalor aleatório que supera o autovalor empírico

Dando continuidade à exploração da estrutura da escala, procedeu-se à AFE utilizando-se o método de extração PAF e rotação Promax. A AFE foi conduzida inicialmente com dois fatores, como indicado pela análise paralela e, posteriormente, com apenas um fator conforme esperado pela literatura. A solução bifatorial apresentou dois itens (2 e 4) com cargas semelhantes, com diferenças menores do que 0,10 nos dois fatores e, portanto, foram excluídos. Uma nova AFE foi conduzida sem os Itens 2 e 4. A solução encontrada apresentou um fator com oito itens (Itens 1, 3, 7, 8, 9, 10, 11 e 12) e o segundo fator com apenas dois itens (5 e 6), sendo que os dois itens não compartilham conteúdo semelhante e um destes itens (Item 6) apresentou carga fatorial em dois fatores, porém com diferença entre as cargas fatoriais maior do que 0,10 (0,61 e 0,47), não indicando inicialmente a sua exclusão. Ademais, a solução com dois fatores explicou 48,95% da variância total, sendo o Fator 1 responsável pela explicação de 39,19% e o Fator 2 apenas 9,76%. Com base nestas informações, observa-se que a solução bidimensional é pouco plausível já que um dos fatores comporta apenas dois itens e um destes itens apresenta carga compartilhada semelhante com o outro fator. Outrossim, se avaliarmos a porcentagem de variância explicada e a forte correlação entre os dois fatores (0,65), percebe-se a indicação para uma solução unifatorial.

Diante dessas informações e das indicações da literatura, a AFE com um fator fixo foi conduzida. A solução encontrada apresentou um item (Item 7) com comunalidade muito

baixa (0,18) e foi excluído da análise. A AFE da nova solução foi conduzida e os 11 itens, cujos conteúdos referem-se à adaptação a diversos aspectos da cultura anfitriã (ambiente, aspectos práticos, idioma, amizade, entre outros), apresentaram cargas fatoriais acima de 0,45 e com explicação de 38,54% da variância total (Ver Tabela 34).

Tabela 34

*Solução fatorial da Escala Breve de Adaptação Sociocultural*

Item	Fator 1	h <sup>2</sup>
sc_1. clima (temperatura, chuva, humidade)	0,51	0,26
sc_2. natureza (plantas e animais, poluição, cenário)	0,46	0,22
sc_3. ambiente social (tamanho da comunidade, vida, barulho)	0,61	0,37
sc_4. moradia (higiene, hábitos de dormir, senso de segurança)	0,60	0,36
sc_5. aspectos práticos (chegar aos lugares, transporte público, compras)	0,53	0,28
sc_6. comida e hábitos alimentares (o tipo de comida servido, como a comida é, horário das refeições)	0,58	0,34
sc_8. normas sociais (como se comportar em público, estilo das roupas, o que as pessoas acham engraçado)	0,62	0,38
sc_9. valores e opiniões (o que as pessoas acham de religião e política, o que as pessoas acham certo ou errado)	0,58	0,34
sc_11. amigos (fazer amigos, quantidade de interação social, o que as pessoas fazem para se divertir e relaxar)	0,63	0,40
sc_12. língua (aprender a língua, entender as pessoas, se fazer compreendido)	0,45	0,20
Total de itens	11	
% da variância explicada	38,54	
Alfa de Cronbach	0,84	

Nota: h<sup>2</sup> = comunalidade

Análise Fatorial Confirmatória da Escala Breve de Adaptação Sociocultural

Com o objetivo de confirmar a unidimensionalidade da escala, conduziu-se a AFC pelo método de estimação *Maximum Likelihood* (ML). Os resultados indicaram problemas com o modelo inicial, apresentando índices de ajuste insatisfatórios. Conduziu-se, então, o processo de reespecificação do modelo através da análise dos índices de modificação. Esses índices sugeriram acrescentar uma covariância entre os erros dos seguintes pares de itens: 2 e 3, 3 e 4. Ao avaliar o conteúdo dos dois pares de itens, observa-se que apresentam

semelhanças entre eles, sendo os três itens relacionados à adaptação a aspectos ambientais (clima, natureza e ambiente social). Com base nessa justificativa teórica, procedeu-se à exclusão dos Itens 2 e 4. O modelo reespecificado apresentou índices de ajuste satisfatórios conforme pode se observar na Tabela 35.

Tabela 35

*Análise fatorial confirmatória da Escala Breve de Adaptação Sociocultural: índices de ajuste dos modelos inicial e revisado*

Modelo	( $\chi^2$ )	<i>p</i>	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (LI/LS)
Modelo inicial (11 itens)	284,933	0,000	0,809	0,762	0,0758	0,116 (0,103/ 0,129)
Modelo revisado (9 itens)	94,279	0,000	0,926	0,901	0,0482	0,078 (0,061/ 0,096)

*Nota:* LI = limite inferior; LS = limite superior

A Tabela 36 apresenta os valores dos resultados da estimação pelo método ML (estimativas não padronizadas, erro padrão, razão crítica e valores de *p*). De acordo com esses resultados, observa-se que os valores de CR (*critical ratio*) são maiores do que 1,96 e que todas as estimativas são significativas ( $p < 0,05$ ).

Tabela 36

*Estimativas da Escala Breve de Adaptação Sociocultural*

Item	Estimativa não padronizada	Erro Padrão	CR	<i>p</i>
sc_1	1			
sc_3	0,074	0,144	7,441	***
sc_5	0,938	0,139	6,767	***
sc_6	1,073	0,141	7,587	***
sc_8	1,218	0,147	8,262	***
sc_9	1,098	0,136	8,072	***
sc_10	1,316	0,153	8,623	***
sc_11	1,421	0,166	8,558	***
sc_12	1,037	0,142	7,307	***

*Nota:* \*\*\* =  $p < 0,001$

## Análise da confiabilidade e da validade convergente da Escala Breve de Adaptação Sociocultural

A análise da consistência interna da escala unidimensional com nove itens foi conduzida novamente pelo cálculo do alfa de Cronbach já que a estrutura do instrumento foi modificada. Antes da AFC, a estrutura unidimensional com os 12 itens apresentou valor de alfa de Cronbach de 0,84 e após a AFC, o valor do alfa da estrutura fatorial com nove itens pouco se modificou ( $\alpha = 0,82$ ).

A validade convergente foi analisada pelo cálculo da VME. O valor encontrado foi de 0,34, ou seja, abaixo do valor de 0,5 conforme recomendado por Fornell e Larcker (1981). Este resultado indica que há problemas na validade convergente da escala, ou seja, que os itens que a compõe não são tão representativos para avaliar o construto de adaptação sociocultural nesta amostra estudada. Entretanto, esse resultado não foi considerado conclusivo para a eliminação do instrumento neste contexto de pesquisa já que os valores dos pesos fatoriais padronizados foram todos significativos e acima de 0,5. Além disso, os resultados da AFE, da AFC e da análise da confiabilidade do instrumento foram ponderados e concluiu-se que a escala deveria ser mantida no estudo.

### Teste do modelo geral de mensuração e do modelo estrutural

Nesta seção serão apresentados os resultados referentes ao teste do modelo geral de mensuração (*measurement model*) e o teste do modelo estrutural (*structural model*). O modelo de mensuração é o modelo que relaciona as variáveis medidas ou indicadores aos seus fatores ou construtos (Tabachnick & Fidel, 2013). Neste estudo, o modelo geral de mensuração é composto por oito construtos (orientações de aculturação para a cultura anfitriã, orientação de aculturação para a cultura original, percepção de discriminação, percepção de distância cultural, estratégia de enfrentamento do tipo engajamento, percepção de suporte social, adaptação psicológica e adaptação sociocultural) e seus respectivos

indicadores ou variáveis observadas (Tabachnick & Fidel, 2013). Já o modelo estrutural determina as relações entre os construtos, ou seja, especifica de que maneira uma variável latente influencia direta ou indiretamente outras variáveis latentes no modelo (Byrne, 2010). Neste estudo, o modelo estrutural testará as relações apresentadas na seção de método.

#### Avaliação do modelo geral de mensuração

Para a construção do modelo geral de mensuração foram acrescentadas as relações entre indicadores e seus construtos, correlações livres entre os construtos medidos e os erros para cada indicador conforme recomendados por Hair et al. (2010). A avaliação do modelo geral de mensuração nada mais é do que uma análise fatorial confirmatória com todos os construtos do modelo que tem como objetivo avaliar o ajuste geral do modelo para confirmar a estrutura do modelo geral hipotetizado.

Inicialmente, na avaliação do ajuste do modelo geral de mensuração o primeiro valor analisado foi o qui-quadrado ( $\chi^2$ ). Observou-se que o valor encontrado é 1817,42 e o valor de  $p$  é abaixo do limite (0,05), indicando problemas de ajuste do modelo. No entanto, sabe-se que este índice é bastante influenciado pelo tamanho da amostra e pela complexidade do modelo e por esse motivo deve ser avaliado com outros índices de ajuste do modelo. Conforme apresentado na Tabela 37, os outros índices de ajustes avaliados (CFI, TLI, SRMR e RMSEA) apresentaram valores aceitáveis e indicaram boa adequação do modelo de mensuração à amostra estudada. O modelo geral de mensuração é apresentado na Figura 14, em que se observa todos os construtos correlacionados e seus pesos fatoriais padronizados. Em seguida, apresenta-se a Tabela 38 com as covariâncias entre os construtos medidos e a Tabela 39 com as correlações múltiplas ao quadrado.



Tabela 37

## Índices de ajuste do modelo geral de mensuração

	( $\chi^2$ )	<i>p</i>	DF	$\chi^2/DF$	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (LI/LS)
Modelo geral de medida	1817,42	0,00 0	1099	1,65	0,911	0,905	0,0598	0,040 (0,037/ 0,043)

Nota: LI = limite inferior; LS = limite superior

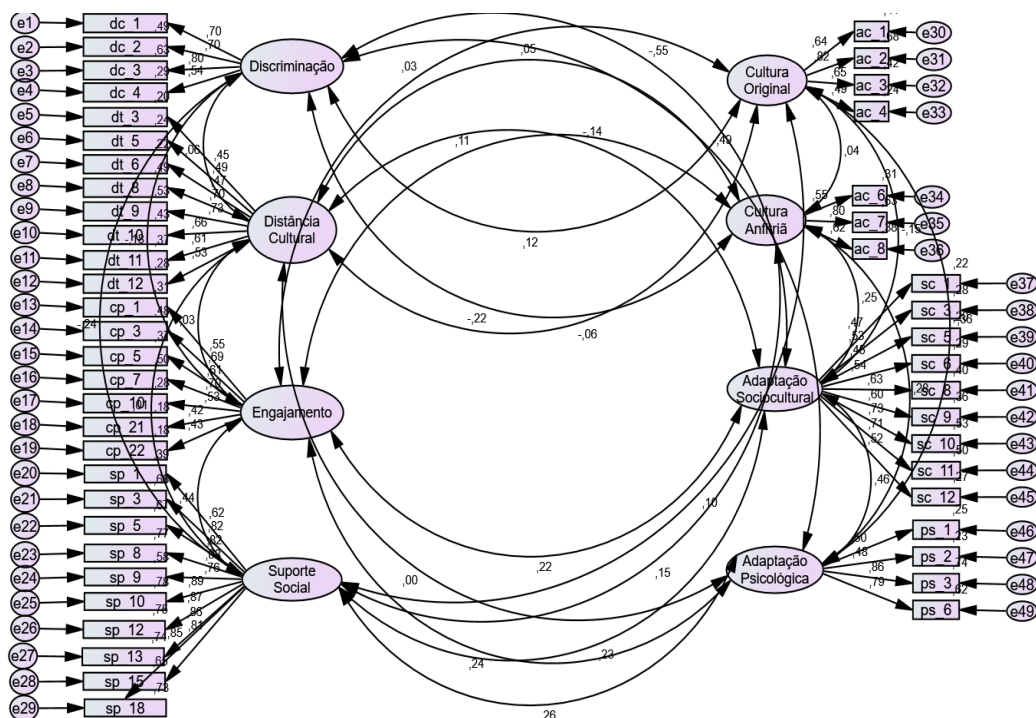


Figura 14. Modelo geral de mensuração

Tabela 38

## Covariâncias do modelo geral de mensuração

	Relação testada	Estimativa não padronizada	Erro Padrão	Razão Crítica	<i>p</i>	
Dist_Cult	<-->	Eng	0,013	0,022	0,565	0,572
Original	<-->	Anfitriã	0,025	0,046	0,555	0,579
Disc	<-->	Dist_Cult	0,033	0,033	0,979	0,328
Disc	<-->	Eng	-0,163	0,058	-2,816	0,005
Disc	<-->	Original	0,144	0,074	1,942	0,052
Disc	<-->	Anfitriã	-0,170	0,054	-3,141	0,002
Disc	<-->	Adap_Soc	-0,503	0,082	-6,099	***

	Relação testada		Estimativa não padronizada	Erro Padrão	Razão Crítica	<i>p</i>
(Tabela 38, Cont.)						
Disc	<-->	Adap_Psi	-0,437	0,078	-5,630	***
Dist_Cult	<-->	Original	-0,031	0,030	-1,036	0,300
Dist_Cult	<-->	Anfitriã	0,016	0,020	0,796	0,426
Dist_Cult	<-->	Adap_Soc	-0,053	0,024	-2,216	0,027
Dist_Cult	<-->	Adap_Psi	-0,001	0,022	-0,050	0,960
Eng	<-->	Adap_Psi	0,148	0,042	3,482	***
Eng	<-->	Adap_Soc	0,136	0,042	3,255	0,001
Eng	<-->	Original	0,026	0,050	0,531	0,595
Adap_Soc	<-->	Anfitriã	0,135	0,041	3,306	***
Adap_Psi	<-->	Anfitriã	0,147	0,040	3,643	***
Adap_Psi	<-->	Adap_Soc	0,284	0,057	4,970	***
Adap_Psi	<-->	Original	-0,290	0,060	-4,826	***
Adap_Soc	<-->	Original	-0,124	0,052	-2,389	0,017
Disc	<-->	Sup	-0,274	0,071	-3,874	***
Dist_Cult	<-->	Sup	0,005	0,026	0,186	0,853
Eng	<-->	Sup	0,343	0,059	5,858	***
Adap_Psi	<-->	Sup	0,205	0,052	3,977	***
Adap_Soc	<-->	Sup	0,185	0,050	3,685	***
Anfitriã	<-->	Sup	0,101	0,042	2,374	0,018
Original	<-->	Sup	0,098	0,060	1,640	0,101
Eng	<-->	Anfitriã	0,059	0,035	1,686	0,092

*Nota:* Dist\_Cult = distância cultural; Eng = engajamento; Original = orientação de aculturação para a cultura original; Anfitriã = orientação de aculturação para a cultura anfitriã; Disc = discriminação; Adap\_Soc = adaptação sociocultural; Adap\_Psi = adaptação psicológica; Sup = suporte social, \*\*\* =  $p < 0,001$ .

Tabela 39

*Correlações múltiplas ao quadrado do*

*modelo geral de mensuração*

Variável	Estimativa
sp_9	0,583
sp_3	0,678
sp_5	0,668
sp_8	0,775
sp_10	0,784
sp_12	0,754
sp_13	0,740
sp_15	0,651
sp_18	0,726

Variável	Estimativa
(Tabela 39, Cont.)	
sp_1	0,389
ac_8	0,384
ac_7	0,632
ac_6	0,306
ac_4	0,238
ac_3	0,417
ac_2	0,679
ac_1	0,411
sc_12	0,267
sc_11	0,505
sc_10	0,531
sc_9	0,360
sc_8	0,400
sc_6	0,291
sc_5	0,203
sc_3	0,281
sc_1	0,222
ps_6	0,619
ps_3	0,736
ps_2	0,233
ps_1	0,246
cp_22	0,181
cp_21	0,181
cp_10	0,281
cp_7	0,497
cp_5	0,368
cp_3	0,477
cp_1	0,307
dt_12	0,278
dt_11	0,371
dt_10	0,434
dt_9	0,528
dt_8	0,485
dt_6	0,221
dt_5	0,238
dt_3	0,203
dc_4	0,292
dc_2	0,493
dc_3	0,632
dc_1	0,492

*Nota:* sp = suporte; ac= orientação de aculturação; sc = adaptação sociocultural; os = adaptação psicológica; cp = engajamento; dt = distância cultural; dc = discriminação.

### Avaliação do modelo estrutural

Assegurada a qualidade do modelo de mensuração, realizou-se a análise do modelo estrutural. Na avaliação do ajuste do modelo estrutural, verificou-se que o valor da significância ( $p$ ) do teste do qui-quadrado ( $\chi^2$ ) foi inferior a 0,05, assinalando para problemas de ajuste do modelo. Conforme já apontando, sabe-se que esse índice é sensível ao tamanho da amostra e a complexidade do modelo. Os demais índices de ajustes (CFI, TLI, SRMR e RMSEA) indicaram adequado ajuste para o modelo estrutural (ver Tabela 40).

Tabela 40

#### *Índices de ajuste do modelo estrutural*

	( $\chi^2$ )	$p$	DF	$\chi^2/DF$	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (LI/LS)
Modelo estrutural geral	1823,99	0,00	1101	1,65	0,911	0,905	0,060	0,040 (0,037/ 0,043)

*Nota:* LI = limite inferior; LS = limite superior

### Avaliação das relações estruturais

Conforme descrito anteriormente, o modelo de pesquisa exibiu adequados índices de ajuste com os dados observados. Além do ajuste do modelo, é de grande importância avaliar os parâmetros estimados do modelo estrutural e a variância explicada por cada variável dependente. A seguir, os parâmetros estimados serão apresentados de acordo com cada hipótese de pesquisa formulada. Inicialmente serão apresentadas as relações diretas e posteriormente as relações indiretas.

### Relações diretas do modelo estrutural

H1) Quanto maior a percepção de discriminação, menor será a adaptação psicológica (H1a) e a sociocultural (H1b).

A primeira hipótese de pesquisa pressupõe que a percepção de discriminação afeta negativamente a adaptação psicológica e a adaptação sociocultural. Os resultados encontrados confirmam essa hipótese já que foi encontrada uma relação negativa e significativa ( $\lambda = -0,36, p < 0,001$ ) entre percepção de discriminação e adaptação psicológica e uma relação negativa e significativa ( $\lambda = -0,47, p < 0,001$ ) entre percepção de discriminação e adaptação sociocultural.

H2) A percepção de discriminação se relacionará positivamente com a orientação de aculturação para a cultura original (H2a) e negativamente com a orientação de aculturação para a cultura anfitriã (H2b).

Os resultados encontrados corroboram as Hipóteses H2a e H2b indicando que a percepção de discriminação afeta positiva e significativamente a orientação de aculturação para a cultura original ( $\lambda = 0,16, p = 0,02$ ) e negativa e significativamente a orientação para a cultura anfitriã ( $\lambda = -0,19, p = 0,005$ ).

H3) Quanto maior a percepção de suporte social, maior será a adaptação psicológica (H3a) e a sociocultural (H3b)

A Hipótese H3a foi confirmada, já que os resultados sugerem uma relação positiva e significativa entre a percepção de suporte social e a adaptação psicológica ( $\lambda = 0,13, p = 0,03$ ). No entanto, verificou-se que a percepção de suporte social não apresentou relação

significativa com a adaptação sociocultural ( $\lambda = 0,07$ ,  $p = 0,25$ ). Portanto, a Hipótese H3b não foi confirmada.

H4) A percepção de suporte social se relacionará positivamente com a orientação de aculturação para a cultura original (H4a) e com a orientação de aculturação para a cultura anfitriã (H4b).

A Hipótese H4a não foi corroborada uma vez que a relação entre percepção de suporte social e a orientação de aculturação para a cultura original não foi estatisticamente significativa ( $\lambda = 0,13$ ,  $p = 0,06$ ). A Hipótese H4b também não foi confirmada pois a relação entre a percepção de suporte social e a orientação de aculturação para a cultura anfitriã foi não-significativa ( $\lambda = 0,09$ ,  $p = 0,21$ ).

H5) Quanto maior a percepção de distância cultural, menor será a adaptação psicológica (H5a) e a sociocultural (H5b).

A Hipótese H5a não foi confirmada uma vez que a relação entre a percepção de distância cultural e adaptação psicológica foi não-significativa ( $\lambda = -0,02$ ,  $p = 0,68$ ). Já a Hipótese H5b foi corroborada visto que a relação entre a percepção de distância cultural e adaptação sociocultural foi negativa e estatisticamente significativa ( $\lambda = -0,13$ ,  $p = 0,02$ ).

H6) A percepção de distância cultural influenciará positivamente a orientação para a cultura original (H6a) e negativamente a orientação para a cultura anfitriã (H6b).

A Hipótese H6a não foi corroborada já que apresentou uma relação negativa e estatisticamente não significativa entre a percepção de distância cultural e orientação para a cultura original ( $\lambda = -0,08$ ,  $p = 0,21$ ). A relação entre a percepção de distância cultural e a

orientação de aculturação para a cultura anfitriã (H6b) também foi refutada ( $\lambda = 0,06$ ,  $p = 0,34$ ).

H7) As estratégias de enfrentamento baseadas no engajamento influenciarão positivamente a adaptação psicológica (H7a) e a adaptação sociocultural (H7b)

A Hipótese H7a não foi corroborada uma vez que a relação entre a estratégia de enfrentamento baseada no engajamento e adaptação psicológica não foi significativa ( $\lambda = 0,11$ ,  $p = 0,06$ ). A Hipótese H7b também foi refutada pois a relação entre o engajamento e a adaptação sociocultural não foi confirmada ( $\lambda = 0,10$ ,  $p = 0,10$ ).

H8) As estratégias de enfrentamento de engajamento se relacionarão positivamente com a orientação para a cultura original (H8a) e com a orientação para a cultura anfitriã (H8b).

A Hipótese H8a não foi confirmada visto que, embora a relação entre a estratégia de enfrentamento de engajamento e a orientação para a cultura original encontrada tenha sido positiva, os resultados não foram estatisticamente significativos ( $\lambda = 0,009$ ,  $p = 0,90$ ). A Hipótese H8b também foi refutada já que a relação entre a estratégia de enfrentamento de engajamento e a orientação para a cultura anfitriã não foi confirmada ( $\lambda = 0,04$ ,  $p = 0,62$ ).

H9) A orientação para a cultura original se relacionará negativamente com a adaptação psicológica (H9a) e com a sociocultural (H9b).

As Hipóteses H9a e a H9b foram corroboradas. A orientação de aculturação para a cultura original afeta negativa e significativamente a adaptação psicológica ( $\lambda = -0,34$ ,  $p < 0,001$ ) e a adaptação sociocultural ( $\lambda = -0,13$ ,  $p = 0,02$ ).

H10) A orientação para a cultura anfitriã se relacionará positivamente com a adaptação psicológica (H10a) e com a sociocultural (H10b).

As duas hipóteses foram corroboradas já que os resultados indicaram que a orientação para a cultura anfitriã se relaciona positiva e significativamente com a adaptação psicológica ( $\lambda = 0,18, p = 0,02$ ) e com a adaptação sociocultural ( $\lambda = 0,15, p = 0,02$ ).

A Tabela 41 apresenta os pesos fatoriais não padronizados e a Tabela 42 apresenta as correlações múltiplas ao quadrado. Em seguida, a Figura 15 representa o Modelo Estrutural testado com as estimativas padronizadas.

Tabela 41

*Estimativas do modelo estrutural geral*

	Relação testada	Estimativa não padronizada	Erro Padrão	Razão Crítica	<i>p</i>
Original	<--- Disc	0,141	0,058	2,420	0,016
Original	<--- Dist_Cult	-0,167	0,134	-1,243	0,214
Original	<--- Eng	0,012	0,094	0,122	0,903
Original	<--- Sup	0,130	0,068	1,910	0,056
Anfitriã	<--- Dist_Cult	0,089	0,092	0,962	0,336
Anfitriã	<--- Disc	-0,115	0,041	-2,783	0,005
Anfitriã	<--- Eng	0,032	0,064	0,501	0,617
Anfitriã	<--- Sup	0,057	0,046	1,245	0,213
Adap_Soc	<--- Original	-0,101	0,044	-2,291	0,022
Adap_Psi	<--- Original	-0,262	0,050	-5,215	***
Adap_Soc	<--- Anfitriã	0,172	0,072	2,395	0,017
Adap_Psi	<--- Anfitriã	0,211	0,071	2,982	0,003
Adap_Soc	<--- Disc	-0,326	0,054	-6,011	***
Adap_Soc	<--- Dist_Cult	-0,225	0,095	-2,356	0,018
Adap_Soc	<--- Eng	0,104	0,064	1,642	0,101
Adap_Soc	<--- Sup	0,052	0,045	1,156	0,248
Adap_Psi	<--- Sup	0,098	0,044	2,212	0,027
Adap_Psi	<--- Eng	0,115	0,062	1,866	0,062
Adap_Psi	<--- Dist_Cult	-0,035	0,085	-0,408	0,683
Adap_Psi	<--- Disc	-0,246	0,048	-5,142	***
dc_1	<--- Disc	1,000			
dc_3	<--- Disc	1,002	0,079	12,623	***
dc_2	<--- Disc	1,055	0,088	11,999	***
dc_4	<--- Disc	0,876	0,091	9,587	***



	Relação testada	Estimativa não padronizada	Erro Padrão	Razão Crítica	<i>P</i>
(Tabela 41, Cont.)					
dt_3	<--- Dist_Cult	1,000			
dt_5	<--- Dist_Cult	1,037	0,150	6,929	***
dt_6	<--- Dist_Cult	1,214	0,181	6,709	***
dt_8	<--- Dist_Cult	1,573	0,193	8,154	***
dt_9	<--- Dist_Cult	1,998	0,248	8,054	***
dt_10	<--- Dist_Cult	1,842	0,241	7,652	***
dt_11	<--- Dist_Cult	1,780	0,238	7,477	***
dt_12	<--- Dist_Cult	1,582	0,226	6,989	***
cp_1	<--- Eng	1,000			
cp_3	<--- Eng	1,093	0,114	9,615	***
cp_5	<--- Eng	1,071	0,125	8,582	***
cp_7	<--- Eng	1,247	0,132	9,454	***
cp_10	<--- Eng	0,985	0,123	8,005	***
cp_21	<--- Eng	0,887	0,132	6,708	***
cp_22	<--- Eng	0,797	0,116	6,895	***
ps_1	<--- Adap_Psi	1,000			
ps_2	<--- Adap_Psi	0,902	0,123	7,324	***
ps_3	<--- Adap_Psi	1,808	0,194	9,337	***
ps_6	<--- Adap_Psi	1,910	0,208	9,203	***
sc_1	<--- Adap_Soc	1,000			
sc_3	<--- Adap_Soc	1,093	0,145	7,534	***
sc_5	<--- Adap_Soc	0,942	0,140	6,738	***
sc_6	<--- Adap_Soc	1,072	0,142	7,557	***
sc_8	<--- Adap_Soc	1,211	0,148	8,201	***
sc_9	<--- Adap_Soc	1,092	0,137	7,989	***
sc_10	<--- Adap_Soc	1,366	0,159	8,583	***
sc_11	<--- Adap_Soc	1,458	0,173	8,440	***
sc_12	<--- Adap_Soc	1,053	0,144	7,299	***
ac_1	<--- Original	1,000			
ac_2	<--- Original	1,296	0,111	11,649	***
ac_3	<--- Original	1,022	0,104	9,860	***
ac_4	<--- Original	0,655	0,083	7,888	***
ac_6	<--- Anfitriã	1,000			
ac_7	<--- Anfitriã	1,707	0,210	8,117	***
ac_8	<--- Anfitriã	1,231	0,153	8,053	***
sp_1	<--- Sup	1,000			
sp_18	<--- Sup	1,308	0,092	14,173	***
sp_15	<--- Sup	1,343	0,099	13,578	***
sp_13	<--- Sup	1,363	0,096	14,218	***
sp_12	<--- Sup	1,360	0,095	14,368	***
sp_10	<--- Sup	1,342	0,092	14,514	***

	Relação testada	Estimativa não padronizada	Erro Padrão	Razão Crítica	<i>p</i>
(Tabela 41, Cont.)					
sp_8	<--- Sup	1,339	0,093	14,473	***
sp_5	<--- Sup	1,251	0,091	13,727	***
sp_3	<--- Sup	1,150	0,083	13,873	***
sp_9	<--- Sup	1,309	0,100	13,145	***

*Nota:* Dist\_Cult = distância cultural; Eng = engajamento; Original = orientação de aculturação para a cultura original; Anfitriã = orientação de aculturação para a cultura anfitriã; Disc = discriminação; Adap\_Soc = adaptação sociocultural; Adap\_Psi = adaptação psicológica; Sup = suporte social; sp = suporte; ac = orientação de aculturação; sc = adaptação sociocultural; ps = adaptação psicológica; cp = engajamento; dt = distância cultural; dc = discriminação; \*\*\* =  $p < 0,001$ .

Tabela 42

*Correlações múltiplas ao quadrado do modelo estrutural*

Variável	Estimativa
Anfitriã	0,063
Original	0,037
Adap_Soc	0,384
Adap_Psi	0,425
sp_9	0,583
sp_3	0,678
sp_5	0,668
sp_8	0,775
sp_10	0,784
sp_12	0,754
sp_13	0,740
sp_15	0,652
sp_18	0,726
sp_1	0,389
ac_8	0,386
ac_7	0,626
ac_6	0,306
ac_4	0,242
ac_3	0,426
ac_2	0,667
ac_1	0,407
sc_12	0,264
sc_11	0,502

Variável	Estimativa
(Tabela 42, Cont.)	
sc_10	0,533
sc_9	0,365
sc_8	0,402
sc_6	0,291
sc_5	0,202
sc_3	0,283
sc_1	0,219
ps_6	0,620
ps_3	0,743
ps_2	0,231
ps_1	0,242
cp_22	0,181
cp_21	0,180
cp_10	0,282
cp_7	0,497
cp_5	0,368
cp_3	0,476
cp_1	0,307
dt_12	0,278
dt_11	0,371
dt_10	0,434
dt_9	0,528
dt_8	0,485
dt_6	0,221
dt_5	0,237
dt_3	0,203
dc_4	0,292
dc_2	0,490
dc_3	0,628
dc_1	0,491

*Nota:* Anfitriã = orientação de aculturação para a cultura anfitriã; Original = orientação de aculturação para a cultura original; Adap Soc = adaptação sociocultural; Adap\_Psi = adaptação psicológica; sp = suporte; ac = orientação de aculturação; sc = adaptação sociocultural; ps = adaptação psicológica; cp = engajamento; dt = distância cultural; dc = discriminação.

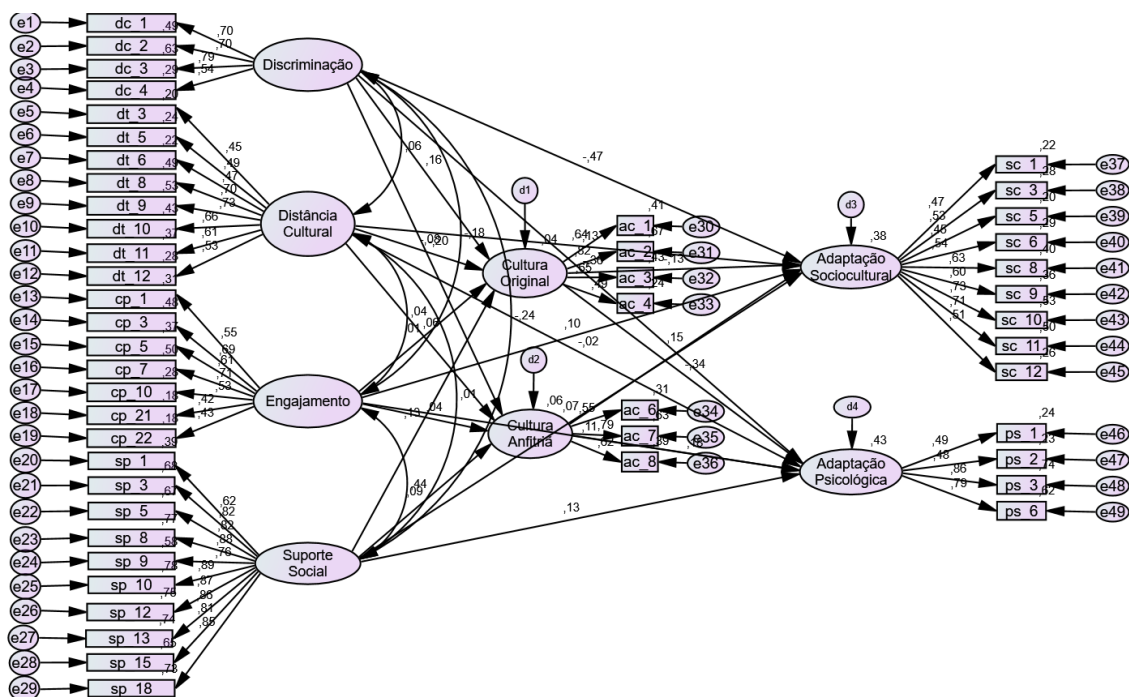


Figura 15. Modelo estrutural testado

### Relações de mediação

H11) A orientação de aculturação para a cultura original mediará a relação entre as variáveis predictoras [percepção de discriminação (H11a), percepção de distância cultural (H11b), estratégia de enfrentamento do tipo engajamento (H11c) e percepção de suporte social (H11d)] e a adaptação psicológica.

H11a) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura original sobre a percepção de discriminação e adaptação psicológica (Percepção de discriminação → Orientação para a Cultura Original → Adaptação Psicológica).

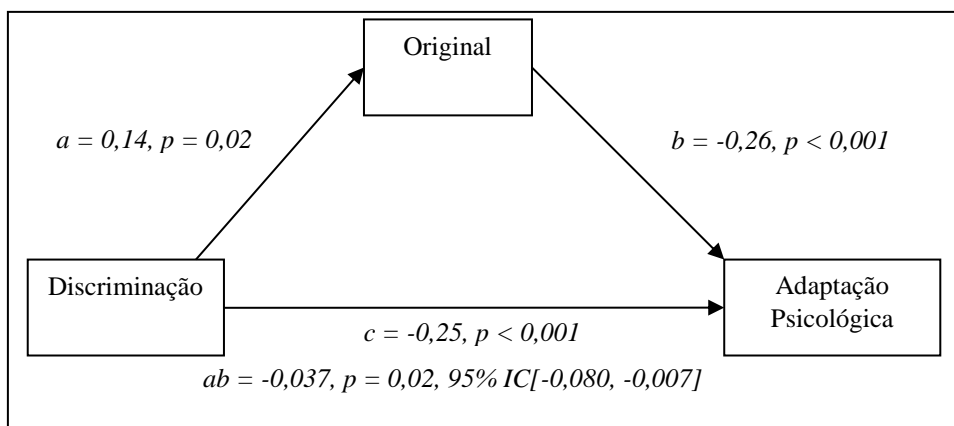


Figura 16. Relação entre percepção de discriminação e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura original

Os resultados encontrados indicam que a orientação de aculturação para a cultura original medeia a relação entre a percepção de discriminação e a adaptação psicológica ( $p = 0,02$ ). O caminho a apresentado anteriormente na Figura 16 representa a relação direta, positiva e significativa entre a percepção de discriminação e a orientação para a cultura original ( $p = 0,02$ ). O caminho b representa a relação direta, negativa e significativa entre a orientação para a cultura original e a adaptação psicológica ( $p < 0,001$ ). O caminho c apresenta a relação direta entre a percepção de discriminação e a adaptação psicológica, em que se verifica uma relação negativa e significativa entre as duas variáveis ( $p < 0,001$ ). De acordo com a tipologia proposta por Zhao et al. (2010), a mediação encontrada nessa relação pode ser denominada de mediação complementar já que o efeito mediado ( $a*b$ ) e o efeito direto (c) são significativos e apontam para a mesma direção, ou seja, apresentam o mesmo sinal (-).

H11b) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura original sobre a percepção de distância cultural e adaptação psicológica (Distância Cultural → Orientação para a Cultura Original → Adaptação Psicológica).

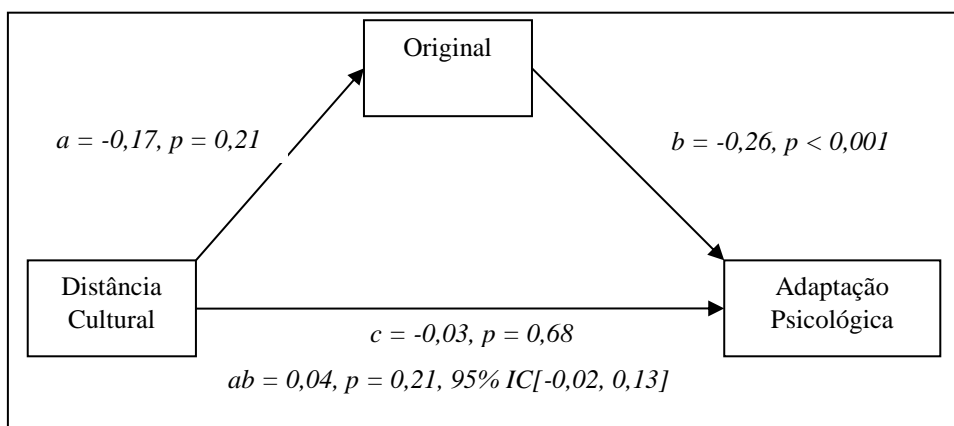


Figura 17. Relação entre percepção de distância cultural e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura original

Conforme apresentado na Figura 17, os resultados indicam que a orientação de aculturação para a cultura original não medeia a relação entre a percepção de distância cultural e a adaptação psicológica ( $p = 0,21$ ). Os resultados também apontam para uma relação direta não-significativa entre percepção de distância cultural e adaptação psicológica. Nessa situação, observa-se uma relação de não-efeito e não-mediação (Zhao et al., 2010). Diante desses resultados, faz-se necessário reavaliar as bases teóricas que fundamentaram a construção da relação hipotetizada.

H11c) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura original sobre o estilo de enfrentamento de engajamento e adaptação psicológica (Engajamento → Orientação para a Cultura Original → Adaptação Psicológica).

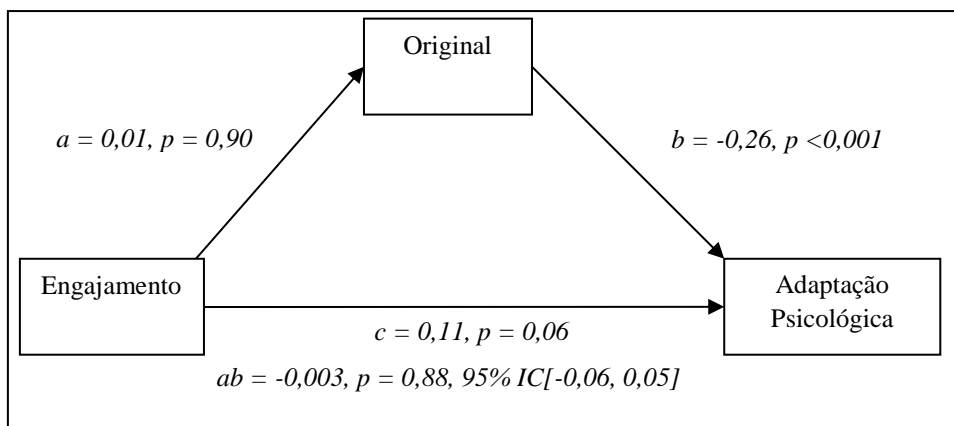


Figura 18. Relação entre o engajamento e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura original

A Figura 18 apresenta os caminhos envolvidos na relação entre o engajamento e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura original. De acordo com os resultados apresentados, nota-se que a orientação de aculturação para a cultura original não atua como mediadora da relação entre o engajamento e adaptação psicológica já que o efeito indireto ( $a*b$ ) não foi significativo. Observa-se ainda que a relação direta entre o estilo de enfrentamento de engajamento e adaptação psicológica também não foi confirmada ( $p = 0,06$ ). Diante desses resultados, sugere-se a ocorrência de uma relação de não-efeito e não-mediação (Zhao et al., 2010).

H11d) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura original sobre a percepção de suporte social e adaptação psicológica (Percepção de suporte social → Orientação para a Cultura Original → Adaptação Psicológica).

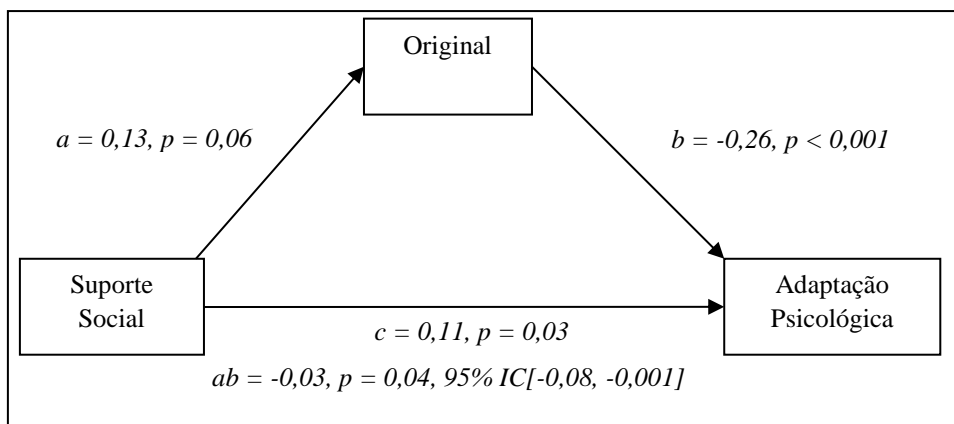


Figura 19. Relação entre percepção de suporte social e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura original

A Figura 19 apresenta os resultados do quarto teste de mediação. De acordo com a avaliação do efeito indireto pela técnica *bootstrapping*, concluiu-se que a orientação para a cultural original medeia a relação entre a percepção de suporte social e a adaptação psicológica ( $p = 0,04$ ). Conforme já descrito, a relação entre a percepção de suporte social e adaptação psicológica é positiva e significativa ( $p = 0,03$ ). A partir desses resultados, assume-se que há uma relação de mediação competitiva uma vez que a direção da relação indireta é oposta à relação direta testada. Nesse caso, a variável mediadora atuou como uma variável supressora, já que, ao ser incluída no modelo, ela aumenta a validade preditiva entre a variável antecedente e a variável critério.

H12) A orientação de aculturação para a cultura original mediará a relação entre as variáveis predictoras [percepção de discriminação (H12a), percepção de distância cultural (H12b), estratégia de enfrentamento do tipo engajamento (H12c) e percepção de suporte social (H12d)] e a adaptação sociocultural.

H12a) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura original sobre a percepção de discriminação e adaptação sociocultural (Percepção de discriminação → Orientação para a Cultura Original → Adaptação Sociocultural).



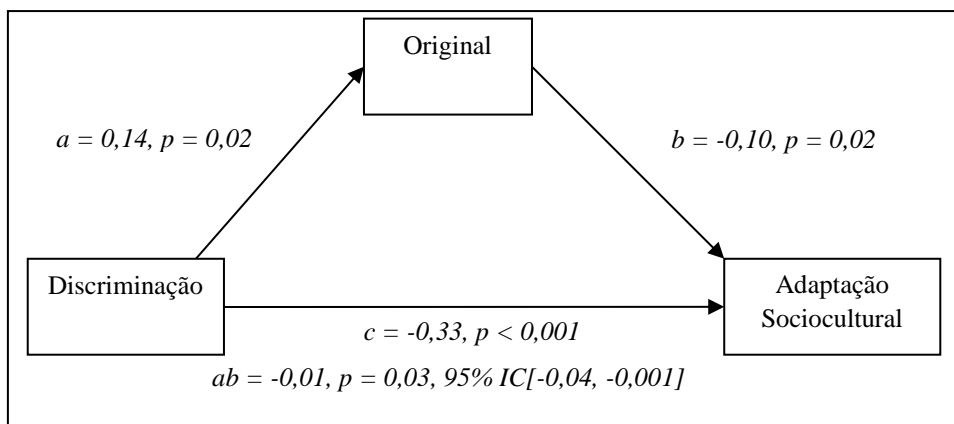


Figura 20. Relação entre percepção de discriminação e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura original

Os resultados da técnica de *bootstrapping* apresentados na Figura 20 sugerem que a orientação de aculturação para a cultura original medeia a relação entre a percepção de discriminação e a adaptação sociocultural ( $p = 0,03$ ). Conforme já descrito, encontrou-se uma relação direta, negativa e significativa entre a percepção de discriminação e a adaptação sociocultural ( $p < 0,001$ ). Diante desses resultados, conclui-se que houve uma relação de mediação complementar já que a direção da relação indireta e da direta é a mesma.

H12b) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura original sobre a percepção de distância cultural e adaptação sociocultural (Distância Cultural → Orientação para a Cultura Original → Adaptação Sociocultural).

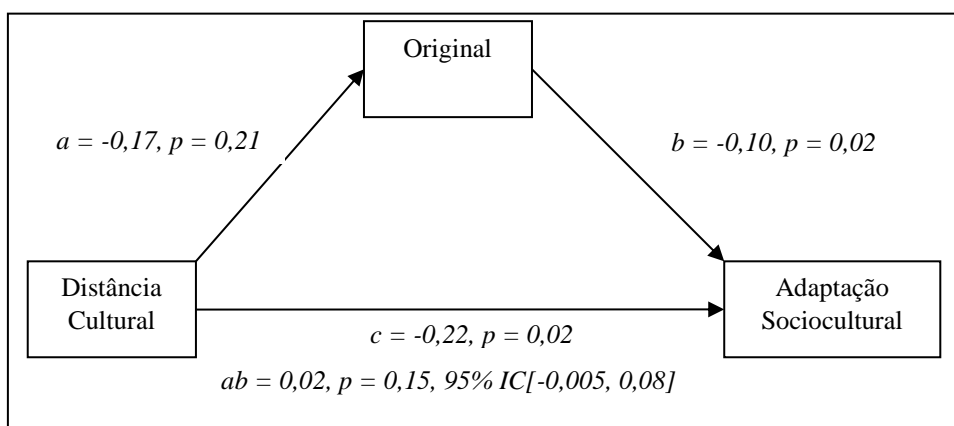


Figura 21. Relação entre percepção de distância cultural e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura original

Conforme apresentado na Figura 21, verifica-se que a orientação de aculturação para a cultura original não atua como mediadora entre a percepção de distância cultural e adaptação sociocultural ( $p = 0,15$ ). Há, no entanto, uma relação direta, negativa e significativa entre as duas variáveis ( $p = 0,03$ ).

H12c) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura original sobre o estilo de enfrentamento de engajamento e adaptação sociocultural (Engajamento → Orientação para a Cultura Original → Adaptação Sociocultural).

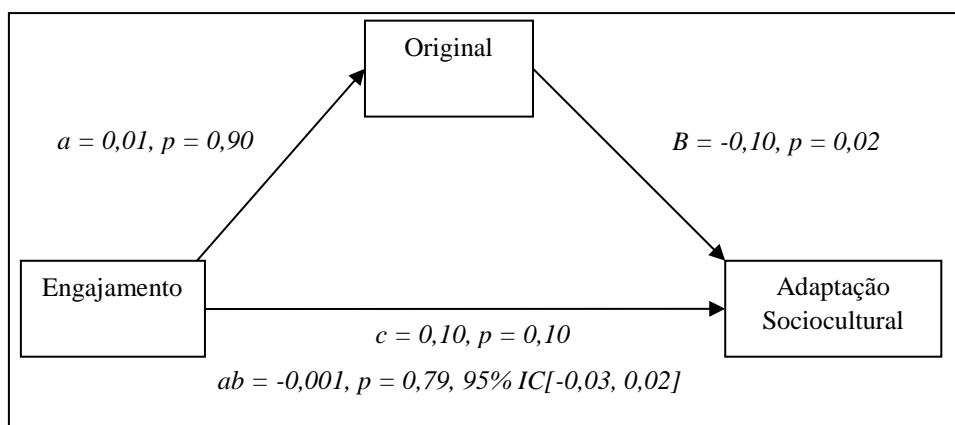


Figura 22. Relação entre engajamento e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura original

A partir dos resultados da técnica *bootstrapping* apresentados na Figura 22, conclui-se que a orientação de aculturação para a cultura original não atua como mediadora da relação entre o estilo de enfrentamento de engajamento e a adaptação sociocultural ( $p = 0,79$ ). Além disso, não foi possível identificar uma relação direta significativa entre o engajamento e adaptação sociocultural ( $p = 0,10$ ). Esses resultados sugerem inconsistência teóricas na formulação das relações hipotetizadas (Byrne, 2010).

H12d) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura original sobre a percepção de suporte social e adaptação sociocultural (Percepção de suporte social → Orientação para a Cultura Original → Adaptação Sociocultural).

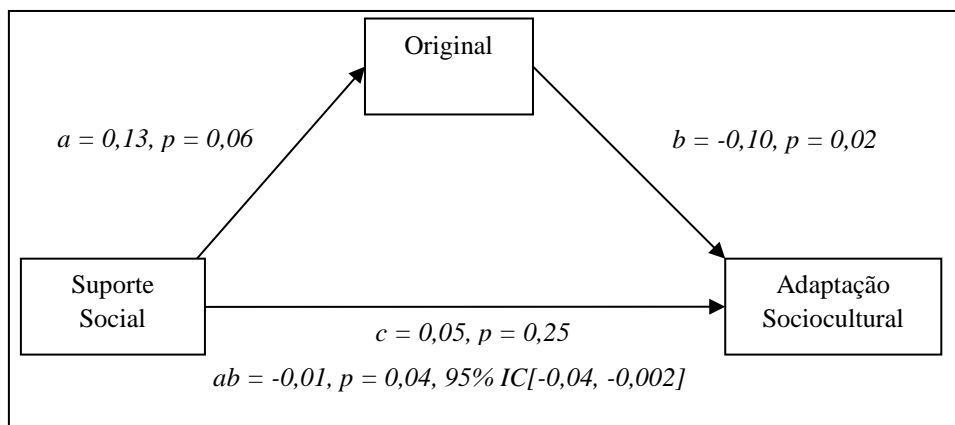


Figura 23. Relação entre percepção de suporte social e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura original

Conforme se observa na Figura 23, a orientação de aculturação para a cultura original atua como mediadora entre a percepção de suporte social e adaptação sociocultural ( $p = 0,04$ ). Nessa figura também é possível verificar que a relação direta entre a percepção de suporte social e adaptação sociocultural é não-significativa. Diante desses resultados, conclui-se há somente uma relação de mediação em que a variável mediadora cumpriu seu papel em explicar a relação entre a variável preditora e a variável critério. De acordo com a nomenclatura de Zhao et al. (2010) diz-se que houve uma mediação competitiva, pois, a relação direta apresenta sinal (+) diferente da relação indireta (-).

H13) As orientações de aculturação para a cultura anfitriã mediarão a relação entre as variáveis antecedentes [percepção de discriminação (H13a), percepção de distância cultural (H13b), estratégia de enfrentamento do tipo engajamento (H13c) e percepção de suporte social (H13d)] e a adaptação psicológica.

H13a) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura anfitriã sobre a percepção de discriminação e adaptação psicológica (Percepção de discriminação → Orientação para a Cultura Anfitriã → Adaptação Psicológica).

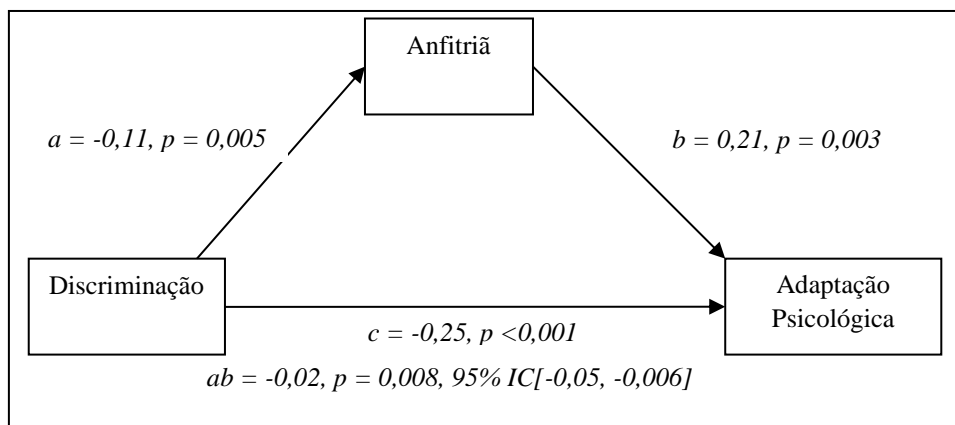


Figura 24. Relação entre percepção de discriminação e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura anfitriã

A Figura 24 apresenta os resultados da relação entre percepção de discriminação e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura anfitriã. Os resultados encontrados indicam que a orientação de aculturação para a cultura anfitriã medeia a relação entre a percepção de discriminação e a adaptação psicológica ( $p = 0,008$ ). Conforme já descrito, a relação direta entre a percepção de discriminação e adaptação psicológica é negativa e estatisticamente significativa ( $p < 0,001$ ). Dessa forma, a mediação encontrada nessa relação pode ser denominada de mediação complementar (Zhao et al., 2010) já que o efeito mediado ( $a*b$ ) e o efeito direto ( $c$ ) são significativos e apontam para a mesma direção.

H13b) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura anfitriã sobre a percepção de distância cultural e adaptação psicológica (Distância Cultural → Orientação para a Cultura Anfitriã → Adaptação Psicológica).

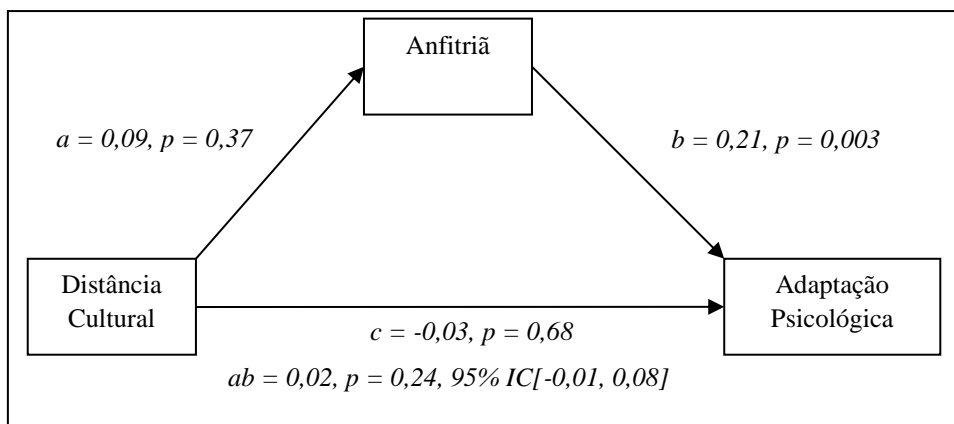


Figura 25. Relação entre percepção de distância cultural e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura anfitriã

Os resultados apresentados na Figura 25 sugerem que a orientação de aculturação para a cultura anfitriã não atua como mediadora na relação entre a percepção de distância cultural e a adaptação psicológica ( $p = 0,24$ ). Os resultados também apontam para uma relação direta não significativa entre percepção de distância cultural e adaptação psicológica ( $p = 0,68$ ). Nessa situação, observa-se uma relação de não-efeito, não-mediação (Zhao et al., 2010).

H13c) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura anfitriã sobre o estilo de enfrentamento de engajamento e adaptação psicológica (Engajamento  $\rightarrow$  Orientação para a Cultura Anfitriã  $\rightarrow$  Adaptação Psicológica).

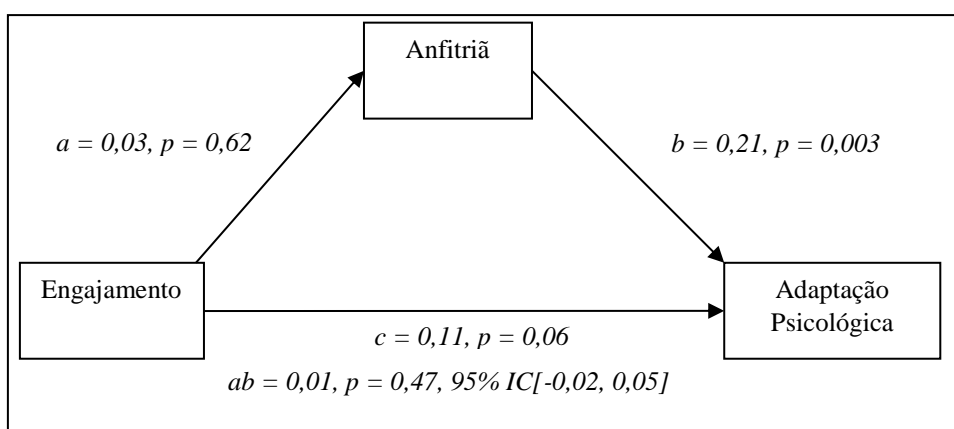


Figura 26. Relação entre o engajamento e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura anfitriã

De acordo com os resultados apresentados na Figura 26, observa-se que a orientação de aculturação para a cultura anfitriã não medeia a relação entre o estilo de enfrentamento de engajamento e adaptação psicológica já que o efeito indireto ( $a*b$ ) foi não-significativo ( $p = 0,47$ ). Além disso, conforme já exposto, a relação direta entre o estilo de enfrentamento de engajamento e adaptação psicológica também não foi confirmada ( $p = 0,06$ ). Diante desses resultados, sugere-se a ocorrência de uma relação de não-efeito, não-mediação (Zhao et al., 2010).

H13d) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura anfitriã sobre a percepção de suporte social e adaptação psicológica (Percepção de suporte social → Orientação para a Cultura Anfitriã → Adaptação Psicológica).

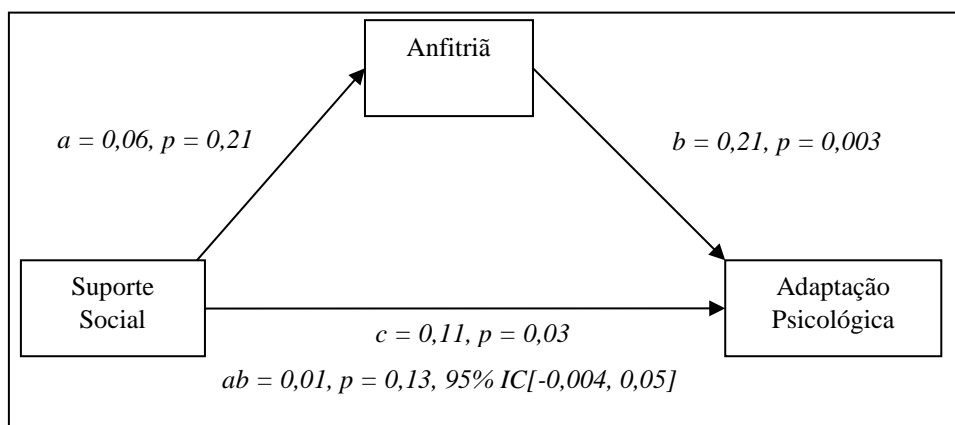


Figura 27. Relação entre percepção de suporte social e adaptação psicológica mediada pela orientação de aculturação para a cultura anfitriã

Os resultados apresentados na Figura 27 implicam que a orientação para a cultura anfitriã não atua como mediadora da relação entre a percepção de suporte social e a adaptação psicológica ( $p = 0,13$ ). No entanto, a relação entre a percepção de suporte social e adaptação psicológica é positiva e significativa ( $p = 0,03$ ).

H14) A orientação de aculturação para a cultura anfitriã mediará a relação entre as variáveis predictoras [percepção de discriminação (H14a), percepção de distância cultural (H14b), estratégia de enfrentamento do tipo engajamento (H14c) e percepção de suporte social (H14d)] e a adaptação sociocultural.

H14a) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura anfitriã sobre a percepção de discriminação e adaptação sociocultural (Percepção de discriminação → Orientação para a Cultura Anfitriã → Adaptação Sociocultural).

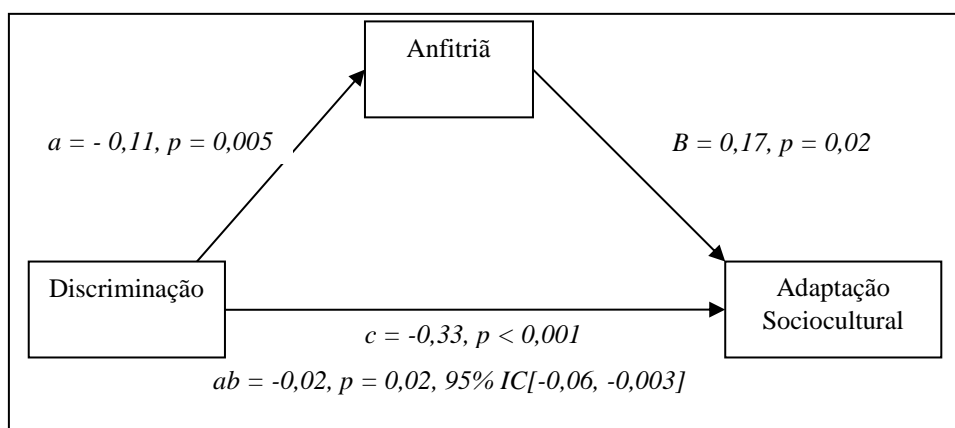


Figura 28. Relação entre percepção de discriminação e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura original

A Figura 28 revela que a orientação de aculturação para a cultura anfitriã atua como mediadora na relação entre a percepção de discriminação e a adaptação sociocultural ( $p = 0,02$ ). Além disso, encontrou-se uma relação direta, negativa e significativa entre a percepção de discriminação e a adaptação sociocultural ( $p < 0,001$ ). De acordo com a tipologia proposta por Zhao et al. (2010), conclui-se que houve uma relação de mediação complementar já que a direção da relação indireta e da direta é a mesma.

H14b) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura anfitriã sobre a percepção de distância cultural e adaptação sociocultural (Distância Cultural → Orientação para a Cultura Anfitriã → Adaptação Sociocultural).

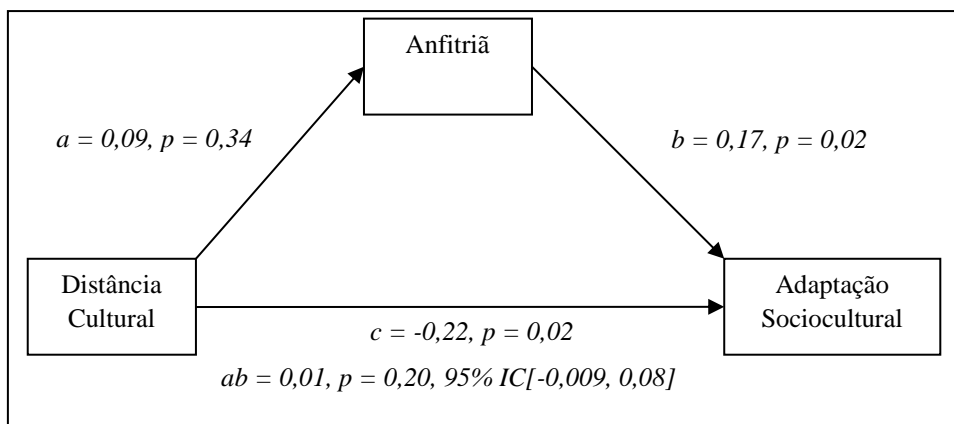


Figura 29. Relação entre percepção de distância cultural e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura anfitriã

Os resultados encontrados pela técnica *bootstrapping* apresentados na Figura 29 apontam que a orientação de aculturação para a cultura anfitriã não atua como mediadora entre a percepção de distância cultural e adaptação sociocultural ( $p = 0,20$ ). Há, no entanto, uma relação direta, negativa e significativa entre essas duas variáveis ( $p = 0,02$ ).

H14c) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura anfitriã sobre o estilo de enfrentamento de engajamento e adaptação sociocultural (Engajamento  $\rightarrow$  Orientação para a Cultura Anfitriã  $\rightarrow$  Adaptação Sociocultural).

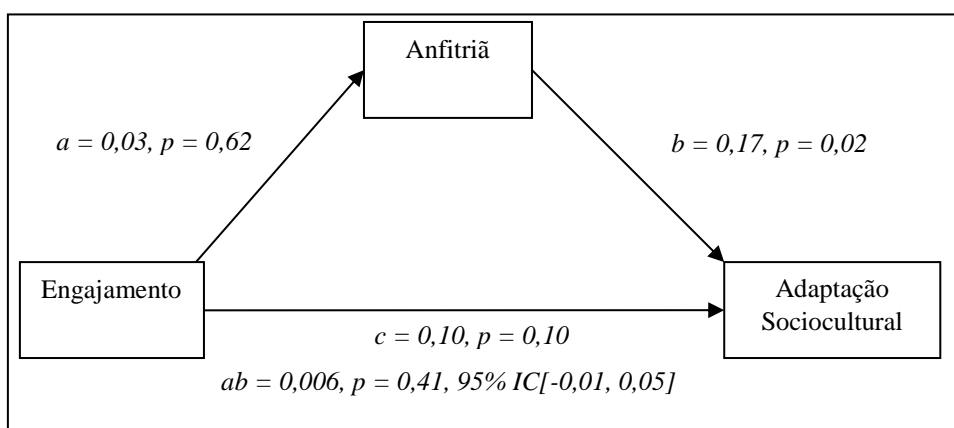


Figura 30. Relação entre o engajamento e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura anfitriã



A partir dos resultados da técnica *bootstrapping* apresentados na Figura 30, infere-se que a orientação de aculturação para a cultura original não medeia a relação entre o estilo de enfrentamento de engajamento e a adaptação sociocultural. Além disso, não foi possível identificar uma relação significativa entre o engajamento e adaptação sociocultural. Esses resultados sugerem inconsistência teóricas nas relações entre os construtos avaliados.

H14d) Efeito indireto da orientação de aculturação para a cultura anfitriã sobre a percepção de suporte social e adaptação sociocultural (Percepção de suporte social → Orientação para a Cultura Anfitriã → Adaptação Sociocultural).

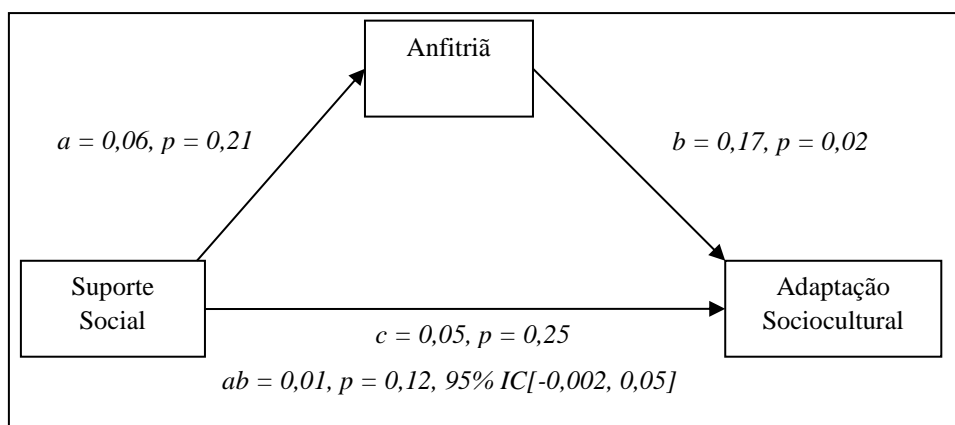


Figura 31. Relação entre percepção de suporte social e adaptação sociocultural mediada pela orientação de aculturação para a cultura anfitriã

Os resultados apresentados na Figura 31 indicam que a orientação de aculturação para a cultura anfitriã não atua como mediadora entre a percepção de suporte social e adaptação sociocultural ( $p = 0,12$ ). Nessa figura também é possível verificar que a relação direta entre a percepção de suporte social e adaptação sociocultural é não-significativa. Diante desses resultados, conclui-se não há efeito e não há mediação (Zhao et al., 2010).

Em resumo, o Modelo Estrutural apresentou índices de ajuste satisfatórios, apresentando dezesseis relações significativas ( $p < 0,05$ ) de trinta e seis relações testadas, responsáveis por explicar 43% da variância total da adaptação psicológica ( $R^2=0,43$ ) e 38%

da adaptação sociocultural ( $R^2=0,38$ ). A Tabela 43 apresenta um resumo das relações testadas com os pesos não padronizados e padronizados e o valor de significância.

Tabela 43

*Resumo das relações estruturais testadas*

Hipótese	Relação testada	Estimativa não padronizada (padronizada)	$p$	Confirmada/Não confirmada
H1a	Discriminação → Adaptação Psicológica	-0,25 (-0,36)	0,00	Confirmada
H1b	Discriminação → Adaptação Sociocultural	-0,33 (-0,47)	0,00	Confirmada
H2a	Discriminação → Original	0,14 (0,16)	0,02	Confirmada
H2b	Discriminação → Anfitriã	-0,11 (-0,19)	0,005	Confirmada
H3a	Suporte Social → Adaptação Psicológica	0,11 (0,13)	0,03	Confirmada
H3b	Suporte Social → Adaptação Sociocultural	0,05 (0,07)	0,25	Não confirmada
H4a	Suporte Social → Original	0,13 (0,13)	0,06	Não confirmada
H4b	Suporte Social → Anfitriã	0,06 (0,09)	0,21	Não confirmada
H5a	Distância Cultural → Adaptação Psicológica	-0,03 (-0,02)	0,68	Não confirmada
H5b	Distância Cultural → Adaptação Sociocultural	-0,22 (-0,13)	0,02	Confirmada
H6a	Distância Cultural → Original	-0,17 (-0,08)	0,21	Não confirmada
H6b	Distância Cultural → Anfitriã	0,09 (0,06)	0,37	Não confirmada
H7a	Engajamento → Adaptação Psicológica	0,11 (0,11)	0,06	Não confirmada
H7b	Engajamento → Adaptação Sociocultural	0,10 (0,10)	0,10	Não confirmada
H8a	Engajamento → Original	0,01 (0,01)	0,90	Não confirmada
H8b	Engajamento → Anfitriã	0,03 (0,04)	0,62	Não confirmada
H9a	Original → Adaptação Psicológica	-0,26 (-0,34)	0,00	Confirmada

(Tabela 43, Cont.)				
H9b	Original → Adaptação Sociocultural	-0,10 (-0,13)	0,02	Confirmada
H10a	Anfitriã → Adaptação Psicológica	0,21 (0,18)	0,02	Confirmada
H10b	Anfitriã → Adaptação Sociocultural	0,17 (0,15)	0,02	Confirmada
H11a	Discriminação → Original → Adaptação Psicológica	-0,04 (-0,05)	0,02	Confirmada (Mediação complementar)
H11b	Distância Cultural → Original → Adaptação Psicológica	0,04 (0,03)	0,21	Não confirmada
H11c	Engajamento → Original → Adaptação Psicológica	-0,003 (-0,003)	0,88	Não confirmada
H11d	Suporte social → Original → Adaptação Psicológica	-0,03 (-0,04)	0,04	Confirmada (Mediação competitiva)
H12a	Discriminação → Original → Adaptação Sociocultural	-0,01 (-0,02)	0,02	Confirmada (Mediação complementar)
H12b	Distância Cultural → Original → Adaptação Sociocultural	0,02 (0,01)	0,15	Não confirmada
H12c	Engajamento → Original → Adaptação Sociocultural).	-0,001 (-0,001)	0,79	Não confirmada
H12d	Suporte social → Original → Adaptação Sociocultural	-0,01 (-0,02)	0,04	Confirmada (Mediação Competitiva)
H13a	Discriminação → Anfitriã → Adaptação Psicológica	-0,02 (-0,03)	0,008	Confirmada (Medição complementar)
H13b	Distância Cultural → Anfitriã → Adaptação Psicológica	0,02 (0,01)	0,24	Não confirmada
H13c	Engajamento → Anfitriã → Adaptação Psicológica	0,01 (0,01)	0,47	Não confirmada
H13d	Suporte social → Anfitriã → Adaptação Psicológica	0,01 (0,02)	0,13	Não confirmada
H14a	Discriminação → Anfitriã → Adaptação Sociocultural	-0,02 (0,03)	0,02	Confirmada (Medição complementar)

(Tabela 43, Cont.)				
H14b	Distância Cultural→ Anfitriã→ Adaptação Sociocultural	0,01 (0,01)	0,20	Não confirmada
H14c	Engajamento→ Anfitriã→ Adaptação Sociocultural).	0,006 (0,01)	0,41	Não confirmada
H14d	Suporte social→ Anfitriã→ Adaptação Sociocultural	0,01 (0,01)	0,12	Não confirmada

#### Resultados secundários do modelo estrutural: o papel das variáveis sociodemográficas

Conforme exposto na revisão de literatura (e.g., Berry, 1997), modelos de aculturação apontam que variáveis sociodemográficas como o período de permanência na cultura hospedeira, a habilidade no idioma anfitrião e o grau de escolaridade do imigrante podem exercer influência nos resultados da adaptação cultural. A questão do domínio do idioma local tem sido tratada como um tópico central na adaptação cultural porque essa habilidade representa a maneira como os migrantes interagem com a população local (Masgoret & Ward, 2006). Nesse estudo, a questão do idioma pode ser particularmente interessante já que a falta do domínio do idioma japonês pela comunidade brasileira que reside no país nipônico tem sido frequentemente destacada em diversos estudos sobre a imigração brasileira no Japão e relacionada a diversas consequências negativas (Okamoto, 2007; Suguiura, 2009). A associação entre nível educacional e resultados de aculturação também tem sido bastante investigada. Estudos apontam que os migrantes mais escolarizados são mais propensos a se envolverem com a cultura local e apresentarem melhor adaptação psicológica e sociocultural do que os migrantes menos escolarizados (Jayasuriya, Sang & Fielding, 1992). Já a relação entre duração da estadia e adaptação cultural é um dos assuntos mais controversos na literatura de aculturação e, dessa forma, a sua relação com as variáveis de aculturação ainda

não está clara empiricamente na literatura (Ouarasse & Van de Vijver, 2005). No entanto, existem evidências de que uma estadia duradoura em um país anfitrião implica maior familiarização com o novo contexto social e, como consequência, declínio dos problemas de adaptação (Ward, Okura, Kennedy & Kojima, 1998).

Diante do exposto, a literatura aponta que essas três variáveis podem exercer influência nas variáveis de aculturação (Ouarasse & Van de Vijver, 2005) e, por este motivo, considerou-se prudente avaliar o efeito delas sobre as variáveis deste estudo. Com o objetivo de permitir uma visão mais abrangente dos resultados e excluir ou apresentar algumas possíveis explicações alternativas para os resultados encontrados foi testado um modelo secundário com todas as variáveis do modelo estrutural e com as variáveis de controle: tempo (duração da estadia no Japão), domínio do idioma japonês (grau de habilidade na fala, leitura e escrita) e escolaridade. Importante esclarecer que, tendo em vista que o objetivo principal do estudo era incluir somente variáveis psicológicas, tais variáveis de controle não foram incluídas como variáveis principais no modelo estrutural geral. Porém, como essas variáveis poderiam distorcer os resultados encontrados conforme as evidências teóricas indicam, optou-se por apresentar os resultados do modelo estrutural controlando-se estatisticamente essas variáveis.

Para realizar o controle estatístico das variáveis, cada variável de controle foi incluída no modelo como qualquer outra variável preditora. Conforme apresentado na Tabela 44, os resultados do modelo estrutural secundário com as variáveis de controle indicaram índices de ajuste satisfatórios, com exceção do valor do TLI que foi pouco abaixo do esperado. Como o objetivo não era reespecificar o modelo, nenhuma modificação foi realizada. Na Tabela 45, verifica-se que a variável tempo parece exercer influência somente em uma variável, a orientação de aculturação para a cultura original ( $p < 0,01$ ). Já as variáveis habilidade no idioma e escolaridade não apresentaram relação significativa com nenhuma variável critério.

Observa-se também que as relações entre todas as outras variáveis do modelo não apresentaram alterações significativas com a inclusão das três variáveis de controle, ou seja, o nível de significância e o peso das relações não se alteraram com a inclusão das variáveis de controle.

Diante disso, esses resultados oferecem suporte adicional às relações testadas anteriormente no modelo estrutural geral, demonstrando confiança de que os resultados encontrados no teste do modelo estrutural geral são devido às relações testadas entre as variáveis de pesquisa e não em virtude de variações relacionados ao tempo de estadia no Japão, ao nível de escolaridade e nem em relação ao grau de domínio do idioma japonês.

Tabela 44

*Índices de ajuste do modelo geral secundário*

	$(\chi^2)$	$p$	DF	$\chi^2/DF$	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (LI/LS)
Modelo geral secundário	2052,46	0,000	1224	1,67	0,900	0,892	0,0598	0,041 (0,037/ 0,044)

*Nota:* LI = limite inferior; LS = limite superior

Tabela 45

*Estimativas do modelo estrutural secundário*

	Relação testada	Estimativa não padronizada	Estimativa padronizada	Erro Padrão	Razão Crítica	$p$
Original	<--- Disc	0,135	0,151	0,057	2,363	0,018
Original	<--- Dist_Cult	-0,127	-0,058	0,131	-0,966	0,334
Original	<--- Eng	0,041	0,031	0,093	0,442	0,659
Original	<--- Sup	0,122	0,121	0,067	1,834	0,067
Anfitriã	<--- Dist_Cult	0,097	0,067	0,092	1,055	0,291
Anfitriã	<--- Disc	-0,111	-0,189	0,041	-2,717	0,007
Anfitriã	<--- Eng	0,028	0,033	0,064	0,442	0,658
Anfitriã	<--- Sup	0,056	0,085	0,046	1,240	0,215
Anfitriã	<--- Idioma	0,018	0,108	0,010	1,797	0,072

	Relação testada	Estimativa não padronizada	Estimativa padronizada	Erro Padrão	Razão Crítica	<i>p</i>
( Tabela 45, Cont.)						
Original	<--- Idioma	-0,015	-0,058	0,014	-1,031	0,302
Original	<--- Tempo	0,025	0,204	0,007	3,310	***
Anfitriã	<--- Tempo	0,006	0,080	0,005	1,265	0,206
Anfitriã	<--- Escolar	-0,011	-0,019	0,035	-0,308	0,758
Original	<--- Escolar	-0,061	-0,070	0,051	-1,187	0,235
Adap_Soc	<--- Original	-0,108	-0,140	0,045	-2,393	0,017
Adap_Psi	<--- Original	-0,263	-0,350	0,051	-5,172	***
Adap_Soc	<--- Anfitriã	0,168	0,143	0,072	2,319	0,020
Adap_Psi	<--- Anfitriã	0,195	0,170	0,070	2,793	0,005
Adap_Soc	<--- Disc	-0,327	-0,476	0,054	-6,027	***
Adap_Soc	<--- Dist_Cult	-0,218	-0,130	0,095	-2,303	0,021
Adap_Soc	<--- Eng	0,116	0,115	0,064	1,811	0,070
Adap_Soc	<--- Sup	0,049	0,063	0,045	1,101	0,271
Adap_Psi	<--- Sup	0,102	0,133	0,044	2,324	0,020
Adap_Psi	<--- Eng	0,102	0,103	0,061	1,673	0,094
Adap_Psi	<--- Dist_Cult	-0,029	-0,018	0,084	-0,345	0,730
Adap_Psi	<--- Disc	-0,243	-0,362	0,047	-5,142	***
Adap_Psi	<--- Idioma	0,010	0,050	0,009	1,043	0,297
Adap_Soc	<--- Idioma	-0,004	-0,020	0,010	-0,393	0,695
Adap_Psi	<--- Tempo	0,007	0,077	0,005	1,466	0,143
Adap_Soc	<--- Tempo	0,000	0,002	0,005	0,036	0,972
Adap_Psi	<--- Escolar	0,047	0,072	0,033	1,440	0,150
Adap_Soc	<--- Escolar	-0,049	-0,073	0,035	-1,426	0,154

*Nota:* Dist\_Cult = distância cultural; Eng = engajamento; Original = orientação de aculturação para a cultura original; Anfitriã = orientação de aculturação para a cultura anfitriã; Disc = discriminação; Adap\_Soc = adaptação sociocultural; Adap\_Psi = adaptação psicológica; Sup = suporte social; Tempo = duração da estadia; Idioma = habilidade com o idioma japonês; Escolar = escolaridade; \*\*\* =  $p < 0,001$ .

### 3.4 Discussão

Nesta seção serão apresentadas as discussões relacionadas aos resultados obtidos com os modelos de mensuração, por variável latente, e os resultados referentes ao teste do modelo estrutural. Os resultados encontrados foram confrontados com as hipóteses e objetivos de pesquisa bem como com a literatura relacionada.

## Discussão dos resultados dos modelos de mensuração

Nesta seção serão discutidos os resultados dos modelos de medidas de cada variável latente utilizada na pesquisa (orientações de aculturação para a cultura anfitriã, orientação de aculturação para a cultura original, percepção de discriminação, percepção de distância cultural, estratégia de enfrentamento do tipo engajamento, percepção de suporte social, adaptação psicológica e adaptação sociocultural). Para tanto, utilizar-se-ão os resultados obtidos por meio das técnicas de Análise Fatorial Exploratória (AFE) e Análise Fatorial Confirmatória (AFC), da análise das validades convergente e discriminante bem como pelo valor do índice de fidedignidade encontrado das escalas utilizadas.

### Percepção de discriminação

A percepção de discriminação foi mensurada por uma versão adaptada e traduzida para o português da Escala de Discriminação Percebida (*Perceived Discrimination*) do questionário *Mutual Intercultural Relations in Plural Societies* (MIRIPS) de Berry (2010). Neste estudo, a AFE da escala revelou uma estrutura unifatorial semelhante à encontrada no estudo que deu origem ao instrumento (Berry, 2010) e por Musso et al. (2015). A solução apresentou itens com boas cargas fatoriais (acima de 0,61) e variância total explicada de 55,65%. A AFC da escala apontou que os Itens 4 e 5 apresentavam alta variância compartilhada e optou-se por excluir um dos itens já que apresentavam conteúdos bastante semelhantes. A solução fatorial final ficou composta por quatro itens com índices de ajustes do modelo, validade convergente (cargas fatoriais > 0,5 e VME = 0,5) e confiabilidade aceitáveis (0,77). Esses resultados indicam propriedades psicométricas adequadas com índices de consistência interna satisfatório, porém um pouco mais baixo do que os valores encontrados por Gui, Safdar e Berry (2016) que relataram valor de alfa de Cronbach de 0,84 e os constatados por Musso et al. (2015) que encontraram o valor de 0,81.



Contudo, os resultados desta pesquisa não podem ser considerados conclusivos para o uso deste instrumento em contexto de migração com brasileiros apenas indicam que o instrumento se mostrou consistente para avaliar o construto de discriminação percebida no contexto desta pesquisa sendo, portanto, um instrumento promissor para o uso em situações de migração brasileira. Por ser a primeira aplicação do instrumento no contexto brasileiro, recomenda-se o seu uso em estudos futuros com amostras de migrantes brasileiros em diferentes contextos culturais.

#### Percepção de suporte social

A percepção de suporte social foi operacionalizada pela versão traduzida para o português da Escala de Índice de Suporte Social de *Sojourners (The Index of Sojourner Social Support –ISSS Scale)* (Ong & Ward, 2005). A AFE da escala revelou alguns resultados inconsistentes com a estrutura encontrada pelos autores da escala. Inicialmente, a técnica da análise paralela indicou que apenas um fator deveria ser retido, diferentemente da estrutura bifatorial encontrada pelos autores. Com base nestas informações e diante dos resultados da análise paralela, foram realizadas duas AFE's e duas AFC's da escala com um fator e da escala com dois fatores. Os resultados da AFE da estrutura com dois fatores revelaram problemas relacionados à validade discriminante da estrutura encontrada, já que os dois fatores apresentaram alta variância compartilhada ( $r = 0,77$ ). Diante desses resultados, a AFE da escala com um fator fixo foi realizada e revelou uma estrutura parcimoniosa com itens com cargas fatoriais superiores a 0,69 e que explicam juntos 65,81% da variância total. Os resultados da AFC das duas soluções foram inicialmente insatisfatórios. Ao levar em consideração os resultados de ambas as análises (exploratória e confirmatória) das duas soluções e dos resultados do cálculo da validade discriminante que apontou problemas na distinção entre os dois fatores, optou-se pelo modelo unifatorial. A solução unifatorial final

ficou composta por 10 itens, sendo oito itens originalmente do fator Suporte Instrumental e dois itens do fator Suporte Socioemocional. Apesar de uma redução significativa, oito itens a menos do que a solução original, a escala apresentou índices de ajustes satisfatórios, alta validade convergente (cargas fatoriais  $>0,5$  e VME = 0,7) e alta consistência interna ( $\alpha = 0,95$ ). Uma possível explicação para os resultados inconsistentes encontrados inicialmente pode ser atribuída ao fato de que a amostra estudada interpretou os itens de maneira bastante semelhante, sem fazer distinção entre suporte socioemocional e suporte instrumental. Em outras palavras, sugere-se que houve viés de construto (Smith et al., 2013) em que determinado construto é entendido e conceitualizado diferentemente em contextos culturais distintos.

Em uma pesquisa utilizando a mesma escala com uma amostra de imigrantes mexicanos nos Estados Unidos, Rhodes et al. (2013) também relatou problemas relacionados à validade discriminante dos fatores desta escala ao encontrar três itens com cargas cruzadas. Uma das explicações oferecidas pelos autores é de que essas cargas cruzadas podem ser relacionadas ao fato de que os itens foram interpretados de maneira diferente pelos participantes latinos. Os itens que eram originalmente de um fator podem ter sido interpretados como se fossem do outro fator. Os autores recomendaram revisão da tradução para o espanhol e também sugeriram, para as pesquisas futuras com a escala, realizar entrevistas cognitivas com o objetivo de compreender os processos utilizados pelos participantes para interpretar e responder cada item. Além disto, os autores ressaltaram que no estudo original a escala foi aplicada em participantes com alto nível de escolarização (estudantes de graduação ou com graduação completa) e, no caso da pesquisa deles, a amostra era composta por 75% de participantes com menos do que o Ensino Médio. Com base nessas informações e tendo em vista que a amostra deste estudo também é menos

escolarizada do que a amostra do estudo original, supõe-se que a escala seja mais bem adaptada a uma população mais escolarizada.

Contudo, apesar da solução encontrada neste estudo apresentar-se diferente da estrutura do estudo original verificou-se que a escala apresentou propriedades psicométricas satisfatórias e adequação à amostra pesquisada. Vale lembrar que os próprios autores da escala admitiram a solução unifatorial da escala conforme o objetivo e características do estudo. Entretanto, sugere-se que a escala seja aplicada em populações diferentes de migrantes brasileiros (imigrantes, expatriados e estudantes internacionais) com o objetivo de confirmar a estrutura fatorial do instrumento e acrescentar evidências de validade da escala para o contexto de migração e para a população de brasileiros.

#### Estratégia de Enfrentamento de Engajamento

A estratégia de enfrentamento de engajamento foi mensurada pela versão traduzida da sub-escala da Escala de Enfrentamento Transcultural (*The Cross-Cultural Coping Scale-CCCS*) desenvolvida por Kuo et al. (2006). A AFE revelou uma solução unifatorial da sub-escala de Enfrentamento de Engajamento que ficou composta por oito itens com cargas fatoriais superiores a 0,45 e juntos explicam 41,76% da variância total. A AFC da escala revelou alta covariância entre os erros dos Itens 5 e 8 e por apresentarem conteúdos bastante semelhantes, optou-se pela exclusão de um dos itens. A solução unifatorial final ficou composta por sete itens com índices de ajuste satisfatórios. Neste estudo, o instrumento apresentou problemas relacionados à validade convergente, sugerindo dúvidas sobre a representatividade dos itens da escala para mensurar o construto de estratégia de enfrentamento do tipo engajamento na amostra estudada. Assim, recomenda-se que o instrumento e o construto avaliado sejam revisados teórica e empiricamente em outros contextos. A análise da consistência interna do instrumento revelou um valor de alfa de

Cronbach de 0,76, semelhante ao do estudo original realizado por Kuo et al. (2006) que relatou um valor de alfa de Cronbach de 0,77 e valor superior ao encontrado em outro estudo conduzido por Kuo, Soucie, Huang e Laith (2017) que descreveu um valor de 0,69.

Em síntese, apesar dos resultados da análise da VME, os valores dos pesos fatoriais padronizados (cargas fatoriais  $> 0,5$ ), o valor do índice de confiabilidade e os resultados satisfatórios da AFE e da AFC apontaram que o instrumento apresentou evidências de validade suficientes para sua manutenção no modelo tendo em vista os propósitos deste estudo. A presente pesquisa conduziu análises psicométricas iniciais da sub-escala para o contexto brasileiro e concluiu-se que a escala utilizada apresentou características psicométricas satisfatórias e adequadas aos objetivos do estudo e à amostra estudada tendo em vista que o instrumento aponta evidências de que avalia o que se propõe a avaliar. Entretanto, sugere-se que o instrumento seja mais bem explorado em pesquisas futuras que busquem apresentar novas evidências de validade do instrumento em outros contextos de migração brasileira.

#### Orientação de aculturação

A orientação de aculturação foi operacionalizada pela versão em português da Escala Breve de Orientação de Aculturação (*The Brief Acculturation Orientation Scale - BAOS*) de Demes e Geeraert (2014). A AFE da escala revelou coerência empírica com os resultados encontrados pelos autores da escala e com as expectativas teóricas do construto de orientação de aculturação. A solução encontrada ficou composta por dois fatores, sendo quatro itens para cada fator, que juntos explicam 55,84% da variância total. A AFC apontou problemas iniciais em alguns índices de ajuste do modelo de mensuração que ocasionou à uma reespecificação do modelo. A análise dos índices de modificação permitiu identificar que os Itens 5 e 6 compartilhavam alta variância. Com a finalidade de obter um modelo mais parcimonioso,

optou-se pela exclusão do Item 5, com menor carga fatorial. A solução final apresentou adequados índices de ajuste, porém, revelou problemas com a validade convergente nos dois fatores da escala ao considerar os valores da VME. Contudo, os valores dos pesos fatoriais padronizados encontrados foram significativos e acima de 0,5, indicando validade convergente. Diante disso, os valores ligeiramente abaixo do aceitável para demonstrar a validade convergente do instrumento pela VME sugerem que mudanças devem ser implementadas no instrumento ou, ainda, que seja realizada uma revisão teórica sobre o construto de orientação de aculturação. Apesar desse índice abaixo do esperado, o instrumento apresentou valores adequados de consistência interna, sendo 0,74 para o fator de orientação para a cultura original e 0,69 para o fator de orientação para a cultura anfitriã, valores semelhantes aos encontrados pelos autores da escala (Demes & Geeraert, 2014). Nas versões traduzidas do instrumento, os autores encontraram que o valor do alfa de Cronbach do fator de orientação para a cultura original variou de 0,70 a 0,86 e para o fator de orientação para a cultura anfitriã variou de 0,61 a 0,89. Na versão em português, os autores relataram que o valor de alfa de Cronbach foi de 0,77 para a orientação para a cultura original e 0,61 para a orientação para a cultura anfitriã.

Em síntese, apesar dos valores relativamente baixos de confiabilidade e a questionável validade convergente, os resultados indicaram evidências de precisão do instrumento para os objetivos do estudo visto que foram encontradas características psicométricas satisfatórias. Neste estudo, o instrumento revelou cumprir o seu objetivo de medir o construto de orientação de aculturação, distinguindo adequadamente a orientação para a cultura anfitriã e orientação para a cultura original já que apresentou adequada validade discriminante, e apresentou características semelhantes às encontradas pelos autores da escala e por outros pesquisadores (S. T. Costa, 2016). Outrossim, recomenda-se a utilização deste instrumento em outras pesquisas com amostras diferentes da utilizada com o objetivo de acrescentar

outras evidências de validade do instrumento para a população brasileira em situação de migração.

#### Percepção de distância cultural

O construto de percepção de distância cultural foi mensurado pela versão em português da Escala Breve de Percepção de Distância Cultural (*The Brief Perceived Cultural Distance* - BPCD) de Demes e Geeraert (2014). Inicialmente, os resultados da técnica da análise paralela apontaram para uma solução bidimensional da escala, contrariando a unidimensionalidade encontrada em estudos anteriores com o instrumento (Demes & Geeraert, 2014). Duas AFE's foram conduzidas, uma com um fator fixo e outra com dois fatores. A solução mais parcimoniosa foi a solução com um fator fixo, porém com três itens a menos do que a estrutura original. Para confirmar a solução encontrada na AFE, uma AFC com os nove itens foi realizada. A AFC revelou índices insatisfatórios, o que resultou em uma reespecificação do modelo. Os índices de modificação revelaram alta correlação entre os erros dos Itens 3 e 4 e optou-se pela exclusão do item com menor carga fatorial. A solução final com oito itens apresentou índices de ajuste satisfatórios e adequados à amostra pesquisada. Porém, a análise dos VME da escala revelou problemas relacionados à validade convergente, sugerindo que o instrumento necessita ser reavaliado. No entanto, os pesos fatoriais padronizados indicaram adequada validade convergente (cargas fatoriais > 0,5). Além disso, a exclusão de quatro itens do instrumento não comprometeu a confiabilidade do instrumento ( $\alpha = 0,81$ ).

Em síntese, este instrumento mostrou-se consistente para medir o construto de percepção de distância cultural no presente estudo. Entretanto, recomenda-se que o instrumento seja replicado em outros contextos de pesquisas envolvendo migrantes

brasileiros para que a estrutura fatorial do instrumento seja confirmada tendo em vista os resultados inconsistentes iniciais e para que outras evidências de validade sejam exploradas.

#### Adaptação Psicológica

A adaptação psicológica foi operacionalizada pela versão em português da Escala Breve de Adaptação Psicológica (*The Brief Psychological Adaptation Scale – BPAS*) construída por Demes e Geeraert (2014). As análises iniciais da escala indicaram que apenas um fator deveria ser retido, confirmando as expectativas teóricas e empíricas sobre o construto e sobre o instrumento. A AFE revelou que a solução com um fator fixo se apresentou satisfatória, com exceção do Item 4 que apresentou baixa comunalidade e foi excluído da análise. A solução final revelou itens representativos (cargas fatoriais acima de 0,54) e com 52,75% de variância total explicada. A AFC inicial do instrumento resultou em índices de ajustes insatisfatórios ocasionando na análise dos índices de modificação. Após análise, três itens foram excluídos e a solução final apresentou índices que demonstram bom ajuste aos dados.

Apesar de uma redução significativa do número de itens do instrumento original de oito para quatro itens, a escala mostrou-se fidedigna ( $\alpha = 0,73$ ) para avaliar o construto de adaptação psicológica na amostra estudada. Este valor de fidedignidade é compatível com os valores encontrados nos estudos da construção do instrumento conduzidos por Demes e Geeraert (2014) que relataram valores entre 0,71 e 0,80 e, em pesquisas de outros autores (Rose, 2016; S. T. Costa, 2016) que constataram um valor de alfa de Cronbach de 0,70 e 0,77, respectivamente. Além disso, mesmo diante de uma escala com número de itens relativamente pequeno, verifica-se que o número de itens está dentro das recomendações de Costello e Osbourne (2005) que afirmam que um fator deve ter pelo menos três itens e de cinco ou mais itens com cargas fatoriais acima de 0,50 para ser considerado um fator sólido.

Esses autores ressaltam a possibilidade de redução do número de itens de um fator e a manutenção de um fator forte com itens representativos, caso haja um banco de dados extenso. Neste presente estudo, a escala ficou composta por quatro itens que indicam boa representatividade já que possuem cargas fatoriais acima de 0,54.

Uma possível explicação para a redução do número de itens e a relativa manutenção do valor da confiabilidade pode estar relacionado ao fato de que, para a amostra pesquisada, os itens excluídos podem ter sido considerados supérfluos ou repetitivos pelos respondentes e os itens que permaneceram podem ser considerados suficientes para representar o construto em questão. Assim, para cada par de itens, estar empolgado e feliz, sentir-se fora do lugar e sentir-se frustrado, sentir-se sozinho sem a família e com saudades de casa, os itens possivelmente foram interpretados como sendo sinônimos e a diferenciação entre eles talvez requeresse um grau de compreensão ou abstração mais refinado.

Contudo, a versão final da escala apresentou propriedades psicométricas adequadas para este estudo apresentando-se como um instrumento fidedigno para mensurar a adaptação psicológica neste contexto de pesquisa. Recomenda-se que pesquisas futuras explorem a questão da estrutura fatorial da escala e que acrescentem novas evidências de validade da escala para o contexto brasileiro.

### Adaptação Sociocultural

O construto de adaptação sociocultural foi mensurado pela Escala Breve de Adaptação Sociocultural (*The Brief Sociocultural Adaptation Scale - BSAS*) desenvolvida por Demes e Geeraert (2014). Os resultados da análise paralela indicaram que dois fatores deveriam retidos contrastando com a solução encontrada pelos autores da escala. Cabe mencionar, entretanto, que a mesma situação ocorreu com a escala de Percepção de Distância Cultural (Demes & Geeraert, 2014), em que era esperado apenas um fator e a técnica da



análise paralela indicou a retenção de dois fatores. Conforme já descrito, os dois instrumentos apresentam exatamente os mesmos itens, com diferença apenas na pergunta inicial de cada instrumento. Logo, resultados semelhantes são esperados para ambas as escalas. Diante dos resultados inconsistentes, duas AFE's foram conduzidas, uma com um fator e outra com dois fatores fixos. Assim como ocorreu com a escala de distância cultural, a escala de adaptação cultural com dois fatores não apresentou uma estrutura parcimoniosa, revelando itens com cargas compartilhadas e alta correlação entre os dois fatores. A solução com um fator apresentou-se mais plausível para esta amostra, sendo que um item apresentou baixa comunalidade. A solução final com 11 itens apresentou itens com cargas fatoriais acima de 0,45, capazes de explicar 38,54% da variância total. A análise fatorial confirmatória inicial da escala indicou problemas de ajuste do modelo. O modelo reespecificado com nove itens apresentou índices de ajustes satisfatórios. Foram encontrados problemas relacionados à validade convergente da escala sugerindo que a escala necessita ser reavaliada em outros contextos. Apesar do índice de validade convergente baseado no VME ter sido abaixo do esperado, o instrumento apresentou pesos padronizados significativos e acima de 0,5 e adequada confiabilidade ( $\alpha = 0,82$ ). Este valor encontrado encontra-se dentro do esperado tendo em vista os valores de 0,79 a 0,91 relatados por Demes e Geeraert (2014) e de 0,80 constatado por S. T. Costa (2016).

Em síntese, esses resultados indicaram que a escala de adaptação sociocultural utilizada se mostrou adequada para os objetivos deste estudo e para a amostra avaliada. Entretanto, diante dos resultados inconsistentes encontrados inicialmente com a escala, sugere-se que novos estudos conduzidos em diferentes contextos de migração brasileira sejam realizados com o instrumento a fim de confirmar a estrutura da escala e adicionar evidências de validade para o contexto de migração brasileira.

### **Discussão das escalas utilizadas neste estudo**

Existem vários argumentos contrários e a favor de se empregar instrumentos construídos em outros contextos culturais. As vantagens de se utilizar um instrumento já construído e utilizado em outras culturas é inicialmente relacionado à validade de face ou aparente e à economia de tempo e recursos (He & Van de Vijver, 2012). Contudo, mais do que isso, utilizar um instrumento em um outro contexto permite comparações entre amostras de diferentes culturas (Borsa et al., 2012), aspecto tão valorizado pela Psicologia Transcultural (He & Van de Vijver, 2012), área teórica que fundamenta este trabalho. Por outro lado, Smith et al. (2013) alertam que utilizar um instrumento que é válido em um outro contexto pode trazer alguns riscos à pesquisa. Quando transpostos ao outro ambiente, tais instrumentos podem não gerar escores comparáveis. Mas mesmo diante de escores comparáveis, há uma série de vieses que podem afetar a qualidade da mensuração. Assim, um construto psicológico pode ser compreendido e conceitualizado de maneira distinta no outro contexto cultural, diferenças no ambiente de testagem podem afetar a objetividade da mensuração ou, ainda, as amostras utilizadas nos diferentes estudos podem não ser comparáveis. Esses e outros vieses comprometem a objetividade de uma mensuração e qualidade de uma pesquisa (Smith et al., 2013).

Conforme já exposto, a escolha das escalas utilizadas nesta pesquisa seguiu critérios baseados nos objetivos específicos deste estudo, nas características psicométricas das escalas e também no fato de que estes instrumentos foram utilizados em diversas pesquisas transculturais, o que poderia permitir comparações com outros estudos e avanços nas teorias sobre aculturação. No que tange às desvantagens, este estudo buscou atender aos critérios e etapas de adaptação cultural de instrumentos recomendados pela literatura (Beaton et al., 2000) e, assim, minimizar os possíveis problemas relacionados ao uso de instrumentos

originários de outra cultura. Entretanto, algumas inconsistências com os resultados encontrados por outros autores foram encontradas e discutidas ao longo deste trabalho.

Além disso, ao realizar modificações nas estruturas dos instrumentos originais, este estudo passou a trabalhar no modo exploratório e não mais confirmatório conforme defende Byrne (2005). Apesar de não existirem regras claras e rígidas para guiar a decisão do pesquisador sobre a questão das modificações dos modelos de medida, neste estudo optou-se pelo critério da parcimônia e agiu-se guiado por questões não puramente estatísticas, mas também teóricas para conduzir as modificações nas estruturas originais dos instrumentos utilizados. Outrossim, ao invés de manter um modelo a todo custo, com parâmetros com pouca representatividade ou, ainda, com parâmetros que dificilmente seriam replicados em estudos futuros, este estudo buscou produzir um modelo com parâmetros suficientes que representassem adequadamente os dados.

Em síntese, mesmo diante de algumas inconsistências, conclui-se que os resultados encontrados nesta pesquisa indicam que os instrumentos utilizados cumpriram adequadamente o papel de mensurar de maneira consistente o que se propõem a mensurar. Tais resultados não podem ser considerados conclusivos para o contexto de migração brasileira, apenas apresentam evidências de validade para o contexto de migração em questão. Recomenda-se que os instrumentos utilizados nesta pesquisa sejam melhor explorados em outros contextos de migração brasileira envolvendo diferentes tipos de migrantes com a finalidade de acrescentar outras evidências de validade.

### **Discussão dos resultados do Modelo Estrutural**

Nesta seção serão discutidos os resultados das relações estruturais testadas no Estudo 2. Para tanto, serão lembradas as hipóteses de pesquisas e, a partir delas, os resultados encontrados foram interpretados e comparados com a literatura.

H1) Quanto maior a percepção de discriminação, menor será a adaptação psicológica (H1a) e a sociocultural (H1b): corroborada.

A literatura apresentada nesta tese sugere que a relação entre a percepção de discriminação e consequências psicológicas negativas está presente em diversos contextos sociais. Para exemplificar, citam-se as duas meta-análises realizadas por Schmitt, Branscombe, Postmes e García (2014) que examinaram a relação entre percepção de discriminação e bem-estar psicológico em pesquisas correlacionais ( $N = 144.246$ ) e experimentais ( $N = 2.640$ ) conduzidas com diversos grupos, em especial, minorias e grupos estigmatizados. Os resultados encontrados nesse estudo oferecem suporte robusto para os efeitos nocivos da percepção de discriminação sobre o bem-estar psicológico em diversos grupos e situações sociais. No contexto de migração, a percepção de receber um tratamento desigual ou ser maltratado por razões culturais tem sido consistentemente associada a um declínio do bem-estar psicológico (Liebkind & Jasinskaja-Lahti, 2000) e comprometimento da vida social (Ward et al., 2001).

Estudos com brasileiros no Japão também têm apontado para essa mesma direção (Tsuda, 2000; Yano, 2013). Em uma pesquisa conduzida em 2000 e 2001 com 313 brasileiros trabalhadores no Japão, Asakura, Gee, Nakayama e Niwa (2008) encontraram que a percepção de discriminação étnica no contexto do trabalho estava associada a maiores problemas psicológicos, baixa avaliação do estado de saúde e maior frequência de sintomas somáticos. Em outro estudo mais recente, Michida (2016) entrevistou 38 brasileiros descendentes de japoneses que apontaram diversos estressores comuns em situações de migração tais como solidão, isolamento e desafios linguísticos. Além desses fatores, eles também identificaram estressores ligados diretamente às reações diante de suas identidades culturais. De acordo com esses participantes, o fato de serem brasileiros foi motivo suficiente

para receberem demonstrações de preconceito e discriminação por parte da população japonesa. Demonstrações sutis, expressas em comentários depreciativos sobre o Brasil como ser um país de “terceiro mundo” ou mais claramente percebidas pelas inúmeras barreiras sociais invisíveis impostas aos brasileiros. Essa percepção de discriminação étnica foi associada às consequências psicológicas negativas como sentimentos de inferioridade, exclusão e inadequação à cultura japonesa.

Os resultados encontrados no presente estudo corroboram esses achados da literatura e confirmam as hipóteses de pesquisa ao revelar que os brasileiros que percebem discriminação devido à sua origem cultural apresentam menores graus de adaptação psicológica e adaptação sociocultural. Esses resultados revelam que a qualidade da relação entre japoneses e brasileiros pode estar comprometida e essa situação está associada a prejuízos à saúde emocional e à vida social dos brasileiros que residem no país. Outro exemplo dessa situação no contexto em que este estudo foi aplicado é a pesquisa conduzida pelo Ministério da Justiça do Japão publicada no início de 2017 (“Um em cada”, 2017). A pesquisa realizada com 4252 estrangeiros residentes no Japão revelou que uma a cada três pessoas relatou ter sofrido ou sofrer algum tipo de discriminação devido à sua nacionalidade. Os casos de discriminação foram mais frequentemente associados às situações de trabalho em que os participantes relataram receber comentários depreciativos e redução de oportunidade de trabalho e salário pelo fato de serem estrangeiros. A pesquisa também apontou que, frequentemente, casos de discriminação foram associados à busca por moradia, em que estrangeiros foram impedidos de morar em determinado local devido à nacionalidade (“Um em cada”, 2017). Dessa forma, observa-se que a percepção de discriminação não se limita ao grupo de imigrantes brasileiros, mas parece se estender a vários grupos estrangeiros que percebem este tratamento desigual por parte da sociedade japonesa. Importante ressaltar que as consequências dessa relação

hostil têm sido percebidas em situações essenciais da vida, como as que envolvem o trabalho e moradia, tornando a vida desses estrangeiros mais difícil nesse país.

H2) A percepção de discriminação se relacionará positivamente com a orientação de aculturação para a cultura original (H2a) e negativamente com a orientação de aculturação para a cultura anfitriã (H2b): corroboradas.

Os resultados encontrados confirmam as hipóteses descritas indicando que a percepção de discriminação afeta positiva e significativamente a orientação de aculturação para a cultura original e negativa e significativamente a orientação para a cultura anfitriã. Isso implica que quanto mais o indivíduo percebe discriminação, mais ele tende a se envolver e se identificar com a sua cultura de origem e menos com a cultura receptora. Essa relação encontrada pode ser explicada pela Teoria de Identidade Social (Tajfel & Turner, 1979). De acordo com essa teoria, contextos sociais diferentes ativam a identidade grupal dos seus membros e o desejo de proteção da autoestima e alcance de uma identidade social distinta e positiva (Tajfel & Turner, 1979). Com base nessa abordagem, entende-se que a forma como os brasileiros percebem o tratamento dos japoneses tem consequências diretas na maneira como eles se relacionam com a cultura japonesa e com a cultura brasileira, ou seja, nas orientações de aculturação. Por serem vistos como vítimas de discriminação, verifica-se que a relação com os japoneses e com a cultura japonesa é minimizada e a relação e identificação com a cultura brasileira é salientada. Se antes, essa relação com a cultura original não era tão saliente, entrar em contato com a cultura japonesa e, ainda, perceber-se como vítima de discriminação, faz com que os brasileiros busquem na sua cultura de origem formas de proteger sua autoestima e distinguir-se daqueles que lhes causam danos à sua identidade cultural.

Estudos recentes têm fornecido significativas evidências para o fato de que perceber-se como alvo ou vítima de discriminação por membros do grupo dominante reforça a identidade/orientação étnica, frequentemente resultando em comunidades étnicas segregadas (Birman, Trickett & Vinokurov, 2002; Nauck, 2001). No contexto desta pesquisa, vários autores apontaram para essa situação de separação no contexto de migração brasileira no Japão (E. M. Sasaki, 1999; Tsuda, 2000; Scottham & Dias, 2010). Para Michida (2016), a reafirmação da identidade brasileira surge como resposta ao antagonismo interpessoal e às situações de marginalização social e cultural que vivenciam os brasileiros no Japão.

H3) Quanto maior a percepção de suporte social, maior será a adaptação psicológica (H3a) e a sociocultural (H3b): H3a corroborada; H3b refutada.

Os resultados encontrados neste estudo indicam uma relação positiva e significativa entre a percepção de suporte social e adaptação psicológica e uma relação positiva, mas não significativa entre percepção de suporte social e adaptação sociocultural. Deste modo, a Hipótese H3a foi confirmada, porém a H3b, embora na direção esperada, não foi estatisticamente significativa.

Numerosas pesquisas da Psicologia e das ciências da saúde têm identificado a percepção de suporte social como um dos fatores psicossociais que mais influenciam a saúde física e mental (Van der Zee et al., 1997; Thomas & Choi, 2006). Em diversos contextos, as pesquisas apontam repetidamente que as pessoas casadas, com famílias e amigos possuem melhor bem-estar físico e psicológico. O contrário tem sido associado a um número maior de mortalidade, depressão e outras consequências físicas e psicológicas negativas (Cohen & Wills, 1985). Dessa maneira, os resultados desta pesquisa confirmam as direções apontadas pela literatura sobre a influência positiva entre percepção de suporte social no conforto

psicológico e falha em comprovar a relação direta entre percepção de suporte social e adaptação sociocultural.

O fato de a adaptação psicológica e a adaptação sociocultural serem variáveis inter-relacionadas (Ward & Kennedy, 1993) e tendo em vista as evidências sobre o papel do suporte social na adaptação sociocultural (Wang et al., 2015), assumiu-se que a percepção de suporte social influenciaria positivamente a adaptação sociocultural. Cabe mencionar que na literatura de aculturação, observa-se que a relação entre suporte social e adaptação psicológica, que incluem variáveis de bem-estar ou associadas às emoções, tem sido mais frequentemente testada e verificada do que a relação entre suporte social e adaptação sociocultural, que inclui variáveis comportamentais. Essa situação pode ser atribuída ao fato de que o construto adaptação psicológica fundamenta-se na teoria do estresse e enfrentamento (Lazarus & Folkman, 1984) que tem associado tradicionalmente o suporte social a respostas emocionais ou afetivas (Cohen & Wills, 1985).

Resultados semelhantes ao deste estudo foram relatados na pesquisa conduzida por Brisset, Safdar, Lewis e Sabatier (2010) em que também não foi encontrada uma relação significativa entre satisfação com o suporte social e adaptação sociocultural. Importante enfatizar que esses pesquisadores não utilizaram uma medida de percepção de suporte social e sim de satisfação com suporte social e os resultados inconsistentes foram encontrados na amostra de estudantes franceses do primeiro ano de faculdade se adaptando ao universo acadêmico e não em uma amostra de migrantes internacionais. Entretanto, esses resultados inconsistentes sugerem a necessidade que novos estudos sejam conduzidos com amostras de migrantes a fim de confirmar a relação entre suporte social e adaptação sociocultural.



H4) A percepção de suporte social se relacionará positivamente com a orientação de aculturação para a cultura original (H4a) e com a orientação de aculturação para a cultura anfitriã (H4b): refutadas.

As Hipóteses H4a e H4b não foram corroboradas uma vez que a relação entre a percepção de suporte social e as duas variáveis (orientação de aculturação para a cultura original e a orientação de aculturação para a cultura anfitriã) não foram estatisticamente significativas. Sugere-se que os resultados inconsistentes encontrados envolvendo estas variáveis podem ser atribuídos às questões de mensuração. O fato de medir a percepção de suporte social sem diferenciação entre suporte social do grupo étnico e do grupo anfitrião, mas sim de suporte social geral, pode ter gerado respostas indiferenciadas que possivelmente são determinantes em relações como essas.

Entretanto, vale mencionar novamente a mesma pesquisa anteriormente citada de Brisset et al. (2010) que mediram separadamente a satisfação com o suporte social do grupo anfitrião e a satisfação com o suporte social do grupo étnico e, apesar disso, não encontraram evidências para a relação entre satisfação com suporte social (de ambos os grupos) e identificação com a cultura anfitriã e com a cultura étnica. Os autores concluíram que o grau de satisfação com suporte social do grupo étnico nem sempre está relacionado com a identificação étnica e a satisfação com o suporte social do grupo anfitrião nem sempre se relaciona com a identificação com a cultura anfitriã. Importante notar que a pesquisa utilizou variáveis ligeiramente diferentes da utilizadas neste estudo, porém não deixa de indicar que talvez a relação entre suporte social e identificação ou orientação cultural ainda não esteja clara ou de fato o efeito não pode ser observado neste contexto assim como no estudo de Brisset et al. (2010).

H5) Quanto maior a percepção de distância cultural, menor será a adaptação psicológica (H5a) e a sociocultural (H5b): H5a refutada; H5b confirmada.

A Hipótese H5a não foi confirmada uma vez que a relação entre a percepção de distância cultural e adaptação psicológica foi não-significativa. Já a Hipótese H5b foi corroborada visto que a relação entre a percepção de distância cultural e adaptação sociocultural foi negativa e estatisticamente significativa. Isso significa que perceber diferenças entre o país original e o país anfitrião influencia somente as questões mais práticas e comportamentais da adaptação cultural e parece não influenciar questões que envolvam sentimentos e emoções. As grandes diferenças culturais entre o Brasil e o Japão percebidas pelos brasileiros afetam de maneira significativa o grau de dificuldades no dia-a-dia no país nipônico, seja para adequar-se aos aspectos mais objetivos da cultura como a alimentação e as vestimentas, até os mais subjetivos como ajustar-se às normas sociais e aos valores culturais de um país tão distinto do Brasil.

Essa questão abre espaço para o papel da aprendizagem e competência cultural no manejo das situações de deslocamento intercultural. A abordagem da aprendizagem cultural (Argyle, 1969) assume que os problemas comportamentais estão associados diretamente à ausência ou falha nas habilidades em lidar com as demandas contextuais. No contexto da aculturação, as dificuldades relacionadas à adaptação cultural emergem devido à falta de habilidade de gerenciar as novidades culturais (Bochner, 1972). A adaptação cultural se faz possível com o aprendizado de habilidades culturais específicas que são requeridas no novo contexto social, ou seja, quando o indivíduo expressa competência cultural. Tais habilidades estão relacionadas ao aprendizado do idioma, dos estilos de comunicação, assim como das regras, convenções e normas. Diante disso, o fato do Japão ser um país bastante distinto do Brasil em diversos aspectos exige que os novos moradores desenvolvam habilidades que são claramente diferentes das capacidades demandadas no Brasil e, por meio deste estudo,

confirmou-se que essas diferenças têm sido associadas a um acréscimo nas dificuldades da vida dos brasileiros que residem no país.

Embora a revisão de literatura descrita apontasse mais claramente para a relação entre a percepção de distância cultural e a adaptação sociocultural (Searle & Ward, 1990), a interrelação entre as duas variáveis fez supor que a relação entre distância cultural e adaptação psicológica também poderia ser confirmada. Todavia, reafirmando os achados da literatura, a distância cultural se confirmou como preditora somente da adaptação sociocultural e não da adaptação psicológica. O fato de as duas medidas, de distância cultural e adaptação sociocultural, possuírem os mesmos itens, alterando apenas as perguntas, reforça ainda mais a relação existente entre elas.

H6) A percepção de distância cultural influenciará positivamente a orientação para a cultura original (H6a) e negativamente a orientação para a cultura anfitriã (H6b): refutadas.

As duas hipóteses não foram confirmadas. Embora estudos apontem para uma relação positiva entre distância cultural e orientação para a cultura original e uma relação negativa entre distância cultural e orientação para a cultura anfitriã (Suanet & Van de Vijver, 2009), assim como este presente estudo, outras pesquisas também não confirmaram essa relação. A pesquisa realizada por Lineberry (2012) com expatriados estadunidenses também não encontrou relação significativa entre duas medidas de distância cultural, a percepção de distância cultural e o índice de distância cultural, e o engajamento na cultura anfitriã. Os autores discutiram esses resultados em termos de problemas relacionados à distribuição amostral dos participantes nos países pesquisados e também sugeriram como resposta alternativa o fato de que os países mais culturalmente distantes podem oferecer mais barreiras para a manutenção da cultura étnica estrangeira.

Os resultados deste presente estudo sugerem que o fato de o indivíduo perceber ou não diferenças entre o seu país e o país anfitrião não influencia a maneira como ele irá se relacionar com a sua cultura ou com a cultura anfitriã. O Japão e o Brasil são países bastante diferentes em diversos aspectos, porém essa diferença parece não exercer influência na maneira como os brasileiros se relacionam com a cultura brasileira e com a cultura japonesa. Recomenda-se que pesquisas futuras que relacionem a distância cultural e as orientações de aculturação busquem confirmar a relação entre essas variáveis.

H7) As estratégias de enfrentamento baseadas no engajamento influenciarão positivamente a adaptação psicológica (H7a) e a adaptação sociocultural (H7b): refutadas.

Embora haja evidências empíricas relacionando as estratégias de enfrentamento mais ativas e focadas no problema ao bem-estar emocional e ajustamento cultural positivo (Kuo, 2014), este estudo não confirmou as relações entre a estratégia de enfrentamento de engajamento e adaptação psicológica e a adaptação sociocultural. Possíveis explicações para esses resultados podem ser atribuídas a alguns fatores: 1) alguma característica sociodemográfica (por exemplo, *status* socioeconômico) da amostra pesquisada que poderia exercer influência na relação não foi controlada, 2) alguma relação que seja específica ao contexto desta pesquisa não foi testada, por exemplo, o papel moderador ou mediador da variável suporte social nas relações entre as variáveis antecedentes e consequentes, 3) a correlação da variável engajamento com a variável suporte social (0,44) pode ter diminuído o efeito da variável engajamento, e 4) o estilo de enfrentamento de engajamento pode não exercer influência nas variáveis de adaptação no contexto analisado. Dentre essas possibilidades, acredita-se que esta última seja a menos plausível face às evidências empíricas apontadas em diversos estudos (Cross, 1995; Ward & Kennedy, 2001; Kuo, 2014).

Pesquisas futuras poderão confirmar a relação entre essas variáveis em amostras de brasileiros em contexto de migração.

H8) As estratégias de enfrentamento de engajamento se relacionarão positivamente com a orientação para a cultura original (H8a) e com a orientação para a cultura anfitriã (H8b): refutadas.

Estudos apontam que os estilos de enfrentamento mais ativos se relacionam positivamente com a segregação (orientação para a cultura original), assimilação (orientação para a cultura anfitriã) ou integração (orientação para ambas as culturas) (Schmitz, 1992). Entretanto, apesar dos resultados encontrados apontarem que a estratégia de enfrentamento de engajamento se relaciona positivamente com a orientação para a cultura anfitriã e com a orientação para a cultura original, ou seja, ocorreram na direção esperada, os resultados não foram estatisticamente significativos.

Os resultados insatisfatórios deste estudo podem estar associados aos diferentes graus de aculturação que possivelmente estão presentes na amostra estudada. Para exemplificar, cita-se o trabalho de Noh e Kaspar (2003) com imigrantes coreanos em Toronto. Nessa pesquisa, os resultados apontaram que a estratégia de enfrentamento baseada na solução de problemas atuou como moderadora eficaz para amenizar o efeito da percepção de discriminação na depressão em imigrantes com graus mais elevados de aculturação. No entanto, para os coreanos com graus mais baixos de aculturação, a estratégia de enfrentamento baseada na solução de problemas não apresentou o mesmo efeito. De maneira semelhante, sugere-se que o efeito não encontrado neste presente estudo pode ser atribuído à ausência de controle ou diferenciação entre os graus de aculturação existentes na amostra pesquisada. Por se tratar de uma amostra bastante heterogênea em termos de tempo de residência no Japão, profissão, graus de descendência japonesa e em relação a vários outros

aspectos que poderiam influenciar o grau de aculturação no país, sugere-se que esta variabilidade tenha exercido influência na eficácia do estilo de enfrentamento de engajamento no contexto pesquisado. Acredita-se que o efeito do engajamento para migrantes com baixo grau de envolvimento com a cultura anfitriã e a cultura original pode ser significativamente diferente do efeito em migrantes com alto grau de envolvimento com ambas as culturas. Assim, a eficácia do efeito do enfrentamento de engajamento pode depender do grau de aculturação da amostra estudada. Finalmente, ressalta-se que a relação entre estratégias de enfrentamento e orientações de aculturação é bastante complexa já que migrantes com níveis distintos de experiências na cultura anfitriã podem exibir diferentes graus ou tipos de enfrentamento do estresse devido aos estímulos contextuais a que são submetidos, aos valores e expectativas individuais e aos recursos disponíveis a cada um (Kuo, 2014).

H9) A orientação para a cultura original se relacionará negativamente com a adaptação psicológica (H9a) e com a sociocultural (H9b): corroboradas.

As Hipóteses H9a e a H9b foram corroboradas, ou seja, quanto maior a orientação para a cultura anfitriã, menor a adaptação psicológica e a sociocultural. Embora este padrão de relacionamento não seja um consenso na literatura (Demes & Geeraert, 2014), há diversas evidências empíricas que sinalizem para a relação encontrada neste estudo. Para exemplificar, cita-se a pesquisa de Maydell-Stevens, Masgoret e Ward (2006) cujos resultados apontaram que a preferência pela orientação para a cultura original foi associada ao isolamento social, percepção de discriminação, sentimento de desesperança, baixa-autoestima, pessimismo e outras estratégias mal adaptativas. Mais recentemente, Demes e Geeraert (2014), também encontraram uma relação negativa entre orientação para a cultura original e adaptação psicológica e sociocultural.

Neste contexto de estudo, estes resultados podem ser particularmente interessantes. Conforme já apontado anteriormente, a história de imigração brasileira no Japão tem sido marcada por uma significativa separação social entre brasileiros e japoneses (Tsuda, 2000). Ainda que a vitalidade da cultura brasileira seja vista por alguns autores como um fator de proteção e enfrentamento das dificuldades de adaptação ao país (Kawamura, 2008), a mesma autora sinaliza que essa forte manutenção da cultura brasileira tem dificultado a inserção social dos brasileiros no Japão. Neste estudo, a forte manutenção da cultura brasileira e o pouco envolvimento com a cultura japonesa parecem influenciar negativa e significativamente os níveis de bem-estar psicológico e as habilidades em lidar com situações do cotidiano.

H10) A orientação para a cultura anfitriã se relacionará positivamente com a adaptação psicológica (H10a) e com a sociocultural (H10b): corroboradas.

As duas hipóteses foram corroboradas já que os resultados indicaram que a orientação para a cultura anfitriã se relaciona positiva e significativamente com a adaptação psicológica e com a adaptação sociocultural. Esses resultados confirmam as expectativas teóricas sobre o papel da assimilação da cultura anfitriã na adaptação cultural e reafirmam as considerações apontadas sobre os resultados da hipótese anterior sobre a manutenção da cultura brasileira. Se por um lado, manter a cultura brasileira parece trazer malefícios à adaptação dos brasileiros no Japão, por outro lado, endossar a cultura japonesa indica apresentar níveis mais elevados de adaptação psicológica e adaptação sociocultural entre os participantes.

Uma extensiva meta-análise realizada por Nguyen e Benet-Martínez (2012) evidencia que as orientações biculturais ou integracionistas, quando a cultura original e a cultura anfitriã são valorizadas e endossadas, estão mais fortemente associadas com a adaptação psicológica e a sociocultural. Apesar das fortes evidências a favor da integração nos efeitos

positivos sobre a adaptação cultural, os resultados do estudo qualitativo que compõe esta tese e os achados da literatura sobre os decasséguis que apontaram para a significativa separação entre brasileiros e japoneses guiaram a formulação das hipóteses de que a orientação para a cultura original seria negativamente relacionada à adaptação cultural e que a orientação para a cultura anfitriã se relacionaria positivamente com as duas formas de adaptação. Assim, apesar da integração ser tradicionalmente a estratégia de aculturação mais associada aos resultados positivos da adaptação, este estudo sugere que a assimilação ou adoção da cultura japonesa é a estratégia que produz mais efeitos positivos para o contexto estudado. A relação encontrada entre essas variáveis pode indicar um padrão de relacionamento entre as variáveis medidas específico desta população, que adota a assimilação como estratégia mais eficaz para a adaptação cultural ao Japão.

Corroborando as expectativas, a orientação para a cultura original se relacionou de maneira negativa com a adaptação psicológica e sociocultural e a orientação para a cultura anfitriã influenciou positivamente a adaptação psicológica e a sociocultural. Esses resultados podem ser interpretados de acordo com as Teorias de Identidade Étnica (Phinney et al., 2001). Embora a identidade étnica seja um conceito distinto ao de orientação de aculturação, essa variável tem sido utilizada em pesquisas sobre imigração para compreender alguns aspectos da aculturação. Com base nessa teoria, estes achados devem ser analisados juntamente com outros resultados deste estudo, levando-se em conta a complexa interação entre as atitudes e características da comunidade brasileira no Japão e as respostas da sociedade japonesa frente aos imigrantes brasileiros. De acordo com Phinney et al. (2001), ao se inserirem em um novo contexto social, os imigrantes revelam diferentes atitudes sobre sua própria identidade étnica e sobre como fazer parte da nova sociedade. Essas atitudes interagem com a percepção de aceitação por parte dos locais e com as políticas migratórias oficiais. Diante disso, a identidade étnica tende a ser preservada e salientada quando os



imigrantes exibem desejo forte de manter a identidade cultural e quando o pluralismo é encorajado. Porém, diante de uma hostilidade real ou percebida, algumas reações antagônicas podem acontecer. Alguns imigrantes podem endossar mais fortemente a sua identidade cultural como forma de proteção e orgulho, já outros podem rejeitar a própria identidade cultural como forma de se encaixar na cultura anfitriã. Esses autores (Phinney et al., 2001) adiantam ainda que quando há pressão para assimilar e os imigrantes estão dispostos a assimilar, adotar a cultura anfitriã prediz resultados positivos. Neste presente estudo, sugere-se que o fato de os brasileiros se perceberem como vítimas de discriminação e o fato de a sociedade japonesa priorizar a homogeneidade ao invés do pluralismo cultural, faz com que a assimilação da cultura japonesa seja vista como a resposta adaptativa e mais eficaz em termos de ganhos psicológicos e sociais neste contexto. Apesar da integração ser a estratégia de aculturação mais associada aos efeitos positivos da adaptação em diversos estudos, nesta pesquisa, devido à falha em permitir a real expressão da diversidade cultural na sociedade japonesa, essa orientação parece não ser uma opção plausível neste contexto e não necessariamente é a única resposta que prediz resultados positivos.

### **Mediações**

1 - Papel mediador das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a percepção de discriminação e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural)

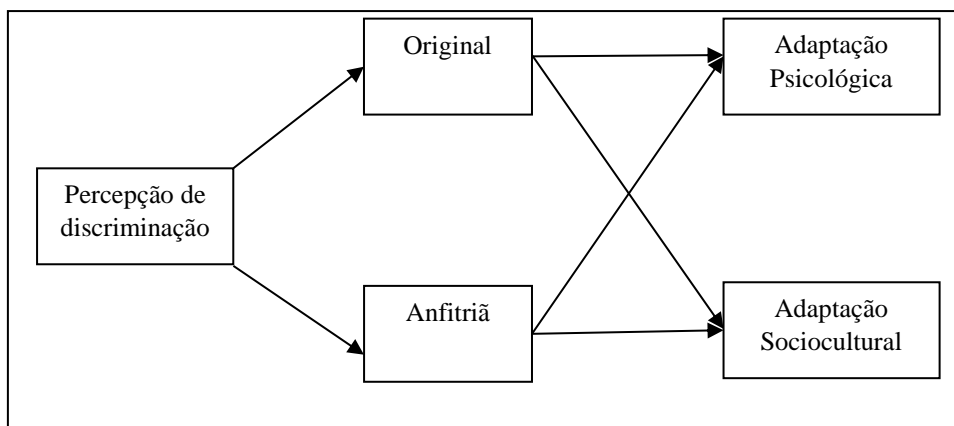


Figura 32. Papel mediador das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a percepção de discriminação e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural)

A Figura 32 representa os testes de mediação das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a percepção de discriminação e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural). Neste estudo, a orientação de aculturação para a cultura original atuou como mediadora entre a percepção de discriminação e a adaptação psicológica (H11a) e entre a percepção de discriminação e adaptação sociocultural (H12a). A orientação de aculturação para a cultura anfitriã também mediou a relação entre a percepção de discriminação e a adaptação psicológica (H13a) e entre a percepção de discriminação e adaptação sociocultural (H14a). Em síntese, todas as relações de mediação foram significativas e complementares (Zhao et al., 2010) já que o efeito mediado e o efeito direto apontaram para a mesma direção ou apresentaram o mesmo sinal, ambos negativos.

O papel mediador das orientações de aculturação na relação entre a percepção de discriminação e os resultados da aculturação são verificados na literatura. Em um estudo conduzido por Te Lindert, Korzilius, Van de Vijver, Kroon e Arends-Tóth (2008) com 232 refugiados iranianos na Holanda, os resultados revelaram que ambas as orientações, para a cultura original e para a cultura anfitriã, atuaram como mediadora entre a percepção de discriminação e ajustamento psicológico e ajustamento sociocultural. Contudo, apesar de a

relação de mediação ter sido significativa, a relação direta entre percepção de discriminação e as duas formas de adaptação foram muito mais fortes. Resultados similares foram relatados por Castro (2003) em um estudo com afrodescendentes e adolescentes brancos na Costa Rica. Embora o construto psicológico avaliado não tenha sido exatamente igual ao deste presente estudo, já que os autores avaliaram autoestima, os resultados do estudo de Castro (2003) sinalizam para o papel mediador da orientação para a cultura anfitriã na relação entre a percepção de discriminação e variáveis relacionadas ao conforto psicológico.

Importante mencionar que assim como nos estudos citados, nesta presente pesquisa os efeitos diretos entre a percepção de discriminação e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural) foram significativamente maiores do que os efeitos indiretos pelas orientações de aculturação, ou seja, apesar das orientações de aculturação apresentarem-se como mediadoras dessa relação, elas não exerceram influência expressiva na relação testada.

2- Papel mediador das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a percepção de distância cultural e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural)

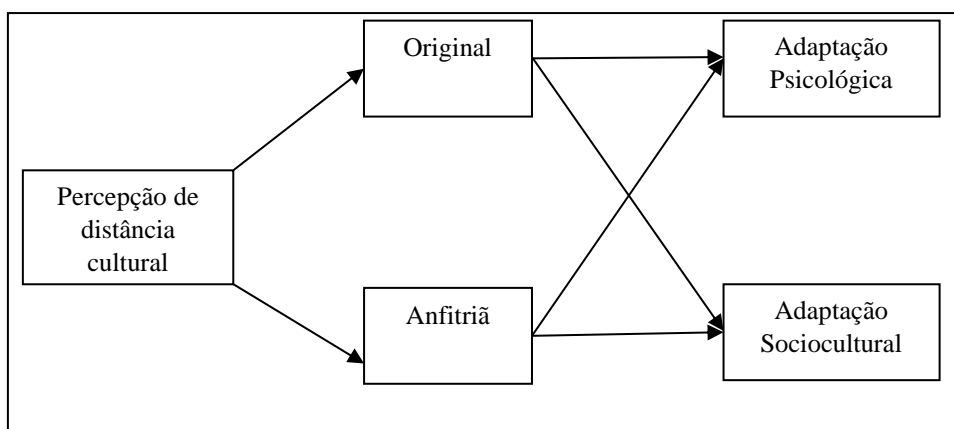


Figura 33. Papel mediador das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a percepção de distância cultural e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural)

A Figura 33 apresenta o teste de mediação das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a percepção de distância cultural e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural). Neste estudo, a orientação de aculturação para a cultura original não confirmou seu papel como mediadora entre a percepção de distância cultural e a adaptação psicológica (H11b) e entre a percepção de distância cultural e adaptação sociocultural (H12b). Da mesma forma, a mediação da orientação de aculturação para a cultura anfitriã também não se confirmou na relação entre a percepção de distância cultural e a adaptação psicológica (H13b) e entre a percepção de distância cultural e adaptação sociocultural (H14b).

Embora os modelos teóricos apontem para o papel mediador das orientações de aculturação na relação entre as variáveis preditoras, dentre elas a distância cultural, e as variáveis de resultado (adaptação psicológica e adaptação sociocultural), são poucos os estudos encontrados que testaram a relação entre essas variáveis. Um dos estudos encontrados é a pesquisa de Suanet e Van de Vijver (2009). O estudo conduzido por esses pesquisadores com estudantes internacionais na Rússia examinou o papel da distância cultural e variáveis de personalidade como antecedentes, estratégias de enfrentamento e orientações de aculturação como mediadoras e ajustamento psicológico e ajustamento sociocultural como variáveis critério. O modelo com as variáveis mediadoras foi significativo, no entanto, a inclusão das variáveis intervenientes resultou em um aumento pouco expressivo na explicação das variáveis critério, ou seja, a relação direta entre as variáveis preditoras e as variáveis critério foi mais forte do que a relação de mediação.

Em síntese, embora existam expectativas teóricas a respeito do papel mediador das orientações de aculturação entre as variáveis preditoras e variáveis de resultado, as evidências empíricas de mediação envolvendo a variável distância cultural ainda são bastante incipientes. Os resultados desta tese supõem que não há relação de mediação entre as

variáveis analisadas e há exclusivamente uma relação direta entre percepção de distância cultural e adaptação sociocultural, relação esta já testada e confirmada em estudos anteriores (Galchenko, 2006; Suanet & van de Vijver, 2009).

3 - Papel mediador das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a estratégia de enfrentamento de engajamento e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural)

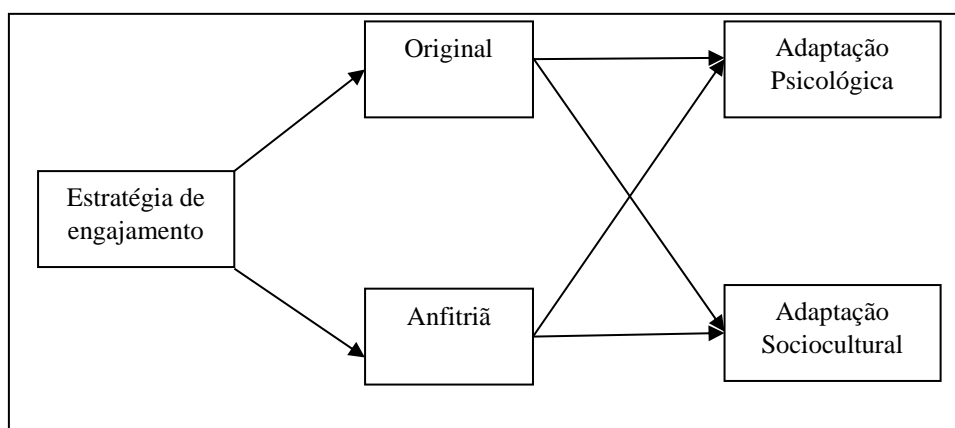


Figura 34. Papel mediador das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a estratégia de enfrentamento de engajamento e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural)

A Figura 34 apresenta o teste de mediação das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a estratégia de enfrentamento de engajamento e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural). Nesta pesquisa, a orientação de aculturação para a cultura original não confirmou seu papel como mediadora entre a estratégia de enfrentamento de engajamento e a adaptação psicológica (H11c) e entre a estratégia de enfrentamento de engajamento e adaptação sociocultural (H12c). A mediação da orientação de aculturação para a cultura anfitriã também não foi confirmada na relação entre a estratégia de enfrentamento de

engajamento e a adaptação psicológica (H13c) e entre a estratégia de enfrentamento de engajamento e adaptação sociocultural (H14c).

É importante ressaltar que o relacionamento das estratégias de enfrentamento com as variáveis de aculturação ainda não está claro na literatura de aculturação (Kuo, 2014). Apenas algumas pesquisas têm avaliado simultaneamente a relação entre as estratégias de enfrentamento, aculturação e adaptação. Um desses estudos é a pesquisa de Ebulueme (2013) com imigrantes nigerianos nos Estados Unidos. Esse estudo analisou o papel mediador das estratégias de aculturação tradicionalistas e assimilacionistas, correspondentes à orientação para a cultura original e orientação para a cultura anfitriã respectivamente, na relação entre as estratégias de enfrentamento (confronto, evitação e reavaliação positiva) e bem-estar psicológico. Os achados desse estudo dão suporte aos resultados desta presente pesquisa sobre o papel das orientações de aculturação na relação entre as estratégias de enfrentamento e adaptação cultural pois a relação de mediação também não foi confirmada.

Conforme aponta Kuo (2014), a falta de estudos que testaram a relação simultânea entre essas variáveis tem limitado a compreensão desse relacionamento às análises post-hoc, o que inevitavelmente geram críticas quanto à confiabilidade das interpretações e inferências realizadas. Diante desse cenário, este estudo apresenta uma contribuição para a teoria de aculturação ao avaliar em um só estudo o papel dessas variáveis e indicar resultados que podem sugerir direções para os próximos estudos.

4 - Papel mediador das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a percepção de suporte social e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural)

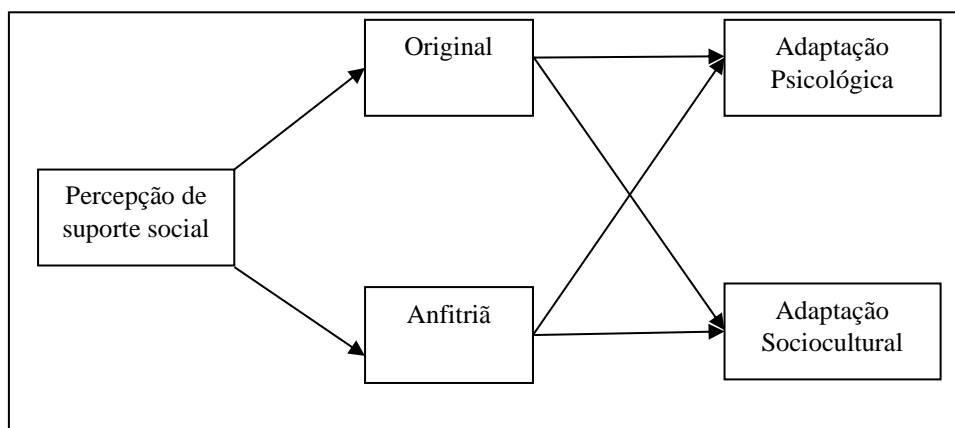


Figura 35. Papel mediador das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a percepção de suporte social e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural)

A Figura 35 representa o teste de mediação das orientações de aculturação (para a cultura original e para a cultura anfitriã) no relacionamento entre a percepção de suporte social e as variáveis critério (adaptação psicológica e adaptação sociocultural). Nesta pesquisa, a orientação de aculturação para a cultura original mediou a relação entre a percepção de suporte social e a adaptação psicológica (H11d) e entre a estratégia de percepção de suporte social e adaptação sociocultural (H12d). Já a mediação da orientação de aculturação para a cultura anfitriã não foi confirmada na relação entre a percepção de suporte social e a adaptação psicológica (H13d) e entre a percepção de suporte social e adaptação sociocultural (H14d).

Esses resultados sugerem que somente o grau de orientação para a cultura brasileira apresenta um papel crítico na relação entre a percepção de suporte social e a adaptação psicológica e sociocultural. Ou seja, a percepção de suporte social influencia o grau de conforto psicológico e manejo das situações cotidianas mediada pelo grau de envolvimento com a cultura brasileira e não com a cultura japonesa. Esse fato pode indicar que a orientação para a cultura brasileira, ou seja, ter amigos brasileiros, manter as características e tradições brasileiras são fatores importantes e responsáveis por este efeito e indicam que a eficácia do

suporte social na adaptação psicológica e na adaptação sociocultural pode estar associada ao papel significativo dos próprios conterrâneos e não dos anfitriões. Importante ressaltar que a relação direta entre percepção de suporte social e adaptação sociocultural não foi significativa e apenas a relação significativa indireta através da orientação para a cultura anfitriã foi verificada. Esse resultado pode indicar que exclusivamente o envolvimento com a cultura brasileira e o relacionamento com os membros do grupo étnico é essencial para a eficácia da percepção de suporte social nas questões mais práticas e contextuais que envolvem a adaptação.

Cabe mencionar que o papel do suporte social diante das variáveis de aculturação é controverso entre os pesquisadores da área já que os estudos têm adotado essa variável ora como variável preditora ora como moderadora ou mediadora. Como exemplo, cita-se o estudo conduzido por Ng, Wang e Chan (2017) em que a variável suporte social atuou como moderadora da relação entre as estratégias de aculturação (integração e marginalização) e a adaptação psicológica e sociocultural. Assim, além da relação direta entre essa variável e a adaptação psicológica e adaptação sociocultural, o fato de parte da literatura de aculturação fundamentar-se nas teorias do estresse e enfrentamento (Lazarus & Folkman, 1984; Cohen & Wills, 1985), há também uma expectativa teórica sobre o papel de proteção do suporte social contra os impactos negativos dos eventos estressores, ou seja, além do efeito direto sobre o ajustamento, essa variável tem sido associada ao papel de moderadora dos efeitos negativos do estresse de aculturação na adaptação cultural (Lee et al., 2004).

Essa dificuldade em definir o papel das estratégias de aculturação na relação entre o suporte social e as variáveis de resultado da aculturação foi relatada em uma pesquisa conduzida por Needham et al. (2017). Nesse estudo com imigrantes sul-asiáticos nos Estados Unidos, Needham et al. (2017) ressaltaram que devido à característica transversal do estudo conduzido, eles eram incapazes de afirmar a ordem temporal das estratégias de aculturação e



do suporte social. Da mesma forma, este presente estudo também se caracteriza como uma pesquisa transversal e em decorrência disso, também não pode confirmar a ordem temporal das variáveis testadas. Portanto, tendo em vista que poucos estudos exploraram o papel mediador das orientações de aculturação entre o suporte social e as variáveis de adaptação cultural, pesquisas futuras poderiam clarificar os resultados encontrados nesta pesquisa.

### **3.5 Conclusão dos resultados do modelo geral de mensuração e do modelo estrutural geral**

A análise do modelo geral de mensuração verificou a qualidade do modelo através de uma análise fatorial confirmatória do modelo de medida. Os resultados encontrados revelaram índices de ajuste satisfatórios do modelo que asseguraram a qualidade inicial de mensuração para avaliar o modelo estrutural. A avaliação do modelo geral estrutural também apresentou índices de ajuste adequados, revelando um modelo plausível. Foram testadas 36 relações diretas ou indiretas, sendo que somente 16 foram significativas. As variáveis preditoras do modelo são responsáveis por explicar 43% da variância total da adaptação psicológica ( $R^2=0,43$ ) e 38% da adaptação sociocultural ( $R^2=0,38$ ).

Com relação à explicação da adaptação psicológica, verificou-se que a percepção de discriminação, a percepção de suporte social, a orientação para a cultura anfitriã e a orientação para a cultura original atuaram como seus preditores. Sendo que a percepção de discriminação atuou como a melhor preditora da adaptação psicológica, influenciando essa variável diretamente ou indiretamente por meio das orientações de aculturação. Interessante notar que a estratégia de enfrentamento de engajamento não se confirmou como preditora da adaptação psicológica, contrariando as expectativas teóricas.

No que diz respeito à adaptação sociocultural, a percepção de discriminação, a percepção de distância cultural, a orientação para a cultura anfitriã e a orientação para a cultura original agiram como seus preditores. A variável preditora mais influente foi novamente a percepção de discriminação, que da mesma forma que na adaptação psicológica, influenciou a adaptação sociocultural de maneira direta ou indiretamente através das orientações de aculturação.

Esses resultados corroboram as evidências encontradas na literatura sobre os preditores da adaptação psicológica e da adaptação sociocultural (Berry & Sabatier, 2010). Apesar de serem variáveis ligeiramente correlacionadas, elas se confirmaram como variáveis conceitualmente e empiricamente distintas e que apresentam diferentes preditores. Confirmando as expectativas teóricas, a percepção de discriminação e as duas formas de orientação de aculturação confirmaram-se como preditoras de ambas as formas de adaptação e a percepção de suporte social atuou como preditora direta somente da adaptação psicológica e a percepção de distância cultural somente da adaptação sociocultural.

Em relação às duas estratégias de aculturação, verificou-se que a percepção de discriminação se revelou a única preditora da orientação de aculturação para a cultura original e da orientação para a cultura anfitriã. Entretanto, a relação com cada uma dessas variáveis foi antagônica, já que a percepção de discriminação influenciou positivamente a orientação para a cultura original e negativamente a orientação para a cultura anfitriã.

Em relação às relações de mediação, a orientação para a cultura original atuou como mediadora na relação entre a percepção de discriminação e as duas formas de adaptação e entre suporte social e as duas formas de adaptação cultural. Cabe lembrar que a relação direta entre suporte social e adaptação sociocultural não foi estatisticamente significativa, entretanto, a influência entre essas variáveis foi possível somente mediante a ação da orientação para a cultura original. Já a orientação para a cultura anfitriã atuou como

mediadora somente na relação entre a percepção de discriminação e adaptação psicológica e adaptação sociocultural. Contrariando as expectativas teóricas presentes em alguns modelos teóricos (Berry, 1997; Arends-Tóth & Van de Vijver, 2006), as orientações de aculturação não atuaram como mediadoras em todas as relações entre os preditores e as formas de adaptação. Ao testar em um só estudo, várias relações de mediação, os resultados dessa pesquisa indicam que cada relação de mediação precisa ser melhor analisada e explorada a fim de assumir as orientações de aculturação como mediadoras potenciais em qualquer relação entre preditores e variáveis critério em um modelo de aculturação.

## Capítulo 4: Conclusão geral

Esta pesquisa tinha como objetivo geral construir um modelo preditivo de aculturação de brasileiros no Japão. Como objetivos específicos, este estudo pretendia 1) conhecer e descrever as formas de aculturação dos brasileiros ao Japão, 2) identificar variáveis que contribuem para a compreensão da adaptação psicológica e sociocultural neste contexto, 3) adaptar culturalmente e verificar as evidências de validade dos instrumentos utilizados nesta pesquisa para o contexto brasileiro e 4) examinar quantitativamente a relação das variáveis identificadas em um estudo qualitativo.

No que se refere aos Objetivos Específicos 1 e 2, conduziu-se um estudo qualitativo como forma de alcançar esses fins. Esse estudo revelou diferentes formas de aculturação entre os *decasséguis* e os *sojourners*. O primeiro grupo apresentou razões, expectativas e planos para o futuro bem diferentes do segundo grupo. Além disso, os relatos dos participantes indicaram uma menor adaptação psicológica no grupo dos *decasséguis* e uma orientação de aculturação mais voltada para a cultura brasileira por este grupo. Embora verificadas essas diferenças entre os dois grupos, os resultados indicaram semelhanças no que diz respeito aos aspectos mais centrais do processo de aculturação. Assim, ambos os grupos relataram dificuldades, facilitadores e estratégias de enfrentamento semelhantes. Dentre as dificuldades, as citadas com mais frequência foram as dificuldades com o idioma, a rotina pesada de trabalho ou estudo e as diferenças culturais entre o Brasil e o Japão, que se estendem desde a comida até as normas de convivência. Dentre os facilitadores da adaptação ao Japão, os participantes relataram com mais frequência a habilidade no idioma, o suporte social, aspectos relacionados à inteligência ou competência cultural e o engajamento ou assimilação da cultura japonesa. Dentre as estratégias de enfrentamento das dificuldades de adaptação ao país, ressalta-se o papel das estratégias mais ativas e à busca por suporte social.

Dessa forma, esse estudo permitiu identificar algumas variáveis que podem auxiliar na compreensão e possível explicação da adaptação cultural dos brasileiros no Japão. Dentre essas variáveis, destacou-se o papel da habilidade no idioma, inteligência cultural, suporte social, percepção de discriminação, percepção de conflito intragrupal, distância cultural, estratégias de aculturação, estratégias de enfrentamento e variáveis contextuais, como fatores econômicos e sociais do Japão.

Em relação ao Objetivo Específico 3, foram conduzidas diversas análises para adaptar culturalmente e verificar as evidências de validade de cada escala utilizada nesta pesquisa para o contexto brasileiro e assim assegurar a qualidade das medidas que comporiam o modelo geral de mensuração. Para cada escala, foram realizadas análises fatoriais exploratórias e confirmatórias e foram verificados os índices de validade discriminante, convergente e de confiabilidade. A maior parte das escalas sofreu alterações em sua estrutura original em decorrência de adaptações à amostra estudada. Adotou-se como princípios a clareza e a parcimônia e, dessa maneira, buscou-se a melhor solução fatorial das escalas para este estudo, mesmo que a solução original não se confirmasse. Agiu-se, portanto, de modo exploratório e não apenas confirmatório. Os resultados de todas as escalas apresentaram-se satisfatórios, com índices de ajuste e confiabilidade adequados e indicados para o uso neste estudo. Por serem escalas construídas em outros contextos culturais, algumas recomendações foram feitas em relação ao uso destes instrumentos em pesquisas futuras.

Quanto ao Objetivo 4, a partir dos resultados encontrados no Estudo 1, foram selecionadas oito variáveis que foram mais ressaltadas pelos participantes como importantes para este contexto. Assegurada a qualidade do modelo geral de mensuração partiu-se para a análise do modelo estrutural. O teste do modelo estrutural geral analisou 36 relações entre as variáveis do estudo. Os achados desta pesquisa indicaram que a adaptação psicológica é influenciada diretamente pela percepção de discriminação, percepção de suporte social,

orientação para a cultura anfitriã e orientação para a cultura original. Através de relações de mediação, a percepção de discriminação influenciou a adaptação psicológica através da ação das duas formas de orientação de aculturação e a percepção de suporte social afetou a adaptação psicológica através da orientação para a cultura original. A percepção de discriminação, a percepção de distância cultural e as orientações de aculturação atuaram como preditoras diretas da adaptação sociocultural. Além disso, a percepção de discriminação também atuou de maneira indireta sobre a adaptação sociocultural por meio das duas orientações de aculturação e a percepção de suporte social agiu de maneira indireta sobre a adaptação sociocultural mediada pela orientação para a cultura original. Importante destacar que embora o estudo qualitativo apontasse para diferenças nas formas de aculturação entre os *decasségus* e os *sojourners*, a ausência de proporcionalidade entre esses grupos no estudo quantitativo impossibilitou avaliar quantitativamente o efeito do grupo migrante nas variáveis de estudo.

Dos resultados encontrados, algumas relações serão destacadas. Primeiramente, enfatiza-se o forte papel da percepção de discriminação na relação com a adaptação psicológica e sociocultural. Verificou-se que essa variável não somente atua como fator nocivo à saúde mental, mas também age de modo a prejudicar o manejo das situações cotidianas. Dessa forma, essa pesquisa busca chamar a atenção para as questões de discriminação e preconceito em relação aos brasileiros no Japão e, mais do que isto, para a implicação desta variável na saúde mental e nas questões mais práticas da vida de milhares de brasileiros e estrangeiros que residem neste país e que frequentemente relacionam desigualdades e prejuízos sociais em decorrência de sua nacionalidade.

Outra variável de grande importância para a adaptação psicológica é a percepção de suporte social. Além dos resultados encontrados no estudo quantitativo, verificou-se que essa variável foi bastante enfatizada no estudo qualitativo já que os participantes associaram o

papel dos laços e suporte sociais a diversos fatores positivos ou negativos relacionados à vida no Brasil e à adaptação ao Japão. Já no estudo quantitativo, o efeito positivo direto do suporte social no conforto emocional e indireto na vida social confirmou-se nesse estudo, adicionando suporte às evidências da literatura (Van der Zee et al., 1997; Thomas & Choi, 2006). Além do mais, neste contexto de estudo, o efeito positivo do suporte social no conforto emocional pode ser particularmente interessante face à percepção de discriminação percebida pelo grupo estudado. Diante de um ambiente intergrupar hostil, as relações próximas e duradouras e o apoio social acrescentam outro significado. Sugere-se que os laços sociais são ressaltados neste contexto de migração e que a rede de suporte desempenha um papel crítico na saúde mental dessa comunidade frente às adversidades intergrupais percebidas. No que diz respeito à relação dessa variável com as orientações de aculturação, a falha em detectar o efeito da percepção de suporte nas orientações de aculturação alerta para a necessidade de se medir a percepção de suporte social em diferentes categorias de suporte, tais como suporte do grupo anfitrião ou suporte do grupo original. Além dos dois grupos culturais, pesquisas futuras podem ampliar os grupos de apoio incluindo, por exemplo, as redes de apoio que estão no Brasil.

Conforme esperado e confirmando pesquisas anteriores (Suanet & Van de Vijver, 2009) e os apontamentos do estudo qualitativo, os resultados desta pesquisa mostraram uma relação negativa entre percepção de distância cultural e adaptação sociocultural. As grandes diferenças entre Japão e Brasil foram bastante ressaltadas no estudo qualitativo e os resultados do estudo quantitativo indicam que essas diferenças podem estar diretamente relacionadas a um prejuízo na forma como os imigrantes gerenciam suas vidas neste contexto e ao aumento das dificuldades de adaptação ao país. Sugere-se também que a aprendizagem e a competência cultural podem desempenhar um papel importante na adaptação cultural neste contexto tendo em vista que as grandes diferenças culturais entre os dois países parecem

exigir o aprendizado de habilidades culturais específicas para o alcance da efetividade intercultural no contexto estudado.

Já a estratégia de enfrentamento de engajamento, contrariando as expectativas teóricas, não se confirmou como preditora da adaptação psicológica e da sociocultural. Embora o estresse e o enfrentamento sejam concebidos como aspectos inevitáveis nas experiências de aculturação (Berry, 1997) e os estilos de engajamento mais ativos serem considerados mais eficazes no manejo dos problemas da adaptação (Kuo, 2014), este estudo não apontou o efeito do engajamento na adaptação psicológica e sociocultural. Algumas considerações foram discutidas, mas em geral, considerou-se que a possibilidade de ausência do efeito ou o fato de que alguma limitação metodológica tenha sido responsável por esse resultado.

Em relação às orientações de aculturação, o estudo qualitativo sugeriu que apesar de a estratégia de aculturação mais adotada pelos brasileiros no Japão ser a separação, havia indicações de que o engajamento na cultura japonesa era mais indicativo de eficácia na adaptação. Com base nessas informações, as hipóteses de pesquisa foram formuladas e os resultados do estudo quantitativo confirmou as expectativas de que a orientação para a cultura original se relacionaria de maneira negativa com a adaptação psicológica e sociocultural e a orientação para a cultura anfitriã influenciaria positivamente a adaptação psicológica e a sociocultural. Este estudo sugere ainda que essa característica de relacionamento entre essas variáveis parece ser um padrão específico para este contexto social em que percepções de discriminações e atitudes assimilacionistas da sociedade japonesa atuam de modo complexo no processo de incorporação da cultura nipônica pela comunidade brasileira e na sua eficácia na adaptação cultural.

Este estudo permitiu também identificar e distinguir as preditoras de cada uma das variáveis de resultado. Corroborando as expectativas teóricas, a percepção de discriminação e



as orientações de aculturação predizem as duas formas de adaptação cultural, a percepção de suporte social influencia diretamente apenas a adaptação psicológica e a percepção de distância cultural afeta somente a adaptação sociocultural. Esses achados confirmam que apesar de relacionadas, as duas formas de adaptação são construtos distintos e apresentam preditores diferentes. Corroborando as expectativas teóricas do fato de ser um construto construído com base nas teorias do estresse e enfrentamento, a adaptação psicológica apresentou os mesmos preditores (percepção de discriminação e percepção de suporte social) das variáveis psicológicas relacionadas ao conforto ou bem-estar emocional. Adicionalmente, tendo em vista que a adaptação sociocultural se fundamenta nas teorias de habilidade e aprendizagem sociais era esperado que os mesmos preditores que influenciam a eficácia comportamental em outras situações também desempenhassem papel importante ao prever a adaptação sociocultural, hipótese confirmada para a variável percepção de distância cultural.

Esta pesquisa testou o papel mediador das orientações de aculturação entre as variáveis predictoras e as variáveis critério. As análises de mediação apontaram que a orientação para a cultura original atuou como mediadora na relação entre a percepção de discriminação e as duas formas de adaptação e entre a percepção de suporte social e as duas formas de adaptação cultural. Interessante notar que somente a orientação para a cultura brasileira mediou a relação entre a percepção de suporte social e as duas formas de adaptação e que a relação entre a percepção de suporte social e adaptação sociocultural só foi possibilitada pela ação da orientação para a cultura original. Dessa forma, destaca-se que o envolvimento com a cultura japonesa não exerceu nenhum papel para a eficácia da percepção de suporte social na adaptação cultural e somente os laços com a cultura brasileira desempenharam papel crucial para esta relação. Em relação à orientação para a cultura anfitriã, verificou-se que essa variável atuou como mediadora somente na relação entre a

percepção de discriminação e adaptação psicológica e adaptação sociocultural. Esses resultados alertam para o fato de que as orientações de aculturação podem não mediar todas as relações entre as variáveis antecedentes e as variáveis de resultados do processo de aculturação.

Além desses resultados principais, ressaltam-se os resultados secundários em que o modelo estrutural geral foi testado controlando-se estatisticamente as variáveis de tempo no Japão, nível de escolaridade e grau de habilidade no idioma japonês. A análise desse modelo acrescenta confiança nos achados principais desta pesquisa visto que, ao incluir as variáveis de controle, as relações entre as variáveis do modelo estrutural geral não se alteraram. Em outras palavras, pode-se inferir que os resultados encontrados são em decorrência das relações testadas entre as variáveis do modelo estrutural geral e não devem ser interpretadas em razão das variáveis de controle. Uma vez resumidos os resultados e as conclusões apresentadas, seguem-se às limitações encontradas nos estudos e o delineamento de uma agenda de pesquisas futuras.

#### **4.1 Contribuições teóricas**

Os achados deste estudo contribuíram para o corpo de conhecimentos sobre os fatores que auxiliam na compreensão e explicação da adaptação cultural de brasileiros ao Japão. O estudo qualitativo apresentou uma visão geral dos aspectos psicológicos principais envolvidos na adaptação cultural neste contexto e permitiu identificar variáveis que são percebidas como importantes no processo de aculturação no referido país. O estudo quantitativo possibilitou conhecer como as variáveis identificadas no estudo qualitativo se relacionam em um modelo estrutural. Ao testar diversas variáveis simultaneamente em um único modelo, esta pesquisa foi além de grande parte das pesquisas realizadas e permitiu explorar várias relações em um só estudo. Este nível de abrangência, incluindo diversas

variáveis em um só modelo, é ainda algo incipiente na Psicologia. O grau de compreensão do fenômeno alcançado só foi possível em virtude da complexidade do modelo testado que possibilitou que várias relações fossem analisadas em conjunto. De modo geral, os resultados apontados neste estudo foram consistentes com os resultados de estudos anteriores que foram conduzidos em outros contextos migratórios e ampliou a visão sobre o fenômeno ao explorar um modelo de aculturação em outro contexto social. Ao estudar uma população ainda pouco explorada pela Psicologia Transcultural, este estudo diferenciou-se da grande parte das pesquisas da área que têm frequentemente focado em populações norte-americanas ou europeias e apresentou dados de uma população pouco acessada. Por fim, os achados encontrados nesta pesquisa podem lançar luz a muitos aspectos complexos sobre o fenômeno da aculturação.

#### **4.2 Contribuições metodológicas**

Esta tese apresentou algumas contribuições metodológicas importantes que serão destacadas. Em primeiro lugar, destaca-se o delineamento multimétodo. Acredita-se que este estudo apresenta uma contribuição ímpar ao ser um dos poucos, se não o único, conduzido pela Psicologia Transcultural que tenha envolvido em uma única pesquisa, um estudo qualitativo e um quantitativo neste contexto de pesquisa. Ao adotar este delineamento, esta pesquisa possibilitou conhecer com profundidade o fenômeno pesquisado e testar as relações entre as principais variáveis estudadas no contexto de aculturação. Além disso, destaca-se o papel de complementariedade e comparação entre os dois estudos, já que o estudo qualitativo serviu como base para a construção do modelo estrutural de pesquisa e seus dados qualitativos foram confrontados com os resultados estatísticos. Em segundo lugar, destacam-se algumas características da amostra. Considera-se que, apesar de ter não ter sido um número ideal, o tamanho da amostra deste estudo pode ser considerada significativa tendo em vista a dificuldade em acessar a população de interesse e o método escolhido para coletar os

dados. Deve-se enfatizar que essa dificuldade pode ser atribuída ao fato de que grande parte dessa população é composta por imigrantes e não por estudantes internacionais ou executivos expatriados e, a ausência de um canal comum para coletar os dados, como universidades ou empresa, tornou a coleta de dados bastante desafiadora. Adicionalmente, sugere-se que esta pesquisa se destaca da grande maioria das pesquisas da área pela população escolhida, raramente investigada no contexto da aculturação. Em terceiro lugar, esta pesquisa apresentou uma importante contribuição ao incluir simultaneamente em um único modelo múltiplas variáveis consideradas importantes para o estudo da aculturação. As diversas relações testadas apresentaram informações importantes de como cada variável se comporta em relação às demais em um modelo único e não em modelos separados como é usualmente encontrado na literatura.

#### **4.3 Implicações práticas**

Analisados em conjunto, os resultados deste estudo apresentam claramente implicações práticas a serem consideradas. Inicialmente enfatiza-se a questão da discriminação e o seu prejuízo significativo na saúde mental e na vida social dos brasileiros no Japão. Com base nesses resultados, autoridades, gestores de empresas e a própria comunidade japonesa poderiam adotar algumas medidas que garantam o acesso igualitário a direitos, bens e serviços aos imigrantes, em especial, recomenda-se uma equiparação em relação aos direitos trabalhistas. Iniciativas que visem aumentar o diálogo com a comunidade brasileira também podem ser benéficas para a harmonia no relacionamento entre brasileiros e japoneses. Em relação ao fato de que a orientação para a cultura anfitriã se relacionou positivamente com a adaptação cultural e a orientação para a cultura original influenciou negativamente a adaptação cultural, sugere-se que a manutenção da identidade étnica brasileira e não apenas a adoção da cultura japonesa precisa ser incentivada como um fator positivo e promovedor de bem-estar na vida dos brasileiros que residem no país. Reforça-se a

necessidade de o governo japonês adotar políticas públicas integracionistas que busquem um equilíbrio entre incentivar a manifestação da cultura brasileira e promover a adoção da cultura japonesa. Nesse sentido, as políticas de imigração do Canadá oferecem um bom exemplo de como medidas integracionistas podem oferecer diversos benefícios sociais e econômicos tanto aos imigrantes como à sociedade anfitriã. Os achados desta pesquisa também enfatizam a eficácia da percepção de suporte social no bem-estar e na vida social do grupo estudado. Apesar deste estudo não ter avaliado exatamente as fontes do suporte social, se do grupo anfitrião ou do grupo original, as relações de mediação envolvendo somente a orientação para a cultura original sugerem que os laços com a cultura brasileira exercem papel crucial na eficácia da percepção de suporte social na adaptação cultural. O envolvimento com a cultura japonesa parece não exercer qualquer efeito nessa relação. Sendo assim, o suporte social deve ser considerado um dos fatores essenciais para promover a adaptação dos brasileiros que residem no Japão. Além de incentivar o suporte social da própria comunidade brasileira, este estudo busca chamar atenção da sociedade japonesa para a importância de oferecer suporte social diversificado à comunidade brasileira, que garantam não apenas suporte material e informacional, como é mais frequentemente observado, mas também socioemocional aos milhares de brasileiros que vivem no país. Nesse sentido, o suporte social poderia ser fornecido através de centros de atendimento voltados para o público brasileiro que estejam em situação de vulnerabilidade social e psicológica. Esta investigação também apresentou o impacto negativo da percepção de distância cultural na adaptação sociocultural. Esse resultado sugere que o conhecimento sobre o país e o aprendizado de competências sociais e culturais específicas ao contexto do Japão podem minimizar o efeito dessas diferenças culturais e promover uma adaptação sociocultural bem-sucedida. Recomenda-se a utilização de treinamentos interculturais antes, durante e após a ida ao país cujo foco seja investigar e atuar em questões de saúde mental e adaptação cultural,

desenvolver competência interculturais efetivas para a adaptação no Japão e preparar os imigrantes brasileiros na readaptação ao Brasil.

Um importante passo para promover essas ações seria consultar os imigrantes e explorar suas atitudes e características e assim traçar caminhos que sejam adequados especificamente à comunidade brasileira. Por causa da variabilidade em relação às características, atitudes, motivações e expectativas não se pode admitir que uma mesma abordagem seja benéfica para todos os grupos migrantes, caberá às entidades oferecerem opções reais e permitir que o imigrante escolha a forma como deseja construir sua nova identidade na sociedade anfitriã. Essa investigação deve ser realizada tanto por pesquisas acadêmicas bem como através de iniciativas de autoridades e gestores em busca de promover o bem-estar, mobilidade social e desenvolvimento pleno da comunidade brasileira no Japão.

#### **4.4 Limitações**

Este estudo buscou seguir de maneira consistente as recomendações da literatura para guiar a revisão teórica, método, análise, relato dos resultados, discussão e conclusão. Entretanto, esta pesquisa apresentou algumas limitações que precisam ser consideradas. A primeira refere-se ao delineamento do estudo. Por questões relacionadas ao tempo e custo para desenvolver esta pesquisa, optou-se por realizar um estudo transversal. Todavia, por se tratar de um estudo transversal, relações de causalidade não podem ser inferidas a partir dos resultados deste estudo. Além disso, por ser um fenômeno que envolve mudanças constantes, o processo de aculturação pode ser melhor compreendido através de um estudo com delineamento longitudinal. A segunda limitação refere-se ao fato de que esta investigação obteve seus dados unicamente através de auto-relatos e por este motivo ficou sujeita a vieses e distorções. A terceira limitação refere-se a algumas limitações da amostra. Inicialmente destaca-se que a falha em detectar alguns efeitos do modelo estrutural pode ser em decorrência de uma amostra insuficiente para o modelo estudado. Dessa forma, alguns

resultados desse estudo devem ser interpretados com cautela. Outra limitação da amostra refere-se à falta de equivalência entre o número de imigrantes de curto-prazo (15,6%) e os imigrantes de longo-prazo (84,4%). A ausência de proporção entre os grupos estudados impossibilitou analisar a influência do grupo migrante no modelo estrutural. Adicionalmente, o fato de a amostra deste estudo ter sido de conveniência e não probabilística, outras características sociodemográficas importantes para o fenômeno estudado podem ter sido sub ou super-representadas devido ao método de recrutamento oferecendo ameaças à validade externa deste estudo.

#### **4.5 Recomendações para pesquisas futuras**

Recomenda-se a replicação do modelo de aculturação construído nesta pesquisa em outros contextos de migração brasileira. Entretanto, sugere-se que algumas recomendações sejam atendidas. A primeira refere-se a testar a relação entre as variáveis antecedentes e a adaptação psicológica e a sociocultural em um estudo longitudinal. Estudos futuros se beneficiariam dos dados coletados antes, durante e após o período de deslocamento e assim forneceriam uma visão da variabilidade e estabilidade das variáveis de aculturação ao longo do tempo. Em segundo lugar, pesquisas futuras poderiam testar o modelo em amostras maiores e buscar um equilíbrio na representatividade dos grupos migrantes. Além dos registros de auto-relatos, sugere-se incluir medidas alternativas de comportamento que sejam menos suscetíveis a distorções subjetivas e desejabilidade social, como exemplo cita-se o relato de informantes ou heterorrelato. Neste estudo, não foram testados os papéis de mediadora e moderadora da estratégia de enfrentamento de engajamento e da percepção de suporte social. Novos estudos poderiam testar o papel dessas variáveis na relação entre a percepção de discriminação e as duas formas de adaptação cultural. Recomenda-se também diferenciar os graus das orientações de aculturação e testar sua influência nas variáveis do modelo. Além disso, sugere-se testar as orientações de aculturação em diferentes contextos

sociais, tais como trabalho e casa. Apesar da relação de mediação apontar o papel importante da cultura brasileira na relação entre percepção de suporte social e as formas de adaptação cultural, este estudo não testou a percepção de suporte social por grupo social. Logo, a fim de compreender melhor a questão do suporte social em contexto de migração, indica-se avaliar a percepção de suporte social de maneira separada, pelo grupo étnico e pelo grupo anfitrião. De maneira geral, recomenda-se o uso das escalas utilizadas nesta pesquisa com o objetivo de melhor explorar as estruturas fatoriais dos instrumentos e adicionar outras evidências de validade em outros contextos de migração.

### Referências

- Associação Americana de Psicologia (APA) (2013). Crossroads: The Psychology of Immigration in the New Century. The APA Presidential Task Force on Immigration. *Journal of Latina/o Psychology, 1*(3), 133–148. doi:10.1037/lat0000001
- Ang, S., Van Dyne, L., & Koh, C. (2006) Personality correlates of the four-factor model of cultural intelligence. *Group & Organization Management, 31*(1), 100-123. doi:10.1177/1059601105275267
- Arends-Tóth, J., & Van de Vijver, F. J. R. (2006). Issues in the conceptualization and assessment of acculturation. In M. H. Bornstein & L. R. Cote (Eds.), *Acculturation and parent-child relationships: Measurement and development* (pp. 33-62). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Arbuckle, J. L. (2014). Amos (Versão 23.0) [Programa de Computador]. Chicago: IBM SPSS.
- Argyle, M. (1969). *Social interaction*. Londres: Methuen.
- Asakura, T., Gee, G. C., Nakayama, K., & Niwa, S. (2008). Returning to the “Homeland”: work-related ethnic discrimination and the health of Japanese Brazilians in Japan. *American Journal of Public Health, 98*(4), 743–750. Retirado de <http://doi.org/10.2105/AJPH.2007.117309>



- Ataca, B., & Berry, J. W. (2002). Sociocultural, psychological and marital adaptation of Turkish immigrant couples in Canada. *International Journal of Psychology, 37*, 13–2. doi:10.1080/00207590143000135
- Bailey, F. J., & Dua, J. (1999) Individualism – collectivism, coping styles, and stress in international and Anglo – Australian Students: A comparative study. *Australian Psychologist, 34*, 177-182. doi:10.1080/00050069908257451
- Baldwin, J. R., Faulkner, S. L., Hecht, M. L., & Lindsley, S. L. (Eds). (2006). *Redefining Culture: Perspective across the disciplines*. Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin, 117*(3), 497-529. doi:10.1037/0033-2909.117.3.497
- Beltrão, K. I., & Sugahara, S. (2006). Permanentemente temporário: dekasseguis brasileiros no Japão. *Revista Brasileira de Estudos de População, 23*(1), 61-85. doi:10.1590/S0102-30982006000100005
- Beaton, D. E., Bombardier, C., Guillemin, F., & Ferraz, M. B. (2000). Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine, 25*, 3186-3191. doi:10.1097/00007632-200012150-00014
- Bekk, M., Berger, R., Font, A., Spies, E., & Stroppa C. (2013). *MIDA Revisited: Does the Multidimensional Individual Difference Acculturation Model Hold in Short-Term Acculturation Contexts?* WOP Working Papers No. 2013/1. Retirado de [www.psy.lmu.de/wirtschaftspsychologie/forschung/working\\_papers/index.html](http://www.psy.lmu.de/wirtschaftspsychologie/forschung/working_papers/index.html)
- Bendel, P. (2014). *Coordinating immigrant integration in Germany: Mainstreaming at the federal and local levels*. Bruxelas: Migration Policy Institute Europe.

- Benet-Martínez, V., Leu, J., Lee, F., & Morris, M. (2002). Negotiating biculturalism: Cultural frame switching in biculturals with oppositional versus compatible cultural identities. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 33*, 492–516. doi:10.1177/0022022102033005005
- Bentler, P. M. (2005). *EQS 6 Structural equations program manual*. Encino, CA: Multivariate Software.
- Berry, J. W. (1992). Acculturation and adaptation in a new society. *International Migration, 30*, 69-85. doi:10.1111/j.1468-2435.1992.tb00776.x
- Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation and adaptation. *Applied Psychology: An international Review, 46*, 5-68. doi:10.1111/j.464-0597.1997.tb.01087.x
- Berry, J. W. (2001). A Psychology of Immigration. *Journal of Social Issues, 57*(3), 615–631. doi:10.1111/0022-4537.00231
- Berry, J. W. (2005). Acculturation: Living successfully in two cultures. *International Journal of Intercultural Relations, 29*, 697–712. doi:10.1016/j.ijintrel.2005.07.013
- Berry, J. W. (2006). Stress perspectives on acculturation. In: D. L. Sam & J. W. Berry (Eds.), *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. (pp. 43-57). Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Berry, J. W. (2009). A critique of critical acculturation. *International Journal of Intercultural Relations, 33*, 361–371. doi:10.1016/j.ijintrel.2009.06.003
- Berry, J. W. (2010). *Mutual Intercultural Relations in Plural Societies (MIRIPS) questionnaire*. Retirado de <http://www.victoria.ac.nz/cacr/research/mirips>
- Berry, J., Poortinga, Y., Breugelmans, S., Chasiotis, A., & Sam, D. (2011). *Cross-cultural psychology. Research and applications* (3ª ed.). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Birman, D., Trickett, E. J., & Vinokurov, A. (2002). Acculturation and adaptation of Soviet Jewish refugee adolescents: Predictors of adjustment across life domains. *American Journal of Community Psychology, 30*(5), 585-607. doi:10.1023/a:1016323213871

- Bochner, S. (1972). Problems in culture learning. In S. Bochner & P. Wicks (Eds.), *Overseas students in Australia* (pp. 65–81). Sydney: University of New South Wales Press.
- Bochner, S. (2003). Culture Shock Due to Contact with Unfamiliar Cultures. *Online Readings in Psychology and Culture*, 8(1). Retirado de <https://doi.org/10.9707/2307-0919.1073>
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: Algumas considerações. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(53), 423-432. Retirado de <http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272253201314>
- Bourhis, R. Y., Moise, L.C., Perreault, S., & Senecal, S. (1997). Towards an interactive acculturation model: a social psychological approach. *International Journal of Psychology*, 32(6), 369-86. doi:10.1080/002075997400629
- Briones E., Verkuyten M., Cosano J., & Tabernero, C. (2012). Psychological adaptation of Moroccan and Ecuadorean immigrant adolescents in Spain. *International Journal of Psychology*, 47, 28-38. doi:10.1080/00207594.2011.569722
- Brisset, C., Safdar, S., Lewis, J. R., & Sabatier, C (2010). Psychological and sociocultural adaptation of university students in France: The case of Vietnamese international students. *International Journal of Intercultural Relations*, 34(4), 413-426. doi:10.1016/j.ijintrel.2010.02.009
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. Nova Iorque: Guilford Press.
- Brown, R., & Zagefka, H. (2011). The Dynamics of Acculturation: An Intergroup Perspective. *Advances in Experimental Social Psychology*, 44, 129-184. doi:10.1016/B978-0-12-385522-0.00003-2
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming* (2ª ed.). Nova Iorque, NY: Taylor and Francis Group.

- Cattell, R. B. (1966). The scree test for the number of factors. *Multivariate Behavioral Research*, 1(1), 245-276. doi: 10.1207/s15327906mbr0102\_10
- Cheung, G. W., & Lau, R. S. (2008). Testing mediation and suppression effects of latent variables. *Organizational Research Methods*, 11, 296–325. Retirado de <https://doi.org/10.1177/1094428107300343>
- Castles, S. (2000). International Migration at the Beginning of the Twenty-First Century: Global Trends and Issues. *International Social Science Journal*, 52, 269–281. doi:10.1111/1468-2451.00258
- Castles, S., & Miller, M. J. (2009). *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*. (4<sup>a</sup> ed.). Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Castles, S., De Haas, H., & Miller, M. J. (2014). *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World* (5<sup>a</sup> ed.). Nova Iorque: Guilford Press.
- Castro, V. S. (2003). *Acculturation and psychological adaptation*. Westport, CT: Greenwood Press.
- Carignato, T. T. (2004). O lugar do sujeito nas migrações contemporâneas: A Experiência Dekassegui. In: S. D. DeBiaggi & J. G. Paiva (Orgs.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (pp. 227-248). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ceobanu, A. M., & Escandell, X. (2010). Comparative analyses of public attitudes toward immigrants and immigration using multinational survey data: A review of theories and research. *Annual Review of Sociology*, 36, 309–328. doi:10.1146/annurev.soc.012809.102651
- Child, D. (2006). *The essentials of factor analysis*. (3<sup>a</sup> ed.). Nova Iorque, NY: Continuum International Publishing Group.
- Cohen, S., & Wills, T. A. (1985). Stress, social support, and buffering hypothesis. *Psychological Bulletin*, 98, 310-357.
- Como a Europa enfrenta o desafio da imigração? (201b, 3 de janeiro). *BBC Brasil*. Retirado de [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150103\\_qa\\_imigracao\\_lab](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150103_qa_imigracao_lab)

- Cooper, C., & Denner, J. (1998). Theories linking culture and psychology: Universal and community-specific processes. *Annual Review in Psychology*, 49, 559-84. doi:10.1146/annurev.psych.49.1.559
- Costa, J. P. C. (2007). *De decasségui a emigrante*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão.
- Costa, S. T. (2016). *Cultural Adaptation of 'Global' People Across National Context*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lund. Lund, Suécia.
- Creswell, J., Plano Clark, V., Gutmann, M., & Hanson, W. (2003). Advanced mixed methods research designs. In A. Tashakkori & C. Teddlie (Eds.), *Handbook of mixed methods in social and behavioural research* (pp. 209-240). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Cross, S. E. (1995). Self-construals, coping, and stress in cross-cultural adaptation. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 26, 673-697. Retirado de <https://doi.org/10.1177/002202219502600610>
- Cuche, D. (1999). *A Noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC.
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Revista Avaliação Psicológica*, 11(2), 213-228. Retirado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712012000200007&lng=pt&tlng=](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000200007&lng=pt&tlng=)
- Deaux, K. (2000). Surveying the landscape of immigration: Social psychological perspectives. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 10, 421-431. doi:10.1002/1099-1298(200009/10)10:5<421::AID-CASP598>3.0.CO;2-Y
- Demes, K. A., & Geeraert, N. (2014). Measures Matter: Scales for Adaptation, Cultural Distance, and Acculturation Orientation Revisited. *Journal of Cross-Cultural Psychology*. 45(1) 91–109. doi:10.1177/0022022113487590
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2011). Introduction: Disciplining the Practice of Qualitative Research. In: N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research* (4ª. ed.) (pp.1-19). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

- Dovidio, J. F., & Esses, V. M. (2001). Immigrants and immigration: Advancing the psychological perspective. *Journal of Social Issues*, 57(3), 378–387. doi:10.1111/0022-4537.00219
- Earley, P.C., & Ang, S. (2003). *Cultural intelligence: Individual interactions across cultures*. Palo Alto: Stanford University Press.
- Ebulueme, T. C. (2013). *Acculturation as a mediator of coping and psychological well-being among Nigerian immigrants in the United States*. Tese de doutorado. Trevecca Nazarene University, Nashville, TN, Estados Unidos. Retirado de <https://search.proquest.com/openview/b94d4f7dc50b4453e1960bb7a0c8a0ff/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>
- Feeney, B. C. & Collins, N. L. (2014). A New Look at Social Support: A Theoretical Perspective on Thriving Through Relationships. *Personality and Social Psychology Review*, 1 –35. doi:10.1177/1088868314544222
- Field, A. (2013). *Discovering Statistics Using IBM SPSS Statistics* (4ª ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc.
- Com a chegada de mais de 300 mil imigrantes, Europa vive crise; veja as consequências em nove países. (2015, 27 de agosto). *Folha de S. Paulo*. Retirado de <http://www1.folha.uol.com.br/asmais/2015/08/1673912-com-a-chegada-de-mais-de-260-mil-imigrantes-europa-vive-crise-veja-as-consequencias-em-nove-paises.shtml>
- Futema, F. (2015, 18 de junho). Após 25 anos, novo fluxo de brasileiros está a caminho do Japão. *Folha de S. Paulo*. Retirado de <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1644187-apos-25-anos-novo-fluxo-de-brasileiros-esta-a-caminho-do-japao.shtml>.
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18(1), 39–50. doi:10.2307/3151312

- Fugii, W. K. (2010). *Jovens universitários brasileiros nas linhas de produção japonesas: Uma contribuição ao estudo do fenômeno migratório entre o Brasil e o Japão (1908-2008)*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Galchenko, I. V. (2006). *Acculturation of Russian immigrants and emigrants*. Veenendaal: Universal Press.
- Galchenko, I., & Van de Vijver, F. J. R. (2007). The role of perceived cultural distance in the acculturation of exchange students in Russia. *International Journal of Intercultural Relations*, 31, 181-197. doi:10.1016/j.ijintrel.2006.03.004
- Gaw, K. F. (2000). Reverse culture shock in students returning from overseas. *International Journal of Intercultural Relations*, 24(1), 83-104. doi:10.1016/S0147-1767(99)00024-3
- Geertz, C. (1973). *The Interpretation of Cultures*. Nova Iorque: Basic Books.
- Gezentsvey, M., & Ward, C. (2008). Unveiling agency: A motivational perspective on acculturation and adaptation. In R. Sorrentino & S. Yamaguchi (Eds.), *Handbook of motivation and cognition across cultures*. (pp. 213-235). São Diego: Elsevier.
- Global Migration Group. (2010). *Mainstreaming Migration into Development Planning: A Handbook for Policy-makers and Practitioners*. Genebra, Suíça: Organizações Internacionais para as Migrações. Retirado de [http://www.unicef.org/socialpolicy/files/GMG\\_Mainstreaming\\_Migration\\_Handbook\\_Final\\_Nov\\_2010.pdf](http://www.unicef.org/socialpolicy/files/GMG_Mainstreaming_Migration_Handbook_Final_Nov_2010.pdf)
- Gordon, M. M. (1964). *Assimilation in American life*. Nova Iorque, NY: Oxford University Press.
- Goza, F. (1994). Brazilian Immigration to North America. *International Migration Review*, 28, 136-152.
- Graves, T. (1967). Psychological acculturation in a tri-ethnic community. *South-Western Journal of Anthropology*, 23, 337-350.

- Green, E. G. T., Deschamps, J-L., & Páez, D. (2005). Variation of Individualism and Collectivism within and between 20 countries: A typological analysis. *Journal of Cross Cultural Psychology*, 36, 321- 339. Retirado de <https://doi.org/10.1177/0022022104273654>
- Gudykunst, W. B. (1993). Toward a theory of effective interpersonal and intergroup communication. In R. Wiseman & J. Koester (Eds.), *Intercultural communication competence* (pp. 33–71). Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Gudykunst, W. B. (2005). An anxiety/uncertainty management (AUM) theory of effective communication. In W. B. Gudykunst (Ed.), *Theorizing about intercultural communication* (pp. 281- 322). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Gui, Y., Safdar, S., & Berry, J. (2016). Mutual Intercultural Relations among University Students in Canada. *Frontiers: The Interdisciplinary Journal of Study Abroad*, 27, 17-32.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2010). *Multivariate Data Analysis: A Global Perspective*, (7<sup>a</sup> ed.), Upper Saddle River, NJ: Pearson Prentice Hall.
- Hair, J. F., Hult, G. T. M., Ringle, C., & Sarstedt, M. (2017). *A Primer on Partial Least Squares Structural Equation Modeling (PLS-SEM)*. (2<sup>a</sup> ed.) Thousand Oaks: Sage.
- Handa, T. (1987). *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz/ Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.
- Hanson, W. E., Creswell, J. W., Plano Clark, V. L., Petska, K. S., & Creswell, J. D. (2005). Mixed methods research designs in counseling psychology. *Journal of Counseling Psychology*, 52, 224–235. doi:10.1037/0022-0167.52.2.224
- Hatano, L. T. (2010). A educação de crianças brasileiras no Japão – Desafios para os próximos 10 anos. In: *20 anos dos Brasileiros no Japão* (pp. 41- 50). Brasília: FUNAG.
- Hayes, A. F. (2013). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis*. Nova Iorque: The Guilford Press.



- Hayton, J. C., Allen, D. G., & Scarpello, V. (2004) Factor Retention Decisions in Exploratory Factor Analysis: A Tutorial on Parallel Analysis. *Organizational Research Methods*, 7, 191-205. doi:10.1177/1094428104263675
- He, J., & Van de Vijver, F. (2012). Bias and Equivalence in Cross-Cultural Research. *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(2). Retirado de <https://doi.org/10.9707/2307-0919.1111>
- Hechanova-Alampay, R., Beehr, T., Christiansen, N., & Van Horn, R. (2002). Adjustment and strain among domestic and international student sojourners: A longitudinal study. *School Psychology International*, 23(4), 458-474. doi:10.1177/0143034302234007
- Hermans, H. J. M., & Kempen, H. J. G. (1998). Moving cultures: The perilous problems of cultural dichotomies in globalizing society. *American Psychologist*, 53, 1111-1120. doi:10.1037//0003-066X.53.10.1111
- Higuchi, N (2005). *Brazilian Migration to Japan – Trends Modalities and Impact*. Expert Group Meeting on International Migration and Development in Latin America and the Caribbean. Cidade do México: Population Division, Department of Economic and Social Affairs, United Nations Secretariat.
- Hobfoll, S. E., & Vaux, A. (1993). Social support: Social resources and social context. In L. Goldberger & S. Breznitz (Eds.), *Handbook of stress* (pp. 685-705). Nova Iorque: Free Press.
- Hofstede, G. (1980). *Culture's consequences*. Beverly Hills: Sage.
- Hofstede, G (1991). *Culturas e organizações: compreender a nossa programação mental*. Lisboa: Silabo.
- Hofstede, G. (2001). *Culture's Consequences: Comparing Values, Behaviors, Institutions and Organizations Across Nations* (2ª ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Hofstede, G. (2011). Dimensionalizing Cultures: The Hofstede Model in Context. *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1). Retirado de <http://dx.doi.org/10.9707/2307-0919.1014>

- Hofstede, G., & McCrae, R. R. (2004). Personality and Culture Revisited: Linking Traits and Dimensions of Culture. *Cross-Cultural Research*, 38(1), 52-89. doi:10.1177/1069397103259443
- Horn, J. L. (1965). A rationale and technique for estimating the number of factors in factor analysis. *Psychometrika*, 30(1), 179-185.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2010). *Censo Demográfico - 2010*. Rio de Janeiro: IBGE. Retirado de: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>
- Organizações Internacionais para as Migrações (OIM). (2013). *World Migration Report 2013: Migrant Well-Being and Development*. Genebra, Suíça: Organizações Internacionais para as Migrações. Retirado de [http://publications.iom.int/bookstore/free/WMR2013\\_EN.pdf](http://publications.iom.int/bookstore/free/WMR2013_EN.pdf)
- Ishi, A. (2010). Reflexões sobre os 20 anos do movimento “dekassegui” – A perspectiva de um brasileiro radicado no Japão. In: *20 anos dos Brasileiros no Japão* (pp. 11-20). Brasília: FUNAG.
- Jansen, C. (1969). Some Sociological Aspects of Migration. In J. A. Jackson (Ed.), *Migration*. (pp. 60-73). Cambridge: Cambridge University Press.
- Japan Statistical Yearbook 2017 (2017). *Statistics Bureau*, Ministry of Internal Affairs and Communications, Japan.
- Jayasuriya, L., Sang, D., & Fielding, A. (1992). *Ethnicity, immigration and mental illness: A critical review of Australian research*. Canberra: Bureau of Immigration Research.
- Johnson, R. A., & Wichern, W. D. (2007). *Applied Multivariate Statistical Analysis*. (4<sup>a</sup> ed). Nova Jersey: Pearson Education Inc.
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2002). Entrevista narrativa. In: M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático* (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.

- Kaiser, H. F. (1960). The application of electronic computers to factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 20, 141-151.
- Kajita, T., Kiyoto, T., & Higuchi, N. (2005). *Kao no Mienai Teijuuka: Nikkei Brajirujin to Kokka, Shijo, Imin Netowa-ku (Invisible Residents: The Japanese Brazilians and State, Market and Migrant Network)*. Nagoia: University of Nagoya Press.
- Kato, H. T., Miyazaki, S. Y. M., & Sugo, A. I. (1992). Mão-de-obra do Brasil para o Japão: Aspectos econômicos e impactos nas empresas do fenômeno de kassegui. *Revista de Administração de Empresas*, 32(4), 20-31. Retirado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901992000400003>
- Kawamura, L. K. (1999). *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Kawamura, L. K. (2008). Família, Mulher e Cultura: Impactos da Migração para o Japão. In C. Sakurai & M. P. Coelho (Orgs.), *Resistência e Integração: 100 Anos de Imigração Japonesa no Brasil* (pp. 166-179). Rio de Janeiro: IBGE- Centro de Documentação e Disseminação de Informações.
- Kim, Y. Y. (1991). Intercultural communication competence: a systems-theoretic view. In S. Ting-Toomey & F. Korzeny (Eds.), *Cross-cultural interpersonal communication* (pp. 259-275). Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Kline, R. B. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling* (3ª ed.). Nova Iorque, NY: The Guilford Press.
- Kodama, K. (2007). O sol nascente do Brasil: um balanço da imigração japonesa. In: *Brasil: 500 anos de povoamento*, (pp. 197-213). Rio de Janeiro: IBGE.
- Kroeber, A., & Kluckhohn, C. (1952). *Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions*. Nova Iorque: Vintage Books.

- Kuo, B. C. H. (2012). Collectivism and coping: Current theories, evidence, and measurements of collective coping, *International Journal of Psychology*, 48(3), 374-388. doi:10.1080/00207594.2011.640681
- Kuo, B. C. H. (2014). Coping, acculturation, and psychological adaptation among migrants: a theoretical and empirical review and synthesis of the literature, *Health Psychology and Behavioral Medicine: An Open Access Journal*, 2(1), 16-3. doi:10.1080/21642850.2013.843459
- Kuo, B. C. H., Arnold, R., & Rodriguez-Rubio, B. (2013). Mediating effects of coping in the link between spirituality and psychological distress in a culturally diverse undergraduate sample. *Mental Health, Religion, and Culture*. doi:10.1080/13674676.2013.780015
- Kuo, B. C. H., Roysircar, G., & Newby-Clark, I. R. (2006). Development of the Cross-Cultural Coping Scale: Collective, Avoidance, and Engagement strategies. *Measurement and Evaluation in Counselling and Development*, 39, 161-181. doi:10.1080/21642850.2013.843459
- Kuo, B. C. H., Soucie, K. M., Huang, S., & Laith, R. (2017). The mediating role of cultural coping behaviours on the relationships between academic stress and positive psychosocial well-being outcomes. *International Journal of Psychology*. doi:10.1002/ijop.12421
- Lakei, P. N. (2003). Acculturation: a Review of the Literature. *Intercultural Communication Studies*, 12(2), 103-118.
- Laros, J. A. (2012). O uso da análise fatorial: algumas diretrizes para pesquisadores. In: L. Pasquali (Org.), *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília: LabPAM.
- Laros, J. A., & Puente-Palacios, K. E. (2004). Validação cruzada de uma escala de clima organizacional. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(1), 113–119. doi:10.1590/s1413-294x2004000100013
- Lazarus, R., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. Nova Iorque, NY: Springer.

- Lee, J., Koseke, G. F., & Sales, E. (2004). Social support buffering of acculturative stress: a study of mental symptoms among Korean international students. *International Journal of Intercultural Relations*, 28, 399-414. doi:10.1016/j.ijintrel.2004.08.005
- Liebkind, K., & Jasinskaja-Lahti, I. (2000). Acculturation and psychological well-being among immigrant adolescents in Finland. A comparative study of adolescents from different cultural backgrounds. *Journal of Adolescent Research*, 15(4), 446-469. Retirado de <https://doi.org/10.1177/0743558400154002>
- Liebkind, K. (2001). Acculturation. In R. Brown & S. Gaertner (Eds.), *Blackwell handbook of social psychology: intergroup processes* (pp. 386–406). Oxford: Blackwel.
- Liebkind, K. (2006). Ethnic identity and acculturation. In: D. L. Sam & J. W. Berry (Eds.), *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. (pp. 78-96). Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Liebkind, K., & Jasinskaja-Lahti, I. (2000). The influences of experience of discrimination on psychological stress: A comparison of seven immigrant groups. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 10, 1-16. doi:10.1002/(SICI)1099-1298(200001/02)10:1<1::AID-CASP521>3.0.CO;2-5
- Lineberry, M. (2012). *Expatriates' Acculturation Strategies: Going Beyond "How Adjusted Are You?" To "How Do You Adjust?"*. Tese de doutorado. Universidade do Sul da Flórida. Tampa, Flórida, Estados Unidos. Retirado de <http://scholarcommons.usf.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=5324&context=etd>
- Lynn, N., & Lea, S. (2003). A phantom menace and the new apartheid: The social construction of asylum-seekers in the United Kingdom. *Discourse and Society*, 14, 425– 452. doi:10.1177/0957926503014004002
- Liu, S., Volcic, Z., & Gallois, C. (2011). *Introducing Intercultural Communication: Global Cultures and Contexts*. Londres: Sage.

- MacKinnon, D.P., Krull, J. L., & Lockwood, C.M. (2000). Equivalence of the Mediation, Confounding and Suppression Effect. *Prevention Science*, 1(4), 173-181. Retirado de <https://doi.org/10.1023/A:1026595011371>
- MacKinnon, D. P., Lockwood, C. M., & Williams, J. (2004). Confidence limits for the indirect effect: Distribution of the product and resampling methods. *Multivariate Behavioral Research*, 39, 99-128. doi:10.1207/s15327906mbr3901\_4
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software e aplicações*. (2ª ed.) Pêro Pinheiro: Report Number.
- Marden, C. F., & Meyer, G. (1968). *Minorities in America* (3ª ed.). Nova Iorque: Van Nostrand Reinhold. Co.
- Masgoret, A. M., & Ward, C. (2006). Cultural learning approach to acculturation. In D. L. Sam & J. W. Berry (Eds.), *The Cambridge handbook of acculturation psychology* (pp. 58-77). Cambridge: Cambridge University Press.
- Matsue, R. Y. (2012). "Sentir-se em casa longe de casa": vulnerabilidade, religiosidade e apoio social entre os migrantes brasileiros no Japão. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(5), 1135-1142. Retirado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232012000500007&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000500007&lng=en&tlng=pt)
- Matsumoto, D., & Juang, L. (2013). *Culture and Psychology*. (5ª ed.). Belmont, CA: Cengage Learning.
- Maydell-Stevens, E., Masgoret, A. M., & Ward, T. (2007). Problems of psychological and sociocultural adaptation among Russian speaking immigrants in New Zealand, *Social Policy Journal of New Zealand: te puna whakaaro*, 30, 178-198.
- Michida, T. (2016). *Japanese Souls and Brazilian hearts: an exploration of the ethnic identities and mental wellbeing of Japanese Brazilian return-return migrants*. Tese de doutorado em Sociologia. Universidade do Nordeste, Boston, MA.

- Minkov, M. (2013). *Cross-cultural analysis: The science and art of comparing the world's modern societies and their cultures*. Los Angeles: Sage.
- Miyasaka, L. S., Otsuka, K., Tsuji, K., Atallah, A. N., Kunihiro, J., Nakamura, Y., & ... Kamada, Y. (2002). Mental health of two communities of Japanese-Brazilians. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, 56, 55-64. doi:10.1046/j.1440-1819.2002.00929.x
- Miyasaka, L. S., Canasiro, S., Abe, Y., Otsuka, K., Tsuji, K., Hayashi, T., & ... Kato, S. (2007). Migration and mental health: Japanese Brazilians in Japan and in Brazil. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 56(1), 48-52. Retirado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0047-20852007000100011&lng=en&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852007000100011&lng=en&tlng=en)
- Miura, I. (1997). *Dekasseguis: Relatos de identidade a partir da experiência de trabalho no Japão*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Mock, M. R. (2003). Reflexões clínicas sobre famílias refugiadas: transformando crises em oportunidades. In: M. McGoldrick (Ed.), *Novas abordagens em terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica* (pp. 400-413). São Paulo: Roca.
- Murphy, H. B. M. (1965). Migration and the major mental disorders. In M. B. Kantor (Ed.), *Mobility and mental health* (pp. 221-249). Springfield: Thomas.
- Musso P., Inguglia C., & Lo Coco, A. (2015). Acculturation profiles and perceived discrimination: Associations with psychosocial well-being among Tunisian adolescents in Italy. *Social Inquiry Into Well-Being*, 1, 76-90. doi:10.13165/SIIW-15-1-1-06
- Nações Unidas, Departamento de Relações Econômicas e Sociais, Divisão de População (2013). *Trends in International Migrant Stock: The 2013 Revision - Migrants by Age and Sex*. (POP/DB/MIG/Stock/Rev.2013/Age). Retirado de <http://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/migration/migrant-stock-age-2013.pdf>

- Nakagawa, F. (2015). Crise desperta desejo de migrar e brasileiros tentam emprego na Inglaterra e Japão. *Estadão*. Retirado de <http://economia.estadao.com.br/blogs/fernando-nakagawa/crise-desperta-desejo-de-migrar-e-mais-pessoas-tentam-emprego-na-inglaterra-e-japao/>
- Nakamoto, A. L. C. (2012). *De volta para casa: Um estudo sobre brasileiras e brasileiros retornados do Japão*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Nakamura, D. N. A. (2014). *O fenômeno decasségui no Japão e no Brasil: Questões de adaptação sociocultural e identidade - Um estudo de caso*. Monografia. Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Navas, M., García, M. C., Sánchez, J., Rojas, A. J., Pumares, P., & Fernández, J. S. (2005). Relative acculturation extended model (RAEM): New contributions with regard to the study of acculturation. *International Journal of Intercultural Relations*, 29(1), 21-37. doi:10.1016/j.ijintrel.2005.04.00
- Nauck, B. (2001). Intercultural contact and intergenerational transmission in immigrant families. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32(2), 159-173. doi:10.1177/0022022101032002004
- Needham, B. L., Mukherjee, B., Bagchi, P., Kim, C., Mukherjee, A., Kandula, N. R., & Kanaya, A. M. (2017). Acculturation strategies and symptoms of depression: The mediators of atherosclerosis in South Asians living in America (MASALA) Study. *Journal of Immigrant and Minority Health*, 15(5), 1-7. doi:10.1007/s10903-017-0635-z
- Ng, T. K., Wang, K. W. C., & Chan, W. (2017). Acculturation and cross-cultural adaptation: The moderating role of social support. *International Journal of Intercultural Relations*, 59, 19–30. doi:10.1016/j.ijintrel.2017.04.012
- Nguyen, A.-M. D., & Benet-Martínez, V. (2012). Biculturalism and Adjustment. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 44(1), 122–159. doi:10.1177/0022022111435097



- Noh, S., & Kaspar, V. (2003). Perceived discrimination & depression: Moderating effects of coping, acculturation, and ethnic support. *American Journal of Public Health, 93*, 232–238. doi:10.2105/AJPH.93.2.232
- Oberg, K. (1960). Cultural shock: adjustment to new cultural environments. *Practical Anthropology, 7*, 177–182.
- Olmedo, E. L. (1979). Acculturation: A psychometric perspective. *American Psychologist, 34*, 1061–1070.
- Okamoto, M. Y. (2007). *Dekassegui e família: encontros e desencontros*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Ong, A. J., & Ward, C. (2005). The construction and validation of a social support measure for sojourners: The Index of Sojourner Social Support (ISSS) Scale. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 36*(6), 637–661. doi:10.1177/002202210528050
- Organista, P. B., Marin, G., & Chun, K. M. (2010). *The Psychology of Ethnic Groups in The United States*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Osborne, J. W. (2014). *Best Practices in Exploratory Factor Analysis*. Scotts Valley, CA: CreateSpace Independent Publishing.
- Costello, A. B., & Osborne, J. W. (2005). Best Practices in Exploratory Factor Analysis: Four Recommendations for Getting the Most From Your Analysis. *Practical Assessment Research & Evaluation, 10*(7), 1–9, doi:10.12691/jpar-2-1-2.
- Ouarasse, O. A., & Van de Vijver, F. J. R. (2005). The role of demographic variables and acculturation attitudes in predicting sociocultural and psychological adaptation in Moroccans in the Netherlands. *International Journal of Intercultural Relations, 29*(3), 251–272. doi:10.1016/j.ijintrel.2005.06.005.
- Ozer, S. (2013). Theories and Methodologies in Acculturation Psychology: The Emergence of a Scientific Revolution? *Psychological Studies, 58*(3). doi:10.1007/s12646-013-0203-0

- Pargament, K. I. (1997). *The psychology of religion and coping: Theory, research, and practice*. Nova Iorque: Guilford Press.
- Pasquali, L. (2012). *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília: LabPAM.
- Phinney, J. S., Horenczyk, G., Liebkind, K., & Vedder, P. (2001). Ethnic Identity, Immigration, and Well-Being: An Interactional Perspective. *Journal of Social Issues*, 57(3), 493–510. doi:10.1111/0022-4537.00225
- Pilati, R., & Laros, J. A. (2007). Modelos de equações estruturais em Psicologia: Conceitos e aplicações. *Psicologia: Teoria e Prática*, 23(2), 205-216. doi:10.1590/S0102-37722007000200011
- Piontkowski, U., Rohmann, A., & Florack, A. (2002). Concordance of acculturation attitudes and perceived threat. *Group Processes & Intergroup Relations*, 5(3), 221-232.
- Preacher, K. J. & Hayes, A. (2004). SPSS and SAS procedures for estimating indirect effects in simple mediation models. *Behavior Research Methods, Instruments, & Computers*, 36(4), 717-731. Retirado de <https://doi.org/10.3758/BF03206553>
- Rasmi, S., Safdar, S., & Lewis, J.R. (2009). A longitudinal examination of the MIDA model with international students. In A. Chybicka, S. F. Safdar, & A. Kwiatkowska (Eds.), *Culture & Gender: An Intimate Relation* (pp. 42-57). Sopot, Polônia: GWP.
- Redfield, R., Linton, R., & Herskovits, M.J. (1936). Memorandum for the study of acculturation. *American Anthropologist*, 38, 149–152. doi: 10.1525/aa.1936.38.1.02a00330
- Rhodes, S. D., Daniel, J., Song, E., Alonzo, J., Downs, M., & Reboussin, B. A. (2013). Social support among immigrant Latino men: a validation study. *American Journal of Health Behavior*, 37(5), 620-628. doi:10.5993/ajhb.37.5.5
- Rodriguez, M. S., & Cohen, S. (1998). Social support. *Encyclopedia of Mental Health*, 3, 535-544.

- Rose, M. C. (2016). *International student adaptability: The influence of the Sino-American 1 2 1 dual degree program*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado da Califórnia. São Bernardino, CA, Estados Unidos. Retirado de <http://scholarworks.lib.csusb.edu/etd/267>
- Saito, H. (1980). Participação, mobilidade e identidade. In: H, Saito (Org.), *A presença japonesa no Brasil* (pp. 81-89). São Paulo: T.A.Queiroz/Edusp.
- Saito, J. K. (1986). Auto-estima e auto-conceito entre jovens descendentes de japoneses. In: M. Ohno (Ed.), *O Nikkei e sua Americanidade*. III Convenção Panamericana Nikkei (241-260). São Paulo: Copani.
- Saito, M. (2003). *Japoneses aqui, Brasileiros lá?: Uma leitura sobre (e dos) decasséguis*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP.
- Safdar, S., Chuong, K., & Lewis, J. R. (2013). A Review of the MIDA Model and Other Contemporary Acculturation Models. In: E. Tartakovsky (Ed.), *Immigration: policies, challenges and impact*. (pp. 213-230). Hauppauge, NY: Nova Science Publisher.
- Safdar, S., Lay, C., & Struthers, W. (2003). The process of acculturation and basic goals: Testing a multidimensional individual difference model with Iranian immigrants in Canada. *Applied Psychology: An International Review*, 52(4), 555-579. doi:10.1111/1464-0597.00151
- Sakurai, C. (2000). Imigração Japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada (1908-1941). In: B. Fausto (Org.), *Fazer a América*. São Paulo: Edusp.
- Sam, D. L., & Berry, J. W. (Eds.). (2006). *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sam, D. L., & Berry, J. W. (2010). Acculturation: When Individuals and Groups of Different Cultural Backgrounds Meet. *Perspectives on Psychological Science*, 5(4), 472-481. doi:10.1177/1745691610373075

- Sapountzis, A. (2013). Dominant group members talk about the acculturation of immigrants in Greece: Who is in charge of the acculturation process? *Hellenic Journal of Psychology*, 10, 24-46.  
Retirado de <http://www.pseve.org/journal/UPLOAD/Sapountzis10a.pdf>
- Sasaki, E. M. (1995). Dekaseguis: trabalhadores nipo-brasileiros no Japão. *Travessia – Revista do Migrante*, 21, 20-22.
- Sasaki, E. M. (1998). *O jogo da diferença: a experiência identitária no movimento dekassegui*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Sasaki, E. M. (1999). Movimento *dekassegui*: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: R. R. Reis & T. Sales (Orgs.), *Cenas do Brasil migrante* (pp. 243-274). São Paulo: Boitempo.
- Sasaki, E. M. (2004). A questão da identidade dos brasileiros migrantes no Japão. In: S. D. DeBiaggi & J. G. Paiva (Orgs.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (pp. 209-226). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sasaki, K. (2008). Between Emigration and Immigration: Japanese Emigrants to Brazil and Their Descendants in Japan. *Senri Ethnological Reports*, 77, 53-66.
- Schwarzer, R., Hahn, A., & Schroder, H. (1994). Social integration and social support in a life crisis. *American Journal of Community Psychology*, 22, 685–706. doi:10.1007/bf025068899
- Schmitz, P. (1992). Acculturation styles and health. In S. Iwawaki, Y. Kashima & K. Leung (Eds.), *Innovations in Cross-Cultural Psychology* (pp. 360-70). Amsterdã: Swets Zeitlinger.
- Scottham, K., & Dias, R. (2010). Acculturative strategies and the psychological adaptation of Brazilian migrants to Japan. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 10(4), 284-303. doi:10.1080/15283488.2010.523587

- Searle, W., & Ward, C. (1990). The prediction of psychological and sociocultural adjustment during cross-cultural transitions. *International Journal of Intercultural Relations*, 14, 449-464. Retirado de [https://doi.org/10.1016/0147-1767\(90\)90030-Z](https://doi.org/10.1016/0147-1767(90)90030-Z)
- Segall, M. H. (1984). More than we need to know about culture, but are afraid not to ask. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 15(2), 153-162. Retirado de <http://dx.doi.org/10.1177/0022002184015002004>
- Seyferth, G. (2000). Assimilação dos imigrantes no Brasil: inconstâncias de um conceito problemático. *Travessia: Revista do Migrante*, 36, 45-50.
- Sharpe, M. O. (2010). When ethnic returnees are de facto guestworkers: What does the introduction of Latin American Japanese Nikkeijin (Japanese descendants) (LAN) suggest for Japan's definition of nationality, citizenship, and immigration policy? *Policy and Society*, 29(4), 357–369. Retirado de <https://doi.org/10.1016/j.polsoc.2010.09.009>
- Smith, P. B.; Bond, M. H; & Kagitçibasi, C. (2006). *Understanding Social Psychology Across Cultures: Living and working in a changing world*. Londres: Sage.
- Smith, P. B., Fischer, R., Vignoles, V. L., & Bond, M. H. (2013). *Understanding Social Psychology Across Cultures: Engaging with others in a changing world*. (2ª ed). Londres: Sage.
- Smith, R., & Khawaja, N. (2011). A review of the acculturation experiences of international students. *International Journal of Intercultural Relations*, 35(6), 699-713. doi:10.1016/j.ijintrel.2011.08.004
- Social Science Research Council. (1954). Acculturation: An exploratory formulation. *American Anthropologist*, 56, 973–1002.
- Spijkers, F. E. (2011). *Mental health outcomes of immigrant and non-immigrant youth in New Zealand: Exploring the Immigrant Paradox*. Dissertação de mestrado. Victoria University of Wellington, Wellington, Nova Zelândia.

- Souza, F. B. de (2014). *A face feminina da migração de retorno de dekasseguis: processo de adaptação e suas problemáticas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande.
- Struthers, C. W., Menec, V. H., Schonwetter, D. J., & Perry, R. P. (1996). The effect of perceived attributions, action control, and creativity on college students' motivation and performance: A field study. *Learning and Individual Differences*, 8, 121-139. doi:10.1016/S1041-6080(96)90029-1
- Suanet, I., & Van de Vijver, F. J. R. (2009). Perceived cultural distance and acculturation among exchange students in Russia. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 19(3), 182-197. doi:10.1002/casp.989
- Suguiura, M. H. (2009). *Relações entre a rede social e as migrações Brasil-Japão*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Sumita, H. S. (2003). *A orquestra de vozes, na fala das migrantes nikkeys*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Sussman, N. M. (2002). Testing the cultural identity model of the cultural transition cycle: Sojourners return home. *International Journal of Intercultural Relations*, 26(4), 391-408. doi:10.1016/S0147-1767(02)00013-5
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics* (6<sup>a</sup> ed.). Boston: Pearson.
- Tajfel, H. (1974). Social identity and intergroup behaviour. *Social Science Information*, 13, 65–93.
- Tajfel, H., & Turner, J. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations* (pp. 33-48). Monterey, CA: Brooks/Cole.
- Takenoshita, H. (2013). Labour Market Flexibilization and the Disadvantages of Immigrant Employment in Japan: The Case of Japanese-Brazilian Immigrants. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 39, 1-35. Retirado de <https://doi.org/10.1080/1369183X.2013.778140>

- Tanaka, E. (2009). *A volta dos filhos de dekassegui ao Brasil: escolarização, dificuldades e superação*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Te Lindert, A., Korzilius, H., Van de Vijver, F. J. R., Kroon, S., & Arends-Tóth, J. (2008). Perceived discrimination and acculturation among Iranian refugees in the Netherlands. *International Journal of Intercultural Relations*, 32(6), 578–588. doi:10.1016/j.ijintrel.2008.09.003
- Thomas, M., & Choi, J. B. (2006). Acculturative stress and social support among Korean and Indian immigrant adolescents in the United States. *Journal of Sociology & Social Welfare*, 33(2), 123–143. Retirado de <http://scholarworks.wmich.edu/jssw/vol33/iss2/8>
- Ting-Toomey, S. (2004). Translating conflict face-negotiation theory into practice. In D. Landis, J. M. Bennett & M. J. Bennett (Eds.), *Handbook of intercultural training*. (3ª ed.), (pp. 219–248). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Tobace, E. (12 de julho, 2011). Crise econômica, terremoto, tsunami e crise nuclear apressam volta de decasséguis ao Brasil. *BBC Brasil*. Retirado de [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/01/110712\\_volta\\_decasseguis\\_brasil\\_et.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/01/110712_volta_decasseguis_brasil_et.shtml)
- Tobace, E. (2015, 2 de junho). Policiais aprendem português para enfrentar criminalidade brasileira no Japão. *BBC Brasil*. Retirado de [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150518\\_decassegui\\_violencia\\_et\\_lab](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150518_decassegui_violencia_et_lab)
- Tongu, E. A. S. (2010). *Migrações, processo educacional e os dekassegui: um estudo da rede de relações em torno da criança nikkei na escola brasileira no Japão*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Trimble, J. E. (2002). Introduction: Social change and acculturation. In K. M. Chun, P. B. Organista, & G. Marín (Eds.), *Acculturation—advances in theory, measurement, and applied research* (pp. 3–13). Washington: American Psychological Association.

- Tsuda, T. (2000). *Migration and Alienation: Japanese-Brazilian Return Migrants and the Search for Homeland Abroad*. The Center for Comparative Immigration Studies (CCIS), Working Paper, 24. Universidade da Califórnia, São Diego.
- Tsuda, T. (2003). *Strangers in the Ethnic Homeland, Japanese Brazilian Return Migration in Transnational Perspective*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Tsuda, T. (2009). Japanese-Brazilian ethnic return migration and the making of Japan's newest immigrant minority. In: M. Weiner (Ed.), *Japan's minorities: The illusion of homogeneity* (pp. 206-227). Londres: Routledge.
- Tylor, E. (1871). *Primitive Culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom*. Londres: John Murray. Retirado de <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511705960>
- Triandis, H. C. (1972). *The analysis of subjective culture*. Nova Iorque: Wiley.
- Triandis, H. C. (1994). *Theoretical and methodological approaches to the study of collectivism - individualism*. In U. Kim, H. C. Triandis, C. Kagitcibasi, S. C. Choi, & G. Yoon (Eds.), *Individualism and collectivism: Theory, method, and application* (pp. 41–51). Thousand Oaks: Sage
- Schmitt, M. T., Branscombe, N. R., Postmes, T., & García, A. (2014). The consequences of perceived discrimination for psychological wellbeing: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, *140*(4), 921-948. doi:10.1037/a0035754
- Stephan, W. G., & Stephan, C. W. (2000). An integrated threat theory of prejudice. In S. Oskamp (Ed.), *Reducing Prejudice and Discrimination* (pp. 23-45). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Van de Vijver, F. J. R. (2015). Dimensions in acculturation: One, two, or many? *Psihologia Resurselor Umane*, *13*(1), 25-31.



- Van de Vijver, F. J. R., & Chasiotis, A. (2010). Making methods meet: Mixed designs in cross-cultural research. In J. A. Harkness, M. Braun, B. Edwards, T. P. Johnson, L. Lyberg, P. P. Mohler, B. E. Pennell, & T. W. Smith (Eds.), *Survey methods in multinational, multiregional, and multicultural contexts* (pp. 455-473). Hoboken, NJ: Wiley.
- Van der Zee, K., Buunk, B., & Sanderman, R. (1997). Social support, locus of control, and psychological well-being. *Journal of Applied Social Psychology, 27*, 1842–1859.
- Wang, J., Hong, J., & Pi, Z. (2015). Cross-cultural adaptation: The impact of online social support and the role of gender. *Social Behavior and Personality: An international journal, 43*, 111-122. <https://doi.org/10.2224/sbp.2015.43.1.111>
- Ward, C. (1996). Acculturation. In D. Landis & R. Bhagat (Eds.), *Handbook of Intercultural Training*. (2<sup>a</sup> ed.), (pp. 124–147). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Ward, C. (2001). The A, B, Cs of acculturation. In D. Matsumoto (Ed.), *The handbook of culture and psychology* (pp. 411–445). Oxford, Reino Unido: Oxford University Press.
- Ward, C. (2004). Psychological theories of culture contact and their implications for intercultural training and interventions. In D. Landis, J. M. Bennett, & M. J. Bennett (Eds.), *Handbook of intercultural training* (3<sup>a</sup>ed., pp. 185-217). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Ward, C., Bochner, S., & Furnham, A. (2001). *The psychology of culture shock*. Londres: Routledge.
- Ward, C., & Kennedy, A. (1992). Locus of control, mood disturbance, and social difficulty during cross-cultural transitions. *International Journal of Intercultural Relations, 16*, 175–194. doi:10.1016/0147-1767(92)90017-O
- Ward, C., & Kennedy, A. (1993). Psychological and socio-cultural adjustment during cross-cultural transitions: a comparison of secondary students at home and abroad. *International Journal of Psychology, 28*(2), 129–147. doi:10.1080/00207599308247181

- Ward, C., & Kennedy, A. (1994). Acculturation strategies, psychological adjustment, and sociocultural competence during cross-cultural transitions. *International Journal of Intercultural Relations*, 18, 329-343. doi:10.1016/0147-1767(94)90036-1
- Ward, C., & Kennedy, A. (1996). Crossing cultures: the relationship between psychological and sociocultural dimensions of cross-cultural adjustment. In J. Pandey, D. Sinha & D. P. S. Bhawuk (Eds.), *Asian contributions to cross-cultural psychology* (pp. 289– 306). Nova Deli: Sage Publications.
- Ward, C., & Kennedy, A. (2001). Coping with Cross-Cultural Transition. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32 (5), 636 – 642. doi:10.1177/0022022101032005007
- Ward, C., & Leong, C. H. (2005). Acculturation, identity and perceived discrimination: a study of Malaysian and P. R. C. Chinese in Singapore. In Y. Kashima, Y. Endo, E. S. Kashima, C. Leung & J. McClure (Eds.), *Progress in Asian social psychology* (pp.125–138). Seul: Kyoyook-Kwahak-Sa Publishing.
- Ward, C., & Leong, C. H. (2006). Intercultural relations in plural societies. In: D. L. Sam & J. W. Berry (Eds.), *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. (pp. 484-503). Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Ward, C., Okura, Y., Kennedy, A., & Kojima, T. (1998). The U-curve on trial: A longitudinal study of psychological and sociocultural adjustment during cross-cultural transition. *International Journal of Intercultural Relations*, 22, 277–291. [http://dx.doi.org/10.1016/S0147-1767\(98\)00008-X](http://dx.doi.org/10.1016/S0147-1767(98)00008-X)
- Ward, C., & Rana-Deuba, R. (1999). Acculturation and adaptation revisited. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 30, 422-442. doi:10.1177/0022022199030004003
- Watanabe, A. F. (2008). *A experiência das raízes e o dekassegui: Um estudo de Psicologia Social a partir de Reconstrução Autobiográfica*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

- Why is EU struggling with migrants and asylum? (2015, 21 de setembro). *BBC*. Retirado de <http://www.bbc.com/news/world-europe-24583286>
- Worthington, R. L., & Whittaker, T. A. (2006). Scale Development Research: A Content Analysis and Recommendations for Best Practices. *The Counseling Psychologist, 34*, 806-838. Retirado de <https://doi.org/10.1177/0011000006288127>
- Ullman, J. B. (2007). Structural Equation Modeling. In B. G. Tabachnick & L. S. Fidell (Orgs.), *Using multivariate statistics* (5ª ed., pp, 676-780). Boston: Pearson Education.
- Um em cada três estrangeiros residentes no Japão sofre preconceito, diz pesquisa. (2017, 31 de março). *O GLOBO*. Retirado de <https://oglobo.globo.com/sociedade/um-em-cada-tres-estrangeiros-residentes-no-japao-sofre-preconceito-diz-pesquisa-21142827>
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Yano, L. P. (2013). *Famílias brasileiras no Japão: migração transnacional, adaptação e estresse aculturativo*. Porto Alegre: Poá Comunicação.
- Yu, W., & Wang, S. (2011). An Investigation into the Acculturation Strategies of Chinese Students in Germany. *Intercultural Communication Studies, 20* (2), 190-210.
- Zárate, M. A., & Shaw, M. P. (2010). The role of cultural inertia in reactions to immigration on the U.S./Mexico border. *Journal of Social Issues, 66*, 45–57. doi:10.1111/j.1540-4560.2009.01632.x
- Zhao, X., Lynch, J. G. Jr., & Chen, Q. (2010). Reconsidering Baron and Kenny: myths and truths about mediation analysis. *Journal of Consumer Research, 37*(2), 197-206. doi:10.1086/651257

## ANEXO 1

## Roteiro de entrevista semiestruturado

- 1) Como era sua vida antes de chegar ao Japão?  
(O que a pessoa fazia – ocupação principal, a rotina, onde morava, com quem)
- 2) Por que você se mudou para o Japão? O que você esperava do país e da sua nova rotina?  
(Explorar os motivos e as expectativas das pessoas com relação à nova rotina e cultura)
- 3) Para você, o que significa uma pessoa se adaptar a um outro país?  
(Explorar o conceito de “adaptação cultural”, investigar o que a pessoa entende por adaptação cultural/ou a um outro país)
- 4) Conte-me sobre sua chegada ao país. Como tem sido a sua vida neste país? (Explorar detalhes da trajetória da pessoa no contato com a cultura – as principais dificuldades enfrentadas, como ela lidou/lida com as dificuldades, o que facilitou o processo de adaptação)
- 5) O que você pensa sobre a cultura e as pessoas do Japão? Como foi e tem sido o seu relacionamento com a cultura e os japoneses?  
(Verificar o que ela pensa sobre o Japão e a cultura japonesa no geral, como ela se relaciona com esta cultura e os japoneses. Como, quando e por que acontece o contato? Dê exemplos de situações de contato)
- 6) E o Brasil? Como ele faz parte de seu cotidiano? Como é sua relação com a cultura/pessoas brasileiras no Japão e no Brasil?  
(Verificar o que ela pensa sobre o Brasil e a cultura brasileira no geral, de que forma esta cultura se faz presente em seu dia-a-dia. Como, quando e por que acontece o contato com os brasileiros? Dê exemplos de situações de contato)
- 7) E hoje? Como você se sente? Como é sua vida? Como é morar no Japão?  
(Verificar como a pessoa está - Saúde física e mental – atividades que faz atualmente, como é a rotina, como lida com aspectos do cotidiano: moradia, alimentação, deslocamento, resolver burocracias)
- 8) O que você pensa do seu futuro?  
(Planos para o futuro próximo e distante)

## ANEXO 2

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a entrevista

Caro(a) participante você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa realizada por um grupo de estudantes da Universidade de Brasília. Esta é uma pesquisa faz parte de uma tese de doutorado do curso de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações cujo objetivo é conhecer as formas de adaptação dos imigrantes brasileiros ao Japão. A sua participação consistirá em responder a questões abertas relacionadas à sua adaptação ao Japão. O tempo estimado para esta entrevista é entre 40 a 60 minutos. Antes de concordar com a sua participação na presente pesquisa, é importante que você entenda os seguintes pontos:

- ✓ Fica assegurado que você não será identificado em momento algum da pesquisa e que será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas com a sua privacidade.
- ✓ Caso não se sinta esclarecido(a) sobre algum termo ou sobre o estudo, você poderá pedir maiores informações a qualquer momento durante a entrevista ou após a entrevista, por e-mail aos pesquisadores.
- ✓ Você não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por participar na pesquisa. A participação na pesquisa não lhe proporcionará qualquer risco ou dano. Ao contrário, o estudo beneficiará a comunidade científica. Os resultados da pesquisa serão publicados em jornais ou revistas da área e ainda assim a sua identidade será preservada.
- ✓ Fica assegurada a sua liberdade de retirar o seu consentimento e deixar de participar do estudo, a qualquer momento. Basta solicitar o cancelamento de sua participação no momento da entrevista ou por e-mail, sem nenhum prejuízo ou coação.
- ✓ Se você tiver qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável: Jesselyn Tashima, no e-mail [jesselyntashima@gmail.com](mailto:jesselyntashima@gmail.com)

Ao concordar com os termos, indica que você ouviu as informações acima e voluntariamente concorda em participar do presente estudo e autoriza a gravação do áudio desta entrevista.

Caso deseje receber informações sobre os resultados desta pesquisa, deixe seu e-mail/telefone de contato: \_\_\_\_\_

ANEXO 3  
Instrumento da pesquisa

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa realizada pelo laboratório de Psicologia Transcultural da Universidade de Brasília. Esta é uma pesquisa sobre a adaptação à vida no Japão. Você responderá à perguntas relacionadas à sua adaptação ao Japão. O tempo estimado para responder as perguntas é de 10-15 minutos.

Antes de concordar com a sua participação na presente pesquisa, é importante que você leia e entenda os seguintes pontos:

- . Fica assegurado que você não será identificado em momento algum da pesquisa e que será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas com a sua privacidade.
- . Caso não se sinta esclarecido(a) sobre algum termo ou sobre o estudo, você poderá pedir maiores informações por e-mail à pesquisadora responsável por este estudo.
- . Você não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por participar na pesquisa. A participação na pesquisa não lhe proporcionará qualquer risco ou dano.
- . Os resultados da pesquisa poderão ser publicados em jornais ou revistas da área e ainda assim a sua identidade será preservada.
- . Fica assegurada a sua liberdade de retirar o seu consentimento e deixar de participar do estudo a qualquer momento. Basta solicitar o cancelamento de sua participação por e-mail, sem nenhum prejuízo ou coação.
- . Se você tiver qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Jesselyn Tashima, no e-mail [jesselyntashima@gmail.com](mailto:jesselyntashima@gmail.com).

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do [cep/ihcep\\_ih@unb.br](mailto:cep/ihcep_ih@unb.br).

1. Eu entendo os termos e condições acima e desejo participar da pesquisa

Sim ( ) Não ( )

Instruções: Leia cada frase com atenção e responda todas as perguntas de acordo com a escala de respostas abaixo. Não existem respostas certas ou erradas. Por favor, marque apenas um número para cada descrição

Pense sobre morar no Japão. **Até que ponto você concorda com as afirmações a seguir? Quando eu estou no Japão, é importante que eu...**

1	2	3	4	5	6	7
Não concordo fortemente	Não concordo	Não concordo de algum modo	Nem concordo nem discordo	Concordo de algum modo	Concordo	Concordo fortemente

1. \_\_\_\_ tenha amigos brasileiros
2. \_\_\_\_ faça parte das tradições brasileiras
3. \_\_\_\_ mantenha as minhas características brasileiras
4. \_\_\_\_ faça as coisas do jeito que os brasileiros fazem
5. \_\_\_\_ tenha amigos japoneses
6. \_\_\_\_ faça parte das tradições japonesas
7. \_\_\_\_ persista com (ou desenvolva) as características japonesas
8. \_\_\_\_ faça as coisas do jeito que os japoneses fazem

Novamente, pense sobre morar no Japão. **Usando a escala abaixo, você acha que foi fácil ou difícil para se adaptar a(o) \_\_\_\_\_ do Japão?**

1	2	3	4	5	6	7
Muito difícil	Difícil	De algum modo difícil	Neutro	De algum modo fácil	Fácil	Muito fácil

9. \_\_\_\_ clima (temperatura, chuva, humidade)
10. \_\_\_\_ natureza (plantas e animais, poluição, cenário)
11. \_\_\_\_ ambiente social (tamanho da comunidade, vida, barulho)
12. \_\_\_\_ moradia (higiene, hábitos de dormir, senso de segurança)
13. \_\_\_\_ aspectos práticos (chegar aos lugares, transporte público, compras)
14. \_\_\_\_ comida e hábitos alimentares (o tipo de comida servido, como a comida é, horário das refeições)
15. \_\_\_\_ vida familiar (se a família é unida, quanto tempo a família passa junto)
16. \_\_\_\_ normas sociais (como se comportar em público, estilo das roupas, o que as pessoas acham engraçado)
17. \_\_\_\_ valores e opiniões (o que as pessoas acham de religião e política, o que as pessoas acham certo ou errado)
18. \_\_\_\_ pessoas (se as pessoas são amigáveis, quão estressadas ou relaxadas as pessoas são, atitudes com estrangeiros)
19. \_\_\_\_ amigos (fazer amigos, quantidade de interação social, o que as pessoas fazem para se divertir e relaxar)
20. \_\_\_\_ língua (aprender a língua, entender as pessoas, se fazer compreendido)

Agora pense sobre o Japão e o Brasil. **Na sua opinião, quão diferente ou similar são os 2 lugares em termos de \_\_\_\_\_**

1	2	3	4	5	6	7
Muito parecidos	Parecidos	Parecidos de algum modo	Neutro	Diferentes de algum modo	Diferentes	Muito diferentes

21. \_\_\_ clima (temperatura, chuva, humidade)
22. \_\_\_ natureza (plantas e animais, poluição, cenário)
23. \_\_\_ ambiente social (tamanho da comunidade, vida, barulho)
24. \_\_\_ moradia (higiene, hábitos de dormir, senso de segurança)
25. \_\_\_ aspectos práticos (chegar aos lugares, transporte público, compras)
26. \_\_\_ comida e hábitos alimentares (o tipo de comida servido, como a comida é, horário das refeições)
27. \_\_\_ vida familiar (se a família é unida, quanto tempo a família passa junto)
28. \_\_\_ normas sociais (como se comportar em público, estilo das roupas, o que as pessoas acham engraçado)
29. \_\_\_ valores e opiniões (o que as pessoas acham de religião e política, o que as pessoas acham certo ou errado)
30. \_\_\_ pessoas (se as pessoas são amigáveis, quão estressadas ou relaxadas as pessoas são, atitudes com estrangeiros)
31. \_\_\_ amigos (fazer amigos, quantidade de interação social, o que as pessoas fazem para se divertir e relaxar)
32. \_\_\_ língua (aprender a língua, entender as pessoas, se fazer compreendido)

Nas **últimas 2 semanas, com que frequência você se sentiu:**

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Muito raramente	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Muito frequentemente	Sempre

33. \_\_\_ empolgado por estar morando no Japão
34. \_\_\_ fora do lugar, como se você não se encaixasse na cultura japonesa
35. \_\_\_ triste por estar fora do Brasil
36. \_\_\_ ansioso sobre como se comportar em certas situações
37. \_\_\_ sozinho sem sua família e seus amigos do Brasil à sua volta
38. \_\_\_ com saudades de casa quando você pensa no Brasil
39. \_\_\_ frustrado pelas dificuldades de se adaptar ao Japão
40. \_\_\_ feliz com sua vida diária no Japão

As seguintes afirmativas relacionam-se a certos comportamentos úteis que podem fazer sua estadia no Japão mais fácil e agradável. Leia cada descrição cuidadosamente e considere se você conhece pessoas que fazem os comportamentos descritos. Use a seguinte escala:

1	2	3	4	5	6	7
Não concordo	Não	Não	Nem	Concordo	Concordo	Concordo



fortemente	concordo	concordo de algum modo	concordo nem discordo	de algum modo		fortemente
------------	----------	------------------------	-----------------------	---------------	--	------------

**Aqui no Japão eu tenho alguém que me \_\_\_\_\_**

41. \_\_\_\_ ouve e conversa comigo sempre que eu me sinto solitário ou deprimido
42. \_\_\_\_ oferece ajuda concreta para eu lidar com qualquer problema de comunicação que eu possa enfrentar
43. \_\_\_\_ explica o que acontece para tornar a minha situação mais clara e fácil de entender
44. \_\_\_\_ faz companhia sempre que eu não sinto vontade de sair
45. \_\_\_\_ explica e me ajuda a entender a língua e a cultura local
46. \_\_\_\_ acompanha a algum lugar mesmo que ele/ela não precise ir
47. \_\_\_\_ faz companhia em meus bons e maus momentos
48. \_\_\_\_ ajuda a lidar com algumas regras e regulamentos institucionais locais
49. \_\_\_\_ acompanha sempre que eu preciso de alguma companhia
50. \_\_\_\_ fornece informação necessária para que eu me oriente no meu novo ambiente
51. \_\_\_\_ conforta quando eu sinto saudades de casa
52. \_\_\_\_ ajuda a interpretar situações que eu não entendo totalmente
53. \_\_\_\_ conta o que pode ou não pode ser feito no Japão
54. \_\_\_\_ visita para saber como eu estou
55. \_\_\_\_ mostra as escolhas e opções disponíveis
56. \_\_\_\_ faz companhia sempre que estou entediado
57. \_\_\_\_ tranquiliza mostrando o quanto sou amado e o quanto as pessoas me apoiam e se importam comigo
58. \_\_\_\_ mostra como fazer as coisas que eu não sabia fazer

Por favor, imagine que você esteja na situação descrita abaixo. Então, leia e responda atentamente às sentenças descritas em seguida. Indique o quão bem as afirmações descrevem o que você faria em uma escala que varia de 1 (uma descrição que diverge totalmente do que você faria) a 7 (uma descrição que combina totalmente com o que você faria), se a situação acontecesse com você. Não existem respostas certas ou erradas. Por favor, marque apenas um número para cada descrição. A escala indica o seguinte:

Diverge totalmente	Diverge	Diverge um pouco	Não diverge nem combina	Combina um pouco	Combina	Combina totalmente
1	2	3	4	5	6	7

Situação:

Ultimamente você tem se sentido um pouco deprimido(a) e estressado(a) e acha difícil ficar motivado(a) a fazer qualquer coisa. Isso é devido à sua dificuldade para se adaptar ao Japão. Você começa a se sentir deslocado(a) por estar em outro país. Isso te faz começar a questionar seriamente se este país é o lugar certo para você. Como resultado dessas lutas e confusões, você está tendo problemas para dormir e se alimentar e está perdendo o interesse em atividades que costumava gostar.

Se esta situação acontecesse com você, avalie o quanto as opções abaixo descrevem bem o que você faria nesta situação.

59. \_\_\_\_ Eu pensaria cuidadosamente sobre a situação e nas opções antes de decidir o que fazer
60. \_\_\_\_ Eu procuraria algo bom ou positivo nessa situação difícil
61. \_\_\_\_ Eu manteria firme minha posição e enfrentaria o problema
62. \_\_\_\_ Eu confiaria em mim mesmo(a) para encontrar soluções para lidar com a situação
63. \_\_\_\_ Eu colocaria esforço extra ou trabalharia muito para resolver o problema
64. \_\_\_\_ Eu elaboraria um plano antes de enfrentar a situação
65. \_\_\_\_ Eu confiaria em minhas próprias forças e acreditaria em mim mesmo(a) para resolver o problema
66. \_\_\_\_ Eu tentaria me sentir melhor dizendo a mim mesmo(a) que o problema não é tão ruim quanto parece

As seguintes afirmativas referem-se à sua relação com os japoneses. Leia cada descrição cuidadosamente e responda de acordo com a escala a seguir. **Até que ponto você concorda com as afirmações a seguir?**

1	2	3	4	5	6	7
Não concordo fortemente	Não concordo	Não concordo de algum modo	Nem concordo nem discordo	Concordo de algum modo	Concordo	Concordo fortemente

67. \_\_\_\_ Eu acho que os japoneses têm se comportado de maneira injusta ou negativa para com o grupo de brasileiros
68. \_\_\_\_ Eu não me sinto aceito pelo japoneses
69. \_\_\_\_ Eu sinto que os japoneses têm algo contra mim
70. \_\_\_\_ Eu já fui insultado ou provocado por causa da minha herança cultural brasileira
71. \_\_\_\_ Eu já fui ameaçado ou atacado por causa da minha herança cultural brasileira

## Questionário sociodemográfico

72. Quantos anos você tem? \_\_\_\_\_ anos
73. Qual seu sexo?
- A) Homem
  - B) Mulher
74. Onde você mora? \_\_\_\_\_ Cidade/Província
75. Onde você nasceu? \_\_\_\_\_ Cidade/Estado \_\_\_\_\_ País
76. Quanto tempo você morou no Brasil? \_\_\_\_\_
77. Há quanto tempo está no Japão? \_\_\_\_\_
78. Quanto tempo pretende ficar no Japão? \_\_\_\_\_
79. Quantas vezes você veio ao Japão? \_\_\_\_\_
80. Qual seu estado civil?
- A) Solteiro(a)
  - B) Casado(a) ou mora com companheiro(a)
  - C) Separado, divorciado, desquitado
  - D) Viúvo(a)
81. Se você é casado, seu esposo(a)/companheiro(a) é de qual nacionalidade?
- A) Brasileiro(a), não descendente de japoneses
  - B) Brasileiro(a), descendente de japoneses
  - C) Japonês(a)
  - D) Outra \_\_\_\_\_
82. Quantos filhos você tem? \_\_\_\_\_
83. Como você se considera?
- A) Amarelo(a)
  - B) Branco(a)
  - C) Indígena
  - D) Pardo(a)
  - E) Preto(a)
84. Qual seu grau de descendência japonesa?
- A) Primeira geração (japoneses)
  - B) Segunda geração (filhos de japoneses)
  - C) Terceira geração (netos de japoneses)
  - D) Quarta geração (bisnetos de japoneses)
  - E) Não sou descendente de japoneses
85. Qual o maior nível de escolaridade que você obteve até hoje?
- A) Ensino Fundamental (1º Grau) Incompleto
  - B) Ensino Fundamental (1º Grau) Completo
  - C) Ensino Médio (2º Grau) Incompleto
  - D) Ensino Médio (2º Grau) Completo
  - E) Ensino Superior Completo
  - F) Pós-Graduação Incompleta
  - G) Pós-Graduação Completa
  - H) Não sei
86. Qual a sua religião?
- A) Católica
  - B) Protestante ou Evangélica
  - C) Espírita
  - D) Umbanda ou Candomblé
  - E) Outra \_\_\_\_\_

- F) Sem religião
87. Com que frequência você frequenta cultos/missas ou encontro religiosos da sua religião?
- A) Nunca
  - B) Raramente
  - C) Às vezes
  - D) Frequentemente
  - E) Sempre
88. Onde você mora?
- A) Em casa ou apartamento próprio
  - B) Em casa ou apartamento alugado
  - C) Em habitação coletiva: dormitório estudantil, república, pensionato, hotel.
  - D) Outra situação \_\_\_\_\_
89. Com quem você mora?
- A) Sozinho
  - B) Pai e/ou mãe
  - C) Esposo(a)/ companheiro(a)
  - D) Filhos(as)
  - E) Esposo(a) e filhos(as)
  - F) Irmãos(ãs)
  - G) Outros parentes, amigos ou colegas
  - H) Outra situação \_\_\_\_\_
90. Quantas pessoas moram na sua casa? \_\_\_\_\_
91. O que você faz?
- A) Trabalho em fábrica, em serviços gerais, área de limpeza ou construção
  - B) Trabalho como técnico, carpinteiro, cabelereiro, etc
  - C) Trabalho em escritório: secretária, vendedor(a), representante comercial, atendente
  - D) Trabalho como médico, professor, psicólogo, advogado, administrador, etc
  - E) Estudo em escola brasileira (Ensino Médio)
  - F) Estudo em escola japonesa (Ensino Médio)
  - G) Faço graduação em Universidade japonesa
  - H) Faço Pós-Graduação em Universidade japonesa
  - I) Outra ocupação: \_\_\_\_\_
  - J) Não estou trabalhando no momento
92. Quantas horas você trabalha ou estuda por semana? \_\_\_\_\_ horas
93. Qual idioma você fala em sua casa?
- A) Português
  - B) Japonês
  - C) Português e Japonês
  - D) Outro \_\_\_\_\_
94. Qual idioma você fala no trabalho?
- A) Português
  - B) Japonês
  - C) Português e Japonês
  - D) Outro \_\_\_\_\_
95. Classifique o seu grau de fluência no idioma japonês:
- A) Compreensão ( ) Péssima
  - ( ) Ruim
  - ( ) Regular
  - ( ) Boa

- B) Fala  Excelente  
 Péssima  
 Ruim  
 Regular  
 Boa  
 Excelente
- C) Leitura  Péssima  
 Ruim  
 Regular  
 Boa  
 Excelente
- D) Escrita  Péssima  
 Ruim  
 Regular  
 Boa  
 Excelente

96. Você já fez algum curso de japonês?

- A) Sim  
B) Não

97. Se sim, por quanto tempo? \_\_\_\_\_

98. Qual sua renda mensal média? \_\_\_\_\_ ienes

99. Você já procurou assistência profissional por motivos psicológicos no Japão?

- A) Sim \_\_\_\_\_ vezes (Número de vezes)  
B) Não

100. Por qual motivo? \_\_\_\_\_

Muito obrigada pela sua participação! Sua contribuição foi muito importante!